

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

RONIELYSSOM CEZAR SOUZA PEREIRA

**“GAY-MACHO”, “TRAVESTI” OU “BICHA PINTOSA”? – A PRODUÇÃO
DISCURSIVA SOBRE REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS NO JORNAL
LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)**

Marechal Cândido Rondon

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

RONIELYSSOM CEZAR SOUZA PEREIRA

**“GAY-MACHO”, “TRAVESTI” OU “BICHA PINTOSA”? – A PRODUÇÃO
DISCURSIVA SOBRE REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS NO JORNAL
LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)**

Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades.

Orientadora: Profa. Dra. Ivonete Pereira.

Marechal Cândido Rondon

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

P436g	Pereira, Ronielysso Cezar Souza “Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”? : a produção discursiva sobre representações homoeróticas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981) / Ronielysso Cezar Souza Pereira. – Marechal Cândido Rondon, 2017. 190 f.
	Orientadora: Prof. Dr. Ivonete Pereira
	Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2017.
	1. Homossexualismo. 2. Erotismo na literatura. I. Pereira, Ivonete. II. Título.
	CDD 22.ed. 306.76620981 CIP-NBR 12899



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RONIELYSSOM CEZAR SOUZA PEREIRA, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 22 dia(s) do mês de março de 2017 às 14h00min, no(a) Unioeste Câmpus de Marechal Cândido Rondon, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Ronielyssom Cezar Souza Pereira, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Rosemeri Moreira, Alexandre Sebastião Ferrari Soares, Ivonete Pereira. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Ivonete Pereira, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Gay-macho", "Travesti" ou "Bicha Pintosa"? A produção discursiva sobre representações homoeróticas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981). O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Rosemeri Moreira, Alexandre Sebastião Ferrari Soares. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. O(A) CANDIDATO(A) FARÁ JUS AO TÍTULO DE MESTRE(A) EM HISTÓRIA APÓS CUMPRIR TODOS OS REQUISITOS DO REGULAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).


Ivonete Pereira (Orientadora)


Rosemeri Moreira


Alexandre Sebastião Ferrari Soares


Ronielyssom Cezar Souza Pereira
Candidato(a)


Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

RONIELYSSOM CEZAR SOUZA PEREIRA

**“GAY-MACHO”, “TRAVESTI” OU “BICHA PINTOSA”? – A PRODUÇÃO
DISCURSIVA SOBRE REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS NO JORNAL
LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)**

Dissertação apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Marechal Cândido Rondon, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivonete Pereira – UNIOESTE
(Presidente da Banca Examinadora)

Profa. Dra. Rosemeri Moreira – UNICENTRO
(Examinadora)

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares – UNIOESTE
(Examinador)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi – UNIOESTE
(Suplente)

À mamãe e à vovó.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar e de modo cordial, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilitou a realização de minha pesquisa no mestrado através do auxílio financeiro concedido ao longo de todo o curso. Sem esse recurso material a produção teria, certamente, sido afetada e o resultado final prejudicado.

Agradeço à professora Ivonete Pereira, por ter assumido o compromisso de orientar esta dissertação. Foi um processo trabalhoso marcado pela dúvida e pela insegurança do orientando. Assim, da parte da orientadora, orientações, críticas, comentários e reflexões foram necessários e conduziram à reflexão teórica sem diminuir a liberdade intelectual do pesquisador. Por essa razão, o produto do trabalho não é apenas meu e a opção pelo uso da primeira pessoa do plural representa o compartilhamento desta dissertação com todas as pessoas que contribuíram para o amadurecimento das reflexões contidas nesta dissertação. Então o agradecimento à Ivonete Pereira é especial, professora a quem eu conheci como orientadora e tornou-se uma grande amiga. Entretanto, compreendo minhas limitações e assumo sozinho a responsabilidade sobre as fraquezas e os possíveis equívocos cometidos pela minha insistência e ignorância.

Agradeço às mulheres da minha vida. Pessoas que me apoiaram na decisão de me iniciar a pesquisa sobre uma temática que é tão instigante em minha vida. Carmelina Luzia de Souza Pereira, minha avó; Valcreci de Souza Pereira, minha mãe, e Eliane Aparecida de Souza Pereira, minha irmã. Estas são as três pessoas que estão fora do ambiente acadêmico, mas que contribuíram afetivamente, de modo imensurável, para o processo de pesquisa. Obrigado pela compreensão, pela paciência e pela fé depositada ao longo de madrugadas acordadas e noites mal dormidas. Entre as mulheres da minha vida, também agradeço à Maria Francisca Teresa Martin por estar sempre por perto quando eu precisei e mostrar-me que, por mais simples que seja uma proposta de pesquisa, “nada é pequeno onde o amor é grande”.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UNIOESTE, pela contribuição direta presente neste trabalho através das disciplinas ofertadas, *workshops*, minicursos, palestras e colóquios realizados. Agradeço especialmente aos professores Dr. Marcos Nestor Stein (Mancha), ao Dr. Vagner Morais, ao Dr. Moisés Antiquiera e à professora Dra. Geni Rosa Duarte, que ministraram as disciplinas cursadas durante o mestrado. Seus questionamentos, discussões e posicionamentos foram fundamentais durante o amadurecimento das reflexões para a escrita desta dissertação.

Agradeço à professora Dra. Yonissa Marmitt Wadi e ao professor Dr. Alexandre Soares Ferrari pelas valiosíssimas contribuições conferidas durante a banca do exame de qualificação, pois acredito que foi a etapa mais penosa ao longo de todo o curso. Também agradeço à professora Dra. Rosemeri Moreira (UNICENTRO), que aceitou o convite para participar da banca de defesa ao lado do professor Dr. Alexandre Soares Ferrari e trazer novas perspectivas e questionamentos sobre este trabalho. As contribuições dadas por esses profissionais foram extremamente necessárias e precisas para que eu pudesse rever alguns pontos fracos na pesquisa e melhorar a partir dos erros cometidos. Se, acaso, não melhorei satisfatoriamente todas as questões carentes de maiores aprofundamentos teóricos ao longo do texto, peço a esses professores as mais sinceras desculpas.

Agradeço aos meus colegas de curso, que propiciaram discussões interessantes e possibilitaram tomadas de posição que deviam ser assumidas pessoal e profissionalmente. Agradeço à Fernanda Nichterwitz, pelas caronas e pelo apoio dado durante as discussões travadas em sala. Agradeço à Sabrina Rodrigues Marques e à Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira, que me ajudaram a perceber que teoria e práxis precisam andar juntas na academia e na vida. Agradeço a estas grandes mulheres pela amizade sincera, pela companhia nas leituras, pelas ótimas conversas e risadas no bar. Agradeço por vocês três terem me ofertado o dom da amizade sem preocuparem-se com minha sexualidade.

Agradeço aos colegas com quem compartilhei momentos importantes e que conheci durante minha morada em Marechal Cândido Rondon: Franciele Margarida Bard Andrade, Julius Hericky Hafemann Daltoé, Hiolly Batista Januário de Souza, Roger Renilto Diniz Costa, Josele Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Mara Dhulle dos Santos Silva, Cíntia Wolfart, Diego Luiz dos Santos, Adriano Loch, Amilton Levi Brietzke e Lucas Patschiki (em memória).

Agradeço às três pessoas que marcaram minha formação acadêmica e me inspiraram a seguir o caminho da investigação científica e da excelência profissional. Agradeço à professora Márcia Rosane Chiqueto, que, desde o meu ensino fundamental, sempre exigiu o melhor que pudesse fazer no campo das artes visuais. Agradeço à professora Cleonice Aparecida de Lima, que, ao longo do curso Formação de Docentes, me fez descobrir a “boniteza de um sonho” ao ser professor e me mostrou a carência de bons professores na rede pública de ensino. Agradeço ainda ao professor Vladimir Medeiros, mestre em História, que, através do reconhecimento que me conferiu em suas disciplinas de história do Brasil, me fez acreditar na possibilidade de dar um passo adiante na formação acadêmica.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos personagens anônimos da história, que não sou capaz de nominar aqui, mas que contribuíram para este trabalho, direta ou indiretamente. Agradeço, principalmente, aos homossexuais, às lésbicas, às travestis, aos gays e “gueis”, aos “gays-machos”, aos “viados”, aos enrustidos, aos efeminados, às “bichas pintosas”, às “bichas loucas” e às “bichas assumidas”. Muito obrigado! Sem vocês este trabalho jamais seria possível.

“Qual é a tua, oh Lampião?”
Gide Guimarães (Rio de Janeiro)
Lampião da Esquina, ed. 4, 1978, p. 17.

**“GAY-MACHO”, “TRAVESTI” OU “BICHA PINTOSA”? – A PRODUÇÃO
DISCURSIVA SOBRE REPRESENTAÇÕES HOMOERÓTICAS NO JORNAL
LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)**

Resumo

Buscamos analisar as representações homoeróticas no Lampião da Esquina, entre 1978 e 1981, para compreender como os discursos sobre homossexualismo, no jornal produzido por homossexuais, representavam esses sujeitos durante a formação de grupos homossexuais militantes no Brasil. O objetivo principal deste trabalho é interpretar a construção de sentidos e as práticas discursivas que tensionaram as representações homoeróticas do sexo masculino nas páginas do Lampião da Esquina. Além disso, objetivamos algumas pautas secundárias e específicas: historicizar o Lampião da Esquina; apresentar as relações de tensão envolvendo o jornal, seus leitores e os grupos homossexuais militantes; e, por fim, analisar as representações homoeróticas que indicavam maior divergência no Lampião da Esquina sobre práticas efeminadas. Para isso, partimos de uma simples questão: —Como as práticas discursivas no jornal desconstruíam estereótipos e reconstruíam tipos ideais que incentivavam os homossexuais a assumirem sua sexualidade? Como referencial teórico, adotamos as reflexões de Michel Foucault sobre análise de discurso e de Judith Butler sobre o conceito de performatividade. Metodologicamente, partimos da contextualização histórica e seleção das fontes. Em seguida analisamos, principalmente, as seções Opinião e Cartas na Mesa. Efetuamos uma análise de discurso sobre as seções citadas para compor um arquivo a respeito da representação de homossexuais do sexo masculino, no qual aparecem as representações analisadas. Dessas representações destacamos as que se referiam à efeminação, a travestilidades e a masculinidades, porque nos parecem expressar melhor as relações de poder entre os sujeitos envolvidos na produção discursiva observada no periódico.

Palavras-chave: Jornal Lampião da Esquina. Homoerotismo. Homossexualidade Masculinizada. Bicha Pintosa.

**"GAY-MACHO", "TRAVESTI" OR "BICHA PINTOSA"? - THE DISCURSIVE
PRODUCTION ON HOMOEROTIC REPRESENTATIONS IN THE LAMPIÃO DA
ESQUINA JOURNAL (1978-1981)**

Abstract

We sought to analyze the homoerotic representations in *Lampião da Esquina*, between 1978 and 1981, to understand how the homosexual discourses on homosexuality represented these subjects during the formation of militant homosexual groups in Brazil. The main objective of this work is to interpret the construction of senses and the discursive practices that stressed the male homoerotic representations in the pages of *Lampião da Esquina*. In addition, we aimed at some secondary and specific guidelines: historicizing *Lampião da Esquina*; to present the tensions involving the newspaper, its readers and militant homosexual groups; and, finally, to analyze the homoerotic representations that indicated greater divergence in *Lampião da Esquina* on effeminate practices. For this, we start with the following question: how did the discursive practices in the newspaper deconstruct stereotypes and reconstructed ideal types that encouraged homosexuals to assume their sexuality? As a theoretical reference, we adopt Michel Foucault's reflections on discourse analysis and Judith Butler on the concept of performativity. Methodologically, we start from the historical contextualization and selection of the sources. Next, we analyze, mainly, the sections *Opinião* and *Cartas na Mesa*. We conducted a discourse analysis on the sections cited to compose a file about the representation of male homosexuals, in which the analyzed representations appear. Of these representations we highlight those referring to effeminacy, travestilities and masculinities, because we seem to express better the relations of power between the subjects involved in the discursive production observed in the journal.

Keywords: *Lampião da Esquina* Newspaper. Homoeroticism. Masculinized Homosexuality. *Bicha Pintosa*.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1. Mesa de discussões sobre homossexualismo aos 08/02/1979 na USP.....	43
FIGURA 2. Capa do <i>Snob</i> . N. 8, a. 6, ago. 1968.....	48
FIGURA 3. Capa do último número do <i>Snob</i> . A. 7, maio 1969.	49
FIGURA 4. Convite para assinatura do Lampião da Esquina, edição 1.	58
FIGURA 5. Convite de assinatura do Lampião da Esquina, edição 20.....	58
FIGURA 6. Capa digitalizada da revista BlueBoy, ed. abr. 1978.	65
FIGURA 7. Capa da BlueBoy reproduzida no Lampião da Esquina.	66
FIGURA 8. Capa da edição experimental do Lampião.....	71
FIGURA 9. Capa da edição 33 do Lampião da Esquina.....	110
FIGURA 10. Capa da edição 34 do Lampião da Esquina.	111
FIGURA 11. Capa da edição 35 do Lampião da Esquina.	112
FIGURA 12. Travestis! (Quem atira a primeira pedra?).....	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Denominações que identificavam os sujeitos das relações homoeróticas.	151
Tabela 02. Classificação de denominações	152

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 SAINDO DO GUETO	29
1.1 A IMPRENSA ENQUANTO FONTE HISTÓRICA	29
1.2 INSERÇÃO DO LAMPIÃO DA ESQUINA NA HISTÓRIA DA IMPRENSA... 31	
1.3 AS CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DO LAMPIÃO DA ESQUINA	36
1.4 A ORIGEM, ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO LAMPIÃO DA ESQUINA 47	
1.5 DIFERENÇAS ESTABELECIDAS POR LAMPIÃO DA ESQUINA	64
1.6 NA MIRA DA “MORAL E DOS BONS COSTUMES”	71
2 TENSÕES NA DINÂMICA DO LAMPIÃO DA ESQUINA	76
2.1 APROPRIAÇÃO DE ARTISTAS PELO LAMPIÃO DA ESQUINA	76
2.2 A OPINIÃO E AS CARTAS NA MESA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	90
2.3 RIO DE JANEIRO <i>VERSUS</i> SÃO PAULO?	102
2.4 LAMPIÃO DA ESQUINA E O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL	113
2.5 POR QUE ACABOU O GÁS DO LAMPIÃO DA ESQUINA?	131
3 QUEERING AS REPRESENTAÇÕES	134
3.1 OS “GUEIS” DEIXARAM DE LADO A “BICHA PINTOSA”?	136
3.1.1 Teoria <i>Queer</i> como instrumento de análise	137
3.1.2 Conceitos-chave: heteronormatividade e performatividade	141
3.1.3 Práticas discursivas do jornal próximas das reflexões <i>queer</i>	145
3.2 EFEMINAÇÃO, TRAVESTILIDADE E MASCULINIDADE	147
3.2.1 “Bichas pintosas”: os homossexuais efeminados.	151
3.2.2 Travesti: uma <i>performance</i> entre “gay-macho” e “bicha pintosa”?	159
3.2.3 “Gay-macho”: os homossexuais masculinizados.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
FONTES	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	182
APÊNDICES	Error! Bookmark not defined.

INTRODUÇÃO

Segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais¹, as discussões sobre homossexualidade têm abrangido cada vez mais os debates sobre as identidades de gênero e a reivindicação dos direitos civis para a comunidade homossexual. Essas discussões revelam o reposicionamento social, político e cultural sobre a homossexualidade no Brasil. Conhecer como se deu tal transformação e como emergiram diferentes discursos sobre a homossexualidade em diferentes contextos é um significativo empreendimento para a historiografia brasileira e para o conjunto das ciências humanas, pois implica a construção de instrumentos para lutar contra o preconceito.

A afirmação da ABGLT ilustra a importância desta pesquisa, pois o conhecimento gerado por este trabalho torna-se um instrumento para auxiliar na luta contra o preconceito por orientação sexual e identidade sexual. Muitas vezes, dentro da própria comunidade homossexual, um preconceito que passa pela tensão entre diferentes expressões de sexualidade e pelas implicações de os sujeitos expressarem publicamente seu gênero e sua sexualidade.

A razão que move esta pesquisa é um tema provocativo e instigante para homossexuais, pois diz respeito à forma como são percebidos através de um veículo informativo específico. Por esse motivo optamos por conhecer um pouco mais da história da homossexualidade no Brasil e decidimos analisar exclusivamente os discursos que se referem às representações dos homossexuais do sexo masculino.

Procuramos analisar a produção de práticas discursivas sobre os homossexuais do sexo masculino por conta da grande presença desses discursos nas fontes utilizadas. Essa variedade de discursos nos mostrou posicionamentos divergentes, posicionamentos que buscamos analisar para mostrar justamente os embates sobre as representações homossexuais produzidas por homossexuais.

Os sujeitos evocados nestas páginas foram parte de um processo histórico que levou à mudança na visibilidade da homossexualidade no Brasil — um processo em que os sujeitos envolvidos deixaram de ser percebidos exclusivamente atrelados à doença, à perversão ou à

¹ ABGLT: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Fundada em 31/01/1995, declara garantir a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Apresentamos o significado da sigla de acordo com o que consta no site oficial da ABGLT, mas percebemos que não há uma correspondência coerente entre sigla e significado, o que aponta para as lutas por representação institucional. Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/port/index.php#>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

criminalidade no senso comum. No seio dessa mudança, a identificação homossexual passou a ser rediscutida e ganhou força com a visibilidade de sujeitos assumidamente homossexuais e tantos outros anônimos que se posicionaram e se fizeram ouvir.

Procuramos materiais midiáticos em que os próprios homossexuais pudessem falar de si, pudessem mostrar sua subjetividade e suas intencionalidades. Nessa intenção, abordamos publicações destinadas às pessoas homossexuais. Também decidimos estabelecer uma distância temporal em relação aos sujeitos que queremos compreender. Através dessas opções de recorte temporal chegamos ao jornal *Lampião da Esquina*, cuja última publicação foi em 1981. Esse material é plenamente acessível e viabiliza a pesquisa, por conta do fácil acesso ao periódico, pois todas as edições do *Lampião da Esquina* foram digitalizadas pelo *Grupo Dignidade*² e estão disponíveis gratuitamente para *download*.

É necessário esgarçar a forma como os sujeitos homossexuais do sexo masculino se apresentavam e eram apresentados nas páginas do periódico. Por conta disso, buscamos as condições de emergência dos enunciados que compunham o discurso sobre a homossexualidade nas páginas do *Lampião da Esquina*.

Acessar as condições em que um discurso emerge é determinar as “[...] condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (FOUCAULT, 2008, p. 31). Assim, portanto, uma análise discursiva é necessária para este trabalho e são as contribuições de Michel Foucault que seguimos para, de certo modo, compor um arquivo dos discursos sobre as homossexualidades representadas no *Lampião da Esquina*.

A partir da década de 1990 alguns pesquisadores, tais como James Naylor Green (2000), João Silvério Trevisan (2007), Edward MacRae (1990) e Jorge Caê Rodrigues (2014), apontaram o *Lampião da Esquina* como fenômeno relacionado à emergência do movimento homossexual brasileiro. A razão desta afirmação é porque o jornal foi o principal divulgador da emergência dos primeiros grupos militantes em defesa dos homossexuais no Brasil.

Entretanto, ao longo deste trabalho compreendemos que a militância homossexual não ocorreu apenas pelas vias institucionais ou pelos grupos homossexuais organizados. Neste sentido consideramos que diferentes formas de expressar a homossexualidade constituem o

² O *Grupo Dignidade* é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1992 em Curitiba. Sua missão é atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e identidade de gênero. Todas as edições do *Lampião da Esquina* podem ser acessadas gratuitamente no *site* dessa ONG ou consultadas pessoalmente no Centro de Documentação Professor Dr. Luiz Mott junto à sede do Grupo Dignidade, Centro esse situado na Av. Marechal Floriano Peixoto, número 366, conjunto 43, centro de Curitiba – PR, CEP: 880010-130. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

que denominamos de movimentação homossexual, ou seja, práticas sociais e culturais que não estavam ligadas ao caráter formal dos primeiros grupos homossexuais organizados. Por outro lado, quando nos referimos ao movimento homossexual brasileiro, referimo-nos diretamente ao conjunto dos grupos pioneiros envolvidos na luta pela visibilidade e pelos direitos civis da comunidade homossexual.

Esta pesquisa analisa três representações de homossexuais do sexo masculino que foram veiculadas no *Lampião da Esquina*. Referimo-nos aos discursos produzidos sobre as “bichas pintosas”, que eram os homossexuais efeminados, sobre “os travestis” como aparecem nas fontes e sobre a figura do “gay-macho”. Optamos por analisar essas três representações porque elas engendram claramente as relações de poder e as contradições entre diferentes formas de expressar a homossexualidade.

Consideramos pertinente enfatizar essa realidade nas cidades Rio de Janeiro e São Paulo por três razões: primeiro, porque era nessas cidades que sediavam as redações do *Lampião da Esquina*; em segundo lugar, porque foi nessas cidades que houve maior articulação do movimento homossexual com o surgimento dos primeiros grupos de homossexuais organizados no final da década de 1970; e, em terceiro lugar, porque observamos a existência de uma grande quantidade de cartas de leitores que provinham dessas duas cidades.

O *Lampião da Esquina* surgiu em 1978, suas publicações mensais totalizaram 38 edições sem contar os números especiais publicados. O jornal era produzido por uma empresa criada para este fim – a *Esquina Editora de Jornais, Livros e Revistas Ltda.* Posteriormente, a empresa também passou a publicar livros, que geralmente eram de autoria dos editores e colaboradores do jornal. As publicações abordavam sempre as temáticas referentes às relações entre homossexuais.

Quanto à materialidade, o tabloide tinha uma aparência chamativa. Nas capas do jornal sempre havia a predominância de uma cor, para chamar atenção dos leitores, mas o restante da publicação permanecia em preto e branco (RODRIGUES, 2010). O jornal contava com uma média de dezoito páginas por edição, as quais eram distribuídas em seções como *Opinião*, *Cartas na Mesa*, *Reportagem*, *Literatura* e *Bixórdia*. Havia a presença de fotografias e desenhos, em especial nas capas das publicações. Darcy Penteado, que foi um dos editores do jornal, foi o responsável por boa parte das gravuras publicadas no periódico.

O *Lampião da Esquina* surgiu enquanto a presidência do Brasil era ocupada por Ernesto Geisel. Portanto, o período no qual o jornal circulou, estava inserido no contexto da

ditadura gerada pelo golpe civil-militar³ no Brasil, que ocorreu em 1964 e só terminou efetivamente na década de 1990. Naquele contexto ditatorial, o *Lampião da Esquina* foi alvo de pressão política, assim como outros periódicos que não pertenciam à imprensa favorável a posição do governo.

O jornal tinha um conselho editorial composto exclusivamente por homens homossexuais, que se disponibilizaram a custear a edição experimental do periódico. Após o início das atividades houve, porém, um encarecimento da produção do periódico, o que foi sentido até mesmo pelos leitores por causa do aumento no preço do jornal. As vendas e as assinaturas tornaram-se mais escassas até que, em 1981, foi publicada a última edição do *Lampião da Esquina*. O fechamento do jornal não ocorreu exclusivamente por conta da má venda nas bancas, mas houve outros dois fatores relevantes: tensões dentro do conselho editorial do *Lampião da Esquina* e a mudança no público ao qual o jornal era destinado.

A proposta do *Lampião da Esquina* pretendia dar “[...] voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão” (SAINDO, 1978, p. 2). Nesse trecho estava identificado o público-alvo a quem o jornal se destinava, entretanto, ao longo das edições, era gritante a disparidade com que os editores tratavam esses diferentes grupos, pois sempre destacavam com maior relevância a visibilidade homossexual.

Na organização interna, o jornal tinha seções fixas como Opinião, que correspondia ao editorial; a seção Reportagem, que tratava das manchetes, e a seção Cartas na Mesa, destinada às cartas dos leitores. Nas seções Opinião e Cartas na Mesa houve as maiores discussões sobre as identificações homossexuais. Por essa razão, essas seções apareceram com frequência nos trabalhos que analisaram o jornal *Lampião da Esquina*.

A obra *Além do Carnaval*, do historiador brasileiro James Naylor Green, é fruto de sua tese de doutorado sobre a homossexualidade masculina e foi publicada em formato de livro no ano de 2000. O objetivo da obra de James Naylor Green foi mapear as transformações sobre a homossexualidade masculina no Brasil no século XX. A esse respeito destacamos dois aspectos que mostram como esta dissertação dialoga com a pesquisa de James Naylor Green.

³ Optamos por utilizar a expressão “regime civil-militar” porque, em nossa opinião, tanto o apoio quanto a participação dos sujeitos históricos ajudam a definir a natureza de um evento. Reconhecemos, contudo, a preponderância da atuação dos militares no golpe de 1964. Para uma compreensão do debate revisionista sobre as denominações empregadas para definir o regime imposto em 1964 sugerimos consultar: AREND, S. M. F.; HAGEMeyer, R. R.; LOHN, R. L. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas – a perspectiva de Carlos Fico. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 5, n. 10, ano 2013, p. 464-483.

Primeiramente observamos que James Naylor Green buscou apresentar um panorama da homossexualidade no Brasil e utilizou diferentes fontes, tais como livros, jornais, revistas, folhetos e entrevistas, mas suas fontes o limitaram espacialmente, pois sua pesquisa enfatizava, basicamente, os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em segundo lugar, o movimento homossexual brasileiro, enquanto reivindicação sociopolítica, só apareceu no último capítulo da obra de James Naylor Green por conta da temporalidade enfatizada linearmente. Também foi apenas no último capítulo de sua obra que apareceu o *Lampião da Esquina*, colocado como o marco da emergência do movimento homossexual brasileiro, junto com a fundação do *Somos – Grupo de Afirmação Homossexual*.⁴

Ao longo desta dissertação procuramos dialogar com a obra de James Naylor Green a partir dos dois aspectos mencionados. Assim procedemos porque esses aspectos nos indicam uma pista para compreender mais especificamente as representações da homossexualidade no *Lampião da Esquina*, pois tanto o *Lampião da Esquina* quanto a entrevista de alguns de seus editores foram utilizadas como fontes para as pesquisas de James Naylor Green.

Outra obra e que apresenta consideráveis informações sobre a homossexualidade masculina no Brasil, é o livro *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, escrita por João Silvério Trevisan, cuja primeira publicação data de 1986. O objetivo desse livro foi apresentar diferentes recursos midiáticos que possibilitaram refletir sobre a homossexualidade em diferentes momentos da história do Brasil. Nesse sentido, a obra de João Silvério Trevisan é fundamental, porque, ao lado da obra *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*, de James Naylor Green e Ronald Polito (2004), constituem um arrolamento de fontes possíveis sobre a temática.

Consideramos a obra de João Silvério Trevisan pertinente para esta pesquisa porque o autor dedicou alguns capítulos ao movimento homossexual brasileiro abordando a relação com o *Lampião da Esquina*. Também é importante frisar que João Silvério Trevisan pertenceu ao conselho editorial do *Lampião da Esquina*, portanto, sua obra nos apresenta sua perspectiva sobre a emergência e o fechamento do jornal. Ou seja, além de uma referência bibliográfica, a obra de João Silvério Trevisan também é observada como um posicionamento sobre crítico sobre a fonte.

⁴ O *Somos – Grupo de Afirmação Homossexual* foi um dos primeiros grupos de militantes homossexuais organizados que surgiu na cidade de São Paulo no final da década de 1970. A história desse grupo pode ser consultada em: MACRAE, E. **A construção da igualdade: a identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

A tese de doutorado em antropologia, intitulada *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*, de Edward MacRae (1990), objetivou analisar o processo de constituição e de fragmentação do grupo *Somos*. Nessa obra, o autor dedicou um capítulo específico sobre o Lâmpião da Esquina e discorreu sobre as relações entre o jornal e o grupo *Somos*. A partir disso, dialogamos com a obra de Edward MacRae na medida em que o autor analisa os processos identitários dos envolvidos na constituição do grupo *Somos*. Isto é importante porque a formação do grupo *Somos* foi influenciada pelo Lâmpião da Esquina, o qual funcionou como um catalisador do movimento homossexual brasileiro.

A partir do ano de 2005, o Lâmpião da Esquina foi utilizado como fonte para pesquisas mais específicas, as quais não consideravam apenas a sua relevância histórica para o movimento homossexual no Brasil. A partir desse período emergiram pesquisas que não utilizaram o jornal apenas como ilustração das reivindicações de um grupo social durante a abertura política do regime civil-militar. Embora existam diversas pesquisas sobre o Lâmpião da Esquina, dialogamos apenas com aquelas que se ocuparam em analisar os processos identitários no periódico.

Em geral, as obras com análises sobre aspectos específicos do Lâmpião da Esquina não ficaram presas exclusivamente à disciplina da História. São contribuições importantes desde a área da Antropologia, como o trabalho citado de Edward MacRae e a dissertação *“Sopa de letrinha”?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90 a partir da cidade de São Paulo*, de Regina Facchini, defendida em 2002.

De um lado, a tese de Edward MacRae contribui para as nossas reflexões porque os processos identitários que ele analisou eram tensionados pelo Lâmpião da Esquina. Do outro lado, temos a pesquisa de Regina Facchini, que é importante porque, ao demonstrar a transformação institucional dos primeiros grupos militantes de homossexuais que aderiram ao modelo organizacional de organização não governamental, a pesquisadora apresentou aspectos identitários ligados aos primeiros grupos homossexuais ao estabelecer três ondas do movimento homossexual brasileiro.

Marcio Leopoldo Gomes Bandeira, na dissertação de mestrado em História intitulada *Será que ele é? : sobre quando Lâmpião da Esquina colocou as Cartas na Mesa*, defendida em 2006, analisou a seção das cartas dos leitores em Lâmpião da Esquina. O autor abordou basicamente o processo de formação de identidades através das cartas dos leitores sem perder de vista as relações de poder inerentes nesse processo. A dissertação de Bandeira identificou a emergência do jornal e a fundação do grupo *Somos* como marcos de origem do movimento

homossexual no Brasil e abordou diferentes posicionamentos de leitores para analisar as relações entre os leitores do periódico.

A dissertação de Almerindo Cardoso Simões Júnior, intitulada ‘...*E havia um lampião na esquina*’ – *memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*, também defendida no ano de 2006, utilizou o *Lampião da Esquina* como fonte para verificar como o periódico se colocou num lugar de destaque em relação ao movimento homossexual brasileiro e, conseqüentemente, em relação à constituição de uma memória deste movimento. Simões Júnior também utilizou como fonte as cartas dos leitores e reconheceu o jornal enquanto “[...] produtor de um discurso que deveria ser analisado como representativo do homossexual masculino brasileiro” (SIMÕES JUNIOR, 2006, p. 5).

As dissertações de Márcio Leopoldo Gomes Bandeira e de Almerindo Cardoso Simões Júnior indicam a importância de considerar as cartas dos leitores na compreensão de como o jornal representava os homossexuais do sexo masculino. Partimos das análises desses autores, mas procuramos ir além da construção identitária através das cartas dos leitores, pois queremos observar os embates entre as diferentes formas de expressar a homossexualidade.

Dialogamos com Simões Júnior porque concordamos que o jornal produzia enunciados que funcionavam mostrando diferentes formas de ser homossexual e acreditamos que essa função expunha as tensões nas formas de abordar a homossexualidade. É a partir disso que buscamos, nas fontes, três representações da homossexualidade masculina que melhor ilustravam as tensões discursivas: os enunciados sobre “travestis”⁵, sobre homossexuais efeminados e sobre “gays-machos”.

Nas áreas da Sociologia e da Comunicação também houve pesquisas importantes sobre o *Lampião da Esquina*. O livro *Impressões de Identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*, escrito por Jorge Luís Pinto Caê Rodrigues, é fruto de sua tese de doutorado defendida no ano de 2007. Esse autor analisou o *Lampião da Esquina* através de uma abordagem comparativa em relação à imprensa gay nos Estados Unidos e com outras publicações homossexuais no Brasil que surgiram após *Lampião da Esquina*.

O enfoque de Jorge Luís Pinto Caê Rodrigues priorizou a análise da materialidade e da diagramação do jornal, aspectos de comunicação que são relevantes para compreendermos as relações entre o discurso homossexual e a sua representação ao longo das edições. A sua

⁵ Nas fontes, a denominação “travesti” aparecia associada ao gênero masculino, mas nos referimos a elas através da flexão de gênero feminina. Nesse sentido, nos apoiamos em Elias Ferreira Veras (2015, p. 23), que preferiu se referir às travestis no gênero feminino por considerar o processo de construção da feminilidade nos corpos e nas subjetividades “trans” e para reconhecer a afirmação do gênero feminino com uma das principais reivindicações do movimento trans.

pesquisa também trouxe contribuições importantes por conta de entrevistas realizadas para compreender a dinâmica das relações pessoais entre os organizadores do jornal.

Outro trabalho pertinente às nossas análises é a dissertação de mestrado “*Saindo do Gueto*”: o movimento homossexual no Brasil da abertura (1978-1982), do sociólogo Rafael de Souza, defendida no ano de 2013. Com a intenção de investigar a formação do movimento homossexual no Brasil, Rafael de Souza explicitou as oportunidades políticas que permitiram a maior visibilidade da militância homossexual entre as décadas de 1970 e 1980. Essa visibilidade foi captada por Rafael de Souza através da publicação do *Lampião da Esquina*, o qual propiciava a divulgação e a comunicação de grupos homossexuais emergentes naquele período. A relação entre o jornal e a visibilidade da militância homossexual foi observada a partir das cartas dos leitores, das reportagens e dos editoriais do periódico sobre os grupos homossexuais. Foi no meio dessa relação que os editores do *Lampião da Esquina* se posicionavam diferentemente sobre a homossexualidade masculina.

Por fim, a pesquisa mais recente que consideramos pertinente para as nossas análises é a de Paulo Roberto Souto Maior Júnior, intitulada *Assumir-se ou não Assumir-se?: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)*. Nessa dissertação em História, Maior Júnior buscou mostrar como alguns editores e leitores do *Lampião da Esquina* agregaram ao discurso homossexual o incentivo para os sujeitos assumirem sua homossexualidade. A questão de assumir ou não a homossexualidade é um ponto de tensão nas identificações que analisamos, mas em cada caso implica estratégias e práticas diferentes.

Todas essas produções evidenciaram a importância do *Lampião da Esquina* nos estudos sobre a homossexualidade no Brasil na segunda metade do século XX. A partir da década de 1990, houve um crescimento dos estudos ligados ao tema da sexualidade (RAMOS, 2005 apud FACCHINI, 2009, p. 135). Consequentemente houve um aumento dos estudos gays e lésbicos no Brasil. Isso passou a visibilizar teoricamente o movimento homossexual sem parar de refletir criticamente sobre o próprio campo de estudos.

Observamos, nesta rápida revisão de literatura, que as pesquisas citadas sobre o *Lampião da Esquina*, publicadas após a década de 1990, se preocuparam em destacar uma análise discursiva do jornal. Essa preocupação destacava o periódico como produtor e reproduzidor de posicionamentos sobre a homossexualidade.

Procuramos ir além da intenção de compreender a inserção do *Lampião da Esquina* no discurso homossexual. Nossa pesquisa diferencia-se das demais porque queremos explorar a dinâmica das tensões no *Lampião da Esquina*, ou seja, analisamos as diferentes possibilidades de os sujeitos assumirem a sua homossexualidade, expressando-a de modo efeminado ou não.

Lampião da Esquina problematizava as representações homoeróticas⁶ presentes no senso comum da sociedade e questionava seu caráter pejorativo, que reforçava estigmas e estereótipos a respeito dos homossexuais. A partir disso surgem as questões – Quais seriam esses estereótipos? Seriam esses indivíduos interpelados pelas denominações “bicha”, “boneca”, “o travesti”, “viado”, “guei”?⁷ Como esses eram alguns dos termos que apareciam no jornal denominando homossexuais, acreditamos que a própria denominação significava uma forma de pensar as relações homoeróticas no periódico.

A partir da compreensão das denominações que conseguimos recuperar as condições de produção do discurso sobre homossexuais. Percebemos, portanto, que a discussão sobre "estereótipo" diz respeito ao emprego dos termos e não a uma suposta essência homossexual dos sujeitos. É por isso que alguns dos editores do jornal procuravam ressignificar algumas das denominações usadas para identificar homossexuais.

O jornal permite analisar a estigmatização de identidades homoeróticas. Além disso, possibilita discutir as implicações de assumir ou não uma identificação homoerótica ao final da década de 1970, como foi analisado na dissertação de Paulo Roberto Souto Maior Júnior (2015), pois, naquele período, as discussões propostas no jornal apontavam para a importância de os sujeitos se assumirem politicamente homossexuais.

No jornal Lampião da Esquina problematizamos os estereótipos atribuídos aos homossexuais porque nosso objetivo principal é compreender como esses sujeitos eram representados e como se representavam enquanto homossexuais. Por isso, questionamos a partir dos enunciados dos editores e dos leitores –Qual é o sentido dado para as representações homoeróticas?

O jornal enfatizava a importância de os sujeitos se assumirem publicamente homossexuais e entendemos que essa ênfase caracterizava a necessidade de uma militância pelos direitos homossexuais. Por essa razão ao longo da pesquisa abordamos as relações entre o Lampião da Esquina e o movimento homossexual no Brasil. Ou seja, como o jornal se

⁶ Segundo Jurandir Freire Costa (1992, p. 21), “[...] homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade de práticas ou desejos dos homens *same-sex oriented*”. Dessa forma, quando empregamos a palavra "homoerotismo", referimo-nos “[...] à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico” (COSTA, 1992, p. 22). Daqui em diante optamos por utilizar os termos "homoerotismo" e "homoerótico", segundo a definição dada por Costa, como reconhecimento da complexidade das identificações sexuais. Lembramos, contudo, que os termos empregados nas páginas do Lampião da Esquina eram “homossexualismo”, largamente utilizado, e, em menor recorrência, “homossexualidade”.

⁷ Os termos “bicha”, “boneca”, “viado”, “enrustido” e “guei” são alguns dos usados pelo jornal para denominar homossexuais. O uso do termo “guei” era uma forma de oposição dos editores à influência estadunidense, mas, a partir da década de 1980, o termo “gay” passou a ser frequentemente utilizado para se referir aos homossexuais em geral (GREEN, 2000).

direcionava para um público específico dentro da comunidade homossexual. O jornal dizia-se centrado na defesa das minorias, mas ao longo dos três anos de circulação houve uma forte presença de matérias direcionadas a um público específico: os homossexuais assumidos publicamente.

Então percebemos que é em torno do jogo de identificação entre estereótipos e um tipo ideal de identidade homossexual que gira a nossa problemática norteadora —Como os discursos no *Lampião da Esquina* evidenciavam as representações homoeróticas masculinas de travestilidades, efeminações e masculinidades?

O conceito "estereótipo", na perspectiva pós-colonial de Homi Bhabha (1998, p. 110), é “[...] um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório”. Mesmo assim, a definição de estereótipo dada por Bhabha é insuficiente para analisarmos as representações homoeróticas no *Lampião da Esquina* para além de representações baseadas em dualismos, segundo as quais os homossexuais eram identificados no final da década de 1970 de forma binária (passivo/ativo, bicha/bofe).

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 1998, p. 117).

Para Bhabha, o estereótipo prende e fixa os sentidos ao negar as diferenças existentes durante a denominação dos sujeitos. Por outro lado, no embate entre o uso de determinadas denominações (“bicha-pintosa”, “gay-macho” e “o travesti”) e a intenção dos editores de ressignificar esses termos emergiram outros sentidos. Assim, portanto, a representação de uma dada realidade na perspectiva de Bhabha funcionava de uma forma diferente no *Lampião da Esquina*, pois através das denominações recuperamos outros sentidos não fixados nos estereótipos.

De acordo com Eni Puccinelli Orlandi, dar sentido ou significar algo “[...] é construir sítios de significância (delimitar domínios), é tornar possíveis gestos de interpretação” (ORLANDI, 1996, p. 64). Ou seja, uma denominação, seja ela qual for, é uma forma de significar e só estabelece um sentido porque permite relações de significados com outros termos tanto pela semelhança quanto pelo jogo da diferença e da oposição.

Quanto ao objetivo principal deste trabalho, buscamos interpretar a construção de sentidos, de práticas discursivas e de relações de poder, pois esses aspectos não estão separados entre si quando analisamos o discurso homossexual no *Lampião da Esquina*, que

tensionou as representações homoeróticas. Para atingir nosso objetivo principal, pontuamos metas secundárias e vitais para nossas reflexões, quais sejam: verificar a função da construção de identidades no jornal e avaliar se, no periódico, de fato, apareceram identificações dissidentes atreladas às três representações homoeróticas que visamos analisar. Além, é claro, de historicizar a produção do *Lampião da Esquina*.

É preciso compreender melhor as práticas sociais e as estratégias que os editores do *Lampião da Esquina* empreenderam para obter visibilidade. Portanto, buscamos captar a construção de sentidos sobre as representações homoeróticas. Para tanto, apoiamos nossas análises em dois referenciais teóricos. Assim, primeiramente, as contribuições da análise do discurso de acordo com as reflexões de Michel Foucault sobre práticas discursivas nos permitem verificar as condições de produção em que as representações homoeróticas emergiram. Também nos embasamos no conceito de "performatividade", de acordo com a perspectiva assumida por Judith Butler, pois auxilia na reflexão sobre as relações de gênero entre homossexuais do sexo masculino.

Um conceito auxiliar presente em nossas análises é o de "representação" segundo a perspectiva de Stuart Hall (1997), perspectiva na qual compreendemos as representações nas fontes como articulação da intencionalidade do sujeito através de uma forma de linguagem, utilizando recursos materiais (imagens, discursos, sons). Isso quer dizer, portanto, que uma representação equivale a compreender que “[...] *we construct meaning, using representational systems – concepts and signs*” (HALL, 1997, p. 25)⁸.

De acordo com Hall (1997), compreendemos que a representação é a produção de sentido através da linguagem e, nesse sentido, seria uma atividade, uma prática, isto é, um tipo de trabalho. Não podemos, porém, entender a representação como uma prática discursiva, porque, em termos foucaultianos, a prática discursiva corresponde à busca pelas condições da emergência do discurso, ou seja, à busca do contexto em que o discurso que engendrou determinadas representações emergiu.

Analisando as práticas discursivas que construíram representações homoeróticas no *Lampião da Esquina*, percebemos que elas evidenciavam um princípio de regularidade que apontava para uma formação discursiva, ou seja:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma

⁸ Tradução nossa: “[...] nós construímos o significado, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (HALL, 1997, p. 25).

regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 2008, p. 43).

O conceito de "formação discursiva", no obra de Michel Foucault, remete diretamente à constituição de um arquivo para a compreensão do objeto de pesquisa, que, em nosso caso, são as representações homoeróticas no *Lampião da Esquina*. Entendemos que uma formação discursiva não se cria a partir da restrição de enunciados sobre o objeto pesquisado. Diferentemente, pelo fato de as formações discursivas serem porosas e manterem relações entre diferentes conceitos, significados e enunciações já produzidos, é que podemos compor uma série de correlações e de posições que evidenciam o funcionamento dos discursos. Isso é possível porque toda formação discursiva é atravessada por outros sentidos. É justamente essa porosidade das formações discursivas que permite seu caráter polissêmico, isto é, a possibilidade de diferentes significados e interpretações.

Entendemos as representações homoeróticas no *Lampião da Esquina* como uma construção social. Assim, as representações nas fontes são parte de um processo coletivo de construção de identidade por meio de práticas discursivas que fazem parte da história da homossexualidade no Brasil. Tanto os editores quanto os leitores do jornal participaram da ressignificação da identidade homossexual, portanto as práticas discursivas no *Lampião da Esquina* também devem ser consideradas como um enunciado. Ou seja, “trata-se antes de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Para mostrar como a produção discursiva era construída no jornal, quatro noções devem servir de princípio regulador para a análise: “[...] a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade” (FOUCAULT, 1999, p. 54). Considerando a soma dessas quatro noções como um conjunto regulador, verificamos como as produções de sentido através da linguagem irônica utilizada no jornal visavam destacar certas identificações em detrimento de uma realidade multifacetada e complexa.

Das quatro noções apontadas por Michel Foucault, destacamos as noções de "acontecimento" e a de "regularidade", porque elas indicam, respectivamente, a forma e a transformação de posições assumidas através dos enunciados do jornal.

Destacamos a noção de acontecimento porque ela coloca duas questões indispensáveis: “[...] segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (FOUCAULT, 2008, p. 30) e “[...] como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”

(FOUCAULT, 2008, p. 30). Em outras palavras, a noção de acontecimento coloca em questão a função enunciativa do discurso presente no Lampião da Esquina.

Consideramos que, quanto mais Lampião da Esquina incentivava os homossexuais a se assumirem politicamente, mais importante nos parecia a noção de regularidade. Por definição, a noção de regularidade está oposta a qualquer ideia de originalidade, pois visa sempre compreender um ordenamento, estabelecer correlações possíveis, observar as posições (contrárias e/ou favoráveis) e a forma como funcionam os discursos. Isto é, a sua repetição nas fontes. Além disso, a noção de regularidade nos permite perceber as transformações de curto e de longo prazo.

É por isso que, ao observarmos a constância do discurso sobre assumir a homossexualidade para a criação de uma identidade coletiva ao mesmo tempo em que havia editores e leitores com posicionamentos opostos ao discurso do “assumir-se”, percebemos que ficava evidente que estava em jogo (em disputa, em repúdio, em questionamento) a *performance* que possibilitava aos sujeitos estabelecerem suas relações homoeróticas.

Se o gênero é sempre “[...] uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2003, p. 37), portanto, em quaisquer das representações homoeróticas no Lampião da Esquina podemos entender o gênero como uma identidade que é “[...] *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48).

Tanto “[...] *la dimensión ‘performativa’ de la construcción [de la sexualidad]*” (BUTLER, 2002, p. 145)⁹ quanto o discurso de assumir a homossexualidade eram vetores que se tangenciam no mesmo ponto: a reiteração forçada das normas. Nesta dissertação enfatizamos a reiteração forçada das normas através de uma metodologia simples: contextualização histórica, análise das práticas discursivas e questionamento dos estereótipos homossexuais a partir da dimensão performativa de gênero.

Além de analisar as seções Cartas na Mesa e Opinião, também consideramos algumas entrevistas que foram publicadas no primeiro ano do Jornal. Optamos por trabalhar apenas com entrevistas da fase inicial do Lampião da Esquina porque apontam para a necessidade de o jornal construir uma relação de identidade com seu público leitor. A partir disso é que ficam perceptíveis as mudanças e as tensões nas práticas discursivas do jornal para manter seus leitores e leitoras.

⁹ Tradução nossa: “[...] a dimensão ‘performativa’ da construção [da sexualidade]” (BUTLER, 2002, p. 145).

Doravante indicamos a estrutura narrativa desta dissertação, organizada em três capítulos e com subdivisões para facilitar a leitura. Os capítulos não estão encadeados cronologicamente, mas foram organizados estabelecendo um diálogo entre si, aprofundando a interface entre a problemática levantada e os objetivos específicos deste trabalho: historicizar o Lampião da Esquina, explorar as tensões na produção discursiva do jornal e analisar três denominações de homossexuais do sexo masculino.

Iniciamos o primeiro capítulo, intitulado *Saindo do gueto*, abordando a imprensa enquanto fonte para o trabalho historiográfico e como o Lampião da Esquina se inseriu na produção da imprensa alternativa no Brasil. A partir disso apresentamos um breve panorama sobre o contexto político e cultural em que o jornal estava inserido e analisamos como esse aspecto tensionou a produção discursiva do Lampião da Esquina. Historicizamos a origem, produção e organização editorial do Lampião da Esquina e terminamos o capítulo descrevendo como o jornal se tornou alvo de inquérito policial.

O capítulo dois, intitulado *Tensões na dinâmica do Lampião da Esquina*, inicia a análise das denominações que apareciam no jornal para designar os homossexuais. Buscamos compreender as práticas discursivas empreendidas na construção das representações homoeróticas. Por essa razão iniciamos o capítulo dois abordando algumas entrevistas com artistas para mostrar como o jornal utilizou diferentes opiniões sobre a sexualidade para constituir sua posição buscando firmar a identificação com o público leitor. Em outras palavras, nesse capítulo abordamos as condições nas quais representações homoeróticas emergiam no Lampião da Esquina.

Ainda nesse segundo capítulo apontamos a relação ente o Lampião da Esquina e o movimento homossexual no Brasil na transição da década de 1970 para a década de 1980. Para compreender essa relação, discutimos alguns editoriais e algumas cartas dos leitores, isso para verificar a relação de interdependência entre o jornal e o seu público. Também abordamos a tensão entre os editores do jornal sobre as representações homoeróticas e, por fim, buscamos compreender como se deu o encerramento das publicações do Lampião da Esquina.

O capítulo três, intitulado *Queering as representações*¹⁰, foi dividido em duas partes. Primeiro delimitamos nossa discussão teórica dentro da Teoria *Queer* e, em seguida,

¹⁰ O termo *queering* corresponde ao tempo verbal gerúndio, da palavra inglesa *queer* que significa estranho, e é utilizada para indicar homens homossexuais efeminados. O termo *queer* foi apropriado pelo movimento de contestação das normalizações identitárias, isto é, a Teoria *Queer* para por em discussão justamente a experiência de sujeitos subalternizados. Portanto, usamos o termo *queering* no sentido de estabelecer um jogo de

analisamos três representações específicas. Na primeira parte, intitulada *Os “gueis” deixaram de lado a “bicha pintosa”?*, discutimos o conceito de performatividade de Judith Butler para identificar no jornal as práticas discursivas sobre as representações homoeróticas a serem analisadas na segunda parte. Além disso, tratamos das representações homoeróticas e das identidades dissidentes da heteronormatividade para mostrarmos como diferentes identificações foram reapropriadas pelo discurso do jornal para destacar outras possibilidades de sentido. Na segunda parte, intitulada *Efeminação, travestilidade e masculinidade*, analisamos especificamente as três principais representações homoeróticas construídas no jornal (homossexuais efeminados, travestis e homossexuais masculinizados), por isso visamos contrapor as práticas discursivas dos editores aos efeitos de sentido que aparecem nas fontes.

1 SAINDO DO GUETO

1.1 A IMPRENSA ENQUANTO FONTE HISTÓRICA

Iniciamos este capítulo com uma breve discussão teórico-metodológica, pois, como disse Tânia Regina de Luca (2008), uma coisa é a “história da imprensa” e outra coisa é a “história por meio da imprensa”. Essas práticas historiográficas são, respectivamente, os nossos pontos de partida e de chegada e é necessário diferenciá-los entre si. Isso não significa que essas práticas devem estar separadas, muito pelo contrário, cada uma enfatiza elementos diferentes que podem e devem ser complementados entre si.

Entendemos que a “história da imprensa” é feita através da ênfase nos aspectos da materialidade, do desenvolvimento técnico, da forma de linguagem e do interesse pelo que dizem os textos. Por sua vez, a “história por meio da imprensa” abrange outros aspectos que colocam em questão a visão sobre os periódicos que são registros fragmentários da realidade e são marcados por influências econômicas e sociais. Observamos então que a escrita da história por meio da imprensa oferece uma abertura que possibilita uma renovação temática.

Não se trata de considerar os periódicos como registros fiéis ou, ao contrário, puramente falsos da realidade. Nenhuma fonte pode ser tomada assim pela história porque esses extremos se mesclam constantemente. Para realizar essa atividade de reconhecer o que há de falso e de verdadeiro nas fontes, a prática historiográfica enfatiza aspectos como a subjetividade, o conteúdo da linguagem e a forma como os textos são significados em sua época.

Segundo Tânia Regina de Luca (2008), na segunda metade do século XX a prática historiográfica se alterou substancialmente. No que diz respeito ao uso de periódicos, foi entre a década de 1970 e 1980 que percebemos uma mudança significativa na quantidade e na qualidade do uso de periódicos para a escrita da história.

Na década de 1970 ainda eram incipientes os trabalhos historiográficos brasileiros que utilizavam os periódicos nas pesquisas. Tânia Regina de Luca (2008) nos mostrou que, nas últimas duas décadas do século XX, essa situação se inverteu de tal forma que os periódicos passaram a constituir, praticamente, o conjunto de fontes mais utilizado pelos historiadores brasileiros.

De acordo com Tânia Regina de Luca (2008) os periódicos não passaram a ser utilizados desmedidamente porque, ainda na década de 1960, autores como José Honório

Rodrigues e Jean Glénisson já indicavam o potencial dos periódicos para a pesquisa histórica, mas alertavam para o uso instrumental e ingênuo desse material ao considerá-los apenas como receptáculos de informações a serem selecionadas (LUCA, 2008, p. 116).

Ana Maria de Almeida Camargo (1971 apud LUCA, 2008, p. 116) apontou duas armadilhas quanto à utilização da imprensa periódica que facilmente capturam os analistas: uma é o uso das fontes para corroborar hipóteses previamente postuladas e outra é constatar o que é encontrado nos periódicos, questioná-los ou confrontar com outras fontes.

Para não cair nessas armadilhas metodológicas durante a pesquisa, o trabalho historiográfico assume uma nova dimensão na qual o periódico pode ser tanto fonte como objeto de pesquisa. Para isso é preciso perceber que a imprensa atua fundamentalmente como “[...] instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 19 apud LUCA, 2008, p. 118).

O período de mudança do uso dos periódicos na prática historiográfica, entre as décadas de 1970 e 1980, é o mesmo em que buscamos compreender os sujeitos homossexuais representados nas páginas do *Lampião da Esquina*. Além disso, enquanto as práticas historiográficas brasileiras refinavam o trabalho com periódicos, a imprensa brasileira diversificou-se com o aumento de periódicos que diferiam em formato, linguagem, público visado e perspectiva, em relação à “grande imprensa”.

A expressão “grande imprensa” é muito vaga e imprecisa, embora possa adquirir sentidos e significados em função do momento histórico em que é empregada (LUCA, 2012, p. 103). Na tentativa de qualificar a expressão “grande imprensa”, entendemos que, “[...] de forma genérica designa o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro” (LUCA, 2012, p. 103). Mesmo assim precisamos lembrar que a grande imprensa “[...] tem interesses peculiares, pertencentes a pessoas cujos interesses estão ligados a um complexo econômico, político e institucional” (ABRAMO, 1988, p. 116).

Pensamos que o refinamento do uso dos periódicos e o aumento da variedade desse tipo de fonte podiam estar relacionados à expansão dos materiais midiáticos que se contrapunham aos interesses peculiares da grande imprensa brasileira. Além disso, o aumento da produção midiática que se apresentava como uma alternativa à grande imprensa permitiu observar diferentes sujeitos históricos com as suas estratégias de manifestação social e cultural.

A imprensa que se apresentava com uma alternativa aos grandes jornais ganhou espaço entre os sujeitos engajados em diferentes movimentos sociais e se diferenciou dos

grandes meios de comunicação em relação à posição assumida perante o governo brasileiro do período. Estava, portanto, marcada por diferenças de perspectivas políticas, por pressões sociais e pela emergência de novas práticas culturais. Por essas razões, essa outra forma de fazer imprensa ficou conhecida como “imprensa alternativa”.

1.2 INSERÇÃO DO LAMPIÃO DA ESQUINA NA HISTÓRIA DA IMPRENSA

Bernardo Kucinski (2001, p. 10) estimou que, entre 1964 e 1980, circularam aproximadamente 150 periódicos que faziam parte da chamada “imprensa alternativa”. Esses periódicos tinham dois aspectos em comum: a oposição intransigente ao regime civil-militar e o formato tabloide adotado pela maioria dos jornais alternativos do período.

Foi por conta do formato adotado que esse tipo de imprensa também ficou conhecido como “imprensa nanica”, pois a palavra “nanica” remetia ao tamanho dos tabloides comparados aos jornais de grande circulação. A palavra “alternativa”, que qualifica o tipo de imprensa que trazemos para discorrer, apresentava basicamente quatro significados essenciais:

O de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (KUCINSKI, 2001, p. 5).

Pela afirmação de Kucinski percebemos que, dos quatro sentidos apresentados para caracterizar a imprensa alternativa, três significados reforçavam uma relação de oposição entre esse tipo de imprensa e a chamada grande imprensa. Embora o autor enfatize a oposição, acreditamos que a relação estabelecida também pudesse ser apresentada sob outro viés: a complementaridade.

Não estamos afirmando que os periódicos alternativos fortalecessem os interesses econômicos e políticos que a grande imprensa buscava alcançar. Os periódicos alternativos se caracterizavam pela oposição à grande imprensa, mas a relação de complementaridade que supomos existir deveu-se à preocupação de cada forma de imprensa em atingir públicos específicos.

Por um lado, as características de produção da grande imprensa (aparelhamento técnico, organizacional e financeiro, tiragens enormes, sucedâneos homônimos em algumas

capitais brasileiras) procurava manter seus interesses econômicos (lucro) e sociais (apoio político) através da abrangência sobre um público amplo indistinto. De outro lado, porém, os jornais alternativos, como o *Lampião da Esquina*, caracterizavam-se como tal justamente por considerarem a especificidade de seu público leitor: mulheres, feministas, negras, negros, trabalhadoras, trabalhadores e homossexuais, entre outros.

Nesse âmbito alternativo, cada segmento de público apresentava características singulares. Por essa razão é que “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2008, p. 139), desde que a informação escolhida para chegar até o público fosse da ordem do interesse de quem divulgava a informação. Nesse sentido, a imprensa se torna um jogo de posições no qual é influenciada por questões econômicas, questões sociais, questões culturais e tende a influenciar os sujeitos a quem destina vender suas informações.

Bernardo Kucinski (2001, p. 5) classificou a imprensa alternativa no Brasil em duas classes amplas de jornais alternativos. Isso nos permitiu conhecer os elementos que influenciaram suas posições e possibilitou inferir entendimentos sobre o público a que cada agrupamento de jornais alternativos se destinava.

O primeiro grupo de jornais alternativos apontado por Bernardo Kucinski (2001, p. 5) eram “[...] predominantemente políticos, tinham suas raízes nos ideais de valorização do *nacional* e do *popular* dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960”. Nesse grupo Bernardo Kucinski (2001) reuniu jornais alternativos que ele considerava preocupados com as relações sociais e a militância política.

Esse primeiro agrupamento era constituído por periódicos voltados para um público com anseios militantes voltados para uma esquerda política. Bernardo Kucinski (2001) também lembra que esse grupo de jornais, em geral, possuía um caráter pedagógico e dogmático. Por essa razão fica evidente uma preocupação tanto para com o processo de formação quanto de informação do público leitor. Podemos citar alguns dos tabloides das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo classificados, segundo Bernardo Kucinski (2001), como exemplos de periódicos pertencentes a uma imprensa alternativa “[...] predominantemente política”.

No Rio de Janeiro havia os tabloides: *Reunião*, *Folha da Semana*, *Brasil Semanal*, *Politika*, *Opinião*, *Jornal de Debate* e *Enfim*. Na cidade de São Paulo destacamos os tabloides: *Amanhã*, *Fato Novo*, *Movimento*, *Dois Pontos*, *Cobra de Vidro*, *Novo Rumo*, *Jornal da Vila* e *Batente*. Bernardo Kucinski ainda apresentou outros periódicos relevantes de caráter

político, mas que se enquadravam no formato *standard*, como, por exemplo: *Correio da Manhã*, que era do Rio de Janeiro, e *Em Tempo*, de São Paulo.

Bernardo Kucinski (2001) também apresentou um grupo de jornais que, em última instância, não eram desvinculados das discussões políticas e sociais, mas enfatizavam outras relações. Nesse caso, os jornais alternativos a que o autor se referia compunham um grupo que privilegiava a dimensão cultural da sociedade, isto é:

Tinha suas raízes justamente nos movimentos de contra-cultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre. Rejeitavam a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média (KUCINSKI, 2001, p. 6).

No primeiro grupo de jornais apresentado por Bernardo Kucinski, ele inferiu que uma parte da imprensa alternativa se tornou sucedânea de organizações políticas clássicas. Por outro lado, os jornais que ele afirmou que se preocupavam com uma discussão cultural sobre a sociedade nos permitem inferir que abriram espaços para o discurso e a militância de sujeitos históricos que começaram a se organizar mais intensamente no final da década de 1970, como, por exemplo, os homossexuais. No caso do *Lampião da Esquina*, não se tratava apenas de uma imprensa alternativa puramente culturalista, mas de um jornal que deu visibilidade para discutir as homossexualidades no Brasil.

Bernardo Kucinski (2001, p. 6) apontou o fato de que, no período entre as décadas de 1960 e 1980, “[...] o que identificava toda a imprensa alternativa era a contingência do combate político-ideológico à ditadura”. Sendo assim, a imprensa alternativa também se constituía como um espaço de luta por meio de práticas discursivas e, portanto, representava uma alternativa, para jornalistas e intelectuais, em relação à produção discursiva da grande imprensa sobre o contexto da época. Entretanto a oposição à ditadura não foi a única característica da imprensa alternativa.

Ana Maria Nethol (1982 apud KUCINSKI, 2001, p. 12-13) nos lembra de que a imprensa alternativa “[...] tinha como componente básico o repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo o desprezo por questões de administração, organização e comercialização”. Sem entrar no mérito da questão sobre o lucro da imprensa alternativa, observamos que aquela situação gerava um ponto paradoxal: a busca por uma distribuição cada vez maior (sem a preocupação de maximizar lucros para manter-se economicamente) *versus* a dificuldade de estabelecer um volume considerável de leitores e assinantes. Por causa

desses motivos, Ana Maria Nethol ressaltou que o outro aspecto da imprensa alternativa era seu caráter provisório.

Também é preciso considerar que a disseminação da imprensa alternativa ficou mais viável com o aprimoramento das técnicas de impressão e com o surgimento do método *offset*. Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006, p. 53-54), Paulo Roberto Souto Maior Júnior (2015, p. 31) e Bernardo Kucinski (2001, p. 8) relatam que o método *offset* consistia num tipo de impressão a frio que facilitou o surgimento da imprensa *underground* nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1960. A inserção dessa técnica de impressão aperfeiçoou a produção e a impressão de grandes volumes de jornais. Em outras palavras, agilizou o processo de produção e gerou um tempo ocioso nas gráficas. Com a agilidade na produção o tempo ocioso foi utilizado para a impressão de materiais de terceiros a baixos custos e em pequenas tiragens.

Segundo Bernardo Kucinski (2001, 8) e Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006, p. 54), o método de impressão *offset* chegou ao Brasil em meados da década de 1970. No mesmo período a Editora Abril implantou no Brasil um sistema nacional de distribuição de periódicos. Isso estimulou o surgimento de jornais alternativos, mas havia a necessidade de ter uma tiragem mínima de 25 mil exemplares.

Bernardo Kucinski (2001) e Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006) apontam que as distribuidoras cobravam o pagamento adiantado, o que correspondia a 40% da receita dos periódicos. Na prática, a intenção das distribuidoras não era propiciar a venda dos periódicos concorrentes, mas era apenas reduzir seus próprios custos de produção. Isso gerava um endividamento dos jornais alternativos porque esses periódicos priorizavam o aspecto político em detrimento do caráter comercial das informações publicadas, acarretando, portanto, um curto período de sobrevida a suas publicações.

No seio da imprensa alternativa emergiu o *Lampião da Esquina*, marcado pela temática direcionada para as relações homoeróticas ao mesmo tempo em que era pressionado pelo contexto de emergência do movimento homossexual no Brasil. Outro aspecto considerado como influente na produção discursiva do *Lampião da Esquina* diz respeito as diferentes experiências de vida de alguns de seus produtores e colaboradores.

Buscamos as entrevistas de alguns editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*, que foram concedidas a Cláudio Roberto da Silva para a sua dissertação de mestrado em História Social defendida em 1998. Nesse trabalho, a entrevista de João Silvério Trevisan pontuou que a temática de seus artigos no *Lampião da Esquina* foi influenciada por suas experiências sociais, políticas e culturais durante o tempo em que esteve exilado fora do

Brasil. Essa informação nos faz considerar um detalhe importante sobre o Lampião da Esquina e que antecede a sua emergência em 1978: o grupo de jornais alternativos, segundo a classificação realizada por Bernardo Kucinski (2001, p. 5), no qual o Lampião da Esquina emergiu propiciou o anseio militante com a expressão sócio-cultural da homossexualidade.

Aguinaldo Silva¹¹, que foi um dos criadores do Lampião da Esquina e posteriormente tornou-se o editor-chefe, segundo Bernardo Kucinski (2001, p. 73), foi um dos principais colaboradores d'*Opinião*, do Rio de Janeiro, além de ter sido um dos fundadores e dos conselheiros do tabloide *Movimento*, de São Paulo. Esses dois jornais, citados na trajetória de Aguinaldo Silva, pertenciam ao grupo de jornais classificados por Bernardo Kucinski que enfatizavam uma dimensão política das notícias divulgadas. Nesse detalhe observamos dois aspectos relevantes sobre a inserção do Lampião da Esquina na história da imprensa alternativa.

Em primeiro lugar, o respaldo profissional de Aguinaldo Silva estava relacionado aos dois jornais essencialmente políticos-ideológicos, *Opinião* e *Movimento*. Nesses periódicos, Aguinaldo Silva adquiriu a experiência que lhe permitiu estar à frente do Lampião da Esquina enquanto um empreendimento. Apesar de o Lampião da Esquina ter emergido de dissidências de um grupo de jornais de teor político, o periódico visava discutir temas ligados aos sujeitos marginalizados socialmente: mulheres, pessoas negras, indígenas, deficientes físicos, homossexuais. Em última instância, podemos pensar essa preferência temática tanto como uma opção comercial quanto uma perspectiva política, perspectiva na qual o jornal buscava inserir-se.

Em segundo lugar, Lampião da Esquina apresentou uma dupla oposição em relação ao contexto sociopolítico da época: uma oposição à ditadura civil-militar e uma posição em conflito com grupos políticos de esquerda porque estes não reconheciam a necessidade de discutir questões específicas sobre a situação de mulheres, feministas, lésbicas, homossexuais, e travestis dentro da sociedade ou dentro da militância política.¹²

¹¹ Aguinaldo Silva nasceu em Carpina, Pernambuco, em 7/6/1943. Iniciou sua trajetória profissional aos 17 anos com a publicação do livro *Redenção para Job*, em 1961. No mesmo ano começou a trabalhar no jornal *Última Hora*, na filial de Pernambuco, e após 1964 foi trabalhar na redação carioca do mesmo jornal. Aguinaldo foi repórter policial no *Jornal do Brasil* e começou os primeiros trabalhos na televisão em 1978, quando foi um dos roteiristas do seriado *Plantão de Polícia*. A partir de então adentrou-se cada vez na teledramaturgia da Rede Globo de Televisão, escrevendo seriados, minisséries e novelas como *Senhora do Destino* (2004), *Fina Estampa* (2011) e *Império* (2014). Em 2016 lançou *Turno da Noite: memórias de um ex-repórter de polícia*, obra na qual conta sua trajetória pelo jornalismo investigativo (SILVA, 2016)

¹² Sobre a relação entre grupos políticos de esquerda no Brasil e a temática da homossexualidade, sugiro consultar o capítulo *O Grupo Somos, a esquerda e resistência à ditadura*, de James Naylor Green, em: GREEN, J. N.; QUINHALHA, R. (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014, p. 117-200.

1.3 AS CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DO LAMPIÃO DA ESQUINA

Não pretendemos discorrer longamente sobre o processo de consolidação, desenvolvimento e desfecho da ditadura civil-militar no Brasil. Precisamos, porém, ainda que brevemente, apontar alguns aspectos desse período da história do Brasil para entendermos melhor o contexto em que o Lampião da Esquina emergiu na história da imprensa alternativa no Brasil e se posicionou contra a ditadura e contra as esquerdas políticas ortodoxas.

O ano de 1964 ficou marcado na história do Brasil pelo golpe de estado em que uma junta militar obstruiu a democracia no país, interpondo-se entre forças comprometidas com reformas sociais dentro e fora do governo. A partir de 1964 foram mais de 20 anos de um regime civil-militar, que contou com mais de dez atos institucionais que sucederam ao longo da vigência de cinco presidências eleitas pela influência militar.

Desde o primeiro Ato Institucional (AI-1), em 9 de abril de 1964, a junta militar intitulada “Comando Supremo da Revolução” já deixava explícito o caráter do tipo de governo que os golpistas programaram. O AI-1 concedia ao Poder Executivo poderes especiais para cassar mandatos, suprimir direitos políticos, decretar estado de sítio sem aprovação parlamentar e obrigar o Congresso Nacional a aprovar emendas constitucionais (BARROS, 1994, p. 19).

Os dois primeiros generais-presidentes que assumiram o cargo de presidente do Brasil, Castelo Branco e Costa e Silva, possuíam posições divergentes na condução da política nacional, a qual permaneceu em estado de tensão muito além da vigência da presidência de cada um desses generais-presidente. Segundo Edgard Luiz de Barros (1994, p. 21), Humberto de Alencar Castelo Branco “[...] era líder do chamado grupo da ‘Sorbonne’, oficiais estreitamente ligados à Escola Superior de Guerra – ESG, instituição da elite intelectual militar”. Por outro lado, o general Artur da Costa e Silva, que sucedeu Castelo Branco, representava o conjunto denominado de “linha dura”, a ala mais extremista da junta militar (BARROS, 1994).

Segundo Carlos Fico (2001, p. 23), “[...] é preciso notar, para além da já consolidada percepção da diferença entre ‘moderados’ e ‘duros’, que havia matizes internos a essas concorrentes, sendo de algum modo restritivo pensar-se apenas nos dois grupos”. Essa divisão era muito mais de caráter subjetivo, pois “[...] nem todo militar linha dura atuou, efetivamente, nos sistemas de segurança e informações” (FICO, 2001, p. 23) e, por outro lado,

também houve moderados que “[...] admitiam a tortura como um mal necessário” (FICO, 2001, p. 23). Assim, portanto, apesar das diferentes posições teóricas dos dois generais presidentes, ambos colaboraram para que a supremacia forçada do poder executivo (militar) se sobrepusesse aos poderes legislativo e judiciário.

Para Alexandre Ayub Stephanou (2001, p. 71), “[...] os Atos [Institucionais] visavam enfraquecer o poder judiciário e o legislativo, e controlar as instituições que representassem alguma ameaça aos projetos do poder executivo”. Basicamente, os atos institucionalizaram o regime civil-militar, conferindo-lhe uma aparência de legalidade ao remodelar instituições públicas e desativar a ordem político-institucional anterior à ascensão do regime civil-militar.

A centralização do poder executivo durante o regime civil-militar foi tão truculenta que seus reflexos foram sentidos em diversas dimensões da vida dos brasileiros. Tanto a política e a economia quanto a cultura passaram pela mira do regime civil-militar.

Preocupando-nos com a dimensão cultural, observamos que o regime civil-militar exerceu grandes pressões e censuras. No campo das artes, por exemplo, diversos artistas e escritores tiveram suas obras censuradas porque se posicionaram criticamente em relação ao regime civil-militar. Tanto o teatro, o cinema, a música quanto a literatura produzida naquele período eram, em grande parte, politizados e contavam com um discurso de caráter contestatório. Entretanto essa produção cultural foi dificultada através de um sistema de coerção cujo objetivo era inibir a livre expressão e gerar a autocensura (STEPHANOU, 2001, p. 302).

A segunda metade da década de 1960 foi marcada pelo fortalecimento do regime civil-militar e a década seguinte começou com uma expansão econômica propiciada pelo "milagre" econômico, que “[...] legitimava o regime e atenuava o descontentamento e a falta de liberdade política dos grupos de oposição” (SIMÕES JÚNIOR, 2006, p. 30). Esse milagre não apagou, porém, a lembrança do que representaram os últimos anos da década de 1960.

O ano de 1968 foi um marco na experiência antidemocrática brasileira e no contexto internacional. Naquele ano, em que a crescente mobilização do movimento estudantil brasileiro chamava a atenção dos militares (BARROS, 1994, p. 37), também houve dois importantes focos de greves operárias em Contagem (MG) e Osasco (SP), que atraíram o olhar do comando militar. Indubitavelmente, o cerceamento das manifestações ocorreu ainda mais rápido do que a capacidade organizacional dos militantes, como ficou explicitado no episódio em que morreu o estudante Édson Luís de Lima Souto, em 28 de março de 1968.

As manifestações sociais daquele ano não conseguiram engendrar uma frente ampla de oposição ao regime civil-militar por conta da repressão do governo, mas nos levam a refletir

sobre dois pontos importantes ligados ao ano de 1968. Primeiramente, as influências do contexto internacional sobre a realidade brasileira e, em segundo lugar, as silenciadas manifestações no cenário brasileiro em 1968 podem ser vistas como inspiração para movimentações operárias e estudantis que ocorreram dez anos depois, numa conjuntura de distensão política durante o governo de Ernesto Geisel.

Em 1968, o regime civil-militar no Brasil encerrou o ano ainda mais forte com a implantação do Ato Institucional número cinco (AI-5) no dia 13 de dezembro. Esse ato institucional expôs completamente o caráter ditatorial do regime militar. E, ainda que houvesse uma preocupação com a aparência de legalidade do regime civil-militar, as características do AI-5 demonstravam a exorbitante centralização de poder.

Edgard Luiz de Barros (1994, p. 42) e Alexandre Ayub Stephanou (2001, p. 81) destacaram algumas características sobre o AI-5: ele não possuía vigência de prazo; permitia o fechamento indiscriminado do Congresso Nacional, assembleias estaduais e câmaras municipais; reabria cassações de direitos políticos, abolia o *habeas corpus* para os detidos pela Lei de Segurança Nacional; permitia a demissão de qualquer funcionário público independente da instância administrativa; permitia o confisco de bens e suspendia garantias concedidas pelo poder judiciário; autorizava demitir, remover ou aposentar juízes forçadamente e decretar estado de sítio. Essas características demonstravam a plena centralização de decisões no cargo da presidência.

No que se refere ao contexto internacional do ano de 1968, o cenário mundial era inundado por questionamentos culturais sobre valores hegemônicos e perspectivas conservadoras a respeito de sexualidade, de moral e de política (KURLANSKY, 2005). Para Paulo Roberto Souto Maior Júnior (2015, p. 46), certamente a expressão mais memorável foi a que se referiu às barricadas de Paris em maio de 1968, que colocou em discussão a crítica à sociedade capitalista, ao trabalho alienado e à resistência aos poderes políticos como um todo, mas também alinhou questionamentos de caráter cultural, tais como as questões relativas ao corpo e aos debates ecológicos (KURLANSKY, 2005). Uma das temáticas questionadas que ganhou uma dimensão política foi a área da sexualidade, que deixou de ser discutida apenas no âmbito do discurso médico (MAIOR JÚNIOR, 2015).

De certo modo, as discussões que emergiram em 1968 influenciaram as publicações do *Lampião da Esquina* porque trouxeram para a discussão sobre sexualidade a perspectiva de mulheres, de negros e de homossexuais. Essa influência foi explicitada na entrevista de alguns editores e colaboradores do jornal, como, por exemplo, por João Silvério Trevisan, que, como

outros, no início da década de 1970, esteve exilado no exterior e teve contato com certos temas debatidos fora do Brasil: ecologia, feminismo e o chamado homossexualismo.

Pela entrevista que João Silvério Trevisan concedeu a Cláudio Roberto da Silva em 1995, sabemos que ele nasceu em Ribeirão Bonito (SP) em 23 de junho de 1944, no interior de uma família de imigrantes de classe média muito baixa. Com oito anos de idade, João Silvério Trevisan foi para o seminário menor em São Carlos (SP) e, posteriormente, para o seminário maior de Filosofia, em Aparecida (SP). Ele viveu praticamente dez anos nos seminários, onde cursou quase toda a educação básica.¹³

Desde o seminário maior, João Silvério Trevisan, teve um posicionamento político de esquerda, inclusive na época do golpe civil-militar de 1964, embora não tivesse totalmente definida a sua forma de militância. Ele chegou a engajar-se na Ação Popular, que era um grupo de leigos que, no início do regime civil-militar, reunia áreas esquerdistas mais próximas da igreja católica. Entretanto, para João Silvério Trevisan (SILVA, 1994, p. 236) a Ação Popular não era efetivamente o grupo religioso de esquerda política que ele idealizara e ele saiu rapidamente.

Em 1973, durante o governo de Garrastazu Médici, que ainda contava com os efeitos positivos do “milagre econômico”, João Silvério Trevisan decidiu ir embora do Brasil em autoexílio. Ele afirmou que não aguentava mais permanecer no Brasil com tantas pessoas sendo presas por conta da repressão brutal (SILVA, 1994, p. 78). De fato, o governo de Garrastazu Médici, que foi de 1969 a 1973, também se caracterizou pelo predomínio da repressão aos direitos civis e políticos graças aos efeitos do AI-5.

João Silvério Trevisan passou três anos em autoexílio fora do Brasil, alternando viagens com residência nos Estados Unidos e residência no México. Quando ele morou nos Estados Unidos, fixou residência em Berkeley, no estado da Califórnia. Foi naquela cidade que João Silvério Trevisan teve o primeiro contato com uma série de manifestações sociais e experiências políticas importantes para a sua formação enquanto homossexual militante.

Em Berkeley, o ex-seminarista adquiriu uma nova perspectiva de vida ao conhecer diferentes movimentos sociais, especialmente o movimento homossexual estadunidense

¹³ Antes do Concílio Vaticano II (1965), a formação dos padres acontecia em dois momentos. Primeiro, num espaço chamado de Seminário Menor, onde os adolescentes passavam por um período de formação que correspondia ao currículo escolar da educação básica. Num segundo momento, os vocacionados à vida sacerdotal realizavam os estudos superiores, que correspondiam aos cursos de filosofia e teologia, no Seminário Maior de Filosofia. O Concílio Vaticano II (1965) mudou a formação sacerdotal, pois a partir de então só seriam admitidos jovens vocacionados acima dos 18 anos de idade. O que se denominava de Seminário Menor hoje é chamado de Seminário Propedêutico, onde os vocacionados passam até 2 anos para discernir sua vocação religiosa.

(SILVA, 1998, p. 237). Antes de morar em Berkeley, João Silvério Trevisan já tinha consciência de sua orientação sexual, mas foi naquela cidade que ele efetivamente se conscientizou da necessidade de lutar pelo direito de ser quem ele se tornou: um homossexual assumido e militante. Berkeley proporcionou um *coming out*¹⁴ para João Silvério Trevisan.

Quando João Silvério Trevisan retornou para o Brasil em 1976, ele constatou que boa parte de seus amigos estavam envolvidos com organizações políticas de esquerda, inclusive os amigos homossexuais. Se antes do exílio João Silvério Trevisan não deixou de fazer críticas aos movimentos políticos brasileiros de esquerda, depois de morar em Berkeley, toda a experiência militante pulsava ainda mais forte. E, naquele período pós-1976, os movimentos de esquerda consideravam que as relações homoeróticas, grosseiramente identificadas como “homossexualismo”, fossem uma característica da vida burguesa.

João Silvério Trevisan passou a criticar o sexismo e o profundo preconceito que a esquerda alimentava contra as relações homoeróticas. Para contornar essa situação, quando chegou a São Paulo em 1976, João Silvério Trevisan tentou formar um grupo para discutir as implicações das práticas homossexuais em outros contextos além do sexual, mas os participantes eram muito reticentes frente à experiência de falar sobre a sua sexualidade. Por conta dos sentimentos de culpa relacionados com as suas convicções político-ideológicas, muitos se questionavam: —Seria válido discutir sobre sexualidade, sendo que essa discussão era considerada secundária no contexto político brasileiro do período? (TREVISAN, 2007, p. 337).

O questionamento citado por João Silvério Trevisan afirmava que a discussão sobre a sexualidade estava relegada a um segundo plano nas pautas das esquerdas no Brasil naquele período, da mesma forma como as reivindicações feministas apareciam à margem das discussões nos grupos de esquerda política. Então, qual era o tema central nas discussões dos militantes de esquerda? Em que medida a discussão política das representações homoeróticas no Lâmpião da Esquina correspondeu à dupla oposição: contra a ditadura e contra as militâncias de esquerdas? Grosso modo, o que essas manifestações enfatizavam era a luta pelos direitos civis acima de qualquer outra temática.

No que se refere à relação entre as práticas homoeróticas e o regime civil-militar no Brasil, Benjamin Cowan (2014, p. 28) aponta que os “[...] ativistas direitistas de envergadura nacional condenaram a homossexualidade como manifestação da subversão”. Por essa razão, o autor afirma que os defensores do regime civil-militar consideravam as relações

¹⁴ *Coming Out* é uma expressão estadunidense que pode ser traduzido para o português como o ato de assumir-se publicamente homossexual. Algo como “sair do armário”.

homoeróticas como um perigo, porque as consideravam como práticas imorais para a sociedade. Ocorre que essa visão sobre homossexualidade não era nova em 1964.

A perspectiva que os defensores da ditadura civil-militar possuíam sobre as relações homoeróticas no Brasil nos faz pensar sobre quais formações discursivas as práticas homoeróticas estavam circunscritas¹⁵. Não surpreende que, no final da década de 1970, policiais retinham interpretações médico-legais, do desejo homossexual (COWAN, 2014, p. 29), ou seja, pensavam a homossexualidade ligada à degeneração, à patologia e à criminalidade.

Outro indício sobre a forma como as relações homoeróticas eram encaradas é perceptível quando observamos que o termo "homossexualismo" foi incorporado na Classificação Internacional de Doenças (CID), a partir de 1948, na categoria 320, sendo referido como "Personalidade Patológica", por tratar-se de um "Desvio Sexual" (LAURENTI, 1984, p. 344). Essa classificação foi mantida até 1965. A partir de então o homossexualismo saiu da categoria "Personalidade Patológica" e ficou na categoria "Desvio e Transtornos Sexuais" (código 302), cuja subcategoria específica para se referir ao homossexualismo era o código 302.0 (LAURENTI, 1984, p. 344).

Pensando nas denominações utilizadas pela Classificação Internacional de Doenças, confirmamos que, nas décadas de 1970 e 1980, o termo "homossexualismo" era carregado de um sentido atrelado à patologia e à doença dentro do discurso médico. De acordo com o boletim número 11 do Grupo Gay da Bahia (GGB)¹⁶, somente aos dias 9 de fevereiro 1985 que o Conselho Federal de Medicina do governo brasileiro deixou de enquadrar o chamado homossexualismo no código 302.0, para classificá-lo no código 2062.9, que designava a categoria "outras circunstâncias psicossociais" (MOTT, 2011, p. 189). Nesse quesito da reclassificação, a atuação do GGB foi vital e pioneira, porque apenas aos 17 de maio de 1990 é que a Organização Mundial da Saúde retirou o termo "homossexualismo" do código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças.

¹⁵ James Naylor Green (2000) explicou, em *Além do Carnaval*, que os discursos médicos patologizaram a homossexualidade ao longo da primeira metade do século XX. Embora tais discursos houvessem diminuído nos anos 1940, eles não desaparecem e, nas décadas seguintes ao golpe de 1964, informariam como autoridades militares interpretariam o desejo homossexual. Portanto, constituíam uma base para o pensamento conservador.

¹⁶ O Grupo Gay da Bahia surgiu em 1981, em Salvador (BA), fundado por Luiz Mott. O grupo surgiu voltado para a conscientização política de homossexuais e passou a desenvolver importantes campanhas, como: quantificação de homossexuais assassinados no Brasil e a campanha pela retirada do homossexualismo do código 302.0 da CID. É um dos grupos de homossexuais organizados mais antigos que permanece atuante no Brasil.

No início da década de 1970, antes mesmo da emergência de um movimento homossexual organizado, nos foros ideológicos de alto nível da Escola Superior de Guerra¹⁷ (ESG), estudantes e conferencistas avaliaram o chamado homossexualismo como uma ameaça patológica à segurança nacional. Benjamin Cowan (2014, p. 33) explicitou a posição da ESG baseado na tônica do discurso moral veiculado na *Revista Militar Brasileira*, que, nos últimos anos da década de 1960, incluiu denúncias de declínio moral ligadas ao chamado homossexualismo.

No final dos anos 1970, a ação policial “[...] associava a homossexualidade [ainda denominada como homossexualismo] com ameaças ao estado, à sociedade e à segurança nacional, que augurariam dissolução social e, no contexto da Guerra Fria, o triunfo da subversão comunista” (COWAN, 2014, p. 29-30). Por esta razão, Benjamin Cowan afirmou que as publicações homoeróticas não eram vistas apenas como oposição ao regime civil-militar, mas como parte de uma organização internacional comunista.

Em de 1978, os periódicos que continham alguma publicação abertamente positiva ou em defesa do chamado homossexualismo já eram razões para preocupação dos agentes do regime civil-militar. No entendimento das forças de segurança, publicizar ou promover o homossexualismo equivalia a apresentá-lo como normal e aceitável, dando aos homossexuais uma imagem socialmente aceita e respeitável (COWAN, 2014, p. 37). Estas eram justamente as imagens positivas que boa parte dos leitores e editores do *Lampião da Esquina* buscavam visibilizar, mas isso não significou um embate por representação livre de tensões e contradições, mesmo dentro da movimentação homossexual.

Sobre a oposição entre a “luta maior” e a “luta menor”, expressões que João Silvério Trevisan (2007, p. 343) utilizou para se referir à relação entre as esquerdas políticas e o movimento homossexual no Brasil, observamos que ele enfatizava a oposição como uma separação insuperável devido às especificidades dos grupos homossexuais.

As posições assumidas pela esquerda universitária e pelo emergente movimento homossexual ficaram mais explícitas durante um debate público em 8 de fevereiro de 1979, na Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade de São Paulo (USP).

¹⁷ De acordo com Alexandre Ayub Stephanou (2001, p. 56), a Escola Superior de Guerra (ESG) foi fundada em 20 de agosto de 1949 e seu objetivo era “[...] o treinamento de pessoas de ‘alto nível’ para ‘exercer funções de direção e planejamento da Segurança Nacional’”.



FIGURA 1. Mesa de discussões sobre homossexualismo aos 8/2/1979 na USP.

Fonte: **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 10, mar. 1979.

Naquela data, o *Lampião da Esquina* já havia sido fundado há quase um ano e teve dois representantes que participaram do debate e da mesa de discussões. Os componentes da mesa-redonda a partir da esquerda eram: Glauco Mattoso (colaborador do *Lampião da Esquina*), Alfredo (representante do grupo *Somos*), João Silvério Trevisan (editor do *Lampião da Esquina*), Cândido Procópio (professor mediador do debate), o representante do diretório da USP (cujo nome não consta nas fontes), Emanuel e Ricardo Piva (poeta e colaborador do *Lampião da Esquina*).

A proposta do debate público em fevereiro de 1979 na USP não era falar apenas a respeito das pessoas homossexuais militantes que estavam se organizando politicamente. Era uma semana de debates cuja proposta era dar visibilidade para grupos socialmente marginalizados: mulheres, negros, índios e homossexuais. É de se entender, portanto, que o debate sobre o chamado homossexualismo deveria abranger posicionamentos tanto de mulheres quanto de homens homossexuais, porém, como ficou explícito na Figura 1, não havia a presença de mulheres na mesa de debates. Isso nos faz inferir o apagamento do debate feminista sobre a homossexualidade.

Os homens homossexuais da mesa de debates não possuíam as mesmas especificidades das mulheres homossexuais, que eram, no mínimo, duplamente discriminadas perante as esquerdas políticas: por serem mulheres e por serem lésbicas. Apesar das posições divergentes, não se tratava de uma dicotomia calcificada entre os grupos homossexuais e os grupos políticos, como observamos nos fragmentos sobre aquele debate de 1979.

Logo no início da discussão, quando já se tentava enquadrar o movimento guei na ótica da esquerda, alguém no plenário tomou a palavra e disse: “Eu vou dizer agora o que metade desse auditório está sequiosa para ouvir. Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro não é? [...] Os homossexuais estão consciente de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da **felicidade** [...] Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda”. [...] “Não adianta querer envolver a nossa problemática em termos de política. Trata-se de um problema específico, que atinge a um determinado número de pessoas de características diferenciadas”. (DANTAS, 1979, p. 9).

Ficou evidente desde o primeiro dia a polarização política dos debates: de um lado, grupos de estudantes e profissionais brancos professando sua fidelidade à luta de classes, na linha tradicional da esquerda ortodoxa, que dá prioridade ao fenômeno econômico. E de outro lado, os representantes de grupos discriminados, afirmando a originalidade de sua problemática, de suas críticas e suas análises, absolutamente não abrangidas na luta de classes, mas nem por isso menos transformadoras da sociedade. [...] Se o fator luta de classes não abrange a problemática dos grupos equivocadamente chamados de “minorias”, deve-se acrescentar a ele novos instrumentos de análise. (TREVISAN, 1979, p. 10).

Acima temos as falas de dois sujeitos que presenciaram o debate sobre “minorias sociais” sociais na USP: dois excertos de Eduardo Dantas, colaborador do *Lampião da Esquina*, e dois trechos do artigo de João Silvério Trevisan sobre o evento. Embora o artigo escrito por João Silvério Trevisan não fosse resultado oficial da fala da mesa debatedora, o texto deixa claro o teor da discussão sobre a forma como as práticas homossexuais eram pensadas em relação à militância política de militantes de esquerda.

À primeira vista, as falas de Eduardo Dantas e de João Silvério Trevisan poderiam representar praticamente o mesmo questionamento, porém houve posicionamentos mais dicotômicos que permitem recompor a série discursiva. João Silvério Trevisan enfatizou os antagonismos entre os grupos de esquerda e os homossexuais. Acreditamos que essa posição assumida por João Silvério Trevisan tivesse relação com a sua trajetória de vida, pois sua juventude vivida em seminários religiosos lhe propiciou a sensibilidade crítica na percepção das relações humanas e, de outro lado, seu autoexílio em Berkeley fez aflorar o caráter altivo na militância homossexual.

Tanto a fala de João Silvério Trevisan quanto a de Eduardo Dantas enfatizaram aspectos específicos do reconhecimento da identidade homossexual. Segundo eles, esses aspectos não seriam reconhecidos e compreendidos dentro das discussões de esquerda tendo

em vista que, naquele período, a maior preocupação era o restabelecimento da democracia no país, mas lutar pelo retorno da democracia não implicava uma recusa de discutir a participação e o reconhecimento de homossexuais para a reconstituição dos direitos civis.

Ao que nos parece, o ponto de discórdia entre as esquerdas políticas e o movimento homossexual era muito mais em relação à forma do que quanto ao conteúdo, ou seja, “[...] o objetivo do movimento guei é a busca da **felicidade** [...] Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda”. (DANTAS, 1979, p. 9). Em outras palavras, o incipiente movimento homossexual organizado no Brasil contestava as formas ortodoxas da militância de esquerda.

A busca da felicidade, como destacou Eduardo Dantas, passava pelo reconhecimento das práticas homossexuais como uma problemática específica a um determinado número de pessoas com características diferenciadas. As formas de contestação utilizadas pelos homossexuais organizados eram, portanto, efetivamente, uma crítica cultural da sociedade como um todo, tendo em vista a liberação individual. Contrariamente, a forma de contestação viabilizada pela esquerda enfatizava o caráter coletivo como necessidade básica da mudança da ordem social. A questão era então: —Teriam sido esses pontos discordantes inconciliáveis? Na perspectiva de João Silvério Trevisan, provavelmente sim, mas não na opinião de James Naylor Green.

O questionamento citado por Eduardo Dantas (1979, p. 9) durante o debate sobre homossexualismo “Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro, não é?” colocava as cartas na mesa sobre as posições assumidas por militantes de esquerda e pela movimentação homossexual. Além disso, colocava em discussão a reorganização dessas posições. A busca pela felicidade sem um engajamento específico era uma forma de contestação e manifestação valorizada por Eduardo Dantas e por João Silvério Trevisan, porém não era a única forma de mobilização válida.

James Naylor Green, historiador e militante dos direitos homossexuais, foi um participante muito ativo do grupo *Somos*. Nesse grupo, os homossexuais que tinham alguma experiência militante tendiam a conduzir as discussões e isso lhes propiciava um papel de liderança no grupo. Foi isso o que aconteceu com James Naylor Green, pois ele participou tanto da militância política de esquerda quanto da militância homossexual nos Estados Unidos, especialmente 1973 e 1975 (GREEN, 2014a).¹⁸

¹⁸ Sobre a dupla militância, política e homossexual, de James Naylor Green, ver o artigo: GREEN, J. N. “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão”, uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da ditadura. *Acervo*. Rio de Janeiro, v. 27, nº 1, p. 53-82, jan./jun. 2014.

Para James Naylor Green, a dupla militância era indispensável e foi nessa perspectiva que ele tentou contribuir para o grupo *Somos*: “O que nós trouxemos ao grupo, mais especificamente, era, portanto, uma experiência política, uma disposição para incentivar a mobilização e uma orientação marxista que visava estabelecer alguma ligação com as classes trabalhadoras” (GREEN, 2014b, p. 182).

Na perspectiva de James Green, a sua identidade homossexual e a sua identidade de trabalhador eram plenamente conciliáveis e foi essa forma de atuação que ele propôs ao *Somos*. Ocorreu, porém, que, no interior do *Somos*, James Naylor Green foi acusado por outros militantes, como João Silvério Trevisan e Edward MacRae, de tentar cooptar a direção do grupo — isso apenas porque ele também era membro da Facção Homossexual da Convergência Socialista¹⁹. Ou seja, havia o medo de que o grupo *Somos* fosse transformado em uma subdivisão da Convergência Socialista. Essa tensão acabou levando à ruptura no interior do grupo.

Enquanto João Silvério Trevisan centrava sua fala na dicotomia entre “luta menor” *versus* “luta maior”, James Naylor Green (2014b, p. 181) sustentava o argumento de que “[...] os participantes do movimento [homossexual] deveriam forjar conexões, laços e até alianças com outros movimentos sociais representantes de ‘setores oprimidos’ – negros, mulheres e índios”. Além disso, também defendia que “[...] o movimento homossexual deveria elaborar uma política para a classe trabalhadora” (GREEN, 2014b, p. 182-183).

Era clara a existência de duas formas distintas de relação estabelecidas entre a movimentação homossexual e as esquerdas políticas no final da década de 1970: a oposição e a conciliação. Também fica exposto que a movimentação homossexual não era uniforme, unidirecional e harmônica, porque os homossexuais eram influenciados por experiências pessoais ao longo de sua trajetória de vida e isso lhes proporcionava posição e a opinião singular em relação à forma de militância a ser assumida.

Podemos listar alguns fatores que influenciaram a forma de militância de João Silvério Trevisan e de James Naylor Green: a formação acadêmica, a oposição ao regime civil-militar, a emergência de um movimento homossexual no Brasil, a proliferação da imprensa alternativa, a experiência do autoexílio, a trajetória em outras movimentações sociais. Esses

¹⁹ A Facção Homossexual era um grupo com participantes assumidamente homossexuais que militavam pelo Movimento Convergência Socialista (MCS), fundado em 1978. Basicamente esse movimento objetivava fundar um partido socialista capaz de oferecer uma alternativa ao bipartidarismo ainda vigente durante o governo de Ernesto Geisel (FARIA, 2005, p. 221). Sobre a origem, rupturas e desfecho do MCS, sugiro a leitura de: FARIA, M. M. de. **Partido Socialista ou Partido dos Trabalhadores?:** Contribuição à história do trotskismo no Brasil: a experiência do Movimento Convergência Socialista, 2005. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Comparada), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

fatores também concorreram para que surgisse um jornal que colocasse a sexualidade em pauta, principalmente a homossexualidade, através de uma visibilidade não estereotipada. Sem dúvida esse jornal foi o *Lampião da Esquina*.

1.4 ORIGEM, ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO LAMPIÃO DA ESQUINA

O *Lampião da Esquina* não foi o primeiro periódico que se propôs a abarcar um público nitidamente homossexual. Na edição número 28, em setembro de 1980, o próprio jornal informou que, no início da década de 1960, surgiram as primeiras publicações dirigidas para o público homossexual. Aquelas primeiras publicações possuíam circulação restritíssima entre determinados sujeitos e eram delimitadas espacialmente. Isso significa que tais publicações não eram distribuídas de forma ampla em diferentes cidades e estados. Como exemplo desses periódicos poderíamos citar:

[no Rio de Janeiro] as publicações *Snob*, *Le Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazine*, *20 de Abril* e *O Centro*; em Niterói existiam *Os Felinos*, *Opinião*, *O Mito*; em Campinas havia o *Le Sophistique*; a Bahia contava com *O Gay* e *O Gay Society*, *O Tiraninho*, *Fatos e Fofocas*, *Baby Zéfiro*, *Little Darling* e *Ello*. (RODRIGUES, 2014, p. 89).

As semelhanças entre os periódicos destinados a homossexuais que surgiram a partir da década de 1960 não eram apenas sobre o público visado. Essas publicações “[...] eram jornais que versavam sobre amenidades e badalações sociais, sem esquecer-se de falar de acontecimentos culturais, reportagens e classificados. Eram jornais feitos por alguns amigos para seus amigos” (RODRIGUES, 2014, p. 89). Isso significa que essas publicações enfatizavam as relações de socialização entre os homossexuais naquele período e não se preocupavam, necessariamente, com a formação de um movimento homossexual organizado.

Dos periódicos que aparecem na citação extraída de Jorge Caê Rodriguês (2014, p. 89), o mais importante e duradouro foi o *Snob*²⁰. Criado por Agildo em 1963, *Snob* era feito de forma muito artesanal, era mimeografado e distribuído entre um grupo de amigos e

²⁰ Para uma melhor compreensão sobre a origem e a circulação do periódico *Snob* sugiro a leitura de: COSTA, R. S. M. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal SNOB**. Rio de Janeiro, 2010, 128 p. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas.

conhecidos na Cinelândia e em Copacabana, no Rio de Janeiro (GREEN, 2000, p. 298). A proposta do periódico era registrar festas e reuniões entre um grupo de amigos homossexuais cariocas, além de conter opiniões sobre moda e acontecimentos da cidade.

Ao longo do tempo, a forma e o conteúdo do *Snob* mudaram, principalmente a aparência das capas do periódico, como podemos observar nas Figuras 2 e 3: “A figura da ‘deslumbrada’ ou das ‘bonecas’, que aparecia no *Snob* começou a dar lugar ao ‘entendido’” (RODRIGUES, 2010, p. 46). Essa mudança ficou evidente para Rodrigues (2010) e Green (2000), pois ao analisarem as capas do *Snob* eles perceberam que, no último ano de publicação, 1969, o *Snob* já enfatizava outra forma de identidade homossexual: o entendido.

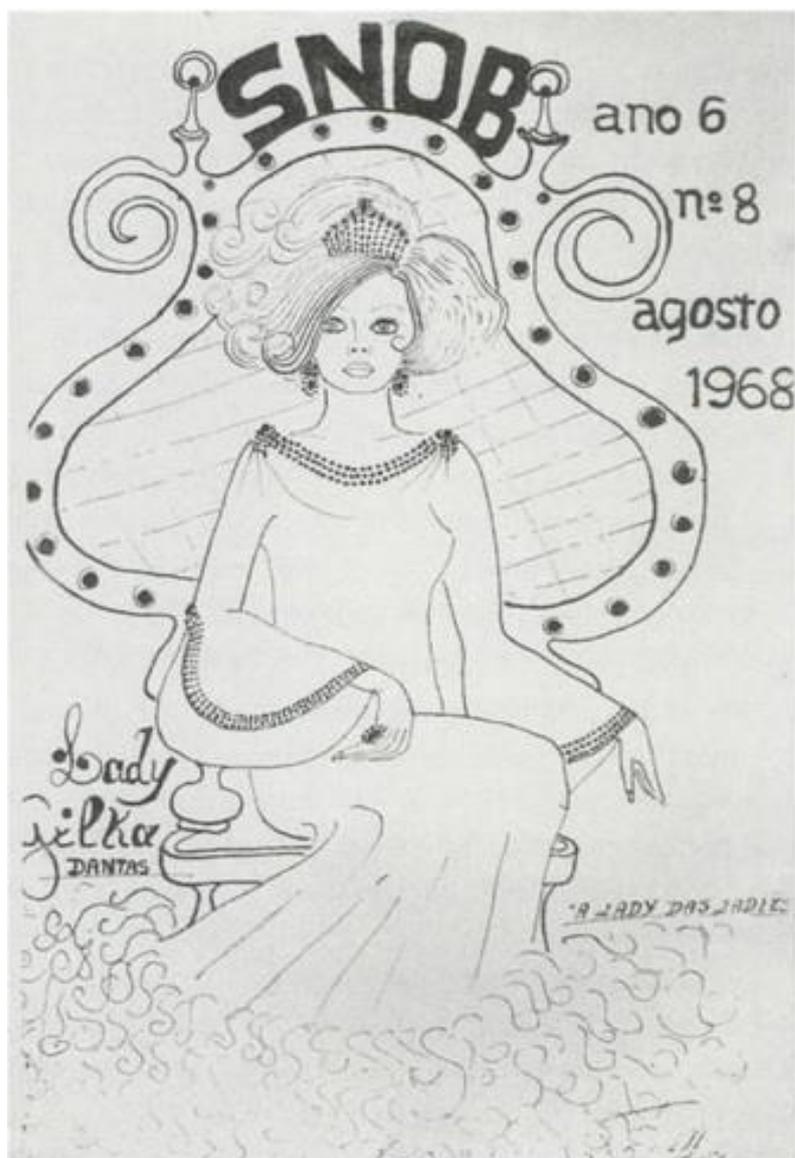


FIGURA 2. Capa do *Snob*. N. 8, a. 6, ago. 1968.

Fonte: GREEN, J. N. *Além do carnaval*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 299.

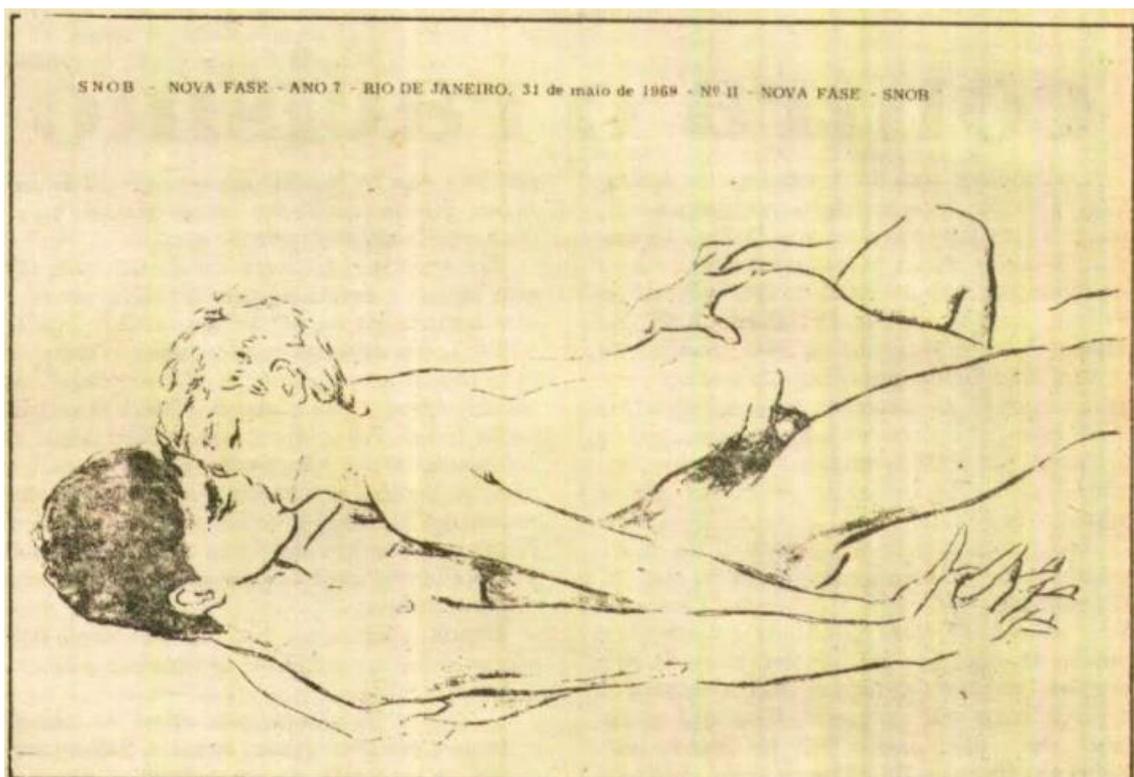


FIGURA 3. Capa do último número do *Snob*. A. 7, maio 1969.

Fonte: **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, edição n. 28, set. 1980, p. 6.

James Naylor Green (2000, p. 307) apontou o surgimento de uma nova identidade homossexual no decorrer dos anos 1960: o entendido. Rodrigues (2010, p. 47) realçou que essa identidade emergiu mais intensamente nos dois maiores centros urbanos do Brasil no período, as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Coincidentemente foi nessas cidades que viveram alguns dos principais editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*.

O homossexual entendido era aquele que adotava um comportamento sexual não hierarquizado, ou seja, não imitava as relações sexuais marcadas por identidades dicotômicas como bofe/bicha, ativo/passivo, masculino/feminino. A denominação "entendido" refletia uma identificação homossexual mais igualitária, na qual o sujeito não assumia um papel de gênero especificamente masculino ou feminino (GREEN, 2000, p. 308).

A emergência do homossexual entendido pressionava as identidades homossexuais baseadas em relações hierárquicas, como, por exemplo, bofe/bicha, nas quais um dos termos era sempre o centro valorizado e o outro termo existia em função dele, assumindo uma posição à margem. O reconhecimento da identidade do homossexual entendido possibilitou a visibilidade das relações homossexuais só entre bofes, só entre bichas ou só entre "pintosas" (homens homossexuais obviamente efeminados).

Essas identificações²¹ de bofe/bicha e de entendido permeavam as publicações direcionadas para homossexuais, mas não eram tornadas públicas porque, apesar de indicarem uma mudança na compreensão das identidades homoeróticas, a circulação dos periódicos na década de 1960 ainda era muito restrita. A emergência da identidade do homossexual entendido nos permite compreender que os anos 1960 não foram marcados apenas por um golpe civil-militar, mas também por mudanças culturais que permitiram discutir novas questões, como a visibilidade das pessoas homossexuais.

No final dos anos 1960 começaram a chegar ao Brasil discussões tangentes ao movimento de contracultura estadunidense, tais como: debates sobre o uso de drogas, sobre o uso do corpo, os circuitos alternativos, os movimentos feministas, o movimento gay e o movimento *blackpower*. Influenciada por tais movimentos, a juventude brasileira pós-tropicália criava novas formas de encarar a repressão produzida durante o regime civil-militar, fosse pela busca da liberdade através do uso do corpo, pelo sexo, pela mente ou através das drogas (RODRIGUES, 2014, p. 87).

No que se refere à sexualidade, foi no campo das artes que a discussão sobre os papéis sexuais foi mais bem explorada. No início dos anos 1970, as *performances* do grupo Dzi Croquettes e de artistas como Caetano Veloso e Ney Matogrosso transitavam entre os gêneros masculinos e femininos para acentuar a ambiguidade e fazer uma crítica aos papéis sexuais rigidamente hierarquizados. Segundo João Silvério Trevisan (2007, p. 284), o grupo e os cantores supracitados compunham, nas áreas do teatro e da música popular, os núcleos deflagradores que iniciaram o fenômeno cultural que ele chamou de “desbunde” ou “desbun”.

Alguém *desbundava* justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associado ao consumo de drogas ou à homossexualidade (então recatadamente denominada “androginia”). (TREVISAN, 2007, p. 284).

Nesse sentido, o “desbunde” representou uma forma alternativa de manifestação pelos sujeitos que não estavam satisfeitos com o regime civil-militar, mas que também não depositavam toda sua esperança nas esquerdas políticas. Essa atitude representada pelo

²¹ Utilizamos o conceito “identificação” na perspectiva de Kathryn Woodward (2003, p. 18), compreendendo que esse conceito “[...] descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2003, p. 18). A opção por essa noção de identidade é porque ela enfatiza o caráter relacional entre diferentes sujeitos. Dessa forma podemos refletir adequadamente sobre o jogo das identificações homoeróticas.

“desbunde” era visível no Lampião da Esquina, o qual não se posicionava nem à direita e nem à esquerda, mas apenas em busca da felicidade ampla, geral e irrestrita.

A emergência do Lampião da Esquina foi antecedida por alguns aspectos específicos, tais como: aparecimento da identidade homossexual do entendido, o regime civil-militar, o aumento da publicação da imprensa alternativa, diferentes formas de ativismo homossexual, a dupla oposição de alguns homossexuais militantes (ao governo e às esquerdas políticas) e *performances* culturais que levaram a repensar as relações de gênero.

Apesar das atividades dos anos 1960, a configuração de emergência do Lampião da Esquina só se concretizou, efetivamente, no início da década de 1970, quando João Antônio Mascarenhas estabeleceu contato com publicações homossexuais estrangeiras para informar-se sobre o movimento homossexual estadunidense. A partir disso, percebemos que João Antônio Mascarenhas foi o primeiro sujeito a empenhar-se efetivamente para a emergência do Lampião da Esquina ao reunir um grupo de profissionais assumidamente homossexuais. Ele tornou-se um dos fundadores do jornal, mas só permaneceu no conselho editorial por oito meses.

João Antônio Mascarenhas nasceu em Pelotas em 1927, no seio de uma família tradicional gaúcha cuja atividade financeira era o trabalho com pecuária. Ele estudou direito na UFRGS em Porto Alegre e se formou em 1950. Seis anos depois, foi morar na capital do Rio de Janeiro e passou sobreviver independente da condição financeira de seus pais (SILVA, 1998, p. 260).

Quando João Antônio Mascarenhas foi morar no Rio de Janeiro ainda não havia muitas publicações destinadas ao público homossexual. O *Snob*, suposto por Rodrigues (2010, p. 45) como o primeiro jornal homossexual, só surgiu em 1963 e com o foco voltado para a socialização, sem abranger pautas temáticas de caráter científico sobre as relações homoeróticas de modo positivo.

Segundo Edward MacRae (1990, p. 65), “[...] na década de 60 e começo de 70 chegaram a circular 27 publicações gays no Brasil”. Eram publicações de baixa qualidade e de baixo profissionalismo, geralmente periódicos mimeografados de circulação restrita entre amigos. Assim, portanto, no Rio de Janeiro, João Antônio Mascarenhas não encontrou publicações para homossexuais produzidas com profissionalismo técnico e científico para acompanhar a ruptura das identificações homossexuais baseadas na dicotomia bicha/bofe que, posteriormente, permitiu a emergência da identidade do entendido.

João Antônio Mascarenhas relatou a Cláudio Roberto da Silva (1998, p. 265) que, em 1972, passou as férias em Porto Alegre para visitar seus pais. Naquela visita encontrou um

amigo seu que morou na Inglaterra e que havia recebido duas publicações gays em inglês, as quais foram apresentadas a João Antônio Mascarenhas. Uma daquelas publicações era o jornal americano *Gay Sunshine Press*, produzido em São Francisco, no estado da Califórnia.

Aquele periódico era diferente das publicações que João Antônio Mascarenhas encontrou no Rio de Janeiro até 1972. Por conta de sua periodicidade trimestral, o *Gay Sunshine Press* contava com artigos muito bem elaborados, ótima produção técnica e divulgação científica e literária (SILVA, 1998, p. 265). Além disso, também contava com entrevistas de grandes personalidades americanas. O contato com o *Gay Sunshine Press* estava traçado e levaria à emergência do jornal *Lampião da Esquina*.

Quando João Antônio Mascarenhas voltou ao Rio de Janeiro, ele fez uma assinatura do jornal *Gay Sunshine Press* e começou a encomendar alguns livros divulgados naquele periódico. A partir disso ele soube dos principais jornais gays ingleses e estadunidenses e tomou conhecimento dos movimentos homossexuais existente nesses países. A temática lhe despertou o interesse e fez imaginar um movimento homossexual organizado no Brasil. Segundo João Antônio Mascarenhas, ele era o único assinante do jornal *Gay Sunshine Press* em toda a América Latina (SILVA, 1998, p. 265).

Segundo Robert Howes (2003, p. 293) haviam quatro características pessoais de João Antônio Mascarenhas que merecem ser destacadas porque marcaram seu ativismo homossexual dentro e fora do *Lampião da Esquina*:

Em primeiro lugar, a formação jurídica ensinou-lhe a importância da lei na estrutura da sociedade [...]. Segundo, a experiência no funcionalismo público acostumara-o ao discurso e aos métodos burocráticos [...]. Conseguiu estabelecer relações de amizade e respeito com ativistas de outros países e mantinha-se a par do que acontecia lá fora. [...] Quarto, apreciava a importância da informação. (HOWES, 2003, p. 293).

Essas características explicavam o interesse de João Antônio Mascarenhas no movimento homossexual a partir do contato com o *Gay Sunshine Press*. Ele se manteve informado e conheceu melhor os movimentos homossexuais internacionais. Entre 1974 e 1976, João Antônio Mascarenhas foi convidado, pelo editor do jornal *Gay Sunshine Press*, Winston Leyland, para contribuir para aquele periódico escrevendo um artigo sobre a situação dos homossexuais no Brasil durante o regime civil-militar (SILVA, 1998, p. 267).

Em 1976, Winston Leyland escreveu novamente para João Antônio Mascarenhas, desta vez para falar sobre o projeto de compor uma antologia de literatura gay latino-americana, que contasse com a participação de artistas plásticos e escritores homossexuais

brasileiros. Na prática a carta de Winston Leyland visava e estabelecer contato com João Antônio Mascarenhas para que este sujeito pudesse ajudar na pesquisa de campo no Brasil, reunindo artistas e escritores para que Winston Leyland pudesse entrevistá-los (HOWES, 2003, p. 294).

A vinda de Winston Leyland ao Brasil tornou-se uma possibilidade de discutir seriamente um movimento homossexual no Brasil, já que reuniu diversos homossexuais ligados ao mundo das letras e das artes, todos com reconhecimento profissional.

João Antônio Mascarenhas ofereceu dividir seu apartamento, em Copacabana, com Winston Leyland, enquanto este estivesse no Brasil, e em poucos meses contatou escritores, jornalistas e artistas homossexuais, bem como, providenciou uma reunião entre esses profissionais e o editor norte-americano em 1977 (SILVA, 1998, p. 268).

A reunião aglutinou profissionais como Darcy Penteadó, Gasparino Damata, Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva, Clóvis Marques e Adão Acosta. Depois entraram João Silvério Trevisan, Antônio Chrysóstomo, Peter Fry e Jean Claude Bernadet. O resultado da reunião com Winston Leyland foi a publicação das obras *Now the Volcano*²² e *My Deep Dark Pain is Love*²³ (HOWES, 2003, p. 295).

Nas obras listadas na revisão de literatura não apareceram quaisquer indicações sobre a participação feminina na fundação do Lampião da Esquina. Será que não havia as escritoras lésbicas e mulheres que escreviam sobre o universo homossexual ou elas não foram convidadas para a reunião com Winston Leyland? Por que aparece apenas a figura masculina no que se refere à fundação do Lampião da Esquina? Essas questões nos fazem pensar, uma vez mais, no apagamento da participação feminina na fundação e na produção do Lampião da Esquina. Escritoras como Cassandra Rios e Leila Mícolis são exemplos de escritoras que só apareceram nas páginas do jornal, respectivamente, como entrevistada e colaboradora. Em última instância, o Lampião da Esquina permaneceu como um jornal criado, produzido e chefiado apenas por homens.

A partir da reunião com Winston Leyland, João Antônio Mascarenhas propôs elaborar um material impresso que abordasse a homossexualidade de uma forma séria e do ponto de vista homossexual. Ele sugeriu uma coluna em algum jornal ou revista, semelhante à “Coluna do Meio”, do jornal *A Última Hora*, de São Paulo, mas a ideia sugerida foi mais bem acolhida que isso pelo grupo reunido e superou as expectativas de João Antônio Mascarenhas.

²² LEYLAND, Winston. (Org.). **Now the volcano**: an anthology of Latin American gay literature. San Francisco: Gay Sunshine, 1979.

²³ LEYLAND, Winston. (Org.). **My deep dark pain is love**: a collection of Latin American gay fiction. San Francisco: Gay Sunshine, 1983.

Naquele grupo de profissionais, era Aguinaldo Silva quem conhecia melhor as etapas de produção de um periódico e sugeriu a criação de um jornal ao invés de apenas uma coluna semanal, mas o grupo esbarrou na dificuldade de reunir o capital necessário. Aguinaldo Silva explicou as etapas básicas da produção de um jornal, informando que, depois de fechada a pauta, poderia ser levado ao *Jornal do Comércio* para ser impresso (SILVA, 1998, p. 271). A ideia de João Antônio Mascarenhas tornou-se possível com a experiência profissional de Aguinaldo Silva, mas o grupo precisava conseguir o capital para produzir as primeiras edições do periódico que estava sendo gestado.

Os organizadores do jornal conseguiram o dinheiro necessário para produzir o *Lampião da Esquina* por meio das relações de amizade e prestígio que possuíam, afinal eram profissionais assumidamente homossexuais e reconhecidos por notório profissionalismo.

Parte dos onze idealizadores iniciais se mobilizou para criar uma empresa de capital fixo, a “Esquina Editora de Jornais, Livros e Revistas Ltda.”, que foi a responsável pela publicação do jornal. Posteriormente, a editora também passou a publicar livros com temáticas homoeróticas, geralmente de autoria dos editores do *Lampião da Esquina*.

O dinheiro para sanar gastos como a distribuição, que chegava a cobrar 40% da receita da empresa e exigia pagamento antecipado, foi conseguido de uma forma não convencional. A solução encontrada foi “[...] arrecadar dinheiro através de uma carta endereçada a 12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil” (MACRAE, 1990, p. 71). Embora essa iniciativa nos pareça estranha, de acordo com Edward MacRae a receptividade foi muito boa e ajudou a custear a edição experimental e a edição número 1 do *Lampião da Esquina*.

O ano de 1978 não foi marcado apenas pelo apoio do general-presidente Ernesto Geisel para o general João Baptista de Oliveira Figueiredo concorrer à presidência do Brasil (BARROS, 1994, p. 89). Naquele ano, marcado pelo início de uma abertura política lenta e gradual e pela a revogação do AI-5 no mês dezembro, foi lançada a edição experimental do *Lampião da Esquina*, ou seja, a publicação de número zero, que não foi vendida nas bancas. “O *Lampião* chegou aos primeiros leitores através de uma mala direta organizada pelos editores e por uma rede de amigos” (RODRIGUES, 2010, p. 52).

Observamos, portanto, que a carta endereçada a mais de 12 mil amigos para arrecadar dinheiro para custear o jornal também serviu para identificar uma rede de contatos preliminares que poderiam consumir o jornal, pois, entre as pessoas que colaboraram financeiramente para surgimento do *Lampião da Esquina*, possivelmente, havia algumas que se interessaram pela proposta de receber mensalmente o periódico.

Dessa forma transcorreu e “O número zero do Jornal foi entregue na casa de alguns escolhidos, protegido por um envelope de papel pardo” (RODRIGUES, 2010, p. 52), isso para não comprometer os destinatários que tinham relações homoeróticas e que não se expunham publicamente. O professor Jorge Caê Rodrigues conhecia algumas pessoas envolvidas no lançamento do *Lampião da Esquina* e, por conta desse contato, recebeu a edição número zero. Ele comenta como foi receber a edição experimental do jornal: “[...] apesar do tempo, ainda é forte na minha memória a lembrança do dia no qual recebi o envelope pardo contendo o número zero do *Lampião da Esquina*. Foi uma mistura de medo, ansiedade e curiosidade” (RODRIGUES, 2014, p. 120).

O papel pardo no qual o jornal fora embalado para ser enviado aos primeiros contatos pode ser lido como discrição e sigilo dos compradores. Essa foi uma preocupação que permaneceu ao longo de toda a publicação do jornal. Inclusive nas bancas de jornal, era comum que quem comprasse o periódico solicitasse que ele fosse embrulhado em outro papel qualquer para esconder o conteúdo até que o sujeito pudesse ler o jornal longe dos olhares de curiosos ou de familiares preconceituosos.

O uso do papel pardo para embrulhar o jornal nos faz pensar em dois pontos interessantes: primeiro, a óbvia preocupação dos produtores para que o sigilo dos assinantes fosse resguardado. Em segundo lugar, a dificuldade que alguns homossexuais tinham de manter o seu relacionamento homoerótico no sigilo e na discrição. Em outras palavras, o uso do papel pardo denotava a preocupação de manter ocultos os desejos homoeróticos.

É interessante notar como a máxima “o pessoal é político” era válida para as pessoas que começaram a produzir, comprar, assinar, colaborar ou simplesmente ler o *Lampião da Esquina*. O simples ato de leitura do jornal constituía um ato eminentemente político na dimensão da individualidade: “O que diriam meus pais se encontrassem o Jornal? Será que o fato de ter um jornal gay na minha casa indicaria a minha orientação sexual ou seria visto como mais um jornal dos muitos que eu comprava?” (RODRIGUES, 2014, p. 120). Por causa desse tipo de questões, pessoas como Jorge Caê Rodrigues experimentaram o sabor agri-doce da leitura escondida do *Lampião da Esquina*, leitura que se fazia ao longo de semanas.

A princípio, na edição experimental de abril de 1978, o nome do jornal era apenas *Lampião*, justamente pelas possibilidades polissêmicas que evocava. O termo “*lampião*” trazia a lembrança do famoso cangaceiro nordestino, Virgulino Ferreira da Silva, pensado pelos fundadores do periódico como símbolo de masculinidade e macheza. Por outro lado, a palavra “*lampião*” também poderia ser compreendida pela sua caracterização material, isto é, como um objeto utilizado para iluminar lugares escuros onde não existia luz elétrica.

Os produtores do jornal pensaram nos dois significados da palavra "lâmpião" para utilizá-la como ironia no título do periódico. Esse recurso de linguagem consistia em utilizar a lembrança de um símbolo de "macheza" para nomear um jornal feito por e para "bichas", "bofes", "enrustidos" e "gays", que não eram considerados "homens de verdade" por causa de sua preferência sexual. Por outro lado, o uso do termo "lâmpião" também indicava o corajoso posicionamento daqueles homossexuais que se propunham a combater o discurso machista e preconceituoso. Por essa razão, o *Lâmpião* representou uma luz que deu visibilidade ao discurso homossexual pela perspectiva dos próprios homossexuais e não pelo viés do discurso religioso, legal ou médico.

Em 1978 já existia uma empresa registrada com o mesmo nome de *Lâmpião*, então os editores do jornal carioca se viram obrigados a modificar o nome do periódico. Por essa razão, a partir da edição número um os editores definiram o nome do jornal como *Lâmpião da Esquina*, para diferenciarem-no da outra empresa existente (TREVISAN, 2007, p. 342).

A palavra "esquina" não foi apropriada aleatoriamente somente para diferenciar as duas empresas. O termo foi escolhido porque também confirmava o caráter polissêmico que os editores queriam passar com o título do jornal. A palavra "esquina" representava o local de encontro homoerótico, visto que sujeitos homossexuais do sexo masculino ou feminino poderiam encontrar-se anonimamente sob a luz do lâmpião.

Inicialmente o jornal possuía uma tiragem de dez mil exemplares, tiragem que rapidamente subiu para quinze mil exemplares mensais (MACRAE, 1990, p. 72), e apresentava uma média de dezoito páginas por edição, as quais eram divididas em seções como: "Opinião", que era o editorial do jornal, a seção "Reportagem", na qual figuravam as principais matérias de capa e a seção "Cartas na Mesa", que era constituída por algumas cartas escritas por leitores e selecionadas para publicação. Ao longo dos três anos de existência foram incorporadas outras seções no jornal, tais como a seção "Bixórdia" e a seção "Tendências". Ao todo foram 37 publicações do *Lâmpião da Esquina*, sem contar as edições extras.

Segundo Dolores Rodriguez²⁴, o jornal produzido pela *Esquina Editora* era montado no Rio de Janeiro, onde era a redação principal: duas salas bem pequenas situadas na Rua Joaquim Silva, no bairro da Lapa (SILVA, 1998, p. 539). Naquele período, a Lapa era um

²⁴ Dolores Rodriguez apareceu como colaboradora do *Lâmpião da Esquina* a partir da edição 27 e trabalhou como *free-lance* na redação do jornal fazendo a revisão de diagramação. Além de Dolores Rodriguez, ao longo da existência do jornal houve apenas mais 12 mulheres. A colaboração feminina mais constante foi da escritora Leila Mícolis, presente em 28 edições, mas embora houvesse colaboração feminina na produção do jornal, o conselho editorial sempre foi composto apenas por homens.

bairro marginal do Rio e no qual se encontrava uma população com baixo poder aquisitivo. Era com que próximo à sede do *Lampião* houvesse áreas de prostituição de mulheres e de travestis (SILVA, 1998, p. 539). Em São Paulo, havia uma redação secundária do *Lampião da Esquina*. Esta sucursal secundária reunia e produzia parte do material enviado para o Rio de Janeiro para ser selecionado para a publicação final.

Era nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo que estavam as redações do *Lampião da Esquina*, mas o jornal possuía colaboradores espalhados em diversas localidades, tais como Campinas (SP), Brasília (DF), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS). Quanto à materialidade, ao formato tipo tabloide do jornal, isso contribuía para a redução do custo, pois esse formato correspondia à metade de um jornal tipo *standard* que normalmente era o formato utilizado pelos jornais da grande imprensa. Depois de impresso, a área total de papel de um jornal formato *standard* era de 56 por 32 centímetros e, em geral, essa medida de área correspondia a impressão de duas páginas de um jornal tamanho tabloide (MARVIN, 2015).

Embora fosse um jornal alternativo, o *Lampião* contava com uma aparência chamativa. Nas manchetes do jornal geralmente havia a predominância de duas cores, para chamar atenção dos leitores, mas o restante da publicação permanecia em preto e branco, inclusive as fotografias e ilustrações. Além disso, os textos geralmente eram longos, impressos com letras pequenas para aproveitar da melhor maneira possível o espaço e publicação (RODRIGUES, 2010, p. 57).

Após a edição número 1, o jornal procurou conseguir assinantes e anunciantes para manter-se financeiramente. Quando observamos os anunciantes e as propagandas que aparecem no *Lampião da Esquina*, percebemos que houve uma forte presença de anúncio de empresas com serviços voltados para a sociabilidade homoerótica, tais como saunas, boates e bares.

Por outro lado, embora numa frequência bem menor, também havia anúncios de tipos variados de empresas e serviços diversificados: galerias de antiguidades, anúncios de filmes, serviços de advocacia, aulas particulares e até mesmo serviços de clínica veterinária. Além da presença de anunciantes, o jornal sempre enfatizou a necessidade de o público leitor se comprometer com a produção do periódico tornando-se assinante anual. Por esta razão que sempre apareceram espaços destinados à oferta de assinatura ao longo das páginas do jornal *Lampião da Esquina*. Entretanto a forma da abordagem utilizada pelos editores do periódico nem sempre foi a mesma como podemos observar a seguir.

**Faça de
LAMPIÃO
da Esquina
o seu jornal.
Assine agora.**

Desejo receber uma assinatura anual de
LAMPIÃO da Esquina ao preço de Cr\$ 180

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora
de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal
41031 — Santa Teresa — Rio de Janeiro-RJ, CEP 20000

LAMPIÃO da Esquina

FIGURA 4. Convite para assinatura do Lampião da Esquina, edição 1.
Fonte: LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 1, maio 1978, p. 15.

**LAMPIÃO É PAU
PRA TODA OBRA**



*Um espaço aberto
às minorias.*

**LAMPIÃO
Assine agora.**

Desejo receber uma assinatura anual de
LAMPIÃO da Esquina ao preço de Cr\$ 250,00

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____

Envie cheque ou vale postal para a Esquina — Editora
de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal
41031 — Santa Teresa — Rio de Janeiro-RJ, CEP 20241

FIGURA 5. Convite de assinatura do Lampião da Esquina, edição 20.
Fonte: LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 20, jan. 1980, p. 19.

Como podemos ver nas Figuras 4 e 5, houve uma mudança na oferta de assinaturas do *Lampião da Esquina*. Nas primeiras edições, a oferta de assinatura era feita de forma simples e sem apelo visual. Do segundo ano de circulação em diante, porém, o *Lampião da Esquina* utilizou fotografias de homens em poses sensuais para incentivar a oferta de assinaturas. Será que esse recurso utilizado não indicava o direcionamento do jornal a um público específico?

O jornal afirmou que se destinava a diversos grupos socialmente discriminados — “negros, índios, mulheres” (SAINDO, 1978, p. 2), mas não deu a mesma visibilidade a todos esses grupos. Embora às vezes utilizasse fotografias de homens negros nas ofertas de assinaturas, jamais colocou a fotografia de uma mulher em pose erótica para incentivar a compra e assinatura ou mesmo para dar-lhe visibilidade no campo das relações homoeróticas. Ficava, portanto, perceptível uma hierarquização dos grupos sociais denominados por *Lampião da Esquina* como “minorias sociais”.

Na Figura 5, a oferta de assinatura informava que “*Lampião é pau pra toda obra*” e era “um espaço aberto às minorias”. Essas frases soam, entretanto, um tanto contraditórias em relação à fotografia que estampava a oferta de assinatura. A imagem utilizada destinava-se ao público mais visado pelo periódico, os homossexuais (assumidos), pois nessa oferta de assinatura não apareceram referência a outros grupos sociais como negros, mulheres, índios ou deficientes físicos.

Tendo em vista que “[...] jornais e revistas não são, na maioria das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir” (LUCA, 2008, p. 140), outro aspecto que precisamos discutir é a pauta temática do *Lampião da Esquina* e, conseqüentemente, a rede de editores e colaboradores.

O conselho editorial do *Lampião da Esquina*, na edição experimental de abril de 1978, afirmou: “[...] nós pretendemos, também, ir mais longe dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – negros, índios, mulheres” (SAINDO, 1978, p. 2). Entretanto, em nossa análise percebemos que o jornal sempre destacava os temas relacionados às práticas homoeróticas. Essa visibilidade acontecia de diferentes formas, desde a indicação de literatura até a produção de reportagens sobre as relações entre a igreja católica e a homossexualidade.

Embora a intenção inicial do *Lampião da Esquina* fosse dialogar com diferentes grupos sociais marginalizados, esse assunto não foi um ponto de consenso entre os editores do jornal. Aliás, quase não percebemos pontos de consenso absoluto entre os editores e colaboradores do jornal.

Quanto aos pontos de divergência, esses eram diversos. Das temáticas que foram pontos de discussões acaloradas nas páginas do jornal encontramos três pontos principais de discordância: as diferenças de posicionamento quanto à relação com o movimento homossexual organizado no Brasil, as divergências na representação de travestis e as diferentes posições sobre a questão de assumir ou não publicamente a homossexualidade. Por ora, esses pontos de divergências apenas ilustram a multiplicidade de tensões na produção do *Lampião da Esquina*, mas serão retomados e aprofundados nos capítulos seguintes.

A rede de colaboradores do *Lampião da Esquina* começou a se formar juntamente com a proposta de lançar o jornal. A cooperação dos colaboradores não se restringia apenas ao envio de textos e artigos para a redação, mas, em alguns casos, contava com a participação nas próprias redações do periódico. Não exploramos toda a rede de colaboradores do *Lampião da Esquina*, mas é pertinente comentarmos sobre o colaborador Alexandre Ribondi, pois sua participação ilustrou duas formas de colaboração com o jornal.

Em sua entrevista a Cláudio Roberto da Silva (1998, p. 655), Alexandre Ribondi nos conta que em 1978 teve o primeiro contato com o *Lampião da Esquina* e começou a colaborar com o jornal escrevendo artigos, publicados a partir da edição número dois em junho de 1978. Nem todas as edições do *Lampião da Esquina* publicaram os artigos enviados por Alexandre Ribondi. Sua participação enquanto articulista foi da edição número 2 ao número 12, e da edição número 24 a número 29, mas Alexandre Ribondi não colaborou apenas com artigos, visto que ele também atuava como distribuidor do jornal em Brasília, onde morava. Em suas palavras: “[...] recebia o *Lampião*, distribuía nas bancas, depois recolhia as sobras do Jornal, recolhia o dinheiro e mandava para o Aguinaldo” (SILVA, 1998, p. 655).

Além de Alexandre Ribondi, houve outros colaboradores que auxiliaram nessa mesma perspectiva. Ao todo contabilizamos 55 pessoas que colaboraram diretamente para a publicação do *Lampião da Esquina*, sem contar os editores e os fundadores do jornal. Dentre as 37 edições mensais do jornal, sem contar as edições extras e a edição experimental, houve uma média de 28 colaboradores por edição.

A maioria dos colaboradores pertencia às cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. As demais localidades representadas diretamente por colaboradores eram: Vitória (ES), Florianópolis (SC), Teresina (PI), Niterói (RJ), Porto Alegre (RS), Campo Grande (MS), Jacaréí (SP), Campinas (SP), Natal (RN), Fortaleza (CE), Salvador (BA), Curitiba (PR), João Pessoa (PB), Campina Grande (PB) e Recife (PE).²⁵

²⁵ No Apêndice 1 dispomos a relação nominal dos colaboradores do *Lampião da Esquina*, a localidade de sua procedência e as edições em que constam entre os colaboradores.

Havia uma preocupação muito grande, por parte dos fundadores do jornal, em apresentar seu reconhecimento profissional, pois logo na edição experimental já era enfatizada a atividade profissional dos organizadores do *Lampião da Esquina*, que eram apresentados no artigo intitulado “Senhores do Conselho”.

É este o Conselho Editorial de LAMPIÃO:

Adão Costa – Jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, exercendo esporadicamente as funções de tradutor (inglês-português).

Aguinaldo Silva – Jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tem dez livros publicados), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com **Opinião** desde os primeiros números, e é um dos fundadores de **Movimento**.

Antônio Chysóstomo – Jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários **shows**. É um dos mais polêmicos críticos musicais do país.

Clóvis Marques – Jornalista e tradutor, faz crítica e cinema. Subeditor do **Guia de Filmes** publicado pela Embrafilme, é correspondente, no Brasil, de *Film Dope*, de Londres.

Darcy Pentead – Artista plástico e escritor. Uma das figuras mais importantes do **front** cultural paulista, foi o primeiro intelectual brasileiro a desfaldar publicamente a bandeira da luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, **A Meta**, com histórias que abordavam esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano passado.

Francisco Bittencourt – Poeta crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção Brasil), e colabora como crítico em vários jornais.

Gasparino Damata – Jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias – **Histórias do Amor Maldito** e **Poemas do Amor Maldito** – que tinham o homossexualismo com tema.

JEAN-Claude Bernadet – Crítico de cinema, um dos teóricos do Cinema Novo, possui também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do **Opinião**, é um dos fundadores do **Movimento**.

João Antônio Mascarenhas – Advogado, jornalista e tradutor, abandonou a burocracia dos Ministérios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de “gente boa” que resultou na idéia de se publicar LAMPIÃO.

João Silvério Trevisan – Cineasta e escritor, é autor de um dos livros de contos mais elogiados do ano passado – **Testamento de Jônatas deixado a Davi**. Está escrevendo um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina.

Peter Fry – Nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas, onde está até hoje. Tem pesquisado sobre as religiões afro-brasileiras e pretende escrever sobre a sexualidade no Brasil. (SENHORES, 1978, p. 2).

O trecho acima demonstra como os organizadores do *Lampião da Esquina* tinham uma preocupação com sua apresentação pessoal. Houve maior preocupação em demonstrar o respaldo profissional de cada um dos “Senhores do Conselho” do que mostrar a trajetória de vida ou a relação entre esses sujeitos e a militância em defesa das práticas homossexuais. Em outras palavras, podemos pensar que o respaldo profissional também era utilizado como forma de legitimar o discurso do periódico. Além disso, destacamos como a apresentação dos organizadores parecia tratar-se de um grupo homossexual masculino fechado, pois não havia participação efetiva de mulheres entre os fundadores.

Na apresentação do conselho editorial, embora houvesse uma preocupação com o reconhecimento intelectual, os “senhores do conselho” escolheram utilizar uma linguagem coloquial. Esse recurso permaneceu ao longo de toda a publicação, mesmo quando houve discussões de caráter intelectualizado e político, como, por exemplo, a questão de “assumir politicamente a homossexualidade”.

Obviamente a busca de um público intelectualizado não era a preocupação central do *Lampião da Esquina* no primeiro ano de circulação. A maior preocupação era de caráter comercial e demandava a busca por um público leitor grande o suficiente para manter o jornal. Possivelmente diversas pessoas liam o jornal e, conseqüentemente, se sentiam no direito de cobrar uma representação junto ao periódico. Esse foi o caso do leitor Gide Guimarães, que escreveu ao jornal para criticar a ênfase dada para homossexuais assumidos, que, segundo o leitor, parecia ser o tipo de público visado pelo jornal:

É preciso também criar cismas, acabar com a manutenção do *status quo* de bicha assumida e erudita que não precisa de ninguém nas suas investidas intelectuais, como se lhe fossem tomar o caso. Não deixa de ser! (Taí uma das maneiras do exercício do poder). Não esqueçam que o *LAMPIÃO* também é nosso, que não entramos com o capital para sua implantação, mas que o mantemos vivo de uma maneira ou de outra. (GUIMARÃES, 1978, p. 17).

A carta de Gide Guimarães apresentou uma das representações que serão exploradas no capítulo três: a “bicha assumida”, ou “bicha pintosa”, como abordaremos posteriormente. É importante notar que a denominação utilizada por Gide Guimarães já nos fornece pistas sobre a forma como certas relações sociais eram encaradas dentro da comunidade homossexual. O fato de o leitor questionar a posição do jornal de atribuir uma importância a sujeitos identificados como “bicha assumida” demonstra os embates sobre identificação nas

relações entre homossexuais. Além disso, a cobrança do leitor Gide Guimarães deixa claro que existia uma luta por visibilidade e representação social.

No jornal, a visibilidade e a forma como representar as relações homoeróticas passavam pela seleção e organização dos editores. Entre estes sujeitos, não havia o consenso de que o jornal deveria adotar exclusivamente um único estilo de linguagem: ou estritamente culta, para legitimar as reflexões levantadas, ou abertamente coloquial preocupando-se apenas com a sociabilidade homossexual para sugerir formas de viver a sexualidade. Cada escritor e colaborador possuía o direito de articular as representações homoeróticas de acordo com as suas convicções. No caso de Alexandre Ribondi, ele firmou que preferia escolher uma posição ambígua em relação à linguagem que utilizava.

Havia de tudo nos artigos publicados no *Lampião*, artigos completamente intelectualizados – mesmo da Contracultura -, e artigos do forrobodó. Isso foi outro grande motivo de discussão dentro do Jornal, com facção e tudo! Eu gostava de ser autor dos dois! Em certos momentos gostava de escrever matéria de reflexão, mas em outros gostava de escrever para a bichinha da boate! (SILVA, 1998, p. 661).

Na fala de Alexandre Ribondi, apareceu mais uma denominação que permeava as relações homoeróticas. Quando Alexandre Ribondi disse que “[...] gostava de escrever para a bichinha da boate”, ele posicionou o tipo de temática que a “bichinha da boate” gostaria de ler em oposição à “matéria de reflexão”. As falas de Gide Guimarães e de Alexandre Ribondi evidenciavam que os sujeitos identificados como “bichinha da boate” e “bicha assumida” ocupassem uma posição inferior dentro das relações homoeróticas.

Havia, porém, autores coligidos que se preocupavam apenas com uma ou outra questão específica da comunidade homossexual. James Naylor Green se preocupava em alinhar a militância homossexual com a militância na esquerda (GREEN, 2014a). João Silvério Trevisan enfatizava a militância homossexual descompromissada com a esquerda e com a direita política (TREVISAN, 2007). Aguinaldo Silva se preocupava mais com a comercialização do *Lampião da Esquina* do que com o engajamento do periódico no movimento homossexual (SILVA, 1998). João Antônio Mascarenhas lutou pelo reconhecimento da discriminação por “orientação sexual” na Constituição Federal (HOWES, 2003, p. 303).

A união de sujeitos com diferentes preocupações sociais, políticas e culturais fez que o *Lampião da Esquina* fosse constituído com várias abordagens específicas da temática homossexual. Esses temas podiam ser percebidos rapidamente pelas capas do jornal, as quais

posteriormente foram agrupadas por Jorge Caê Rodrigues de acordo com as principais temáticas abordadas.

Em oito edições, a ‘violência’ foi o foco das reportagens; em sete, o ‘ativismo’ falou mais alto; em outras sete, a ‘questão de gênero’ teve o papel principal; em seis, o ‘comportamento sexual’ foi privilegiado; em cinco, o foco foram as ‘minorias sociais’; e em quatro, os ‘entrevistados’ foram o destaque do jornal. (RODRIGUES, 2010, p. 76).

O levantamento feito por Jorge Caê Rodrigues é um claro indício das questões que atravessavam as relações homoeróticas no período compreendido entre 1978 e 1981. Não acreditamos que o tema apontado por Jorge Caê Rodrigues como o mais recorrente, a violência, fosse apenas um artifício para vender jornal. As reportagens sobre violência e relações homoeróticas não buscavam atrelar os homossexuais à criminalidade, mas procuravam denunciar os abusos sofridos por esses sujeitos.

A partir da sistematização feita por Jorge Caê Rodrigues refletimos, nos capítulos seguintes, sobre as reportagens que abordaram a “questão de gênero”. Nesse grupo de assuntos o autor destacou sete chamadas de capa que se preocuparam com a articulação de reportagens sobre “bichas” e “os travestis”, que são o tema dos capítulos seguintes. Antes, porém, precisamos refletir sobre a perspectiva técnica do *Lampião da Esquina*, que contribuiu para dinamizar a percepção e a representação das relações homoeróticas.

1.5 DIFERENÇAS ESTABELECIDAS POR LAMPIÃO DA ESQUINA

Na edição 2 do *Lampião da Esquina* houve dois artigos que indicavam a posição assumida pelo jornal em relação ao nicho de mercado que procurava abranger. No jornal havia a seção “Esquina”, na qual havia informações sobre a sociabilidade homoerótica. É nessa seção que encontramos os artigos “No paraíso do consumo guei” e “Um novo produto na praça”, respectivamente de autoria de Paulo Sérgio Pestana e de João Silvério Trevisan.

O texto de Paulo Sérgio Pestana era uma crítica da revista *Blueboy*²⁶, considerada por ele apenas como publicação voltada para o entretenimento do público homossexual masculino. O articulista enfatizou aspectos que acreditava serem indispensáveis sobre a

²⁶ *BlueBoy* foi uma revista estadunidense que surgiu em 1974 voltada para o público homossexual masculino. Sobre a emergência e o declínio da revista *BlueBoy*, ver: RUTLEDGE, Leigh W. **The gay decades, from stonewall to the present: the people and events that shape gay lives.** New York: Plume, 1992.

revista, tais como: “**Blueboy** é uma revista que concorre na faixa do mercado norte-americano de informação e lazer para o público homossexual (**only for men**)” (PESTANA, 1978, p. 5).

Notamos que o articulista não destacou apenas o nome da publicação, como também fez questão de frisar o público a que a revista se destinava: “**only for men**”²⁷. Essa informação nos aponta as aproximações e os distanciamentos que o articulista estabelecia entre o *Lampião da Esquina* e a publicação norte-americana. Se *Blueboy* era revista destinada apenas para homens, ela contrastava diretamente com *Lampião da Esquina* em relação ao público, pois, desde o início, o *Lampião da Esquina* afirmava abranger um público diversificado, ainda que fosse perceptível uma hierarquização desses grupos sociais.

Em outro trecho, Paulo Sérgio Pestana destacou os parâmetros através dos quais ele apontou mais características da revista: “Um **slogan** revela as pretensões de **Blueboy**: ‘a revista nacional sobre homens’. Com uma diagramação sofisticadíssima, ela seduz principalmente pela aparência” (PESTANA, 1978, p. 5). Além de reforçar o público que a revista visava, o articulista também destacou um ponto forte da revista: a diagramação.

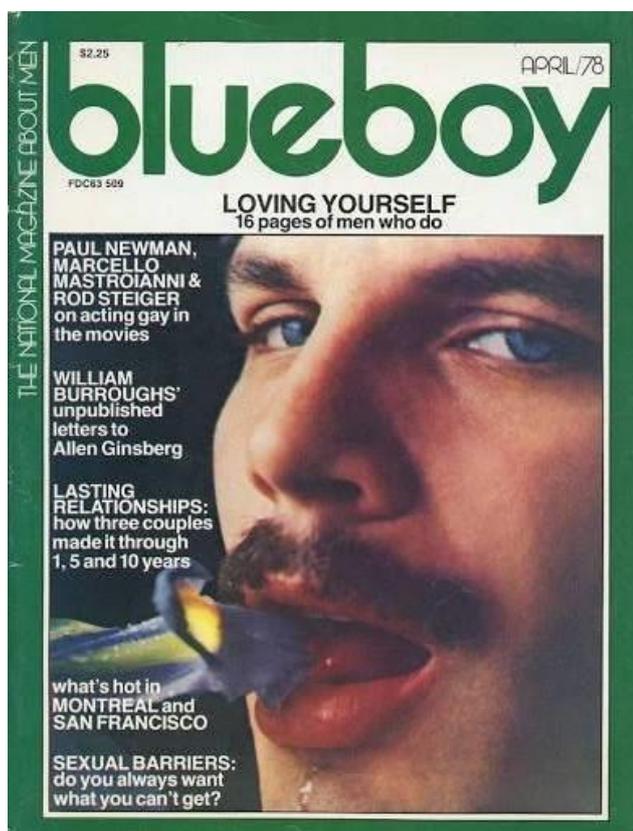


FIGURA 6. Capa digitalizada da revista *BlueBoy*, ed. abr. 1978.

Fonte: **BLUEBOY Magazine in the seventies**. Disponível em: <<https://vintagegayblog.wordpress.com/2013/04/25/blueboy-magazine-in-the-seventies/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

²⁷ Tradução nossa: “só para homens”.

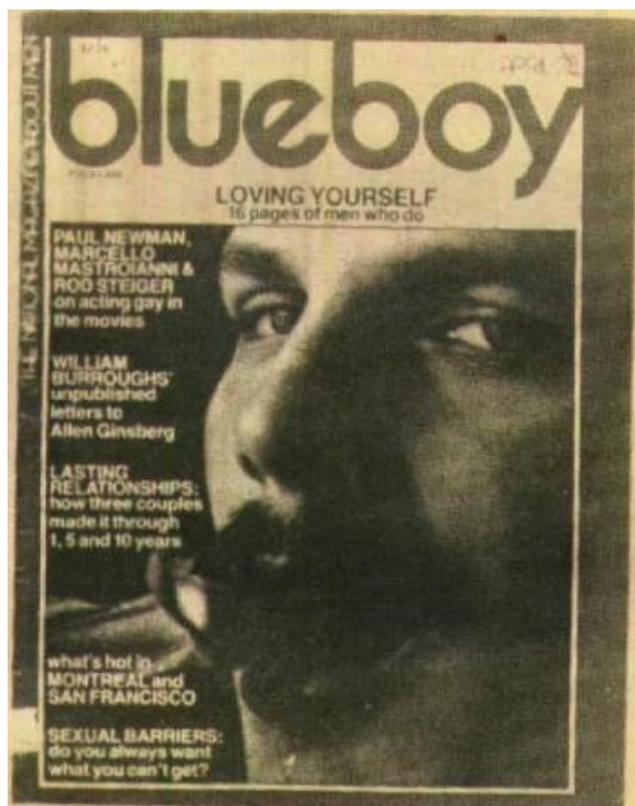


FIGURA 7. Capa da BlueBoy reproduzida no Lampião da Esquina.
 Fonte: **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 1, maio 1978, p. 5.

Podemos ver a diferença estética entre a capa da revista *Blueboy* e o Lampião da Esquina. A capa da revista norte-americana foi publicada originalmente com fotos coloridas e *designer* chamativo, além de contar com modelos que induziam ao desejo homoerótico masculino (Figura 6). Por outro lado, a forma como *Blueboy* foi reproduzida em tons de cinza no Lampião da Esquina (Figura 7) demonstrava a diferença gráfica entre as duas publicações. Embora o Lampião da Esquina também utilizasse imagens de homens para induzir a venda de exemplares, como por exemplo a oferta de assinatura da Figura 5, o periódico apostava muito mais no discurso do que na qualidade estética das imagens veiculadas.

Pensando que Paulo Sérgio Pestana apresentou *Blueboy* como uma revista de “informação e lazer” que, “[...] com uma diagramação sofisticadíssima, ela seduz principalmente pela aparência”, o autor reforçou um caráter comercial e apelativo que ele atribuiu à revista por ela valorizar a composição visual.

A diagramação e a qualidade estética eram elementos que contrastavam com Lampião da Esquina, que, nas primeiras edições, deixava clara a preferência comercial pela publicação de informações de caráter intelectual e militante. Esse caráter podia ser encontrado ao longo do Lampião da Esquina, principalmente nos posicionamentos críticos aos grupos de esquerda política. Nessas críticas os editores do jornal questionavam a esquerda política sobre o

reconhecimento das especificidades dos homossexuais. Um exemplo desse confronto foi o artigo “Estão querendo convergir. Para onde?” (TREVISAN, 1978, p. 9), de João Silvério Trevisan, que também foi publicado na edição número 2.

Paulo Sérgio Pestana ainda destacou o elemento que, segundo ele, melhor caracterizava a revista *Blueboy* e que, conseqüentemente, determinava a diferença em relação ao *Lampião da Esquina*: “[...] talvez o que melhor caracteriza essa revista é o tipo de anunciantes que ela atrai e as novas necessidades especificamente gays que estes criam” (PESTANA, 1978, p. 5). Ao final, ele ainda ressaltou: “Ah, sim, a seção de fotos de nus acaba por ser a mais inocente da revista; não tem nada mais que fotos de nus” (PESTANA, 1978, p. 5).

Pelos enunciados que destacamos das fontes, observamos como Paulo Sérgio Pestana construiu uma relação de diferença entre *Lampião da Esquina* e a revista *Blueboy*. Pois o articulista ironizou a revista norte-americana quando afirmou que a sessão de fotos “não tem nada mais que fotos de nus”, como se a revista não tivesse nada a oferecer além de pornografia masculina para entreter a comunidade homossexual masculina.

O *Lampião da Esquina* já havia se posicionado sobre a publicação de nus masculinos logo na edição experimental, quando a leitora Eliza Doolittle perguntou sobre a possibilidade de haver fotos de homens nus no periódico: “[...] quanto às fotos de rapazes nus, não é o nosso gênero: LAMPIÃO acha que ninguém, nem mesmo Pedrinho Aquinagua, deve ser tratado como objeto sexual” (HOMENS, 1978, p. 14).

Os elementos destacados da publicação norte-americana eram contrapostos de modo bem explícito às intenções iniciais do *Lampião da Esquina*. Compreendemos, portanto, que essa oposição indicava a necessidade de o periódico se diferenciar não apenas da imprensa alternativa no Brasil, mas de demarcar sua perspectiva singular em relação às publicações estrangeiras voltadas para um público majoritariamente homossexual.

Ainda na edição número 2, no artigo intitulado “Um produto novo na praça” (TREVISAN, 1978, p. 5), João Silvério Trevisan refletiu sobre a transformação dos sujeitos homossexuais em consumidores de produtos específicos. Isto é, questionava a forma como as pessoas homossexuais estavam sendo compreendidas enquanto um nicho mercadológico. Ele abordou tanto a oferta de produtos e serviços oferecidos para o público homossexual quanto a abordagem das relações homossexuais em produções culturais, filmes, *shows* e peças teatrais.

Segundo João Silvério Trevisan (1978, p. 5; 2007, p. 294), na temporada paulistana de teatro do primeiro semestre de 1978, das 25 peças em cartaz, onze delas tratavam do tema

homossexual. Afinal, a partir de meados dos anos 1970 o desejo homoerótico já havia começado a aparecer timidamente nas capas de revistas de circulação nacional no Brasil.

Um exemplo sobre como a grande imprensa no Brasil começava a abordar as relações homoeróticas podia ser visto através da matéria “O poder homossexual”, publicada na revista *IstoÉ*, na edição número 28, em dezembro de 1977, cuja capa era ilustrada por duas mãos masculinas entrelaçadas (ASSIS; FACCHINI 2009, p. 79).

No mínimo é interessante notar como, na década de 1970, em pleno regime civil-militar, foram sendo constituídos elementos que, implícita e explicitamente, serviram para influenciar a produção do *Lampião da Esquina*. Não foi só a visibilidade através de peças de teatro e da capa da revista *IstoÉ*. Também podemos considerar que as estéticas performáticas de artistas como Ney Matogrosso e do grupo Dzi Croquetes ilustraram uma transformação cultural que convergia para as temáticas levantadas nas páginas do *Lampião da Esquina*.

Nos anos 1970 surgiu no Brasil um grupo teatral que embaralhou os padrões de gênero masculino e feminino, os Dzi Croquetes. Segundo João Silvério Trevisan (2007, p. 288), esse grupo se inspirou no grupo estadunidense *The Cockettes*, cujo nome era derivado da denominação popular para o falo masculino. Croquetes seria a forma abasileirada de *Cokettes*, algo como “caralhetes”. Além disso, a expressão “croquete” era um dos termos correntes para designar popularmente o pênis (TREVISAN, 2007, p. 288).

O grupo Dzi Croquetes apostava na ambiguidade de seu nome — uma ambiguidade que era expressa pelas *performances* do grupo e que apresentava traços de outras identificações homoeróticas emergentes na década de 1970, como os *gender fuckers* estadunidenses²⁸.

Nas *performances* do grupo Dzi Croquetes, “[...] homens de bigode e barba apresentavam-se com vestes femininas e cílios postiços, usando meias de futebol com sapatos de salto alto e sutiãs em peitos peludos” (TREVISAN, 2007, p. 288). Em termos práticos, essas *performances* constituíam um tipo de questionamento da moral sexual e das relações de gênero, isso principalmente se considerarmos a moral conservadora que os defensores do regime civil-militar pensavam das relações homoeróticas. Em suma, aquelas *performances* não colocavam em xeque apenas os papéis sexuais, mas também a própria compreensão sobre masculinidade.

²⁸ *Gender fuckers* traduzido como “fodedor de gêneros” ou “rompe gêneros”. Era o nome dado nos anos 1970 aos homens homossexuais de São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos, que se vestiam com roupas e maquiagens femininas mas deixavam à mostra traços de masculinidade como barba e pelos no peito. (TREVISAN, 2007, p. 288). É possível haver uma aproximação dos *gender fuckers* com as discussões políticas levantadas pela Teoria Queer, mas abordaremos essa discussão posteriormente, no capítulo III.

Na esfera do homoerotismo, aquelas *performances* agregaram ambiguidade às práticas de homossexuais do sexo masculino no Brasil. Até a década de 1950, as relações homoeróticas eram marcadas pela díade bicha/bofe e, nos anos 1960, essa díade passou a coexistir com a identidade do “entendido”. A partir da década de 1970, as *performances* do grupo Dzi Croquetes ilustravam também a diluição da reprodução dos papéis sexuais dentro das relações homoeróticas. A “bicha pintosa”, o “bofe” e o “enrustido” estavam cedendo espaço para outras identificações, como bichas e travestis, que poderiam ou não expressar trejeitos efeminados sem obrigatoriamente ocultar seus atributos físicos masculinos.

Pensando na ambiguidade presente nas *performances* do Dzi Croquetes e considerando o Lampião da Esquina, verificamos que a ambiguidade se materializava por meio da linguagem empregada no Jornal: “[...] a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual” (TREVISAN, 2007, p. 339). Em outras palavras, consideramos que uma linguagem desmunhecada se referia à apropriação das expressões coloquiais popularmente utilizadas por homossexuais assumidos.

Notadamente, a produção homossexual estrangeira e a contestação cultural dos anos 1970, como as *performances* de Dzi Croquetes, foram elementos que precederam a publicação do Lampião da Esquina e, portanto, constituíam seu contexto de emergência e influenciaram sua postura. Por outro lado, também é necessário considerar outros elementos presentes na condição de emergência do Lampião da Esquina como, por exemplo, a relevância da “rebelião de Stonewall”, de 1969, para as relações homoeróticas no Brasil.

Resumidamente, a “rebelião de Stonewall” foi uma reação de gays, travestis e lésbicas contra uma batida policial ocorrida no dia 28 de junho de 1969 no bar Stonewall Inn, em Greenwich Village, estado de Nova York, nos Estados Unidos. A reação contra a polícia ocorreu por causa das constantes repressões policiais contra homossexuais e marcou a ascensão de um movimento homossexual organizado nos Estados Unidos.²⁹

Não visamos esmiuçar o acontecimento de Stonewall Inn. Só pretendemos pontuar o distanciamento que o movimento homossexual no Brasil tomou em relação ao movimento gay americano. Enquanto que, no contexto americano, o marco da organização homossexual se deu com a rebelião de Stonewall e contou com a participação de sujeitos que já frequentavam os espaços de sociabilidade homoerótica (D’EMÍLIO, 1983), no Brasil os marcos de referência foram outros completamente diferentes — praticamente diametralmente opostos.

²⁹ Para saber mais sobre a “rebelião de Stonewall” e o movimento homossexual nos Estados Unidos, é primordial consultar: D’EMÍLIO, John. **Sexual politics, sexual communities (the making of a homosexual minority in the United States 1940-1970)**. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

Há que considerar primeiro que, no Brasil, as relações entre pessoas do mesmo sexo nunca foram consideradas ilegais perante a Constituição. Em segundo lugar, é preciso considerar que o acontecimento apontado como início do movimento homossexual no Brasil foi justamente a fundação do *Lampião da Esquina*. Ou seja, nos Estados Unidos homossexuais anônimos se organizaram para defender um seu espaço de sociabilidade. No Brasil esse espaço de sociabilidade estava se tornando visível com a emergência do *Lampião da Esquina*, mas ocorria num sentido hierárquico, porque as primeiras vozes a serem ouvidas eram as dos editores do jornal: “gueis”, brancos, profissionalmente reconhecidos e de pleno acordo com seu sexo biológico. Além disso, não havia grupos homossexuais organizados até o surgimento do *Lampião*.

Lampião da Esquina pode ser lido como um exemplo de como parte da visibilidade homossexual organizado no Brasil surgiu a certa distância dos homossexuais. O jornal denunciou as violências contra homossexuais e incitou uma identificação em seu público leitor através de artigo sobre assumir-se politicamente homossexual. Entretanto, as representações homoeróticas que apareciam no periódico eram mais o que um grupo de editores homossexuais estabelecia sobre as relações homoeróticas do que a apresentação dessas relações tais quais os próprios homossexuais anônimos vivenciavam. Apenas na seção *Cartas na Mesa* os leitores podiam exercer um diálogo com o jornal e com outros leitores, mas somente depois de suas cartas serem selecionadas e organizadas de acordo com os critérios do jornal. Nesse sentido, estava visível a distância entre leitores e editores do *Lampião da Esquina*, bem como a distância entre o movimento gay estadunidense e o brasileiro.

O jornal sempre divulgava livros através das seções “Literatura” e “Tendências”. Essa divulgação propagandeava as obras dos editores, tais como os livros de Aguinaldo Silva e de João Silvério Trevisan. Também havia outras divulgações como, por exemplo, o livro *História da Sexualidade: a vontade de saber*, de Michel Foucault, e o livro *A Contestação Homossexual*, de Guy Hocquenghem, respectivamente, nas edições de número 3 e 37.

Mas nem só de intelectualidade eram feitas as matérias publicadas no jornal. Também havia “roteiros turísticos” listando locais de sociabilidade homoerótica, tais como a Praça Tiradentes em São Paulo, a Cinelândia no centro do Rio de Janeiro e a “Bolsa de Valores” em Copacabana³⁰.

³⁰ “Em meados da década de 1950, os homossexuais haviam ocupado uma área em frente ao hotel Copacabana Palace por eles denominada de “bolsa de valores”, referindo-se à qualidade dos encontros e flertes homossexuais que ocorriam naquele espaço” (GREEN, 2000, p. 263).

Se, por um lado, havia uma distância entre as afirmações no *Lampião da Esquina* e a experiência de vida dos editores e colaboradores, isso não significou a total separação entre discurso e prática. O posicionamento assumido por *Lampião da Esquina*, em dar visibilidade às relações homoeróticas, marcou o periódico muito além do incentivo para os homossexuais assumirem politicamente o seu prazer como estilo de vida. Como descrevemos na próxima subseção, o jornal também foi alvo de um inquérito que perscrutou até mesmo os livros de contabilidade em busca de irregularidades para justificar o seu fechamento.

1.6 NA MIRA DA “MORAL E DOS BONS COSTUMES”



FIGURA 8. Capa da edição experimental do *Lampião*.
Fonte: *LAMPÃO*. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, abr. 1978.

Para compreendermos como o *Lampião da Esquina* se tornou alvo de repressão, começamos analisando os significados presentes na capa da edição experimental do periódico. Nessa capa os elementos apresentados indicam o contexto das pressões que o jornal sofreu.

(1) Na parte superior do periódico está o nome do jornal “LAMPIÃO”, escrito todo em letras maiúsculas na cor vermelha sob um fundo branco.

(2) Na extremidade superior, na lateral esquerda, percebemos a marca do jornal, o logotipo. Composto por figuras geométricas que formavam o perfil estilizado do rosto de um cangaceiro nordestino e que também denotavam, simplificada, os órgãos sexuais masculinos.

(3) A chamada das três matérias principais a serem abordadas naquela edição: “Homo eróticos – Um ensaio de DARCY PENTEADO”, “CELSO CURI processado. Mas qual o crime deste rapaz?” e “Uma noite no cinema Iris”. Em segundo plano aparecem, em letras menores, algumas das outras matérias em menor destaque naquela edição: “Duelo de machões – Nureyev VS Cássius Clay” e “Exclusivo Garcia Lorca também assume”.

(4) No meio da capa foram apresentadas três imagens: duas de um rosto masculino em diferentes ângulos e a imagem frontal de um homem fumando um cigarro.

(5) Na parte inferior do jornal apareciam os nomes de alguns colaboradores daquela edição, respectivamente: João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Iaponi Araújo, Aguinaldo Silva, Gasparino Damata, Clóvis Marques, Adão Acosta e João Antônio Mascarenhas.

O item 3 apresenta algumas das matérias abordadas nessa edição experimental, mas uma matéria era destacada: “CELSO CURI processado. Mas qual o crime deste rapaz?”. Escolhemos essa matéria como assunto principal para analisar nesta subseção porque estava ligada tanto à proposta do jornal quanto às razões da repressão que o periódico sofreu.

O assunto dessa manchete indicava um inquérito policial aberto contra Celso Curi. Apenas pelas informações prestadas na Figura 8 não podemos fazer outras afirmações, a não ser que uma das imagens citadas no item 4 se referisse diretamente a Celso Curi (a imagem frontal de um homem fumando cigarro).

As imagens apresentadas na capa da edição número zero não visavam apenas identificar quem era Celso Curi, mas mostrar o perfil de um sujeito de acordo com a proposta do periódico. Nesse sentido, percebemos que a pose do rapaz, com as mãos na cintura e o cigarro na boca, denotava certo aspecto erótico à capa do jornal. Além disso, a pose de Celso Curi reforçava a ideia do estereótipo de um “homem verdadeiro”, um “machão”, que lembrava os “bofes” que não se identificavam como “bichas”, mas que nem por isso deixavam de ter suas relações homoeróticas.

Esse aspecto erótico ainda era reforçado com a manchete “Homo eróticos – Um ensaio de DARCY PENTEADO”, que dava a entender a presença de um debate sobre erotismo

naquela edição do jornal. Entretanto, a matéria de Darcy Penteadado falava apenas da arte erótica no Brasil ou, mais especificamente, sobre alguns de seus trabalhos sobre arte homoerótica não reconhecidos pela crítica artística brasileira.

O título do artigo de Darcy Penteadado ilustrava a ousadia do Lampião da Esquina em discutir temas que podiam ser considerados tabus, isto é, o homoerotismo masculino. Essa era a intenção do jornal, pois, ao enfatizar, na edição experimental, o processo levantado contra Celso Curi, questionando a legitimidade da acusação feita contra esse jornalista, o jornal apresentava seu posicionamento crítico em relação ao regime civil-militar da época.

É preciso sublinhar que a cor vermelha, escolhida para dar destaque às manchetes na edição experimental, não era aleatória. O jornal queria discutir temas considerados tabus pelos defensores do regime civil-militar, tais como o “homossexualismo”, a “masturbação” e o “aborto”. Nesse sentido, a cor vermelha foi utilizada para destacar questões sociais invisibilizadas, ou seja, significava o calor da luta social de sujeitos marginalizados socialmente e que buscavam seus direitos civis.

Poderíamos supor que o uso da cor vermelha designasse alguma ligação do jornal com grupos políticos de esquerda que eram sufocados pelo regime civil-militar, como, por exemplo, o Movimento da Convergência Socialista, mas essa inferência não se sustenta porque o jornal apresentou críticas tanto ao governo quanto aos grupos de esquerda.

A cor vermelha representava a coragem, a paixão e a ousadia dos editores. Ela traduzia dois compromissos assumidos pelo jornal: discutir temas invisibilizados e valorizar a discussão da sexualidade. Em outras palavras, a cor vermelha indicava o duplo posicionamento crítico: a oposição ao regime civil-militar e o questionamento às posições das esquerdas políticas. Após a edição número zero, nos números seguintes, em cada capa houve o uso de uma cor diferente para dar destaque às manchetes do periódico, mas apenas na edição experimental a cor vermelha foi utilizada com aquela ênfase política.

A data de lançamento da edição experimental também é relevante. Foi no ano de 1978 que a opressão e a censura do regime civil-militar começaram a apresentar sinais de abrandamento durante o governo de Ernesto Geisel. Era um abrandamento que podia ser lido como uma transição de volta para a democracia no cenário político brasileiro, mas de modo que não afetasse tanto os grupos hegemônicos (MACIEL, 1999).

Como o Lampião da Esquina emergiu num período marcado pelo regime civil-militar, não surpreende que houvesse sofrido repressão. A perseguição ao periódico começou por conta da manchete principal publicada na edição experimental: o caso de Celso Curi.

Desde agosto de 1978, o jornal já recebia a acusação de ter atentado contra a moral e os bons costumes. Essa situação se formalizou por meio de um inquérito policial solicitado pelo Ministério da Justiça. Segundo Trevisan (2007, p. 346), o motivo que originou a acusação foi a matéria que ele escreveu sobre o jornalista Celso Curi e publicada na edição número zero.

No intuito de fechar o jornal, a Polícia Federal solicitou os livros contábeis da Esquina Editora, empresa responsável pela publicação do jornal, para procurar irregularidades com a receita. Contudo, não foram encontradas irregularidades contábeis ou fiscais. Em meados de 1979, o inquérito policial foi arquivado porque não houve elementos suficientes para instaurar um processo judicial contra o Lampião da Esquina. Entretanto permanece uma questão: —Por que a reportagem sobre Celso Curi despertou a preocupação dos órgãos oficiais do governo responsáveis pela censura?

Segundo a edição experimental do Lampião da Esquina, Celso Curi era um jornalista que trabalhava no jornal *A Última Hora*, de São Paulo. Ele criou uma coluna chamada “Coluna do meio”, na qual constantemente abordava as relações homoeróticas. Ele chegou a divulgar um “correio elegante” com cartas de leitores homossexuais que procuravam se relacionar com outros homossexuais. Por causa disso, o trabalho de Celso Curi ganhou tanta visibilidade, a ponto de que aumentou consideravelmente a quantidade de cartas que *A Última Hora* recebia diariamente.

É claro que a temática abordada por Celso Curi, um homossexual assumido, não estava de acordo com a tendência conservadora do regime civil-militar e tampouco correspondia à moral e aos bons costumes das elites tradicionais da sociedade brasileira. Então foi aberto inquérito contra o jornalista por incursão no artigo 17 da Lei de Imprensa, que era a acusação de “[...] ofender a moral e os bons costumes”. Por conta disso, o jornal *A Última Hora* demitiu o jornalista Celso Curi em novembro de 1977, fazendo-o sob a alegação de “contenção de despesas” (TREVISAN, 1978, p. 6). Somente em 1979 é que Celso Curi foi absolvido e o inquérito contra ele foi arquivado.

Na edição experimental, o conselho editorial do Lampião da Esquina tomou partido na defesa de Celso Curi, mas só na edição número 5, publicada em outubro de 1978, o jornal informava a seus leitores que, desde agosto daquele ano, já vinha sofrendo pressões policiais (RODRIGUES, 2014, p. 106; TREVISAN, 2007, p. 346). Uma vez que os editores do Lampião eram homossexuais assumidos, fica claro que o enquadramento do periódico no artigo 17 da Lei de Imprensa visava coibir a visibilidade que o jornal proporcionava às relações homoeróticas.

Os editores do *Lampião da Esquina* receberam uma carta oficial da Polícia Federal, notificando a instauração do inquérito. Os editores eram identificados como “[...] pessoas que sofriam de graves problemas comportamentais” (TREVISAN, 2007, p. 346). A denominação utilizada para notificar os editores do *Lampião da Esquina* atrelava as relações homoeróticas desses sujeitos a um perfil patológico, pois, naquele período, a Classificação Internacional de Doenças ainda identificava o “homossexualismo” como “desvio e transtornos sexuais”.

Acompanhamos que ao longo das edições, o jornal foi apresentando aos leitores a situação do inquérito instaurado. Na edição número 9, em fevereiro de 1979, a manchete principal do jornal foi justamente “MORAL E BONS COSTUMES?” e colocou em discussão a noção de moral através de entrevistas curtas com pessoas anônimas e algumas celebridades. Em outras edições, como as de número 13 e 15, respectivamente dos meses junho e agosto de 1979, o jornal apenas manteve o leitor informado sobre o andamento do inquérito.

Foi somente na edição de número 18, em novembro de 1979, que o jornal estampou a manchete: “Justiça arquiva inquérito contra *Lampião*” e discorreu sobre as pressões sofridas ao longo dos doze meses de inquérito no qual a Polícia Federal enfatizava a firme determinação de acabar com o jornal.

A resolução do inquérito contra o *Lampião* deu-se quando o processo chegou à Brasília e o então ministro da justiça, Petrônio Portella, pediu um relatório completo sobre o caso. A Justiça decidiu-se pelo arquivamento do inquérito, levando em conta o parecer do procurador da república, Sérgio Ribeiro da Costa, sobre o *Lampião da Esquina*: “[...] no caso em exame, a publicação inquinada de ofender a moral pública pode ofender a moral de alguém, mas não de todos. Portanto é relativo e não absoluto o conceito de moral daquele que condena essas publicações” (SILVA, 1979, p. 2).

Apesar de doze meses de pressões, João Antônio Mascarenhas levantou alguns pontos positivos que emergiram com a instauração do inquérito contra o *Lampião da Esquina*: visibilidade — as notícias sobre o processo apareceram em importantes jornais brasileiros e muitas pessoas souberam da existência do jornal; aumento da circulação do *Lampião*; reconhecimento — ser processado significava que o governo julgava que o jornal tinha relevância suficiente para ser combatido; e, por fim, o processo contra o *Lampião* permitiu a constituição de uma rede de apoio, já que, naquele período, a Associação Brasileira de Imprensa se posicionou em defesa do *Lampião da Esquina* (HOWES, 2003, p. 296).

2 TENSÕES NA DINÂMICA DO LAMPIÃO DA ESQUINA

No capítulo anterior observamos aspectos relevantes que influenciaram o posicionamento e a linguagem adotada pelo Lampião da Esquina. A linguagem ambígua e irônica seguia o mesmo sentido das *performances* de artistas como Ney Matogrosso e do grupo Dzi Croquetes, ou seja, buscavam diluir o binarismo de gênero³¹ para evidenciá-lo como uma *performance*. Também observamos que o Lampião da Esquina apresentou características singulares, como a dupla oposição, ao regime civil-militar e aos grupos de esquerda política, como o Movimento Convergência Socialista.

Neste capítulo aprofundamos as relações estabelecidas por Lampião da Esquina, para isso analisando os pontos de tensão na composição do jornal. O primeiro aspecto em que centramos a nossa atenção diz respeito à forma como o Lampião da Esquina utilizou entrevistas para se apropriar das falas de artistas e de intelectuais sobre a representação das relações homoeróticas.

A partir disso, analisamos, num segundo momento, a construção da identificação dos leitores para com o jornal por meio da seção Opinião e, principalmente, da seção Cartas na Mesa. Como o processo de identificação foi marcado por diversas tensões, também exploramos os embates dentro do Lampião da Esquina e as relações entre o periódico e o movimento homossexual emergente na década de 1970.

2.1 APROPRIAÇÃO DE ARTISTAS PELO LAMPIÃO DA ESQUINA

O universo documental de que dispomos para análise é muito amplo, somando um total de 41 publicações, as quais são organizadas em: 37 edições mensais, 3 edições extras e uma edição experimental. Isso contabiliza 760 páginas de fonte para analisar. Por esse motivo efetuamos um recorte metodológico no *corpus* documental.

Optamos por trabalhar nesta seção as edições publicadas no primeiro ano do jornal, de maio de 1978 a abril de 1979, para mostrarmos com profundidade as configurações iniciais do

³¹ Utilizamos a expressão binarismo de gênero para criticar concepção de identidade de gênero como essência natural dos sujeitos. Portanto, nos baseamos na definição da categoria gênero segundo Joan Scott. Ou seja, “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Apenas a partir dessa concepção é que consideramos a performatividade de gênero enfatizada por Judith Butler (2003).

Lampião da Esquina, ou seja, mostrarmos que, desde o início, o jornal se estabeleceu pela dinâmica da tensão envolvendo editores e leitores. Optamos por trabalhar, nesta seção, o primeiro ano de circulação do jornal porque foi nesse período que os editores enfatizaram com mais intensidade a construção de uma identificação homossexual.

Como exploramos a fase inicial do Lampião da Esquina, escolhemos as entrevistas publicadas no primeiro ano porque elas nos mostram a forma como o Lampião da Esquina abordava as identificações homossexuais durante a constituição de seu público leitor. Além disso apreendemos a tensão entre as posições de editores e entrevistadores a respeito da identificação com práticas homoeróticas efeminadas.

Ao todo foram publicadas 80 matérias com entrevistas. Nelas aparecem entrevistas de sujeitos anônimos, de personalidades públicas e de grupos militantes. Só no primeiro ano de circulação foram 31 matérias produzidas a partir de entrevistas; no segundo ano foram 27 e, na última fase do jornal, foram 22 matérias. Do conjunto de entrevistas no período inicial, procuramos analisar somente as entrevistas realizadas com personalidades públicas. Outro critério de seleção foi a escolha de entrevistados que estivessem ligados diretamente ao meio homossexual.

Se o Lampião da Esquina enfatizou as implicações decorrentes de os sujeitos assumirem publicamente a sua sexualidade, então ele procurou apresentar um discurso positivo sobre as práticas homoeróticas. Nesse sentido, pela análise das entrevistas observamos, detalhadamente, que aspectos os entrevistadores — que, em geral, eram os “senhores do conselho” — buscavam explorar nas falas das pessoas entrevistadas para estabelecer relações positivas com as práticas homoeróticas.

Podemos pensar que a publicação de entrevistas com artistas conhecidos fosse uma estratégia do jornal para conquistar um público leitor, mas as entrevistas também indicavam como as práticas homoeróticas eram pensadas em diferentes perspectivas por héteros ou por homossexuais. Entre maio de 1978 e abril de 1979 foram publicadas sete entrevistas com personalidades nacionais e estrangeiras nas páginas do Lampião da Esquina. Dessas publicações, analisamos seis entrevistas que mostravam diretamente as apropriações que o jornal realizou, em relação às representações homoeróticas, nas falas dos entrevistados.

Nem todas as entrevistas discorreram exclusivamente sobre o chamado homossexualismo, mas todas tangenciavam esse aspecto em alguma medida. Essa evidência reitera a preocupação dos “senhores do conselho” com a discussão prioritária da homossexualidade.

A primeira entrevista publicada no *Lampião da Esquina* foi feita com Lennie Dale e apareceu na edição número 2, com o título “De presidiário a Dzi Croquete – Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: — Eu sou muito tihoso” (DE PRESIDÁRIO, 1978, p. 6). Essa entrevista foi realizada por Francisco Bittencourt, Antônio Chrysóstomo e João Antônio Mascarenhas em seu apartamento no Rio de Janeiro.

A entrevista com Lennie Dale não foi feita pelos colaboradores do jornal, mas, sim, por três dos onze editores do conselho editorial do *Lampião da Esquina*. Por esta razão, compreendemos que as questões suscitadas sobre as práticas homoeróticas demonstravam diretamente a preocupação do jornal.

Lenni Dale pertencia ao grupo artístico Dzi Croquettes, que fez enorme sucesso no início dos anos 1970 criticando o binarismo de gênero e as instituições que fortaleciam essas demarcações, como, por exemplo, a família nuclear. A entrevista com Lennie Dale levantou alguns aspectos biográficos sobre ele, tais como sua origem, formação profissional e a vinda para o Brasil a trabalho, que o levou a participar do grupo Dzi Croquettes, grupo no qual se tornou o coreógrafo. Para o entrevistado, os treze homens que formavam o grupo Dzi Croquettes se organizavam como uma família. Lennie Dale cumpria o papel de pai, pois, como coreógrafo do grupo, ele era responsável por distribuir as tarefas. A figura da mãe do grupo era Wagner Ribeiro, que desempenhava a função de acolher todos os integrantes, que eram vistos como os filhos (CHAVES, 2016, p. 7).

A descontração e a informalidade marcaram a tônica da entrevista, na qual os entrevistadores destacaram alguns elementos: atuação profissional de Lennie Dale na dança, o grupo Dzi Croquettes, a formação de um movimento homossexual no Brasil e o preconceito sofrido por orientação sexual e por *performance* de gênero. Contudo, a pauta mais enfatizada foi a área da sexualidade sobre as preferências sexuais e a tensão nas formas de expressar a sexualidade, que contou com toda a irreverência de Lennie Dale — era uma irreverência própria de alguém assumidamente homossexual e totalmente confortável com a sua sexualidade.

Durante a entrevista, Lennie Dale disse que já foi apaixonado por uma mulher, Marisa Urban, então o entrevistador Francisco Bittencourt questionou: “É, mas a Marisa Urban é mulher bicha, que gosta de transar bicha, não é?” (DE PRESIDÁRIO, 1978, p. 6). Foi essa pergunta que gerou uma suave divergência entre entrevistadores e entrevistado.

Lennie – Bom, eu já fui louco pela Marisa Urban. Se ela é mulher da alta sociedade...

Francisco – Você já transou com ela?

Lennie – Bom, eu não estou falando só de sexo. Eu já fiquei apaixonado pela Marisa Urban, pela Betty Faria.

Francisco – É, mas a Marisa Urban é mulher bicha, que gosta de transar bicha, não é?

Lennie – É sim. Mas eu acho que hoje em dia não tem essa coisa de bicha. O que é bicha hoje em dia?

Chrysóstomo – É como as pessoas dizem, uai! Uma palavra como outra qualquer, de que a gente não pode ter medo: bicha!

João Antônio – Segundo o consenso geral, existe bicha.

Lennie – Mas isso é um diálogo tão antigo! Essa separação de bichas com homens. Existem coisas mais novas, mais atuais. Bem, se eu sou considerado bicha, vocês então fazendo a entrevista com a pessoa errada.

Chrysóstomo – Mas acontece o seguinte: os homossexuais, até por deboche, pra bagunçar o coreto de quem fala, devem dizer que são bichas. Acho uma palavra ótima, muito engraçada. Qual seria, por exemplo, o coletivo de bicha? Uma grossa de bichas? Manada? Vara? Rebanho?

Lennie – Mas essa palavra é tão completamente antiga!

Chrysóstomo – Taí, não é não. Nem foi explorada em todas as suas implicações gramaticais e semânticas... (Risos, tumulto. Discute-se o significado da palavra bicha).

Lennie – Por exemplo: o Mário Gomes é bicha? Não, claro que não é. Mas ele deve fazer muito gostoso, não é? Tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?

Chrysóstomo – Claro que não. Mas as pessoas falam. É o consenso do falatório do país.

Lennie – É mais complicado. Tem os travestis, tem as bichinhas, tem os homossexuais. Tudo muito diferente um do outro.

Chrysóstomo – Em que categoria você se enquadra?

Lennie – Eu faço sexo com tudo o que me dá vontade de fazer. (DE PRESIDÁRIO, 1978, p. 6).

Como observamos no trecho da entrevista, a posição de Lennie Dale não valorizava a categorização de sujeitos e ainda questionava o posicionamento de seus entrevistadores. Por outro lado, ficou nítida a preocupação dos editores do *Lampião da Esquina* em problematizar a identificação através da denominação “bicha”.

A fala “Os homossexuais, até por deboche, pra bagunçar o coreto de quem fala, devem dizer que são bichas!”, do Antônio Chrysóstomo, era uma fala imperativa, quase uma ordem. Essa fala colocava a necessidade de assumir a identidade de “bicha” para desestabilizar posições contrárias às relações homoeróticas. Em outras palavras, a posição dos editores denotava um enquadramento quase forçado dos sujeitos homossexuais sob a denominação de “bicha”.

No trecho citado ficou explícita a intenção dos editores de valorizar uma identificação coletiva com o termo “bicha”, limitando que a concepção de homossexualismo fosse diferente da que constava no código 302.0 da CID. Afinal, como afirmou João Antônio Mascarenhas, “[...] segundo o consenso geral, existe bicha”, ou seja, era uma realidade a existência de

pessoas que desejavam afetiva e sexualmente pessoas do mesmo sexo, mesmo que esse desejo fosse interpretado pelo discurso médico como uma patologia e pelo discurso religioso como uma abominação.

Embora a denominação “bicha” ilustrasse um estereótipo, ela era “[...] uma palavra como outra qualquer, de que a gente não pode ter medo: bicha!”. Ou seja, era um discurso incitando assumir a identidade homossexual, pessoal e coletivamente.

Uma questão presente na entrevista de Lennie Dale é fundamental, qual seja, a construção das representações homoeróticas: “[...] tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?”. Essa pergunta feita por Lennie Dale colocava em xeque a reprodução dos papéis sexuais heterossexuais nas relações homoeróticas. Na década de 1970 já havia surgido a figura do homossexual “entendido”, mas as relações pautadas no modelo bicha/bofe ainda estavam muito presentes naquele período. É isso que entendemos quando Antônio Chrysóstomo afirmou que era o “consenso do falatório do país”.

“Tem de dar pra ser bicha? Só bicha dá?” não era um questionamento que apenas dizia respeito às posições sexuais assumidas durante uma relação sexual, mas retirava a identidade de “bicha” de um lugar inferior ao “bofe”, pois, com a emergência da figura do homossexual “entendido”, as relações homoeróticas já não eram calcificadas na distinção entre bofe/bicha ou ativo/passivo. Afinal, como Lennie Dale disse, “[...] tem os travestis, tem as bichinhas, tem os homossexuais. Tudo muito diferente um do outro”, três representações homoeróticas que procuramos compreender como são construídas através do Lampião da Esquina.

Ainda na edição número 2, o jornal publicou outra entrevista importante para a construção de uma identificação com os leitores e procurava discutir pontos necessários a respeito da visibilidade homossexual, tais como: movimentação organizada, relação com outras publicações e a experiência de *coming out*. James Lavender e João Silvério Trevisan entrevistaram Winston Leyland e a preocupação nessa entrevista era refletir sobre a militância organizada de grupos homossexuais, o que ficava implícito pelo título “Uma entrevista que ninguém ousou publicar – Leyland fala sobre atuação política”.

João Silvério Trevisan questionou sobre a receptividade de artistas homossexuais em concederem entrevistas à revista *Gay Sunshine Press*. Para Winston Leyland, os artistas acolhiam com boa receptividade a proposta de serem entrevistados pela publicação gay. Segundo ele, “[...] essas entrevistas têm um sentido muito positivo porque ajudaram muita gente a se assumir enquanto homossexuais” (UMA ENTREVISTA, 1978, p. 10).

A revista *Gay Sunshine Press* começou a ser publicada em 1970, mas só começou a produzir entrevistas com personalidades homossexuais partir de 1974, segundo informou o

próprio Winston Leyland na entrevista. Por outro lado, o *Lampião da Esquina* entrevistou pessoas assumidamente homossexuais desde sua segunda edição, em junho de 1978.

Embora o *Lampião* destacasse sua singularidade em relação às revistas estrangeiras, como, por exemplo, em relação às revistas *Gay Sunshine Press* e *BlueBoy*, existia uma relação de influência. Ou seja, a atividade de realizar entrevistas era uma prática corrente na imprensa homossexual estadunidense dos anos 1970 e foi incorporada pelo *Lampião da Esquina*, para promover a visibilidade homossexual de forma positiva.

Na entrevista, João Silvério Trevisan abordou uma questão sempre presente em suas reflexões e artigos: a relação entre a comunidade homossexual e os grupos de esquerda política: “A verdade é que certos heterossexuais – sobretudo entre os que se consideram politicamente progressistas – não acham necessário um movimento especial de liberação dos homossexuais. Isso não seria já em si uma forma velada de opressão aos homossexuais?” (UMA ENTREVISTA, 1978, p. 10). Esta preocupação constante de João Silvério Trevisan deixa transparecer a experiência de vida dele em suas falas, ou seja, a oposição velada à possibilidade de uma militância ao mesmo tempo pelos direitos homossexuais e pelas causas da esquerda política.

A resposta de Winston Leyland foi direta e afirmou que os grupos de esquerda se mostravam apenas “tolerantes”, pois sua atitude era mais “[...] condescendente do que motivada por uma perfeita compreensão” (UMA ENTREVISTA, 1978, p. 10). A partir disso, os comentários suscitados pelos entrevistadores tangenciaram a relação entre movimentos políticos e as relações homoeróticas de modo a criticar a dupla militância.

[James Lavender] Parece-me que nos Estados Unidos ainda existem muitos homossexuais esquerdistas que continuam atuando dentro de grupos heterossexuais socialistas, na medida que esses grupos reconhecem a existência de uma opressão específica contra os homossexuais. Eles aceitam trabalhar com tais grupos porque ainda acham que existe uma conexão entre a opressão homossexual e outros tipos de opressão social. [...]

[Winston Leyland] Mas isso é diferente. Eu acho que é muito difícil a participação dos homossexuais enquanto homossexuais dentro de grupos políticos discriminatórios. Uma coisa é trabalhar politicamente como indivíduo, outra coisa é trabalhar como parte de um grupo. [...]

[James Lavender] Mas é também verdade que a consciência individual em si não irá libertar os homossexuais. Como é que você ligaria então a literatura, que pode modificar as consciências individuais, com um movimento mais coletivo de liberação?

[Winston Leyland] Antes de mais nada, uma liberação coletiva deve começar por uma liberação no nível do indivíduo.

[João Silvério Trevisan] Concordo que a atuação política deve acompanhar-se de um desenvolvimento individual. Tem muita gente que se afunda na

militância política porque isso os ajuda a se distanciarem de si mesmos. Trata-se de uma alienação [...]

[Winston Leyland] Eu acho que, às vezes, muitos esquerdistas fazem política como se participassem de uma religião. E criam uma separação entre a política e a vida real, quando me parece fundamental haver uma integração entre ambas. [...]

[João Silvério Trevisan] Como são, nos Estados Unidos, as relações entre o Movimento Homossexual e outros movimentos de minoria, sem esquecer do Movimento Feminista, claro?

[Winston Leyland] As relações existem mais frequentemente ao nível das idéias. Muitos homossexuais receberam e aprenderam muito com o Movimento Feminista. Mas não houve trabalho direto nem com as lésbicas, pois os grupos femininos e masculinos em geral trabalham separados, dentro do Movimento Homossexual americano. (UMA ENTREVISTA, 1978, p. 11).

As indagações para abordar o que Winston Leyland pensava sobre as relações entre homossexuais e os grupos de esquerda despertaram nossa atenção sobre os entrevistadores. Por que, no Lampião da Esquina, um dos editores se preocupava tanto com a participação de homossexuais em grupos de esquerda? Por que a preocupação da participação de grupos de esquerdas políticas dentro dos grupos de militância homossexual?

Para responder a essas questões, que colocamos contra os comentários de João Silvério Trevisan, precisamos considerar alguns pontos em sua trajetória de vida: a sua participação e frustração na Ação Popular; o contato com movimentos sociais enquanto se autoexilou em Berkeley e a tentativa de criar um grupo de discussão para debater sobre a condição de homossexuais ao retornar ao Brasil após autoexílio nos Estados Unidos.

Esses elementos da vida de João Silvério Trevisan nos mostram que ele possuía o interesse de participar de uma movimentação organizada que valorizasse sua identidade homossexual. Essa preocupação de João Silvério Trevisan fica mais compreensível quando abordamos as relações do Lampião da Esquina com o movimento homossexual brasileiro na seção 3.4. Por ora só afirmamos que, independentemente do engajamento em grupos organizados (de homossexuais ou e de esquerda política), João Silvério Trevisan concordava com a opinião de Winston Leyland de que, “[...] antes de mais nada, uma liberação coletiva deve começar por uma liberação no nível do indivíduo [...]”, pois, “[...] a atuação política deve acompanhar-se de um desenvolvimento individual” (UMA ENTREVISTA, 1978, p. 11).

Para James Naylor Green, “[...] ele [Trevisan] queria um ‘autêntico movimento gay’ sem ‘influências externas’” (GREEN, 2014a, p. 72), isto é, sem a participação de movimentos de esquerda política como a Convergência Socialista. Basicamente, James Naylor Green

defendia a premissa de que os homossexuais compreendessem que não existem isoladamente do resto da sociedade (GREEN, 2014a, p. 74).

Se pensarmos a sexualidade ou o gênero como um elemento constitutivo da identidade dos sujeitos, percebemos que essa identificação não ocorre isolada. Nacionalidade, sexo biológico e religião são aspectos que também estão em tensão na constituição das identidades dos sujeitos. Segue-se, portanto, que militância política não ocorre à parte da sexualidade, pois a vivência plena da sexualidade é uma das formas de afirmação política.

No *Lampião da Esquina*, encontramos poucas entrevistas com mulheres e não podemos deixar de verificar a apropriação que o jornal fazia das falas dessas mulheres. Como aparecem as falas das mulheres e que sentidos apontam? Para tanto, abordamos as entrevistas de duas mulheres entrevistadas para o *Lampião da Esquina* e que nos auxiliam a pensar a construção da relação do jornal com o seu público leitor no primeiro ano de circulação. Essas mulheres são a escritora Cassandra Rios e a compositora Leci Brandão. As entrevistas dessas duas mulheres foram importantes para o jornal porque mostravam a intenção de dar visibilidade às relações homoeróticas femininas. Mas qual seria a forma dessa visibilidade?

Cassandra Rios foi o nome adotado por Odette Rios, escritora pioneira na literatura de ficção sobre lesbiandade no Brasil. A entrevista, que aconteceu na casa da escritora, não enfatizou aspectos biográficos de sua vida, mas destacou a sua produção literária proibida pela censura. Ao todo foram 36 obras que não passaram pelas malhas da lei e, por essa razão, ela adotou um nome diferente de seu registro civil. Segundo Marisa Fernandes (2014, p. 127), “[...] as denúncias contra Cassandra eram no sentido de que, com sua literatura, ela estaria aliciando, corrompendo e encaminhando toda a juventude e a sociedade brasileira para a homossexualidade”.

Cassandra Rios afirmou: “[...] quando estou escrevendo não penso que existem amarras, que existem craveiras [sic] limitando aquilo que eu tenho de dizer. Eu me liberto completamente” (CASSANDRA, 1978, p. 8). Mesmo com suas obras censuradas, Cassandra Rios não deixou de produzir e não alterou o seu estilo de escrita. Esse foi um traço da personalidade de Cassandra Rios que se parecia com a postura do *Lampião da Esquina*, quando o periódico foi acusado de ofender a moral e os bons costumes, segundo a Lei de Imprensa.

A entrevista com Cassandra Rios centralizou-se em dois pontos: na forma como o chamado homossexualismo emergia em suas obras e no modo como as personagens criadas por Cassandra Rios foram construídas a partir das relações da autora com pessoas

homossexuais. Foi por essa razão que o Lampião da Esquina buscou publicar a entrevista com Cassandra Rios, ou seja, para denotar a construção de representações homossexuais.

Trevisan – Agora, Cassandra, é que entra o homossexualismo, entende? Dentro dessa situação aí. Seus personagens homossexuais são muito sofrendores. Seria também nesse sentido? O choque?

Cassandra – É no sentido de colocação, de posição, de aceitação, de tudo: de imposição não só da sociedade como do próprio homossexual. Homossexualismo, você não pode generalizar, você tem de individualizar; é um por um, cada um apresenta um motivo, tudo depende das influências, do meio, de suas próprias idéias, tudo.

Darcy – Você não acredita no homossexual absolutamente integrado à sua homossexualidade e feliz?

Cassandra – Acredito. Eu criei um personagem assim. E o livro foi proibido depois de estar na vigésima-segunda edição, em 1954. Eu nunca mais editei o livro. Foi proibido, ele me levou à justiça várias vezes: começou na segunda Vara, foi parar na nona. Me acusaram de “atentado à moral e aos bons costumes”. Isso em 1954. No livro, a homossexual é simplesmente aquilo que ela quer ser; ela enfrenta seus problemas, que todo o mundo os tem, mas no final é feliz. (CASSANDRA, 1978, p. 8).

A discussão sobre “homossexualismo” não aparece na entrevista de Cassandra Rios apenas para falar da censura e da repressão. Esse tema foi discutido pela escritora de modo a desmitificar certas generalizações sobre homossexuais, por exemplo, que todo homossexual é sofredor ou absolutamente integrado à sua homossexualidade e feliz. Os entrevistadores de Cassandra Rios insistiam em considerar a comunidade homossexual como um todo livre de diferenciações. As falas dos entrevistadores apontavam para uma generalização, pois sempre utilizavam o termo “homossexual” como uma forma genérica para se referir às homossexualidades masculina e feminina, como se não houvesse especificidades em relação a cada uma dessas formas de identificação.

A entrevista de Leci Brandão na edição número 6 também retomou traços da personalidade da entrevistada para serem alinhados com a perspectiva do Lampião da Esquina. Nessa entrevista, a principal pauta temática abordou a produção da “música popular entendida”, isto é, a música popular produzida para “gueis” e lésbicas. Quanto ao aspecto da vida de Leci Brandão que foi alinhado com a posição do Lampião da Esquina, percebemos que se referia à tripla discriminação que ela sofreu por ser mulher, negra e homossexual.

Os temas abordados na entrevista intitulada “A música popular entendida de dona Lecy Brandão” (A MÚSICA, 1978, p. 11) diziam respeito ao início de sua carreira e ao preconceito sofrido na profissão por ser uma das primeiras sambistas mulher e negra na escola de samba da Mangueira. O tema mais recorrente, contudo, de acordo com o que percebemos

nas falas de Antônio Chrysóstomo, foi sobre as implicações da tripla discriminação sofrida por Leci Brandão e como ela lidava com isso.

Chrysóstomo – Apesar de já levar certa vantagem, por ser famosa, você é negra, homossexual e mulher. Todos nós sabemos que negro, homossexual e mulher são algumas das espécies mais discriminadas. Você não tem medo de se expor, de enfrentar a barra dos preconceitos?

Leci – Peraí. Você falou como?

Chrysóstomo – Você não tem medo das pessoas te olharem diferente porque é negra, mulher e homossexual declarada?

Leci – Eu teria medo dos outros se não fosse nada disso e estivesse fazendo um trabalho supérfluo, alguma coisa simulada, se estivesse mentindo para vender disco. Mas como eu estou fazendo verdade dessas três condições, acho que fica tudo bem. Assumo minha cor e minha condição feminina porque nasci assim e nunca usei isso como argumento, como “me ajuda que eu sou preta, mulher e fraca”: para pedir favor aos outros. Por ser preta e mulher é que trabalho muito, desde pequena. Agora assumo também a minha condição de gostar de outra mulher. (A MÚSICA, 1978, p. 11).

Notamos que havia sutilmente uma disputa pelo uso das denominações que os editores do jornal utilizavam e pela forma como Leci Brandão se identificava. Para os editores, a Leci Brandão era uma homossexual assim como eles, mas, embora ela não utilizasse o termo “lésbica”, ela afirmava a sua “condição de gostar de outra mulher”, condição que, por si só, já diferia da condição dos editores devido ao apagamento à invisibilidade da homossexualidade feminina.

Em vários momentos da entrevista, os editores do Lampião da Esquina retomaram a visibilidade e o reconhecimento profissional atribuídos a Leci Brandão, mas a recorrência desse aspecto significava uma forma de reforçar a relação entre público e entrevistada ou para enfatizar o sucesso de uma pessoa triplamente discriminada?

Chrysóstomo – O seu relacionamento com o homossexual, entendido, povo guei, como queira chamar, é platônico ou participante?

Leci – Platônico e participante.

Chrysóstomo – Em que sentido?

Leci – Quer ver? Por exemplo, o fato de eu ser homossexual é uma coisa que não me incomoda, não me apavora, porque eu não devo nada a ninguém. As coisas todas que eu fiz foi com muito sacrifício, tudo que eu consegui veio através de uma batalha de muito tempo. [...] E platônica eu sou, porque desde o momento em que conheci o lado guei, conheci pessoas maravilhosas, que me amam como eu sou, não por causa de fama, essas bobagens. [...]

José Fernando – Você aceitaria algum título desses que tem por aí, de Rainha do Povo Guei, por exemplo?

Leci – Não, eu não aceitaria esse título e vou explicar por que. Rainha de Guei já passa a ser uma coisa meio badalativa, uma coisa turística, vista de fora para dentro. Aí eu já estaria usando o meu lado guei para me promover

e não estou a fim disso. [...] Minha transação com meus iguais é de pessoa para pessoa. É até engraçado. Como é que eu ia poder reinar sobre os meus semelhantes? [...]

Chrysóstomo – Surprise! A verdade rende voto! Isso contraria todas as regras do jogo. Você é uma espécie de porta-voz guei; aceita esse papel?

Leci – Por que não? Desde que se encare o guei como uma pessoa, um estilo de vida tão digno e sério como outro qualquer, posso ser porta-voz da situação do meu pessoal. Mas olha lá. Nada de guei tratado ou agindo como coisa jocosa, que não se dá ao respeito. Aquele estilo do aaaiii, cheguei! Só serve a quem é contra nós, de forma declarada ou disfarçada.

José Fernando - Qual seria o comportamento certo?

Leci – O negócio é bem diferente. Por exemplo, jornalistas de nome se unem e fazem um jornal como o LAMPIÃO, a que se pode dar crédito. Artistas se unem e fazem um espetáculo guei, de consistência. De minha parte faço minha música e meu canto. Quero continuar cantando livremente todas as minhas preferências, inclusive as sexuais. Sempre falando e cantando de uma forma nova, bonita. A gente pode falar de cama e sexo de uma forma limpa e criativa, pois o sexo também pode ser limpo e criativo. Uma coisa de classe.

Chrysóstomo – Classe? Igual no IBOPE., classe A, B, C?

Leci – [...] Penso duas vezes antes de tomar qualquer atitude. Classe é isso. Fazer as coisas sem violentar os outros. (A MÚSICA, 1978, p. 11).

Percebemos que os entrevistadores se preocupavam em caracterizar Leci Brandão como uma representante homossexual, pois a entrevistada superou as dificuldades advindas pela condição de ser mulher, negra e homossexual. A apropriação que os editores buscavam captar da imagem de Leci Brandão, portanto, não era o aspecto da tripla discriminação, mas a superação perante as dificuldades que a discriminação acarretava.

Podemos observar que parte dos entrevistados pelo Lampião da Esquina, que já foram citados nesta pesquisa, utilizava de sua identidade sexual como instrumento para desvalorizar a categorização preconceituosa. Especialmente Lennie Dale, Winston Leyland e Leci Brandão. A importância de assumir a identidade sexual também estava presente na entrevista que Clodovil Hernandez concedeu para o jornal na edição número 4, de agosto de 1978.

A entrevista de Clodovil Hernandez enfatizou, primordialmente, a relação entre a identidade sexual e a dimensão profissional, que, no caso específico de Clodovil, era o trabalho como estilista de alta costura. Por trás da discussão sobre o campo profissional em que ele atuava estava implícito um debate sobre comportamentos homossexuais (efeminados ou não) e como isso era absorvido ou recusado pela sociedade.

PF [Peter Fry] – [...] Eu queria saber por que os homossexuais escolhem determinadas profissões, como costureiro, cabeleireiro, “condomblezeiro” e até retratista.

CC [Celso Curi] – Pois é. Você disse que quando entrou na profissão desmunhecava propositalmente. Isso não era uma atitude geral?

CH [Clodovil Hernandez] – Não, absolutamente. Era uma atitude de alguns costureiros. [...]

DP [Darcy Penteado] – Mas eu acho que todos os movimentos estão visando é a integração. Nós, por exemplo, do LAMPIÃO, queremos é acabar com essa história de gueto. [...]

CH – Essa história de gueto responde um pouco à pergunta que ele (Peter Fry) me fez há pouco; os homossexuais são instintivamente atraídos por determinadas profissões.

AS [Aguinaldo Silva] – Você acha, por exemplo, que existiriam homossexuais com vocação para o futebol, e que estas vocações estão sendo sufocadas porque os clubes nunca lhes dariam oportunidades?

CH – Acho. Mesmo assim o futebol também está cheio, não é?

DP – Eu acho que todas as profissões estão abertas aos homossexuais; o que é preciso fazer é vencer a concorrência natural e vencer, também, os limites que a sociedade impôs à classe. Você, por exemplo, Clô, venceu. (CLODOVIL, 1978, p. 11).

No que se refere ao comportamento não masculinizado, a ênfase dessa entrevista não visava estabelecer um parâmetro pautado na efeminação enquanto caráter contestador dos padrões culturais. Antes disso, o que os editores buscavam era apontar a possibilidade de os homossexuais assumirem diferentes profissões, independentemente de serem efeminados ou não. Entretanto, a efeminação e o ato de “desmunhecar” era destacado mais uma vez como instrumento de contestação dos padrões de binarismo de gênero socialmente construído.

Em outras palavras, os editores do Lampião evidenciavam a efeminação como suporte da afirmação da identidade homoerótica. Isso ficava evidente na fala de Darcy Penteado, fala na qual ele reconhecia o caráter sensível de Clodovil Hernandez, mas sem atribuir-lhe uma *performance* efeminada.

AS [Aguinaldo Silva] – E você acha que fez ou está fazendo alguma coisa para mudar essa idéia geral em relação à sua área de trabalho?

CH [Clodovil Hernandez] – A vida inteira, não é? Porque hoje em dia você assumir determinadas posições por aí até que é muito fácil, não? Mas na época em que era proibido assumir essas posições eu já assumia.

JST [João Silvério Trevisan] – Por exemplo...

CH – Ser o que eu sou, realmente.

JST – Por exemplo...

CH – Por exemplo: exatamente isso que você está vendo (risadas gerais).

DP [Darcy Penteado] – Você está falando como se o seu comportamento pudesse permitir paralelos. Eu discordo: não acho que o seu comportamento seja o comportamento que as pessoas costumam esperar de um costureiro. Como expressão corporal, eu quero dizer. Apenas você é uma pessoa de sensibilidade, que sempre agiu de acordo com sua sensibilidade. Em suma: não acho que você desmunheca.

CH – Sim, mas para assumir uma posição na vida não é preciso tomar silicone, nada disso. É a tal história: eu já fiz isso, já desmunhequei realmente. Mas eu fazia isso pra agredir. (CLODOVIL, 1978, p. 10).

Até que ponto a *performance* efeminada afetaria o profissionalismo de um sujeito homossexual? Isso depende do campo profissional do qual se está falando. Em se tratando de homossexuais artistas, não seria a efeminação uma qualidade que agregaria valor à sensibilidade do sujeito? Esse caráter foi reconhecido por Darcy Penteadó em Clodovil Hernandez, mas havia outros artistas homossexuais que agregavam a efeminação puramente como elemento de *performance* artística e/ou como forma de contestação. Este foi o caso do vocalista de Secos & Molhados, o cantor Ney Matogrosso.

O perfil discursivo inicial do Lampião da Esquina se modificou visivelmente, pois até mesmo nas poucas entrevistas que discutimos nesta seção é possível observar essa mudança, na qual a busca pelo público ideal teve que abranger as *performances* efeminadas.

Ao longo de 1978, as entrevistas perpassavam o ato de assumir a homossexualidade como um ato político, independentemente da profissão, fosse no trabalho como coreógrafo, como estilista, como escritora ou como compositora. Esse aspecto foi percebido ao longo das demais entrevistas e, por essa razão, observamos que, ao longo do primeiro ano do periódico, o debate sobre a efeminação demonstrou ser a argamassa, a ligação entre a contestação do binarismo de gênero e o ato de assumir publicamente a homossexualidade. Essa relação também estava presente na entrevista de Ney Matogrosso.

Os representantes do Lampião da Esquina que entrevistaram Ney Matogrosso foram Antônio Chrysóstomo, José Fernando Bastos, Mário Vale, Alceste Pinheiro e Aguinaldo Silva. Segundo a entrevista, o diálogo com Ney Matogrosso abrangeu aspectos biográficos, artísticos e até políticos, mas o que nos chamou atenção foi a questão das *performances* artísticas do vocalista de Secos & Molhados.

Chrysóstomo – Mas não acha que em certo tipo de artista, principalmente nos que têm um comportamento cênico como o que você tem, as duas coisas [vida particular e vida pública] têm o mesmo peso?

Ney – Não. Porque quando eu estou no palco tenho a minha colocação cênica, que é um pouco ousada, reconheço; mas antes de mais nada sou cantor, estou ali para cantar, e o que eu quero é cantar cada vez melhor.

Chrysóstomo – Você reconhece que, de certa forma, recuperou a frescura...

Ney – Entre aspas.

Chrysóstomo – Claro, a frescura no bom sentido – afinal de contas, trata-se de uma entrevista para o LAMPIÃO; você reconhece que deu uma certa estética à frescura?

Ney – Olha, quando eu estou no palco não tenho preocupações com frescura ou não-frescura, nenhum problema com o masculino ou feminino. Procuro é fazer uma coisa harmônica. (NEY, 1979, p. 5).

A entrevista com Ney Matogrosso indicou a preocupação do Lampião da Esquina com a intersecção entre efeminação, *performance* artística e vida particular. O que aparecia em

disputa, portanto, era a questão da *performance* efeminada profissional de Ney Matogrosso *versus* sua *performance* masculinizada na vida pessoal. A preocupação do cantor quando ele estava no palco era cantar cada vez melhor, ou seja, ser um artista cada vez mais completo, independentemente de se utilizar de uma *performance* efeminada e cheia de “frescura”.

O que merece atenção é justamente a tensão sobre os sentidos da palavra “frescura”. O próprio Ney Matogrosso corrigiu Antônio Chrysóstomo, solicitando que o entrevistador usasse aspas ao afirmar que o cantor “recuperou a frescura”. Logo em seguida o entrevistador fez a ressalva: “Claro, a frescura no bom sentido”. Mesmo assim, porém, ficam algumas questões: —Existia boa e má “frescura” ou o que havia era uma diferenciação nos espaços em que essa “frescura” poderia circular? —Quais eram os sentidos associados ao termo “frescura”?

No Brasil, na virada do século [XIX para o século XX], a palavra “fresco”, com o duplo sentido de “puto” e também conotando frescor, jovialidade ou amenidade no clima, tornou-se o termo ambíguo comum usado para zombar dos homens efeminados ou daqueles que supostamente mantinham relações anais “passivas” com outros homens. (GREEN, 2000, p. 64).

Certamente o sentido associado ao termo “frescura” como apareceu no Lampião da Esquina não se referia apenas a frescor, jovialidade ou amenidade no clima, como citado por James Naylor Green (2000, p. 64). O pedido do cantor Ney Matogrosso para usar aspas no termo “frescura” indicava a intenção de não ser associado ao sentido de “frescura” que denotava homens efeminados. Ao que nos parece, a perspectiva de Ney Matogrosso estava diametralmente oposta à posição assumida por Lennie Dale. Enquanto o vocalista de Secos & Molhados procurava dissociar sua vida pessoal da estética profissional (efeminada), o coreógrafo do grupo Dzi Croquetes fazia questão de desconstruir a fronteira estabelecida entre os papéis sexuais.

Analisamos, ao longo desta seção alguns discursos que abordaram a questão da efeminação masculina. Na entrevista com Clodovil Hernandez, a efeminação parecia pertencer à sua personalidade e foi interpretada por Darcy Penteado como uma forma de sensibilidade quase natural, ou seja, Darcy Penteado não interpretou a efeminação de Clodovil Hernandez como um ato político e nem como uma estética artificial.

Por outro lado, a entrevista de Ney Matogrosso mostrava o uso da *performance* efeminada apenas durante seus *shows*. Para Ney Matogrosso, a apropriação dos trejeitos efeminados era uma necessidade estética que imprimia harmonia nas apresentações artísticas.

Isso nos dá a impressão de que, para Ney Matogrosso, as *performances* efeminadas constituíam uma dimensão artificial só para serem utilizadas profissionalmente.

Em outras palavras, compreendemos que havia uma dissociação entre a representação do artista Ney Matogrosso e a sexualidade de Ney Pereira de Souza, nome civil do artista, pois a diferença existente estava na efeminação sem a necessidade de ser vivenciada em tempo integral. Isso confirma que, de fato, não havia boa ou má “frescura” e, portanto, a diferença estava no espaço que o cantor e os editores acreditavam ser correto para “performar” uma estética efeminada, que era apenas nos *shows* e no âmbito profissional.

Assim como Clodovil Hernandez, outros homossexuais tinham suas vidas tensionadas pela sexualidade e pela efeminação na constituição de suas identidades homossexuais: bichas, gays, gueis, etc. Também havia aqueles homossexuais, como Ney Matogrosso, que procuravam utilizar *performances* efeminadas em momentos distintos de sua vida. E ainda havia homossexuais, como Leci Brandão, que não viam necessidade no “estilo do aaaaa, cheguei” de uma *performance* efeminada e preferiam encarar as relações homoeróticas “[...] como um estilo de vida tão digno e sério como outro qualquer” (A MÚSICA, 1978, p. 11), o que também pode ser lido como uma negação da *performance* efeminada.

No conjunto de entrevistas que analisamos havia uma diversidade de opiniões sobre a forma de encarar a efeminação, mas essas opiniões não foram construídas pelo Lampião da Esquina. O objetivo do periódico era construir uma identificação com o público leitor. Portanto, houve a exposição de diferentes posicionamentos sobre a *performance* efeminada e sutilmente percebemos a posição dos editores sobre a efeminação. Sabemos, contudo, que o debate sobre a efeminação sempre foi um ponto de tensão nas falas de entrevistados e editores, como ficou explícito na comparação das falas de Lennie Dale e de Ney Matogrosso.

2.2 A OPINIÃO E AS CARTAS NA MESA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Para começarmos esta seção retomamos as considerações finais da dissertação ‘...E havia um lampião na esquina’ – memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (197-1980), de Almerindo Cardoso Simões Júnior. Ao final dessa obra, o autor afirmou que:

O *Lampião* traz a representação de homossexuais que trabalham, pagam impostos, estudam, participam de movimentos políticos e sindicais, têm

necessidade de informação e lazer, e que também questionam os valores sociais pré-estabelecidos como família, religião, política e sexualidade. (SIMÕES JÚNIOR, 2006, p. 122).

Em outras palavras, Simões Júnior apresentou a representação da identidade homossexual tensionada por outros elementos socioculturais: obrigações civis como pagar impostos e vínculos institucionais como família e religião. A partir disso, Simões Júnior (2006, p. 122) sugeriu a possibilidade da análise que realizamos nesta pesquisa: “A observância da construção de identidades através dos termos que designam os homossexuais tendo como *corpus* [as cartas dos leitores e] também os editoriais”. Nesse sentido, buscamos os posicionamentos nos editoriais que pudessem corroborar as afirmações de Simões Júnior, mas também procuramos verificar o posicionamento de Simões Júnior através das cartas dos leitores, haja vista que cada carta selecionada e publicada recebia uma resposta dos editores.

Na seção Cartas na Mesa, foram os conflitos, as divergências e os dissensos envolvendo leitores e editores que despertaram a nossa atenção. Ou seja, retomando a seção Cartas na Mesa durante o primeiro ano de circulação do jornal, ficou evidente a crítica dos leitores sobre a intenção dos editores de reforçar um determinado tipo de homossexual: intelectual, assumido, sexualmente liberal e não necessariamente efeminado.

Buscando refletir sobre o processo de construção identitária a partir da seção Opinião, que poderia nos fornecer a posição oficial do jornal, nossa tentativa foi frustrada porque essa seção não permaneceu no jornal do início ao fim de sua circulação.

A seção Opinião apareceu da edição experimental até a edição número 6 e, após essa publicação, o espaço do editorial foi substituído pela seção Esquina, que apresentava informações sobre temáticas variadas: ecologia, feminismo, cultura, movimento homossexual internacional, etc. Somente na edição de número 22 a seção Opinião retornou, permanecendo até a edição número 29. A partir da edição número 30 até o final da existência do periódico não houve mais a seção Opinião. Por essa razão que trabalhamos mais com a seção Cartas na Mesa, devido à quantidade de material disponível.

Se, por um lado, a alternância da seção Opinião nos dificultou a pesquisa, por outro lado levantou a suspeita sobre divergências internas na redação do jornal que impediram a permanência ininterrupta dessa seção. O jornalista Antônio Carlos Moreira, que foi colaborador do Lampião da Esquina, indicou, na entrevista a Jorge Caê Rodrigues, a possível razão para a descontinuidade da seção Opinião.

O Aguinaldo nunca quis [ter uma seção Editorial], até onde eu percebi no dia a dia da redação do jornal, quando entrei. Ele, por perceber a diversidade, e também por saber que ele tinha hegemonia sobre o produto, né? Já que ele finalizava o produto. [...] Ele tinha a preocupação de não ter uma coluna de opinião, onde tivesse uma única opinião. (RODRIGUES, 2010, p. 62).

Segundo Antônio Carlos Moreira, Aguinaldo Silva dava a palavra final. Com a ênfase na preponderância da posição de Aguinaldo Silva, surge a dúvida sobre possíveis conflitos na redação do jornal por conta da diversidade de opiniões coexistindo. Retomaremos essa discussão posteriormente. Por ora analisamos os editoriais que constituíram séries discursivas para construir identificação entre o jornal e os leitores.

Na seção Opinião da edição experimental, o Lampião da Esquina apresentou sua razão de existir, a discussão e a visibilidade das práticas homossexuais. Tudo isso foi escrito pautado na crítica da imagem padrão sobre homossexuais que até então era veiculada na grande imprensa.

É preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (SAINDO, 1978, p. 2).

Nesse trecho do primeiro editorial publicado, o jornal propunha incentivar a visibilidade homossexual. Além disso, havia uma afirmação que merecia ser destacada: o interesse do jornal de “[...] destruir a imagem que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras”. Assim, portanto, a proposta inicial não era apenas estabelecer ou produzir uma imagem de homossexual a ser aceita, mas era destruir uma “imagem-padrão”.

Percebemos, portanto, uma oposição implícita entre pelo menos duas condições de homossexualidade: de um lado, a “imagem-padrão” a ser destruída na qual estavam os homossexuais com trejeitos delicados; de outro lado estavam as representações positivas da identidade homossexual que visavam modificar a perspectiva sobre o homossexual como se ele fosse “um ser que vive nas sombras”, ou seja, os “entendidos” e a “bicha assumida e erudita”.

É interessante verificar como, só neste trecho, o jornal enfatizou três vezes o repúdio à apresentação do “homossexualismo” ligado à sombra, à noite e à maldição. Possivelmente

esses elementos foram enfatizados para destacar um dos sentidos do nome do jornal, o de trazer luz para esclarecer e informar corretamente. No editorial da edição experimental, o jornal apenas apontou a intenção de destruir a imagem negativa sobre os homossexuais, mas não sugeriu o que haveria de emergir em seu lugar. Ficava essa dúvida para acompanhar os editoriais seguintes do *Lampião*.

Uma vez que o jornal se propôs a destruir uma determinada forma de identificação (aquela que diz “seu sexo não é aquele que ele desejaria ter”), ao mesmo tempo ele também não desvalorizaria aqueles sujeitos que portariam os traços dessa identificação? Ou seja, não estaria desvalorizando sujeitos que, efetivamente, não se identificavam com seu sexo biológico?

A seção Opinião das edições de número 1 e 2 não respondeu diretamente às questões acima, entretanto essas edições indicavam a constituição de uma série discursiva que evidenciava as práticas homoeróticas interseccionadas com outros dois elementos: o problema da especificidade das identidades encobertas pelo chamado “homossexualismo” na década de 1970 e, em segundo lugar, uma crítica à reiteração forçada da delimitação da sexualidade.

Para não falar de outros problemas – ao definir, o específico, enfrentamos o risco de criar novas divisões, novas separações, favorecendo uma atomização que dificultaria qualquer frente de luta comum. Levantar a questão do homossexualismo – masculino ou feminino – implica assim em questionar essa visão polarizada, tradicional. (MARIZA, 1978, p. 2).

O enunciado acima é da colaboradora Mariza³², cujo artigo foi escolhido para ser o destaque da seção Opinião da edição número 1. Esse artigo levantava uma discussão conflituosa no *Lampião da Esquina*: “[...] o risco de criar novas divisões, novas separações”.

Se, na edição experimental, o jornal destacava a preocupação em destruir uma imagem-padrão do chamado homossexualismo, então o artigo de Mariza deveria ser lido como uma ressalva em relação ao posicionamento assumido na edição anterior. O artigo da colaboradora significava a abertura do *Lampião da Esquina* para a discussão de diferentes identificações homossexuais. A resposta para essa mudança na postura do jornal estava na seção Cartas na Mesa, da mesma edição em que apareceu o texto de Mariza.

³² Nas fontes, a colaboradora Mariza sempre apareceu identificada sem sobrenome. Por essa razão procuramos manter a denominação tal qual aparece nas fontes. As informações que temos é que ela era da cidade de Campinas (SP), a mesma cidade do colaborador Edward MacRae. Suspeitamos que a colaboradora Mariza se tratasse da pesquisadora Mariza Correia, professora da UNICAMP no mesmo período que Edward MacRae trabalhou naquela instituição. Outra evidência da identidade da colaboradora Mariza é dada por Edward MacRae (1990, p. 75), quando ele informa que Mariza Correia escreveu para o *Lampião da Esquina*, mas não confirma se ela era a colaboradora Mariza que aparecia na relação dos colaboradores do jornal.

Antes de analisarmos a seção Cartas na Mesa, precisamos discutir, ainda que brevemente, o funcionamento dessa seção. Se considerarmos que “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2008, p. 139), perceberemos que as etapas desse processo também estavam presentes no Lampião da Esquina, principalmente se considerarmos a intenção do jornal de assegurar um público leitor específico.

As cartas que chegavam à redação do Lampião da Esquina não eram diretamente publicadas, pois a escolha não era aleatória. A publicação das cartas obedecia a um ordenamento discursivo e a uma constituição de séries que lhe davam um encadeamento lógico. Através dessas etapas específicas é que se configurava o critério de seleção das cartas para publicação, critério que podemos verificar pela própria afirmação dos editores no Lampião da Esquina.

A idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal. (LAMPIÃO, 1978b, p. 14).

Na explicação dada pelos editores do jornal sobre o funcionamento da seção de cartas havia uma sutil contradição: a intenção de fazer uma “[...] espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade [...]”, mas desde que “[...] se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal”.

Concordamos, portanto, com Bandeira (2006), quanto ao entendimento de que a sessão de cartas não era apenas um aglomerado de enunciados de autores diferentes, mas também poderia ser compreendida como outro texto produzido pelo jornal. Afinal, as cartas recebiam títulos para serem publicadas, fato que já indicava uma interpretação. Além disso, esses títulos também evidenciavam um critério de seleção e organização, pois, algumas vezes, os títulos agrupavam trechos de diferentes cartas sobre um mesmo assunto (BANDEIRA, 2006). As cartas publicadas eram sucedidas por “R –”, que indicava a resposta coletiva do jornal. Isso indicava que as respostas das cartas eram dadas pelo jornal e não por um editor em particular.

Embora o jornal se contradissesse na escolha das cartas para publicação, nem sempre foram publicadas apenas as cartas que elogiavam o jornal. Esporadicamente, na seção Cartas

na Mesa, havia algumas cartas de críticas para o Lampião da Esquina. Nas cartas publicadas na edição número 1 encontramos uma das cartas que levantavam críticas ao Lampião da Esquina. Essa carta estava ligada diretamente à pauta do artigo da colaboradora Mariza e nos fez perceber a razão da seção Opinião da edição número 1 ter significado uma mudança de postura em função das críticas recebidas após a publicação da edição experimental.

Dizem que temos que “assumir”. Um dos pontos chave do movimento guei dos Estados Unidos foi de que “homossexuais” deveriam sair dos ‘closets’ – deveriam “assumir” a sua “condição”.

Agora no Brasil fala-se muito em assumir. Cada um tem que assumir o que ‘realmente é’, assim se ‘libertando’, e assim por diante.

Mas que quer dizer isso tudo? Quer dizer que pessoas que, por uma razão ou outra, gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo têm que assumir a ‘condição’ de ‘guei’, “lésbica”, “homossexual”, “veado”, ‘bicha’, ‘entendido’ ou coisa que o valha. [...]

Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a **condição** de ‘entendido’, etc., etc... Pessoas são pessoas e chega. (IMPÉRIO, 1978, p. 14).

Primeiramente, o leitor Guilherme Império indicou a diferença entre assumir a homossexualidade no contexto estadunidense e no brasileiro. No primeiro contexto, o leitor apontou que era uma necessidade, ao passo que, no contexto brasileiro, parecia tratar-se de uma possibilidade. O leitor ainda criticou que o Lampião da Esquina houvesse defendido exclusivamente os homossexuais assumidos. Notemos como Guilherme Império enfatizou algumas identificações homossexuais colocando essas identidades em contraposição à ideia de assumir a homossexualidade. Isso indicava a tensão existente entre o discurso de assumir politicamente uma identidade homossexual e as diversas possibilidades de expressar as relações homoeróticas.

Outra carta publicada na edição número 1, intitulada “Lendo o número zero”, embora tivesse sido escrita para elogiar o Lampião da Esquina, também apontava a tensão sobre as possíveis identificações do público leitor com o jornal.

Concordo com Frederico Dantas quando diz que é necessário se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. A imagem da afetação e da frescura perseguem ainda o tema homossexualismo e a corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade confere a desconfiança sobre a possibilidade de uma conduta equilibrada, ou seja, sem tentar corromper ou facilitar as coisas para o seu lado. É preciso que isto seja sempre mostrado: o homossexual agindo conscientemente dentro de sua realidade sexual, é um indivíduo comum, sem preocupações de “fazer a cabeça” dos outros, o que por si só é uma asneira.

Ainda sobre o jornal: excelentes as matérias sobre o caso Celso Curi e sobre o Cinema Íris (a matéria é do Aguinaldo Silva? Lembrei de algo que ele escreveu uma vez sobre o assunto). Também gostei muito do ensaio do Darcy Penteado.

O aspecto cultural me preocupa, não que eu seja elitista ou que pretenda que os homossexuais passem a discutir Laing, Brecht, Mallarmé, etc., mas porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou, como no caso das “bichas” reunidas por aí, o mundo se reduz a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo. (C.S.S., 1978, p. 15).

Na carta “Lendo o número zero”, escrita por um leitor identificado apenas pelas iniciais “C.S.S.”, ficava explícita a condenação da identificação de homossexuais com práticas efeminadas e estabelecia uma oposição entre “bichas” e “o homossexual conscientizado”.

Quando “C.S.S.” afirmava que “[...] é necessário se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado”, ele estimulava o destaque aos homossexuais entendidos e não efeminados que praticamente eram “[...] um indivíduo comum, sem preocupações de ‘fazer a cabeça’ dos outros”. Ao mesmo tempo, ao diferenciar o “homossexual conscientizado” das “‘bichas’ reunidas por aí”, cujo “mundo se reduz a paetês e plumas”, dava a entender que a prática da efeminação seria isolada da militância ou da conscientização da condição própria de homossexual. Quanto ao leitor Guilherme Império, ele questionava a compulsão do jornal por incentivar a assunção da identidade homossexual, fosse ela qual fosse: “‘guei’, ‘lésbica’, ‘homossexual’, ‘veado’, ‘bicha’, ‘entendido’ ou coisa que o valha”. Tanto as duas cartas de leitores quanto o artigo da colaboradora Marisa apontavam para a mesma questão: o conflito entre identidades e formas de expressão das práticas homoeróticas, isto é, a tensão na representação de homossexuais.

Enquanto o editorial da edição 1 indicava a necessidade de superar as tensões que “[...] dificultariam qualquer frente de luta comum”, as cartas de alguns leitores defendiam justamente as tensões que dificultavam uma luta comum entre homossexuais organizados. A carta de Guilherme Império indicava a tensão sobre a obrigação de assumir publicamente a “[...] condição de guei, lésbica, homossexual, veado, bicha, entendido ou coisa que o valha”. Na carta de C.S.S., a tensão central dizia respeito à “[...] imagem de afetação e frescura”.

A “[...] imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras” (SAINDO, 1978, p. 2), se revelava pelas cartas dos leitores como um ponto de inflexão, logo não seria possível colocar uma imagem positiva de homossexual em seu lugar sem haver uma crise ou disputa das identificações existentes. Não queremos dizer que não existia ou existe uma imagem positiva de homossexualidade. O que afirmamos é que a

construção de um “tipo ideal de homossexual conscientizado” passava por lutas de classificações, portanto, havia identificações que permaneciam à margem na disputa.

Isso representa uma tensão identitária na representação pública de homossexuais. Nesse sentido, o artigo da colaboradora Mariza adquiria mais relevância, pois significava que o jornal concordava com o reconhecimento da multiplicidade de identificações homossexuais e evitava “[...] criar novas divisões, novas separações, favorecendo uma atomização que dificultaria qualquer frente de luta comum” (MARIZA, 1978, p. 2). Isso, contudo, ainda não responde à nossa dúvida: —No processo de destruir uma “imagem-padrão”, ou seja, a imagem do homossexual efeminado, o jornal desvalorizava os sujeitos que se identificassem com ela?

A imagem de “um ser que vive nas sombras” também poderia ser entendida como alguém que se reservava o direito de não assumir publicamente a sua homossexualidade. A tensão em assumir uma identidade ficou explícita na carta de Guilherme Império: “Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a **condição** de ‘entendido’, etc., etc... Pessoas são pessoas e chega” (IMPÉRIO, 1978, p. 14). Ao final da carta de Guilherme Império seguia a resposta dada pelos editores do jornal, identificada com a inicial “R”.

R – Meu caro Guilherme Império, vamos ver se a gente se entende. LAMPIÃO não disse até agora que as pessoas devem “assumir” a própria sexualidade e se fechar dentro dela, nem pretende dizê-lo. Nós Saímos às ruas exatamente para pregar outra coisa: que **transar** (qualquer que seja a forma de **transação**) é gostoso, é saudável, combate a cárie, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não dá câncer! (IMPÉRIO, 1978, p. 14).

O enunciado acima é a resposta do Lampião da Esquina para a carta de Guilherme Império, na qual o periódico negou que estivesse priorizando um discurso sobre “assumir a **condição** de ‘entendido’” (IMPÉRIO, 1978, p. 14). O que o jornal defendia era a liberação sexual ou, melhor, o direito de estabelecer relações afetivas e sexuais com quem bem quisesse, independentemente de sexo, gênero, idade, raça ou preferência sexual. Mesmo assim, a posição do jornal permanecia contraditória se considerarmos que o periódico concordava com todas as afirmações presentes no texto da colaboradora Marisa a ponto de publicá-lo na íntegra e com destaque na seção Opinião.

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo do tempo deste processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de

poder e que a fala torna visíveis questões concretas mas não reconhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autoreconhecimento tentando [sic] afirmar-se como sujeitos de sua própria história. (MARIZA, 1978, p. 2).

Essa citação é o primeiro parágrafo do artigo da colaboradora Mariza na seção Opinião da edição número 1. A colaboradora enfatizou a importância de “categorias historicamente silenciosas” assumirem “a fala que torna visíveis questões concretas mas não reconhecidas”. Entretanto, dentro mesmo das categorias historicamente silenciosas havia uma multiplicidade de sujeitos em luta por reconhecimento, visibilidade e representação.

Apesar da resposta que o Lampião da Esquina deu ao leitor Guilherme Império, a posição oficial do periódico, através da seção Opinião, com editoriais como “Saindo do gueto” (SAINDO, 1978, p. 2) e “Nossas gaiolas comuns” (MARIZA, 1978, p. 2), estimulava a afirmação pública de identidades homossexuais. Diante dessa realidade, como bem afirmou a colaboradora Mariza: “[...] a posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: ou tentamos todos juntos, abrir a porta da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular” (MARIZA, 1978, p. 2).

A construção de identificações elaborada no Lampião da Esquina também perpassava a intenção de superar a posição idealista e individualista. Isso se traduzia na constituição de um movimento homossexual no Brasil, porém, como veremos adiante, o jornal não se preocupou exaustivamente em incentivar a militância homossexual organizada.

Os termos “[...] ‘guei’, ‘lésbica’, ‘homossexual’, ‘veado’, ‘bicha’, ‘entendido’ [...]” que, segundo Guilherme Império (1978, p. 14), identificavam “[...] pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo [...]” não eram apenas parte da linguagem coloquial adotada pelo Lampião da Esquina. Tais palavras também foram apropriadas para servir à construção de identificações possíveis, mas também são indicativos da intenção do jornal de fomentar uma visibilidade homossexual mais próxima de uma imagem-padrão aceitável socialmente, que, em contrapartida, apagava as identificações em desacordo com o homossexual “entendido” no jogo das identificações homossexuais.

Mesmo dizendo o contrário, para Guilherme Império, o fato é que o jornal afirmava: “[...] as pessoas devem ‘assumir’ a própria sexualidade” (IMPÉRIO, 1978, p. 14). Essa intenção é tão forte que, na edição seguinte (número 2), a seção Opinião apresentou um artigo

de João Antônio Mascarenhas, membro do conselho editorial e que, no título “Assumir-se? Por quê?”, já reafirmava a posição sobre o assunto.

Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar-se com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem condená-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústia e frustrações. Valerá o esforço? Creio que sim. Não pretendo enumerar todos os motivos, mas alguns deles:

1º – sentimo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provocada pelo terror de sermos descobertos;

2º – dispensamo-nos da hipocrisia, de participar do jogo dos outros, eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-não-vê. [...];

3º – impedir a ocorrência de chantagem [...];

4º – fazer com que fiquemos a salvo da necessidade de subornar certos policiais inescrupulosos [...];

5º – saber que neutralizamos os nossos opressores machistas [...];

6º – dar, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se [...];

7º – também pela nossa atitude, ajudar os familiares, que se indignam quando percebem o homossexualismo de um parente, a questionarem a validade da posição de repúdio por eles adotada e a auxiliá-los a darem-se conta dos preconceitos de que são portadores [...]

8º – saber que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor. (MASCARENHAS, 1978, p. 2).

Na edição número 1 está afirmado que “LAMPPIÃO não disse até agora que as pessoas devem ‘assumir’ a própria sexualidade e se fechar dentro dela, nem pretende dizê-lo” (IMPÉRIO, 1978, p. 14). Já na edição número 2, João Antônio Mascarenhas enfatizou, com todas as letras, os motivos para “[...] aceitar-se com naturalidade a condição homossexual”. A fala de João Antônio Mascarenhas não significava apenas a razão de assumir a sexualidade como apontava o título do artigo. Os cinco primeiros itens numerados pelo editor do Lampião da Esquina foram apresentados de modo a colocar a afirmação da homossexualidade como necessidade de posicionamento frente à opressão sofrida. Já os três últimos itens representavam apenas um incentivo, de caráter subjetivo, para assumir a condição de homossexual.

De fato, o jornal se preocupava em fomentar uma identificação através da valorização do ato de assumir publicamente as práticas homoeróticas. Isso ficou explícito pela carta do leitor “C.S.S.” (1978, p. 15), na qual ele afirmou que Frederico Jorge Dantas e o Lampião da Esquina apontavam a necessidade de “atingir um tipo ideal de homossexual”, mas a tensão central estava presente no início do artigo de João Antônio Mascarenhas, quando ele afirmava que “[...] assumir-se, no caso, significa processo de aceitar-se com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem condená-la” (MASCARENHAS, 1978, p. 2). Há

tensão implícita nessa fala de João Antônio Mascarenhas, pois nesse trecho encontramos um ponto de contradição.

Quando João Antônio Mascarenhas falava sobre aceitar com naturalidade a condição de homossexual ele, implicitamente, criticava outras possibilidades de expressar o que hoje consideramos como homoerotismo, através de *performances* efeminadas. Lembremos que, na sua entrevista, o cantor Ney Matogrosso disse que, em suas apresentações, ele salientava justamente a *performance* (artificial) efeminada e isso foi reconhecido e valorizado pelo corpo de entrevistadores. Na entrevista com Clodovil Hernandez também observamos a ênfase no caráter de efeminação como uma possibilidade de manifestação do homoerotismo.

Comparando as entrevistas de Ney Matogrosso e de Clodovil Hernandez com a posição do artigo de João Antônio Mascarenhas, observamos um embate no que se refere à *performance* de efeminação como parte da condição homossexual. Mascarenhas afirmou que era preciso aceitar a condição de homossexual sem alardeá-la, mas sem condená-la, ou seja, confirmá-la, mas sem expressar-se através de ademanos alambicados (MASCARENHAS, 1978, p. 9), como se isso fosse uma *performance* puramente artificial quando realizada repetidamente por um homem.

Ainda na edição número 2 encontramos a carta do leitor José Alcides Ferreira, que se alinhava ao posicionamento assumido por João Antônio Mascarenhas sobre a crítica aos homossexuais com *performances* e expressões corporais que não correspondiam ao estereótipo de “homem verdadeiro” em concordância de seu papel de gênero masculino.

LAMPIÃO respondeu em cheio (pelo menos isto ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidades intelectuais deste grupo que a **bichória** chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de se impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos olhos e corações de coisas boas, de **realidade**. (FERREIRA, 1978, p. 14).

A carta de José Alcides Ferreira mostrava o conflito de identidades presente entre os leitores do Lampião da Esquina. Pelas denominações utilizadas na carta percebemos a comparação estabelecida pelo leitor entre ele, que se colocava no grupo dos “homens normais”, e a “bichória”, que eram os homossexuais efeminados. Além da relação de oposição, havia também uma relação de estranhamento, pois se, por um lado, José Alcides Ferreira se considerava um “homem normal” e acusava a “bichória” de ser diferente, na

perspectiva inversa podemos inferir que ele era apontado como diferente em relação à “bichória” que o chamava de “maricona”³³.

João Antônio Mascarenhas acentuou a importância de aceitar com naturalidade a condição homossexual e, por consequência, isso implicava refutar transformações corpóreas e *performances* que aproximassem um homem homossexual da aparência ou gestualidade que denotassem feminilidade. De forma muito semelhante, José Alcides Ferreira estipulou a mesma dicotomia, mas desta vez contrapondo os termos “homens normais” e “bichória”.

José Alcides Ferreira, ao falar sobre a identificação de homossexuais de um tipo a que ele se opunha, desprezou e rejeitou os adereços que denotavam a diferenciação entre “homens normais” e a chamada “bichória”. O que ele chamou de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques era um conjunto de características que emergiram em fins de 1970 enquanto elementos que podiam ser utilizados para diluir o binarismo de gênero. Por outro lado, esses mesmos elementos também podiam ser utilizados dentro do meio homossexual para estigmatizar os homossexuais com *performances* efeminadas, como se, por esta razão, fossem inferiores aos “homens normais”.

Mesmo que a linguagem utilizada no jornal fosse ambígua, irônica e coloquial, os editores buscavam acentuar a seriedade do Lampião da Esquina. Por isso publicavam cartas com diferentes posicionamentos sobre as matérias publicadas ao longo dos novos números. Dentre críticas, pedidos e elogios, também apareciam sugestões para edições futuras, como podemos ver numa carta anônima endereçada ao periódico: “Três sugestões: 1 – Deixar de ser tão guei. O jornal pode focar outros assuntos. [...] 2 – Participação feminina. [...] 3 – Aumentar a frescura. Tá sério demais” (ANÔNIMO, 1978, p. 15).

Das três sugestões dadas pelo leitor anônimo, a terceira sugestão ilustrava a tensão entre os leitores que preferiam uma leitura mais intelectualizada e os leitores que preferiam um jornal mais voltado para o entretenimento. A sugestão de “aumentar a frescura” foi criticada tanto pela carta do leitor José Alcides Ferreira quanto pelo leitor Carlos Schor, o qual escreveu:

Gostei muito do número um e estou a fazer um pedido: um dos leitores solicitou um aumento de frescura e uma seção de Receitas de Prazer, segundo disse ele, “para inventar modos de como fazer melhor a coisa”. Por favor, gente boa, nada disso”. Sem frescura, pois aí cai de novo no ridículo e não leva a nada. (SCHOR, 1978, p. 14).

³³ O termo “maricona” é utilizado para referir um homossexual de idade mais avançada.

Não eram apenas a “frescura” e a “efeminação” os pontos centrais de divergência entre os leitores no que dizia respeito à construção das identidades homoeróticas no jornal. A carta de Carlos Schor ilustrava outra tensão: os homossexuais que preferiam o *Lampião da Esquina* voltado mais para o entretenimento e a “frescura” do que para o posicionamento crítico.

A discussão sobre o caráter sério do periódico foi muito além das edições iniciais e, antes do jornal completar um ano de existência, era perceptível uma mudança. A retirada da seção Opinião por um determinado período, a criação de outras seções, como Tendências e Bichórdia, e a modificação do corpo editorial do *Lampião da Esquina* ilustravam as mudanças percebidas no periódico antes dele completar um ano de fundação.

A modificação do corpo editorial do jornal confirmava a existência de tensões entre os fundadores do *Lampião da Esquina*. Foi o editor João Antônio Mascarenhas quem deixou de integrar o conselho editorial do *Lampião da Esquina* e continuou a dedicar-se ao movimento homossexual participando em outras frentes de luta como, por exemplo, o grupo *Triângulo Rosa*³⁴. Sua saída ilustrava as tensões internas que refletiam as diferentes posições dentro do jornal.

2.3 RIO DE JANEIRO VERSUS SÃO PAULO?

As capitais Rio de Janeiro e São Paulo constituíam o principal eixo de produção, circulação e distribuição do *Lampião da Esquina*. Na cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Lapa, ficava o endereço da redação principal do periódico e nessa cidade morava boa parte do núcleo fundador do *Lampião da Esquina*: Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva, Gasparino Damata, Clóvis Marques, Adão Acosta, Antônio Chrysóstomo e João Antônio Mascarenhas (SILVA, 1998, p. 272).

Os outros membros fundadores do conselho editorial — Darcy Penteado, Jean Claude Bernadet e João Silvério Trevisan — moravam em São Paulo e constituíam uma redação secundária do *Lampião da Esquina*, de onde seus artigos seguiam para Rio de Janeiro para serem publicados. Somente um dos fundadores do jornal morava fora do eixo Rio-São Paulo.

³⁴ O grupo *Triângulo Rosa* foi fundado no Rio de Janeiro e sua principal característica foi a luta pela cidadania homossexual na busca por reconhecimento social e direitos civis. Sobre a trajetória desse grupo homossexual, consultar: CÂMARA, Cristina. **Triângulo Rosa**: a busca pela cidadania dos “homossexuais”. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

Tratava-se de Peter Fry, que era professor de Antropologia na UNICAMP³⁵, em Campinas (SP), e participava junto à redação de São Paulo por ser a mais próxima de sua localização.

Essas duas localidades acabaram se tornando pólos de oposição que deflagraram assimetrias de poder em relação aos artigos publicados nas páginas do *Lampião da Esquina* e, conseqüentemente, em relação às representações homoeróticas veiculadas no periódico.

Com o desenvolvimento da história do *Lampião* alguns dos membros passam a ocupar uma posição mais funcional dentro do jornal, enquanto outros passam a não exercer quase nenhum papel. No Rio de Janeiro, Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt destacaram-se devido ao trabalho junto à redação, enquanto em São Paulo João Silvério Trevisan e Darcy Penteado sobressaíram-se aos demais. (SILVA, 1998, p. 100).

Cláudio Roberto da Silva (2000, p. 100) informou que as assimetrias de poder emergiram em relação à representatividade do corpo editorial, dividido nas duas principais cidades de circulação do periódico. Entre os dois conjuntos de editores do jornal havia alguns sujeitos cujos posicionamentos no *Lampião da Esquina* precisam ser mais bem discutidos: João Antônio Mascarenhas, Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan.

Retomando a narrativa da fundação do *Lampião da Esquina*, a ideia de criar um periódico homossexual surgiu com João Antônio Mascarenhas quando auxiliou na pesquisa de Winston Leyland, mas lhe faltava a experiência para organizar um veículo de informação capaz de reunir homossexuais em torno de uma pauta comum.

Durante a reunião com Winston Leyland, foi Aguinaldo Silva quem concretizou a criação do jornal ao explicar a produção, informar o capital necessário e a viabilidade do projeto. Os presentes na reunião se mobilizaram para tal empreendimento, mas, como Aguinaldo Silva possuía maior experiência na área jornalística, ele assumiu a responsabilidade da produção do jornal. Entretanto, alguns membros do conselho fundador acusaram Aguinaldo Silva de ter tomado o cargo de editor chefe — pelo menos essa foi a posição de João Antônio Mascarenhas quando foi entrevistado por Cláudio Roberto da Silva:

O Aguinaldo Silva ficou encarregado da direção, mas ele nunca tinha ouvido falar nada do movimento. O Aguinaldo sempre assumiu a homossexualidade dele. Quando ele chegou aqui no Rio... ele se maquiava, saía lá pela Cinelândia, mas provavelmente com o objetivo de encontrar um parceiro. Não havia compromisso com a questão de ordem social. E o Aguinaldo tomou o jornal. Não há dúvida nenhuma que o Aguinaldo é um homem muito trabalhador, mas o que tinha sido proposto deixou de ser. Ele ficou

³⁵ Universidade Estadual de Campinas.

com a direção do jornal, com as assinaturas, com a distribuição, com a pauta... dou risadas quando questiono o que sobrou!! (SILVA, 1998, p. 272).

João Antônio Mascarenhas fez duas acusações a Aguinaldo Silva: a de ter tomado o jornal, no sentido de produzi-lo conforme bem entendesse, e a de que Aguinaldo Silva não se envolvia suficientemente com o movimento homossexual. Além disso, João Antônio Mascarenhas acusou o editor-chefe de não facilitar a produção coletiva do jornal.

O núcleo fundador havia acordado que, a cada mês, a reunião para discutir a pauta da próxima edição seria alternada entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas isso foi feito apenas no primeiro número do *Lampião da Esquina* (SILVA, 1998, p. 272). As demais publicações do *Lampião da Esquina* teriam sido montadas apenas no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Aguinaldo Silva, e a equipe de São Paulo apenas enviava sua contribuição, mas não participava da montagem efetiva do jornal. É preciso lembrar que também havia uma razão de ordem econômica implícita no fato de o jornal ter sido produzido majoritariamente no Rio de Janeiro, pois promover o encontro do núcleo fundador mensalmente representava um gasto a mais que o jornal não poderia manter.

Quando João Antônio Mascarenhas comentou sobre sua saída do conselho editorial do *Lampião da Esquina* ele afirmou que q causa era devida à perspectiva que o periódico estava adquirindo com a gerência de Aguinaldo Silva. “Sob a orientação do Aguinaldo, o jornal cada vez mais se afastava da minha ideia. Então achei melhor dar minha cota ao Francisco Bittencourt” (SILVA, 1998, p. 273), disse João Antônio Mascarenhas. A saída dele ocorreu entre as edições número 6 e 7 do *Lampião da Esquina*. Verificamos que, a partir de dezembro de 1978, na edição número 7, o nome de João Antônio Mascarenhas não aparecia mais no conselho editorial do jornal.

As causas da saída de João Antônio Mascarenhas iam além do distanciamento de suas ideias das de Aguinaldo Silva e reforçava a tensão entre os dois. João Antônio Mascarenhas propunha uma militância homossexual efetiva para o jornal, enquanto Aguinaldo Silva priorizava o aspecto comercial do periódico. Edward MacRae, colaborador do *Lampião da Esquina*, também apontou algumas informações sobre a saída de João Antônio Mascarenhas:

Alguns dos conselheiros do *Lampião*, em função de seus princípios políticos de seriedade anti-comunista, ou então temerosos de enfrentar novos dissabores com o inquérito policial, se colocaram contra o uso de nus para aumentar as vendas do jornal, levando a novas dissensões internas e finalmente à demissão de um dos “senhores [sic] do Conselho” (MACRAE, 1990, p. 91).

Edward MacRae indicou duas possíveis razões para a saída de alguns fundadores do periódico: “em função de seus princípios políticos” ou porque estavam “temerosos de enfrentar novos dissabores com o inquérito policial”. Isso significa uma contestação da razão apresentada por João Antônio Mascarenhas para a sua saída do jornal. Depois de olharmos as fontes, percebemos uma crítica indireta a João Antônio Mascarenhas, dando a entender que ele teria saído do periódico em função do inquérito policial aberto contra o Lampião da Esquina.

Foram doze meses de choro, ranger de dentes e defecções, desde aquele dia, no mês de agosto de 1978, em que chegou uma primeira intimação, em nome de Francisco Bittencourt; tratava-se, como se pode ver – agora que tudo terminou e nós, finalmente, temos acesso ao inquérito – de uma firme determinação do departamento de Polícia Federal de não apenas fechar o LAMPIÃO, como também punir os responsáveis por ele. [...] Falamos em choro e ranger de dentes? Esclareçamos: das onze pessoas que fundaram LAMPIÃO, uma, Gasparino Damata, foi dispensada do inquérito por motivos de saúde, mas sempre esteve conosco em espírito (neste exato instante, infelizmente, nem sabemos ao certo onde ele está); outra preferiu sair do jornal logo no início do processo. As nove restantes (Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Jean-Claude Bernadet, João Silvério Trevisan, Clóvis Marques e Peter Fry) coube o peso de todas as pressões. (SILVA, 1979, p. 2).

O enunciado acima foi publicado na edição de número 18, em novembro de 1979, e visava informar aos leitores sobre o encerramento do inquérito policial levantado contra o Lampião da Esquina. Quem escreveu essa nota, intitulada “Somos todos inocentes”, foi Aguinaldo Silva. Notemos como ele fez questão de indicar aos leitores todas as pistas necessárias para descobrirem quem era o membro do conselho editorial que preferiu sair do jornal logo no início do processo, pois foi essa a intenção ao listar todos os nomes dos sujeitos que permaneceram no jornal durante o inquérito.

A nota escrita por Aguinaldo Silva evidenciava as tensões existentes na produção do jornal, pois logo no início o artigo afirmava que foram doze meses de choro, ranger de dentes e defecções. Isso já dava a entender que o desenvolvimento do inquérito foi marcado por tristezas, por preocupações e por tensões. Além disso, Aguinaldo Silva fez questão de enfatizar que, dos onze fundadores do Lampião da Esquina, apenas nove carregaram o peso da pressão até o fim do inquérito.

Após a saída de João Antônio Mascarenhas, seu nome não foi mais veiculado no Lampião da Esquina como editor e nem mesmo como colaborador. Não apareceram mais

artigos, ensaios ou cartas escritas por João Antônio Mascarenhas nas páginas do periódico. Assim, o nome de João Antônio Mascarenhas só reapareceu nas páginas do jornal na edição número 36, mas foi marcado pela crítica feita contra ele, acusando-o de ter se "autoproclamado" representante do *Lampião da Esquina* após mais de um ano afastado do conselho editorial do jornal.

O *Lampião*, embora convidado, não mandou representante ao congresso da IGA – International Gay Association, realizado em abril na Itália. Assim, o Sr. João Antônio Mascarenhas, ao se apresentar aos congressistas como “editor e representante do jornal *Lampião*”, de acordo com suas declarações ao correspondente da revista “*Isto É*” na Itália, o fez indevidamente. O Sr. João Antônio Mascarenhas pertenceu ao conselho editorial deste jornal, mas dele se afastou, de livre e espontânea vontade, por discordar da linha editorial que os outros conselheiros, contra o seu único voto, escolheram para o *Lampião*. Desde então, ele tem dedicado a maior parte de sua vida a se autoproclamar uma espécie de eminência parda do jornal, sem que ninguém lhe tenha dado poderes ou procuração para isso. O episódio do IGA é tanto mais lamentável, quando se sabe que lá ele se apresentou também – sempre segundo o correspondente de “*Isto É*” – como representante de alguns grupos homossexuais organizados, os quais, por uma estranha coincidência que torna ainda mais obscura essa história toda, também discordam veemente da linha editorial do *Lampião*. O que nos parece é que foi dito, em nome deste jornal, o que estes grupos pensam, e não o que nós pensamos. E talvez, o nome mais apropriado para coisas como esta seja, pura e simplesmente, “*má fé*”. (LAMPÍAO, 1981, p. 3).

A nota emitida sobre João Antônio Mascarenhas na edição 36 não apresentava um título e nem indicava a autoria do texto. Por esse detalhe consideramos a nota como a opinião coletiva do conselho editorial responsável pelo jornal em maio de 1981. Nesse período, o conselho editorial já se encontrava reduzido e apenas cinco dos fundadores iniciais eram indicados nas fontes como membros do corpo editorial do *Lampião da Esquina*: Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Adão Acosta, Darcy Penteado e João Silvério Trevisan.

Acontece, porém, que as tensões na produção do *Lampião da Esquina* não se resumiam às diferenças de posições assumidas por João Antônio Mascarenhas e Aguinaldo Silva sobre o envolvimento do periódico na movimentação homossexual. Este último sujeito também aparecia como pivô das divergências em relação a João Silvério Trevisan. Nesse caso, a divergência era sobre a abordagem e as temáticas que *Lampião da Esquina* incorporou ao longo das edições.

Segundo Edward MacRae, João Silvério Trevisan “[...] era contra o *Lampião* se render a algum tipo de ‘consumismo’ tanto de direita quanto de esquerda” (MACRAE, 1990, p. 87),

pois João Silvério Trevisan se alinhava com a proposta inicial do periódico, na qual apareciam discussões preocupadas com a formação e informação do público leitor.

Antônio Carlos Moreira, em entrevista a Cláudio Roberto da Silva, indicou a dimensão que o jornal dava para o aspecto intelectual: “[...] logo nos quatro primeiros números, havia mais artigos tentando resgatar uma dignidade da homossexualidade, artigos de intelectuais, não só brasileiros, mas principalmente europeus” (SILVA, 1998, p. 488).

A perspectiva crítica era constante nos artigos de João Silvério Trevisan, porque ele se preocupava com a discussão das práticas homossexuais como um ato essencialmente político. Logo as perspectivas de João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva colidiram, geraram múltiplas acusações e refletiram na produção do jornal, ou seja, a tensão entre consumo e politização já estava presente desde os primeiros números do jornal. Isso ficou claro na entrevista de João Silvério Trevisan a Cláudio Roberto da Silva.

Meu ponto-de-vista a respeito da questão homossexual obviamente começou a se chocar com o do Aguinaldo. Em São Paulo eu era a pessoa mais ativa e no Rio de Janeiro, indiscutivelmente, era o Aguinaldo. Ele tomou o papel de editor do jornal. Havia vários editores, mas na prática ele acabou sendo o editor-chefe. Profissionalmente, mandava e desmandava, já pelo fato de ser jornalista profissional. (SILVA, 1998, p. 251).

A acusação levantada por João Silvério Trevisan, de que ele — Aguinaldo Silva — tomou o papel de editor do jornal, é praticamente a mesma acusação que João Antônio Mascarenhas fez em relação ao coordenador de edição do *Lampião da Esquina*.

Antônio Carlos Moreira acreditava que as tensões entre o grupo do Rio e o de São Paulo começaram quando a abordagem utilizando mais expressões do “gueto homossexual” apareceu com maior frequência no periódico. Segundo Antônio Carlos Moreira, “[...] o Aguinaldo achava importante usar todas as palavras para esvaziar o seu conteúdo pejorativo! Ele acreditava que o desgaste das expressões negativas poderia acontecer caso as usássemos constantemente” (SILVA, 1998, p. 489).

Os artigos de Aguinaldo Silva realmente traziam diversas expressões utilizadas pejorativamente para identificar homossexuais. Entretanto o coordenador de edição deixava bem clara, no artigo “As palavras: para que temê-las?” (SILVA, 1978, p. 5), a conotação que destinava ao uso de tais termos.

Muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar, com muita frequência, palavras tidas como **pejorativas**: bicha, boneca, etc., às quais o uso comum deu sempre um tom de ofensa, do epíteto humilhante.

[...] O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmisticá-las [sic]. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a “separação” que existe entre o **nosso** mundo e o dos **outros**. Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras, embora para quem as adota, sem qualquer tom pejorativo: **entendido**, por exemplo; e até mesmo que empreguemos sutilmente termos de um outro idioma, como é o caso de **gay**. [...] Se nos chamarem de bichas respondemos que somos mais que isso – somos trichas. (SILVA, 1978, p. 5).

A fala de Aguinaldo Silva apontava uma tripla intenção ao utilizar no jornal os termos pejorativos que designavam os homossexuais: (1) esvaziar a carga negativa atribuída pelo vocabulário machista, (2) evitar a criação de novas palavras que permanecessem exclusivamente cerceadas nos limites do gueto homossexual e (3) promover a identificação do público leitor para com o jornal e vice-versa.

Como o Lampião da Esquina era um produto comercial, também visava lucro e “[...] acabou colocando no mesmo barco *gays* e ‘gueis’, bichas, entendidos, travestis e o que mais viesse” (RODRIGUES, 2010, p. 60). Podemos, portanto, afirmar que o jornal utilizava os termos para desmitificar as diferentes realidades dos homossexuais que liam o periódico, assim como abranger uma diversidade de consumidores para o periódico.

Através da tripla intenção de Aguinaldo Silva percebemos que as mesmas denominações utilizadas para prender e fixar a representação de homossexuais, no que Homi Bhabha (1998, p. 117) designou como estereótipo, também possibilitava a superação dessa forma presa. Uma vez que Aguinaldo Silva buscava “esvaziar a carga negativa atribuída pelo vocabulário machista”, então performativamente emergia a possibilidade de as denominações adquirirem novos significados sem a carga pejorativa.

Vejam, por exemplo, as implicações da identificação através da palavra “bicha”: para um homossexual assumido, profissionalmente reconhecido, como Aguinaldo Silva, a palavra “bicha” representava uma ressignificação do termo, mas para um militante homossexual “entendido”, como João Antônio Mascarenhas, o termo “bicha [pintosa]” evocava justamente as *performances* efeminadas que desqualificavam os homossexuais. Para outros sujeitos ainda, como, por exemplo, para Darcy Penteadado, a palavra “bicha” nem era utilizada nos artigos que ele escrevia para o Lampião da Esquina. Nesse sentido, Darcy Penteadado invisibilizava a identificação homossexual com o termo “bicha” através da não utilização do termo. Percebamos que são três diferentes apropriações do termo “bicha”, apenas entre alguns membros do conselho editorial do Lampião da Esquina.

O uso dos termos pejorativos pelo jornal evocava diferentes significados, e isso ocorria de acordo com as realidades de seus leitores e editores. Essas diferentes experiências frente aos termos como a palavra “bicha” eram apropriadas pelo jornal sob a coordenação de Aguinaldo Silva, tendo em vista a venda do periódico. Era necessário se aproximar da realidade de diferentes leitores para que a publicação alcançasse o maior número possível. É dessa preocupação que decorriam as diferenças de perspectivas entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan, que se polarizaram as divergências entre as redações do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O Trevisan queria o jornal voltado para a vertente da militância, enquanto o Aguinaldo afirmava “- Que nada! Isso é besteira! Não vai vender jornal. Se fizermos isso o jornal não sobrevive um mês! Ele vai virar um veículo oficial do movimento homossexual... não tem que ser assim!!!” (SILVA, 1998, p. 488).

Os aspectos que diferenciavam a postura de João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva, aparentemente, eram dicotômicos: caráter das publicações (militância homossexual *versus* perspectiva comercial); direcionamento para diferentes leitores (homossexuais conscientizados *versus* abrangência de todos os leitores possíveis); diferentes preocupações com o que os leitores buscavam no jornal (formação e ativismo *versus* informação e entretenimento). Ocorria, porém, que a posição de Aguinaldo Silva se sobrepunha por conta de sua experiência profissional e do lugar que ele ocupava dentro do Lampião da Esquina.

Aos poucos o jornal ficou cada vez mais sob a responsabilidade e direção de Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt no Rio. Isso, inevitavelmente, levou a desentendimentos especialmente entre Trevisan e Aguinaldo Silva. Este era acusado de não abrir espaço suficiente para artigos vindos de São Paulo, fazendo com que o jornal ficasse quase exclusivamente voltado para os acontecimentos do gueto homossexual carioca. Não eram somente os paulistas que reclamavam. Como o jornal tinha uma distribuição nacional, leitores e outros estados frequentemente escreviam cartas criticando o espaço excessivo dado a matérias sobre o Rio. (MACRAE, 1990, p. 91).

A frequência de artigos a respeito da sociabilidade homossexual no Rio de Janeiro, que eram publicados no Lampião da Esquina, era superior aos artigos de mesmo cunho sobre a cidade de São Paulo. Essa assimetria de representação era perceptível desde o começo do jornal. Nas doze primeiras edições do periódico percebemos que apenas em cinco edições é que apareceram artigos enfocando algum espaço de sociabilidade homossexual em São Paulo.

Por outro lado, sobre a cidade de Rio de Janeiro foram publicados pelo menos nove artigos, dos quais oito apareciam como chamadas secundárias logo nas capas das edições.

Nos artigos escritos por João Silvério Trevisan, as críticas para a esquerda e a direita políticas eram o tema mais recorrente. Junto com a equipe de São Paulo, João Silvério Trevisan organizou um dossiê temático sobre a questão homossexual em Cuba. Esse dossiê foi matéria de capa da edição número 33 e ocupou 6 páginas, enfocando as relações homossexuais e a repressão homossexual em Cuba.

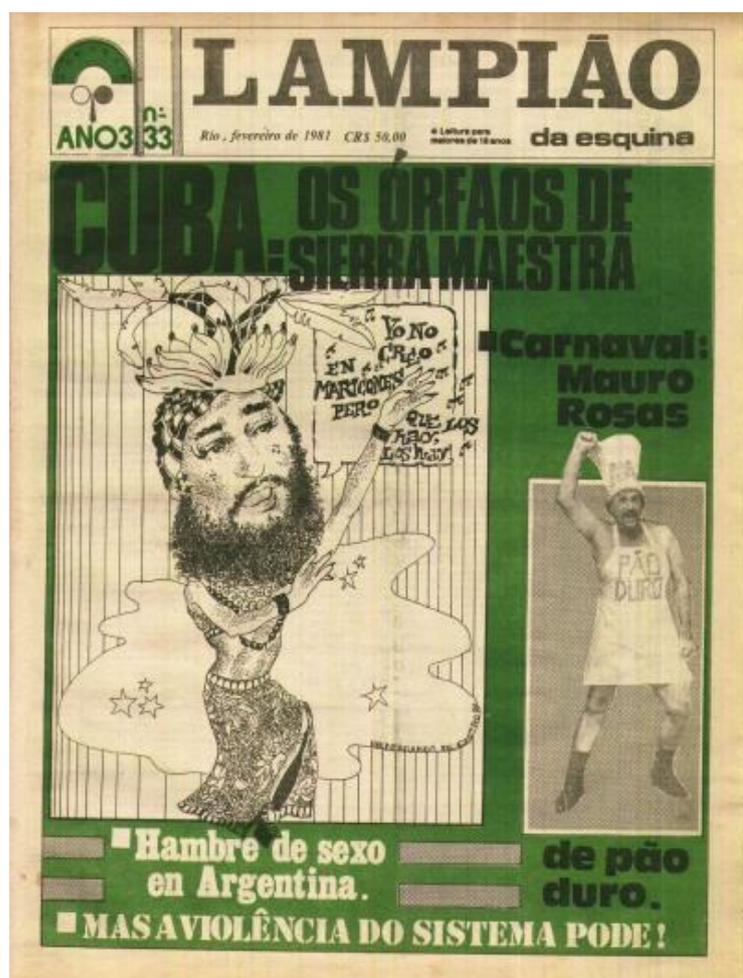


FIGURA 9. Capa da edição 33 do Lampião da Esquina
Fonte: **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 33, fev. 1981.

Pela capa da edição número 33 ficava claro seu caráter político. A equipe da redação de São Paulo apostava na militância crítica dos leitores do periódico para publicar e vender aquela edição. Entretanto, a edição número 33 foi uma das edições que menos vendeu (SILVA, 1998, p. 171). Por outro lado, a manchete da edição número 34 (Figura 10) utilizava títulos chamativos, como “HOTEIS DE PEGAÇÃO” e “HOMEM COM HOMEM”, para atrair leitores. Isso denotava uma mudança drástica em relação à edição anterior. Além disso,

ironicamente, a edição número 34 foi a edição mais vendida do jornal segundo o próprio João Silvério Trevisan (2007, p. 362-363).



FIGURA 10. Capa da edição 34 do Lampião da Esquina.
Fonte: **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 34, abr. 1981.

Como podemos perceber, era nítido que existia uma diferença entre as capas das edições 33 e 34. Pelas capas do Lampião da Esquina percebemos que a ênfase intelectual valorizada por João Silvério Trevisan já não estava tão presente no jornal. Na Figura 10, a edição de número 34 explorava o estilo de material midiático que valorizava justamente o caráter comercial em detrimento do aspecto militante.

Assim como a capa da edição 34, a edição 35 (Figura 11) também trazia uma abordagem completamente diferente da edição número 33 (Figura 9). Não estamos falando apenas das cores utilizadas, estamos nos referindo aos elementos gráficos usados para atrair os leitores e às chamadas das manchetes de primeira página.

Na edição número 33 (Figura 9), o elemento visual mais chamativo era a caricatura de Fidel Castro vestindo uma roupa de rumbeira, que lembrava as *performances* no estilo de

Carmen Miranda. Já na edição 35 (Figura 11) o enfoque temático destacava justamente a fotografia de um homem em vias de tirar a roupa, ao lado da chamada de capa: “HOMEM PELADO: um STRIP-TEASE COMPLETO para VOCÊ”. Nesse caso, tanto a foto quanto a chamada de capa estavam no lugar de maior valor visual da página, exatamente no centro.

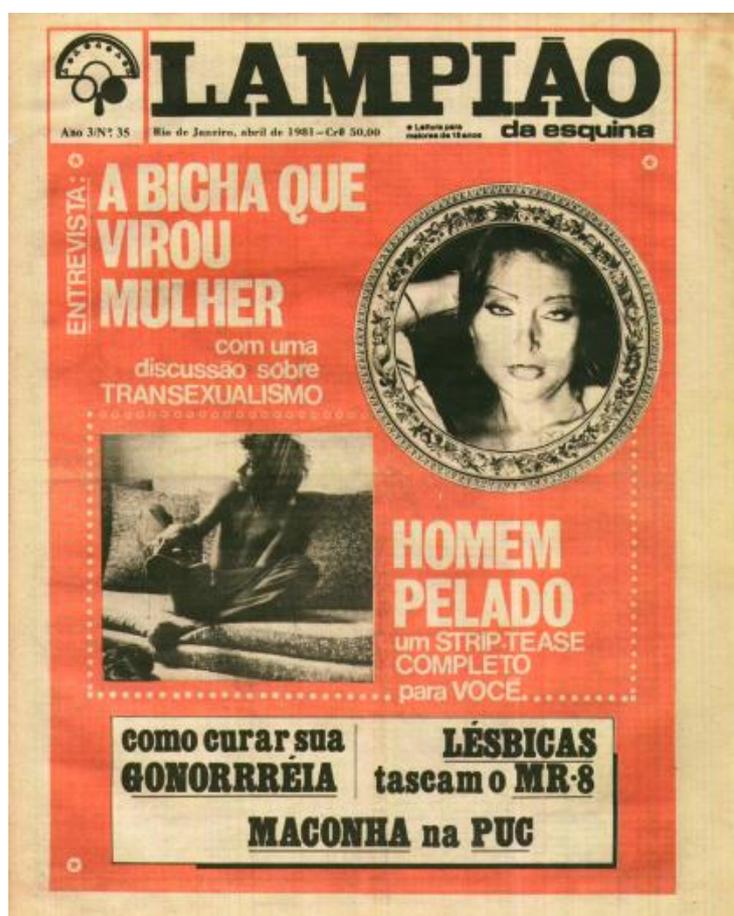


FIGURA 11. Capa da edição 35 do Lampião da Esquina.

Fonte: **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 35, maio, 1981.

As três edições discutidas nesta seção foram publicadas no ano de 1981, quando Aguinaldo Silva encerrou o jornal. É importante considerar o ano de publicação porque verificamos que ficou evidente uma assimetria entre o Lampião que surgiu em 1978 e aquele publicado em 1981, que utilizava o nu masculino como recurso para vender jornal e como forma de desmitificar a militância homossexual organizada.

Para Bernardo Kucinski, “Lampião da Esquina começou elegante e terminou pornográfico” (KUCINSKI, 2001, p. 73). Isso não significa que o jornal apelou indistintamente para a publicação do nu masculino como forma de conseguir elevar ou, no mínimo, manter as vendas do periódico. A afirmação de Bernardo Kucinski aponta que a circulação do Lampião “[...] coincidiu com a explosão pornográfica no país em decorrência da abertura e das pressões de uma demanda reprimida de pornografia” (KUCINSKI, 2001, p.

73). Em palavras mais simples: o Lampião já não era o mesmo, assim como seu público. Pela comparação das capas das edições 33 (Figura 9) e 34 (Figura 10), mais os apontamentos de Bernardo Kucinski (2001, p. 73), temos de concordar com a afirmação de Edward MacRae:

Os últimos números do jornal começaram a refletir cada vez mais a convicção de Aguinaldo Silva de que não se estava oferecendo um produto que o mercado queria e que o ativismo só apelava à minoria de uma minoria. Mas, apesar de começar a dar mais ênfase às reportagens sobre temas como masturbação, prostituição, travestis, etc., o jornal não conseguiu aumentar suas vendas. (MACRAE, 1990, p. 92).

A partir de 1981, o jornal apostava cada vez mais em temas como prostituição, travestis, masturbação e o nu masculino para manter as vendas. Nas últimas edições era evidente que o jornal assumiu os aspectos valorizados por Aguinaldo Silva, cujo objetivo era oferecer um produto que, segundo ele, era o que o mercado queria.

A relação do Lampião da Esquina com seu público leitor se dava através de uma necessidade de mão dupla: o jornal produzia material sobre sociabilidade, entretenimento e militância, material que, ao ser consumido pelos leitores, propiciava a manutenção do jornal. Por outro lado, os consumidores do jornal que militavam nos grupos homossexuais organizados precisavam do jornal que dava visibilidade e funcionava como porta-voz do movimento, mas a relação entre o periódico e os grupos militantes emergentes na década de 1970 transformou-se a ponto de o jornal criticar diretamente os militantes homossexuais, que eram parte fundamental do público leitor.

2.4 LAMPIÃO DA ESQUINA E O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

A história do movimento homossexual no Brasil aparece ligada à existência do Lampião da Esquina e à fundação do grupo *Somos*. Esses dois elementos têm sido identificados repetidamente e fixados, por parte da literatura que trata da homossexualidade no Brasil no século XX, como marcos de origem.

James Naylor Green (2000), João Silvério Trevisan (2007), Regina Facchini (2002) e Edward MacRae (1990) são alguns dos referenciais bibliográficos que trabalharam com a perspectiva de que o aparecimento do Lampião da Esquina e a emergência do grupo *Somos* foram eventos fundantes do movimento homossexual organizado no Brasil.

Entretanto, há novas discussões, publicações e pesquisas sobre a história da movimentação homossexual no Brasil que buscam rever o histórico do movimento homossexual no Brasil. Um exemplo desse revisionismo é a tese da pesquisadora Rita de Cássia Colaço Rodrigues (2012), que se tem dedicado a analisar e a discutir a constituição do movimento homossexual no Brasil numa perspectiva que vai além do mito de origem fixado na fundação do *Lampião da Esquina* e do grupo *Somos*. Segundo a pesquisadora:

Experiências de vocalização de concepção do desejo homossexual como prática tão legítima quanto a heterossexualidade e da discriminação enquanto opressão a ser [combatida] estão presentes em nossa história muito antes da constituição do grupo *Somos/SP* e da edição do jornal *Lampião da Esquina*. (RODRIGUES, 2012, p. 106).

A pesquisadora embasou sua afirmação em pesquisas como as de Luiz Morando³⁶, que localizou referências na imprensa comercial mineira sobre a constituição de entidades associativas de homossexuais em Belo Horizonte desde 1959. Ou seja, 18 anos antes do que se convencionou chamar de movimento homossexual brasileiro já existia a movimentação de uma subcultura homossexual em uma das principais capitais do país.

Para Rita de Cássia Colaço Rodrigues, foi a subcultura homossexual que permitiu aparecerem as condições de emergência de um movimento homossexual organizado e de caráter político: “[...] as condições necessárias, como soube reconhecer a equipe editorial do *Lampião*, já estavam dadas [...] Se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a LAMPIÃO” (LAMPIÃO, maio/junho de 1978, p. 14)” (RODRIGUES, 2012, p. 111).

A pesquisadora também analisou acontecimentos como os simpósios de debates sobre o “homossexualismo”, organizados pelo jornalista Édson Nunes e a menção, no jornal *Tribuna da Bahia*, sobre um frustrado congresso de homossexuais de Caruaru (PE). Ambos os acontecimentos datam dos primeiros anos de 1970 e foram compartilhados pelo pesquisador Luiz Mott³⁷. Isso também confirma que, mesmo antes de surgir o *Lampião da Esquina*, já havia manifestações isoladas que visavam pôr em pauta as relações homoeróticas.

A atribuição do *Lampião da Esquina* como mito fundador do movimento homossexual no Brasil ocorreu porque o jornal foi o primeiro veículo informativo destinado para homossexuais que conseguiu uma ampla distribuição pelas capitais brasileiras. Antes disso, as

³⁶ A principal referência utilizada por Rita de Cássia Colaço Rodrigues é a obra: MORANDO, Luiz. **Paraíso das maravilhas**: uma história do Crime do Parque. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

³⁷ As referências compartilhadas por Luiz Mott foram recolhidas por Rita de Cássia Colaço Rodrigues através de mensagem eletrônica na lista de discussão virtual listagls, do *site* Yahoo, aos 05/08/2007, sob o tópico “Polêmica Edson Nunes” (RODRIGUES, 2012, p.342).

publicações voltadas para o público homossexual, tais como *Gente Gay*, *Entender*, *Mundo Gay* e *Snob*, basicamente, não ultrapassavam os limites estaduais. Na maioria das vezes, essas publicações circulavam apenas nas cidades onde eram produzidas e sem contato contínuo com produções de outros estados (GREEN, 2000).

Quando observamos o texto “Saindo do gueto”, da edição experimental, já havia surgido a dúvida: —Qual era o sentido de movimento social que contemplava as especificidades do coletivo que se identificava com a proposta do Lampião da Esquina?

LAMPIÃO não pretende solucionar [sic] a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. (SAINDO, 1978, p. 2).

Os organizadores do jornal partiam da premissa de que já existia uma imagem-padrão estabelecida sobre os homossexuais, aquela que se referia à efeminação. E, quando afirmavam que “uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz”, utilizavam o contexto repressivo (do regime civil-militar) para justificar a necessidade de mobilização dos homossexuais. Isso sugeria que os homossexuais precisassem mais de visibilidade em 1978 do que em anos anteriores.

Se o artigo “Saindo do gueto” foi escrito considerando-se apenas o período dos governos militares no Brasil, então foi uma compreensão simplista e enviesou o posicionamento dos editores sobre a necessidade de um movimento homossexual organizado. Diferentemente, acreditamos que o artigo foi disposto em uma formação discursiva atravessada pela influência de outros movimentos sociais emergentes e pela influência das mudanças culturais. Assim, portanto, as práticas homoeróticas publicamente assumidas já poderiam ser consideradas parte do que, posteriormente, foi chamado de movimento homossexual brasileiro.

A atribuição do Lampião da Esquina como ponto de origem do movimento homossexual organizado no Brasil foi dada *a posteriori*, através da literatura que trata do tema, mas durante a circulação do periódico, o jornal recusava a função de porta-voz da comunidade homossexual, embora atuasse como propagador da visibilidade homossexual. Isso equivalia a construir uma representação discursiva pensada como adequada para se legitimar o posicionamento dos membros do conselho editorial do jornal. Segue-se, portanto, que somente no bojo da legitimação do Lampião da Esquina como um veículo midiático para

um público específico é que a concepção de “movimento homossexual” poderia ser significada:

O que se convencionou chamar de “movimento homossexual” é um recorte em uma rede de relações sociais, no qual estão presentes indivíduos e organizações da “sociedade civil”, diferenciáveis pelo fato de compartilharem e atuarem com vistas a um mesmo objetivo geral e com relação ao tema da “homossexualidade”: a “emancipação” ou a obtenção de “cidadania plena” para “os/as homossexuais”, ou outras identidades sexuais tomadas como sujeito do movimento. (FACCHINI, 2002, p. 6).

A pauta do *Lampião da Esquina* não se restringia apenas ao movimento homossexual e à luta por cidadania plena para homossexuais. A proposta inicial do Jornal – “vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador” (SAINDO, 1978, p. 2) – mudou ao longo tempo, valorizando a visibilidade homossexual tanto através das reportagens sobre militância organizada quanto através de reportagens voltadas para o entretenimento.

Falar de sexualidade num sentido criador significava ultrapassar os limites da moral, da cultura e da política. Essa criatividade não se resumia apenas às relações homoeróticas, mas dizia respeito às formas de militar e de dar visibilidade para a questão homossexual. Nesse sentido, *Lampião da Esquina* tornou-se um catalisador de grupos organizados dentro da comunidade homossexual.

A princípio, a relação do *Lampião da Esquina* com o movimento homossexual era pautada na função do periódico como veículo de informações, pois nas três primeiras edições não encontramos artigos específicos sobre militância homossexual organizada no Brasil. O tema da militância e do movimento homossexual organizado começou a aparecer no jornal a partir da edição número 4, quando publicou a matéria “Passeata guei reúne 240 mil” (ACOSTA, 1978, p. 3). Esse artigo foi traduzido e adaptado por Adão Acosta e informava sobre as manifestações da “Semana do Orgulho Gay” nos Estados Unidos, que ocorreu entre 14 e 25 de junho de 1978.

No *Lampião da Esquina*, o início da abordagem temática sobre o movimento homossexual organizado era apenas a reprodução de informações sobre o movimento gay internacional. As informações que o periódico trazia sobre a questão homossexual não diziam respeito apenas aos acontecimentos no hemisfério norte. O jornal também apresentava informações sobre a situação dos homossexuais na Argentina, no Chile e no México, como foi apontado na edição número 7, de dezembro de 1978.

A reportagem “Latinamérica: NA TERRA DOS HOMBRES, PAULADA NAS BONECAS!” (LATINAMÉRICA, 1978, p. 1), publicada na edição 7, jogava com a polissemia no título da matéria e abordava a repressão aos homossexuais na Argentina, a matança de homossexuais no Chile e discutia a situação da difícil sociabilidade homossexual no México.

No primeiro ano de circulação do Lampião da Esquina, a sua preocupação era dar visibilidade às práticas homossexuais, fosse por meio de denúncias ou através do estímulo à socialização, mas, implicitamente, o jornal estimulava a constituição de um movimento homossexual no Brasil por permitir a comunicação entre grupos homossexuais de diferentes localidades que emergiam naquele período. Como o jornal divulgava o movimento homossexual internacional e apresentava informações sobre a sociabilidade homossexual, ele era visto como se fosse porta-voz do movimento homossexual no Brasil. Essa ideia ficou clara quando observamos, na edição número 3, a carta enviada por um grupo homossexual paulista intitulada “LAMPIÃO é desnudado” (LAMPIÃO, 1978a, p. 14), mas, de qualquer forma, o jornal não ratificava essa função de porta-voz.

Aos amigos do LAMPIÃO: Acreditamos neste jornal, ponto de luz em meio à imbecilidade das posições, fechadas em relação à sexualidade em geral, e à homossexualidade em particular. Somos um grupo de homossexuais da Paulicéia Desvairada, que está se reunindo para conversar e discutir sobre a nossa sexualidade, a partir das nossas próprias vivências.

De conversa em conversa, nos surgiu o LAMPIÃO como tem, e desta idéia resultou uma reunião especial, motivada por muito chá e biscoitos. A nosso ver, o LAMPIÃO pode ser considerado (sem querer jogar confetis...) o único interessado no problema da sexualidade. (LAMPIÃO, 1978a, p. 14).

No artigo “Grupo Somos: uma experiência” (SOMOS, 1979, p. 2), da edição número 12, verificamos que o grupo homossexual paulista que escreveu a carta “LAMPIÃO é desnudado” (LAMPIÃO, 1978a, p. 14) era, na verdade, o grupo *Somos*, que não possuía um nome definido quando surgiu em maio de 1978. O grupo já havia sido identificado como Clube da Bolachinha, porque se reuniam com chá e bolacha, e como Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, sem contar apelidos como “grupo totó-fruta-conde” (SOMOS, 1979, p. 2).

Como ficou claro, antes de o Lampião da Esquina surgir já havia grupos homossexuais que se reuniam, pois isso ficou explícito no artigo “Grupo SOMOS: uma experiência” e no artigo “História da imprensa baiana” (FRY, 1978, p. 4), de Peter Fry. Nesse artigo, Peter Fry analisou a entrevista que fez com Waldeilton di Paula, que foi responsável pela publicação de

alguns periódicos voltados para os homossexuais, tais como: *Fotos e Fofocas*, *Baby*, *Zéfiro*, *Little Darling* e *Ello*. Waldeilton di Paula afirmava que a emergência desses periódicos na década 1960 era precedida pela existência dos grupos nos quais circulavam.

“Naqueles tempos a gente vivia muito fechado, porque não podia ter liberdade de expressão, viver publicamente e ser aceito pela sociedade. Então isso tudo nos obrigou a criar vínculos. Então a gente se reunia em apartamentos, nas praias, não tinham bares, boates e outras coisas. A gente utilizava a natureza como ponto de fazer nas noites”.

Formaram-se, então, vários grupos bem fechados, tais como os VIDs (Very Important Dolls), Carimbós e Os Intocáveis. “Com essa coisa toda, comecei a fazer os murais com desenhos. Todo mundo lia e satirizava os acontecimentos e os personagens. Agradava muito. Então comecei a fazer um jornalzinho precariamente limitado a falar sobre a sociedade guei do nosso grupo”. [...] Era o **Fotos e Fofocas**. [...]

Fotos e Fofocas durou até 1967, quando apareceu *Zéfiro*, que já era datilografado. Em 1968 veio à luz **Baby**, não só batido à máquina, mas também com tiragem de 50 exemplares pelo xerox. E em 1970 apareceu **Little Darling**, assim chamado porque naquela época Di Paula namorava um garoto na aula de inglês que recebeu do mestre esse apelido descritivo. (FRY, 1978, p. 4).

A preocupação dos grupos de homossexuais da década de 1960 era a constituição de uma rede de contatos para socialização, lazer e estabelecimento de relações afetivas e sexuais. Esses grupos não constituíam grupos militantes organizados, mas não podemos deixar e considerá-los como parte de uma movimentação homossexual, mesmo sem o sentido de movimento social específico. Foi dentro desse contexto que emergiram os primeiros periódicos de uma possível imprensa homossexual no Brasil. Tais periódicos enfatizavam a divulgação de sociabilidade homoerótica e isso foi um marca dos grupos em que emergiram e circulavam.

Notamos que o grupo homossexual paulista, o grupo *Somos*, que enviou a carta intitulada “LAMPIÃO é desnudado”, não apresentava apenas as características dos grupos homossexuais dos anos 1960: sociabilidade, lazer e estabelecimento de relações homoeróticas. O grupo apresentava outra característica importante: a discussão sobre as relações homoeróticas a partir da vivência dos membros do grupo. Essa era uma característica presente nas intenções de João Silvério Trevisan, quando ele tentou mobilizar algumas pessoas para discutir a homossexualidade na segunda metade da década de 1970.

Embora os objetivos que levaram à formação de grupos homossexuais das décadas de 1960 e de 1970 fossem diferentes, havia um denominador comum entre eles: a dificuldade de

estabelecer contato e manter um diálogo com outros grupos espalhados pelo Brasil. Isso foi uma tarefa que *Lampião da Esquina* assumiu informalmente através de sua circulação.

No que se refere à relação com grupos homossexuais mais preocupados com a questão da visibilidade homossexual (a questão da opressão e da discriminação), a edição do *Lampião da Esquina*, em que surgiu uma discussão mais palpável em relação ao movimento homossexual no Brasil, ocorreu na edição número 10, logo após ter sido realizada uma semana de debates sobre “minorias sociais”, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, em fevereiro de 1979 (Figura 1).

Os estudantes da USP queriam saber o que os homossexuais, como grupo minoritário e discriminado, estavam fazendo para a sua emancipação. E assim, durante três horas, cerca de 300 pessoas debateram o assunto com os seis componentes da mesa: João Silvério Trevisan e Darcy, representando **Lampião da Esquina**; três integrantes do grupo *Somos*, provavelmente a primeira tentativa de organização de homossexuais de São Paulo em torno de seus objetivos comuns; e ainda o poeta homossexual-proletário Roberto Piva. (DANTAS, 1979, p. 9).

Frequentemente o nome de João Silvério Trevisan aparece quando falamos da relação entre o jornal e os grupos militantes homossexuais. Além de pertencer ao corpo editorial do *Lampião da Esquina*, ele participava do grupo *Somos*, desde quando o grupo ainda se chamava *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*. Por causa dessa dupla participação, João Silvério Trevisan foi um elo entre o *Somos* e o *Lampião da Esquina*, o que levou alguns integrantes do grupo *Somos* a colaborar, ocasionalmente, na publicação do periódico (MACRAE, 1990, p. 105).

A partir do debate na USP, o “[...] grupo **Somos**, que saiu praticamente da casca com essa primeira oportunidade de vir à luz” (DANTAS, 1979, p. 9), estreitou as relações com o *Lampião da Esquina* através da dupla atuação de João Silvério Trevisan. O debate na Faculdade de Ciências Sociais da USP, em fevereiro de 1979, ilustrava a ênfase abordada no segundo ano de circulação do *Lampião da Esquina*, ou seja, o segundo ano de existência do jornal foi marcado pela mútua influência entre as duas organizações e “[...] o *Lampião* passou a dedicar bastante do seu espaço à cobertura das atividades do grupo [*Somos*]” (MACRAE, 1990, p. 105).

A relação entre o *Lampião da Esquina* e o *Somos* era vista através da cobertura que o jornal dava para a visibilidade do grupo homossexual paulistano. Na edição número 12, de maio de 1979, o jornal não só deu voz ao *Somos* como também apresentou a história e os problemas encontrados pelo grupo até aquele momento.

SOMOS surgiu em São Paulo em maio de 78 [sic], a partir de uma idéia comum a várias pessoas, para possibilitar o encontro de homossexuais, fora dos costumeiros ambientes de badalação e pegação (boates, bares, saunas, cinemas e calçadas). (GRUPO, 1979, p. 2).

Já nos disseram que o SOMOS só tem problemas a contar. Até certo ponto é verdade. Mas nós descobrimos coisas importantes, graças aos problemas. Por ex., descobrimos que temos dificuldades em falar de nós mesmos, enquanto indivíduos. [...] descobrimos a repressão e o autoritarismo internalizados dentro de nós. (GRUPO, 1979, p. 3).

A carta do *Somos* abordou dois problemas dentro do grupo: dificuldade de falar sobre si próprios e a repressão e o autoritarismo internalizados dentro deles mesmos. Desde que João Silvério Trevisan tentou fundar um grupo de discussão homossexual, já estava presente, entre os homossexuais contatados por ele, a dificuldade de discutirem abertamente sua sexualidade.

Sobre o primeiro problema apontado na carta do *Somos*, o *Lampião da Esquina* significou a possibilidade de vários sujeitos homossexuais escreverem sem se identificarem, pois várias cartas publicadas no jornal eram identificadas por um codinome ou só pelas iniciais. Além disso, a partir do momento em que alguns editores do jornal produziam reportagens sobre a homossexualidade, dentro e fora do Brasil, eles estimulavam positivamente que os leitores assumissem sua homossexualidade.

A repressão e o autoritarismo internalizados no grupo *Somos* eram questões latentes que podiam ser observadas tanto nos membros do grupo *Somos* como nos textos publicados no *Lampião da Esquina*.

Embora o jornal utilizasse uma linguagem ambígua, irônica e voltada para o pastiche, ficava evidente que, em algumas respostas aos leitores, o jornal também denotava um caráter autoritário. Esse posicionamento ocorreu, por exemplo, na edição número 9, quando o leitor Paulo Emanuel criticou o artigo “Quem resistirá a este verão” (QUEM, 1978, p. 5), publicado na edição anterior.

Segundo Paulo Emanuel, “[...] LAMPIÃO direta ou indiretamente fez o que se propôs ao contrário; utilizou homens como objetos sexuais” (EMANUEL, 1979, p. 14). O leitor apontou a objetificação do corpo masculino como uma contradição ao discurso inicial do jornal. A reação do periódico foi enfática, sem abrir margem para discussão:

R - Quanto aos rapazes na praia, nossa intenção foi essa mesma: mostrá-los como objetos sexuais, pois, como diz muito bem a “divine” ZsuZsu Vieira, “ante eles do que nós”. Quando nós mostramos um homem como objeto

sexual, estamos falando uma linguagem revolucionária, pois, na verdade, estamos dizendo: “olhem aí bonecos, qualquer um pode ser transformado em bife: basta que o outro queira...” (EMANUEL, 1979, p. 14).

A resposta dada para o leitor Paulo Emanuel não indicava apenas que o *Lampião da Esquina* estava assumindo uma nova postura na qual se apropriava do corpo masculino para vender jornal. Implicitamente, havia uma tensão entre a nova abordagem do jornal e o posicionamento crítico de leitores, mas antes de a tensão entre *Lampião versus* leitores ou entre *Lampião versus* movimento homossexual parecer mais explícita, o jornal continuou a enfatizar positivamente o movimento homossexual emergente.

Na edição de número 16, em setembro de 1979, o jornal voltou a dar visibilidade para o movimento homossexual organizado, apresentando outros grupos que emergiram naquele período tais como, por exemplo, o grupo *Somos*, o grupo *Libertos* e o *Grupo de Atuação e Afirmação Gay* (GAAG).

Na edição 16, a reportagem sobre o grupo *Somos* era uma entrevista, intitulada “O pessoal do Somos (um debate)” (O PESSOAL, 1979, p. 7), com alguns membros do grupo. Na reportagem só aparecia o primeiro nome dos membros que concederam a entrevista: Rogério, Hamílton, Eduardo, Ricardo III, Zé Luís, Jorge, Daniel, Teka, Paulo, Cris, Marcos, Vicente, Luís e Mauro. Basicamente, esses militantes falaram sobre a forma de ingresso no grupo, indicaram o andamento e a organização dos trabalhos e abordaram as identificações dos membros através das denominações “bicha” ou “lésbicas”, esvaziando-as dos significados pejorativos.

O artigo “O pessoal do *Libertos* (um balanço)” (LIBERTOS, 1979, p. 9), do grupo *Libertos*, de Guarulhos (SP,) consistiu numa breve apresentação do grupo militante e enfatizava as pautas de discussão defendidas pelo grupo, tais como: direito à felicidade, respeito à (homo) sexualidade e conciliação dos membros com diferentes perspectivas econômicas, sociais e culturais.

O *Grupo de Atuação e Afirmação Gay* (GAAG), do Rio de Janeiro, enviou apenas uma pequena nota ao *Lampião da Esquina* mostrando apoio ao periódico, que vinha sofrendo pressão por conta do inquérito policial. Na nota publicada com o título “O pessoal do GAAG (uma carta)” (GAAG, 1979, p. 9), o grupo fez somente uma breve apresentação, pois o objetivo era divulgar o grupo através da circulação do jornal.

A divulgação dos grupos *Somos*, *Libertos* e *GAAG* na edição número 16 indicava que os grupos de homossexuais organizados estavam assumindo cada vez mais relevância junto ao jornal, mas o inverso também era verdadeiro, ou seja, o jornal possuía um consumo crescente

entre aos grupos das capitais paulista e carioca, porque o jornal visibilizava a atuação destes grupos.

A visibilidade que o jornal proporcionava aos grupos homossexuais não se restringia às duas capitais, mas, sim, a todos os locais onde o periódico era distribuído e em que havia um grupo homossexual. Isso gerou a visibilidade para os novos grupos homossexuais espalhados pelo Brasil. Na edição de número 17, o jornal já noticiava o surgimento de mais um grupo homossexual no Rio de Janeiro — era o grupo *Somos/RJ*.

Essas informações reiteram que o jornal dedicou especial atenção para divulgar a emergência de grupos homossexuais organizados, especialmente no eixo Rio-São Paulo. Mesmo assim, contudo, a relação entre o jornal e o movimento também se modificou ao longo do tempo devido a mudanças na sua própria postura e às transformações internas dos grupos, como, por exemplo, a fragmentação do grupo *Somos*.

Segundo Edward Macrae, foi a necessidade de manter financeiramente o *Lampião da Esquina* que levou os seus editores, especialmente Aguinaldo Silva, a adotarem uma pauta temática mais voltada para o entretenimento e a sociabilidade homossexual em detrimento das discussões de outros grupos sociais, como as mulheres e os negros (MACRAE, 1990, p. 106).

Ao longo do ano de 1979, enquanto o jornal valorizava as movimentações homossexuais organizadas, também aumentou a publicação sobre roteiros turísticos e sobre locais para sociabilidade homoerótica. Isso foi verificado pelos títulos dos roteiros informados: “Para os meninos, mais um roteiro. Niterói e Bê-Agá”, edição 13; “Viva São Paulo: um roteiro para as mulheres”, edição 13; “Passe as férias na Bahia...”, edição 14; “Escolha o seu roteiro”, edição 16; “Escolha o seu roteiro”, edição 18; “Escolha o seu roteiro”, edição 19.

A razão da mudança da postura do jornal foi sentida na ênfase de publicar “roteiros gueis” para atrair um novo público leitor. A necessidade de mudança também foi causada por uma questão comercial. Segundo Edward MacRae (1990, p. 106), a crescente ênfase nas temáticas voltadas especificamente para o consumo cultural homoerótico era por conta das dificuldades financeiras pelas quais o jornal passou, ou seja, o aumento do seu custo de produção. Podemos verificar essa afirmação simplesmente observando o valor de venda do jornal ao longo das edições e comparando com outros periódicos em circulação no mesmo período, para constatar a elevação de preços.

O valor da primeira edição do *Lampião da Esquina*, em maio de 1978, custava Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros) e, na última edição, em junho de 1981, o valor era de Cr\$ 60,00 (sessenta cruzeiros) — isso significa que o valor inicial quadruplicou. No mesmo período, o

jornal *Folha de São Paulo*, que era publicado diariamente, passou de Cr\$ 5,00 em maio de 1978, para Cr\$ 30,00 em junho de 1981³⁸. Um aumento proporcional à elevação de preço sofrido pelo *Lampião da Esquina* no mesmo período.

Tomando por base os dados relativos à variação anual da inflação brasileira, podemos verificar a inflação entre os anos em que o *Lampião da Esquina* circulou. Segundo Dércio Garcia Munhoz (1997, p. 61), a variação anual da inflação brasileira entre os anos de 1978 a 1981 foi respectivamente de 40,7% (1978), 77,3% (1979), 110% (1980) e 95% (1981).

A partir disto confirmamos que a elevação do preço do *Lampião da Esquina* também foi tensionada pelos altos índices de inflação do período, ou seja, a mudança do jornal, ao enfatizar temas “apelativos” tais como exposição do nu masculino, não era apenas uma mudança de princípios, mas foi um subterfúgio comercial tensionado por uma necessidade econômica.

Segundo Edward MacRae, a partir de um determinado momento a posição do jornal tornou-se francamente agressiva em relação aos grupos homossexuais organizados e sugeria que “[...] grande parte dessa agressividade foi devida, provavelmente, às desavenças pessoais e políticas de Trevisan, Aguinaldo Silva e Francisco Bittencourt com integrantes do movimento homossexual do Rio e de São Paulo especialmente” (MACRAE, 1990, p. 88), pois cada editor defendia uma postura para o periódico. O coordenador de edição do Rio de Janeiro priorizava o consumo comercial do *Lampião da Esquina*, ao passo que João Silvério Trevisan se preocupava com a questão militante.

Enquanto *Lampião* vinha à luz no Rio de Janeiro, em São Pulo iniciaram-se, também nos primeiros meses de 1978, as reuniões de um grupo de homossexuais interessados em organizar-se para discussão e atividade liberacionistas, o qual integrei já desde o primeiro momento, com grande satisfação e alívio. (TREVISAN, 2007, p. 339).

João Silvério Trevisan tinha uma dupla atuação em relação à visibilidade homossexual, pois foi membro do *Lampião da Esquina* e do grupo *Somos* de São Paulo. Como ele se mantinha informado sobre a movimentação homossexual em São Paulo, ele acompanhou a fundação do grupo *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, rebatizado, em dezembro de 1978, como grupo *Somos*. Inferimos, portanto, que ele foi uma figura importante durante o rompimento do jornal com o movimento homossexual, ou mais especificamente com o grupo *Somos*.

³⁸ Os dados do jornal *Folha de São Paulo* foram retirados do Acervo Folha. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

Segundo James Naylor Green, no debate de fevereiro de 1979, na USP, “Trevisan e outros responderam que a esquerda era homofóbica, e alguns esquerdistas criticaram o movimento homossexual, alegando que este era irrelevante” (GREEN, 2014a, p. 68). Nessa afirmação percebemos o elemento que despertava a postura crítica de João Silvério Trevisan: os movimentos políticos de esquerda ortodoxa.

Em setembro de 1978, James Naylor Green entrou no *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais* e passou a participar dos encontros, mas James também militava num grupo político de esquerda, o Movimento Convergência Socialista. Estavam, portanto, postas as cartas na mesa, as cartas que geraram a tensão dentro do *Somos* e, posteriormente, entre esse grupo e o Lampião da Esquina, ou seja, a tensão entre João Silvério Trevisan e James Naylor Green.

James Naylor Green não via a militância na causa homossexual e na Facção Homossexual, que era a ala homossexual do Movimento Convergência Socialista, como aspectos dissociados um do outro. Já para João Silvério Trevisan, a ala homossexual da Convergência Socialista representava uma ameaça, uma cooptação do movimento homossexual brasileiro para o partidarismo político: “As bichas de recente orientação trotskista começaram a tirar a máscara. Já admitiam pública e diretamente a necessidade de um partido que *orientasse o movimento homossexual*, para dar-lhe um sentido proletário” (TREVISAN, 2007, p. 356).

Inevitavelmente as posições discordantes entre João Silvério Trevisan e James Naylor Green se chocaram. O ponto alto desse embate foi a divergência em relação às manifestações do 1º de maio de 1980, a respeito da participação ou não do *Somos* naquela manifestação. Uma parte do *Somos*, à qual pertencia James Naylor Green, pretendia apoiar a causa operária participando das manifestações e carregando faixas com a seguinte afirmação: “Contra a discriminação ao/a trabalhador/a homossexual” e com a identificação do grupo *Somos*.

Por outro lado, João Silvério Trevisan e uma parte do *Somos* preferiram “[...] rebelar-se com uma autêntica desmunhecação” (TREVISAN, 2007, p. 357). Esse grupo optou por fazer um piquenique no Parque do Carmo ao invés de participar das manifestações pró 1º de maio. Embora essas desavenças ocorressem internamente no grupo *Somos*, elas apareciam facilmente no Lampião da Esquina, pois João Silvério Trevisan, enquanto membro editorial, utilizava o espaço no jornal para expor suas críticas. Isso ficou visível no artigo “Boas de cama?” (TREVISAN, 1980, p. 7), no qual João Silvério Trevisan criticou uma parcela do *Somos*, que, segundo ele, fazia uma “política da cama” para descobrirem informações que auxiliassem nas disputas pelo poder de orientar o *Somos*.

Recentemente tive mais uma animadora notícia de como as bichas estão se integrando ao processo político brasileiro, muito mais depressa do que se poderia prever a partir do 1 Encontro. Hélas! Cheias de imaginação e inquietude, elas parecem que não se contentaram com praticar a **política da cama** e conseguiram uma façanha que superou o próprio James Bond, ou seja, inauguraram a **espionagem pela cama**, conforme fatos ocorridos na fantástica Paulicéia.

É assim: você, uma bicha devotíssima do padroeiro da sua agremiação política, entra num grupo homossexual organizado, visando "ampliar os quadros" do seu partido, com sutileza. Por ser moderna e sexualmente liberada, você adota a revolucionária prática da cantada indiscriminada, para através disso "politizar" um pouco as cabeças tão ocas desses viados. Mas atenção para não confundir as coisas: politizar significa naturalmente trazê-los para mais perto do catecismo da sua seita política! Até que um dia você precisa de informações seguras sobre um partido rival. Fácil. Você bota a funcionar seu charme irresistível, canta uma bichinha do lado de lá e, em meio aos ais de amor, arranca-lhe um relatório completo sobre seus adversários. (TREVISAN, 1980, p. 7).

Considerando as acusações do artigo de João Silvério Trevisan e as diferenças pessoais que ele tinha dentro do grupo *Somos*, ficava explícito como os conflitos vivenciados dentro do *Somos* respingavam na relação entre o jornal e o movimento homossexual, pois dava a impressão de que a crítica era do jornal para com o movimento homossexual. Uma situação assim só fortalecia a oposição entre o Lampião da Esquina e movimento homossexual emergente e aumentava a tensão a cada edição do jornal.

Na mesma edição em que João Silvério Trevisan publicou o artigo "Boas de cama?" apareceu outro texto crítico sobre o movimento homossexual. Era o artigo "Bichinhas sonhando com o poder" (PENTEADO, 1980, p. 2), de Darcy Penteado. Nesse caso, o autor não fez uma crítica direta a um grupo homossexual específico, mas alertava para o perigo que os grupos homossexuais corriam de perder seu caráter contestador quando passavam a articular-se junto com organizações partidárias.

Conforme João Silvério Trevisan (2007, p. 358) apontou, as divergências dentro do *Somos* tornaram-se densas demais e isso acabou culminando com a fragmentação do grupo. O racha no *Somos* gerou duas dissidências: uma ala que concordava com a posição de João Silvério Trevisan e uma evasão da participação feminina dentro do grupo *Somos*. As lésbicas aproveitaram o momento de separação para constituir o *Grupo de Ação Lésbica-Feminista* (GALF), formado apenas por mulheres, e que visavam discutir a especificidade da dupla discriminação que elas sofriam por serem mulheres e lésbicas.

Também podemos observar os reflexos da fragmentação do grupo *Somos* através da reportagem "O racha no SOMOS/SP" (O RACHA, 1980, p. 8). Nesse artigo foram publicados

os pontos de vista dos dois grupos dissidentes, assim como a posição do grupo que continuou se identificando como o *Somos* de São Paulo.

No dia 17 de maio [de 1980] ocorreu o que já se esperava há algum tempo: o estilhaçamento do grupo SOMOS, de São Paulo. [...] “Lampião” passa aos seus leitores os documentos enviados pelas facções em conflito. [...]

DOCUMENTO 1 [Dissidência feminina para constituir o GALF]

São Paulo, 19 de maio de 1980.

“Ao Movimento homossexual. Em reunião geral no Mistura Fina, dia 17 de maio, o grupo Lésbico-Feminista separou-se do grupo SOMOS. Assumimos esta posição com base em experiências concretas de um ano de trabalho e através das quais acreditamos hoje, poder afirmar que:

- 1) a participação de lésbicas em grupos misto tem impedido o desenvolvimento de uma consciência feminista [...]
- 2) é falsa a ideia de que um grupo homossexual precise de lésbicas para levar a questão feminista. [...]
- 3) os grupos formados exclusivamente por lésbicas ou bichas não dividem o M. H. [movimento homossexual], pelo contrário, podem enriquecê-lo apontando novas propostas na direção de um verdadeiro crescimento da consciência homossexual. [...]

DOCUMENTO 2 [Grupo dissidente apoiada por João Silvério Trevisan]

“CONSIDERANDO que a imagem externa do Grupo Somos está irreversivelmente associada ao grupo Convergência Socialista;

CONSIDERANDO que a autonomia do Grupo Somos está comprometida pelo caráter da atuação de elementos filiados a organizações político-partidárias;

CONSIDERANDO que o Grupo Somos foi desviado de sua definição como grupo de **homossexuais** interessados **basicamente** em discutir nossa **sexualidade** e lutar contra a discriminação **sexual**.

NÓS, abaixo nomeados, nos declaramos **DESLIGADOS** do Grupo Somos a partir desta data, e passamos a construir um novo grupo que se propõe a afirmar a definição de grupo homossexual autônomo e interessado prioritariamente na questão homossexual. São Paulo, 17 de maio de 1980.”

Assinado: Cacá, Celso I, Emanuel, Evaristo, Glauco, Reynaldo I, Ricardo III, Tosta, Zezé.

DOCUMENTO 3 [Grupo apoiado por James Naylor Green, que permaneceu se identificando como *Somos*/SP após as dissidências]

Desde a realização do 1º EGHO [Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados], evidenciou-se uma divergência dentro do Somos-SP: que se discutia política, manobras partidárias, tudo em detrimento das questões específicas homossexuais. [...] O objetivo desta carta é aclarar os motivos que determinaram essa renúncia.

O grupo Somos-SP, que mantêm a definição que a homossexualidade não sofre restrições pelas diferentes formas de participação dos seus elementos e que esta participação pode até mesmo ser em partidos políticos, a nível individual, concluiu que as acusações sobre a filiação partidária de algumas pessoas não interferiria em seu desenvolvimento. (O RACHA, 1980, p. 8)

Os documentos apresentados não informavam apenas a fragmentação e expunham suas razões. Os três documentos também evidenciavam uma dinâmica de tensão, apontavam diferentes posicionamentos sobre militância e ilustravam que, na luta pela visibilidade

homossexual, o reconhecimento social nem sempre estava alinhado à diferença de perspectiva. Na medida do possível, cada um dos grupos apresentou aspectos distintos sobre a causa da fragmentação.

No documento 1, o *Grupo de Ação Lésbico-Feminista* justificava a saída das lésbicas do grupo *Somos* para compor um grupo que discutisse exclusivamente a dupla discriminação de ser mulher e de ser lésbica. Essa especificidade não era visível nem reconhecida dentro da militância conjunta com os homens no *Somos*, pois a identificação apenas como homossexual apagava as singularidades das reivindicações da vertente feminista.

De outro lado, no documento 2 a preocupação central não era mostrar a razão da saída dos membros que desejavam “[...] construir um novo grupo que se propõe a afirmar a definição de grupo homossexual autônomo e interessado prioritariamente na questão homossexual” (O RACHA, 1980, p. 8). O que estava mais presente no documento 2 era, pura e simplesmente, a intenção de afirmar que o grupo *Somos/SP* havia passado a ser comandado por militantes ligados à Convergência Socialista, os quais colocavam a militância homossexual em segundo plano.

O documento 3, que correspondia aos sujeitos que permaneceram no grupo *Somos/SP*, rebatia as acusações levantadas pelas partes dissidentes e reservava aos homossexuais o direito de alinhar perspectivas de militância política com militância homossexual. É evidente que a dupla militância defendida no documento 3 lembrava exatamente a posição defendida por James Naylor Green, pois ele permaneceu no grupo *Somos/SP* após a fragmentação.

Apesar de todas as divergências entre João Silvério Trevisan e o grupo *Somos*, o *Lampião da Esquina* continuou divulgando os grupos homossexuais organizados que estavam emergindo. Em geral, essa visibilidade passou a ocorrer apenas por meio de uma coluna intitulada “Escolha aqui sua turma”. Essa coluna começou a aparecer no *Lampião da Esquina* a partir da edição número 20 e apresentava o nome e o contato dos grupos homossexuais existentes no Brasil que mantinham contato com o jornal, mas não apresentava explicações sobre os trabalhos específicos desenvolvidos por estes grupos.

A relação de amor e ódio entre os editores do *Lampião da Esquina* e alguns grupos homossexuais organizados ficava mais clara com o passar do tempo, mas essa relação sempre foi marcada por uma necessidade mútua: de um lado estavam os grupos que precisavam do jornal para ter visibilidade e estabelecer diálogo com outros grupos; de outro lado estava o *Lampião da Esquina*, que precisava dos grupos que constituíam uma parte essencial do público consumidor.

Os desafetos entre *Lampião da Esquina* e o movimento homossexual aumentaram mês a mês. Até mesmo o editor-chefe, Aguinaldo Silva, que raramente escreveu especificamente sobre a militância homossexual no Brasil, viu a necessidade de se posicionar na tensão entre o grupo *Somos/SP*, a *Convergência Socialista* e o jornal.

Não que eu discorde do ativismo homossexual: apenas acho que ou ele encontra o seu próprio caminho ou acaba atropelado pelos ativismos maiores. Esse é a minha opinião de pessoa abespinhada. [...] As bichas pensam que ocuparam um espaço (Richetti disse que não, e provou isso. Mas...), e tanto apregoaram esse fato, que logo surgiram organizações políticas pensando em arrematá-las. Dizem [que] o *Somos/SP* foi o primeiro a cair nas garras de uma delas (o *Somos/SP* desmente isso, é bom frisar).

Eu abomino essa possibilidade, mas este é o meu ponto de vista pessoal. Trata-se de uma questão de competência; se o pessoal que optou pela autonomia quer evitar a invasão do movimento homossexual pelos partidos e organizações políticas, que trate de brigar por isso. E trate, principalmente, de evitar a paranóia que se abateu sobre todos, e que vem ressoar aqui em nossa pobre redação como um eco várias vezes ampliado. Eu, se fosse uma bichinha de 18 anos que, mesmo assim, me autoproclamasse uma bicha histórica, trataria de ir à luta; nem os “vampiros de corpos” daquele science-fiction americano eram tão inflexíveis quanto [sic] vocês dizem que são os Meninos de Deus da *Convergência*, queridas. E quanto a vocês, nhã-nhãs brancas da *Convergência*, cuidado com essa linguagem tão melíflua (a carta que vocês nos mandaram, e que nós reproduzimos na seção de cartas com a devida resposta, é uma prova disso).

Estou falando de dois grupos que, pelo menos, tiveram a coragem de rasgar os véus, de assumir o fato de que, dentro do incipiente movimento (?) homossexual, já há uma luta pelo poder. (SILVA, 1980, p. 11).

Nesse artigo, intitulado “Compromissos, queridinhas? Nem morta!”, Aguinaldo Silva demonstrou um posicionamento semelhante à forma de João Silvério Trevisan pensar a relação do movimento homossexual com o engajamento político de esquerda. Aguinaldo Silva, porém, nesse caso, foi muito mais explícito em relação à crítica ao *Convergência Socialista*. As posições assumidas por João Silvério Trevisan, Darcy Penteado e Aguinaldo Silva sedimentavam cada vez mais a oposição entre o jornal e o movimento homossexual.

Alguns grupos homossexuais criticaram o jornal e o acusaram de não dar atenção suficiente ao ativismo homossexual, pois houve uma diminuição do espaço de visibilidade destes grupos no *Lampião da Esquina*. Por causa disso, alguns grupos homossexuais realizaram um abaixo assinado solicitando que o periódico providenciasse mais espaço para a publicizar a militância dos grupos homossexuais organizados. Independentemente de o ativismo ser aliado ou não a grupos políticos, Aguinaldo Silva indicou este episódio no artigo “*Lampiônicos: ativistas, astronautas?*”, na edição número 31, a última do ano de 1980.

Marcelo [Liberali], pelo telefone, tinha me comunicado que uma comissão, formada pela frente única de grupos homossexuais cariocas, iria nos procurar para entregar o documento e, imediatamente, ouvir a nossa resposta. [...] Marcelo sozinho, e não a comissão me entregou o documento explicando o que ele continha: primeiro, uma carta de cinco dos 17 grupos homossexuais existentes no Brasil, dirigida ao Lampião (assinavam: Auê, Somos/Rio, Gol-ABC, Bando de cá/Niterói e GGB Bahia); segundo, um abaixo assinado contendo nomes de pessoas que não pertenciam necessariamente a estes quatros, apoiando a carta. [...] A carta, num tom simpático, exigia de nós o que a gente acha que já existe no Lampião de cabo a rabo: mais ativismo (há uma discordância entre nós e estes cinco grupos sobre o que seja ativismo; eles acham que é apenas a atividade dos grupos; nós, ao contrário, achamos que ativismo pode ser muitas outras coisas. Por exemplo: colocar pontualmente a cada mês, nas bancas de 21 cidades do país, um jornal de homossexuais como o Lampião). (SILVA, 1980, p. 12).

Segundo Aguinaldo Silva, as posições estavam definidas: a cobrança dos grupos de homossexuais por mais visibilidade para suas ações *versus* a forma de ativismo escolhida por Lampião da Esquina. Pela fala de Aguinaldo Silva, havia uma questão explícita que denotava a tensão entre o jornal e os grupos homossexuais: o que poderia ser considerado, efetivamente, como ativismo e militância?

Para os grupos indicados por Aguinaldo Silva (*Auê, Somos/Rio, Gol-ABC, Bando de cá/Niterói e GGB*), a militância do jornal deveria ser sinônimo de visibilidade exclusiva dos grupos, publicando a atuação de cada grupo e incentivando o diálogo com possíveis núcleos homossexuais emergentes.

Para Aguinaldo Silva, o ativismo ia além da cobertura das atividades dos grupos homossexuais. Na sua perspectiva, dar visibilidade para travestis e transexuais, divulgar espaços de sociabilidade homossexual e até mesmo publicar fotos eróticas de nus masculinos, tudo era uma forma de ativismo por propiciar o reconhecimento das especificidades das identificações homossexuais.

O jornal nunca deixou efetivamente de dar visibilidade aos acontecimentos do movimento homossexual, como, por exemplo, no caso do primeiro encontro de homossexuais militantes, que ocorreu aos 16 de dezembro de 1979, em São Paulo, cuja cobertura foi publicada na edição 20 em janeiro de 1980. Outro evento acompanhado pelo Lampião da Esquina foi o primeiro Encontro Brasileiro Homossexuais Organizados (EBHO), ocorrido entre 4 e 6 de abril de 1980, publicado na edição número 24, em maio de 1980. A diferença é que a partir de meados de 1980 o Lampião da Esquina não tratou a visibilidade do movimento como atividade primordial do periódico, portanto o Lampião da Esquina procurou não pautar-se em atividades de grupos isolados.

Na edição de número 31, o *Lampião da Esquina* ainda publicou o texto “Surpresos e decepcionados”, que era a carta aberta enviada em nome dos 5 grupos homossexuais organizados que cobravam maior visibilidade das atividades realizadas e, conseqüentemente, maior engajamento do jornal na militância homossexual.

Carta aberta ao jornal *Lampião*

Caros amigos:

Já há algum tempo que, com grande perplexidade, começamos a observar o gradual afastamento do jornal *Lampião* dos grupos ativistas homossexuais.

Tal distanciamento culminou no nº 29, onde não houve menção alguma a respeito dos grupos, não sendo sequer publicada a costumeira (?) seção “Escolha seu Grupo”.

Essa atitude nos deixa surpresos e decepcionados, pois não a compreendemos. Sabemos que o *Lampião* nunca quis se comprometer com algum grupo em especial, nem ser um jornal essencialmente ativista, o que respeitamos e achamos muito justo. Mas daí a rejeitar o ativismo dos grupos em geral, vai uma distância muito grande, inclusive porque os grupos sempre apoiaram e colaboraram para a existência do “nosso jornal”. Não é preciso lembrar que em várias ocasiões já se viu ativistas vendendo e distribuindo exemplares nos mais diversos lugares de cada cidade, isso sem mencionar a propaganda individual realizada por membros dos grupos e diversos artigos já publicados.

Queremos lembrar que se aproxima a realização do 2º Encontro Nacional dos Grupos Homossexuais, cuja idéia inicial partiu do próprio *Lampião*. E entendemos que, a continuar esse clima de afastamento, o prejuízo será não só dos grupos ou do jornal, mas também de todo aquele que se sente oprimido por ter uma sexualidade considerada desviante pelos donos do poder.

Esperamos que, juntos, cada um a seu modo, possamos todos lutar contra a mesma opressão que nos atinge.

a) Grupo Auê/Rio – Pela Livre Opção Sexual; Grupo Somos/Rio; Bando de Cá/Niterói; G.O.L.S./ABC-São Paulo; Grupo Gay da Bahia (SURPRESOS, 1980, p. 12).

Através dessa nota, os grupos homossexuais pareciam estar mais estruturados ao buscar representação mais específica de suas atividades. Para Aguinaldo Silva e todo o corpo editorial do *Lampião da Esquina*, a nota foi percebida como uma pressão para dar visibilidade aos grupos, mas, na segunda metade do ano de 1980, a maioria das páginas do *Lampião da Esquina* já era ocupada mais com matérias de entretenimento do que de cunho militante.

Essa situação corroborou a afirmação de João Silvério Trevisan (2007, p. 360), de que o jornal não só começou a desligar-se do compromisso moral com os grupos organizados como também repudiou o ativismo homossexual. O *Lampião da Esquina* não repudiou o ativismo num sentido de abandono absoluto, mas reservou-se o direito de publicar temáticas para melhorar a venda do jornal em detrimento da visibilidade dos grupos homossexuais e das matérias de cunho político presentes no primeiro ano de circulação do periódico.

2.5 POR QUE ACABOU O GÁS DO LAMPIÃO DA ESQUINA?

Segundo João Silvério Trevisan (2007, p. 363), a edição número 34 (Figura 10) foi a que mais vendeu exemplares do *Lampião da Esquina*. Essa mesma edição nos indica os elementos que denotavam a mudança de postura do periódico, elementos que, por sua vez, estavam relacionados ao fim do periódico. Retomemos, portanto, a Figura 10, capa da edição número 34.

A edição 34 ilustrava a temática priorizada no jornal ao longo do último ano de circulação, ou seja, a exploração da sociabilidade homossexual como forma de atrair leitores. A pauta temática da edição de março de 1981 enfatizava a festa do carnaval, mas a cobertura do carnaval dividia espaço com outras manchetes, como “HOTÉIS DE PEGAÇÃO” e “HOMEM COM HOMEM (O CARNAVAL GAY)”.

O conjunto de manchetes e fotografia em destaque na capa da edição número 34 (Figura 10) ilustrava justamente a promessa que o *Lampião da Esquina* havia feito ao leitor Sérgio Rodrigues, anteriormente, ainda na edição de número 20, em janeiro de 1980:

R - A gente está pensando em voltar o jornal cada vez mais, nos próximos números, para as pessoas comuns, Serginho. Essa história de artista já encheu o saco; até parece aquela história de que homossexual é mais sensível, mais fino, mais delicado, por isso acaba se tornando artista. Não é nada disso, pô, tem bicha estivadora pra cachorro! (CANTORA, 1980, p. 18).

Lampião da Esquina não apostava mais, majoritariamente, nos discursos intelectualizados que estimulavam os homossexuais a se assumirem para vender jornal, tampouco procurava ocupar suas páginas exclusivamente com a visibilidade dos grupos militantes de homossexuais organizados. A abordagem que ganhou espaço no último ano de circulação abrangeu cada vez mais as dimensões cotidianas das práticas homossexuais e cobriu os espaços de sociabilidade. Isso significa que, próximo ao encerramento do *Lampião da Esquina*, o jornal se tornou um tipo de imprensa voltado para o consumo e o entretenimento homossexual.

A mudança de abordagem ocorreu por na tentativa de conquistar novos leitores através de temas mais interessantes que a militância homossexual, ou os artigos intelectuais da fase inicial. Ao mesmo tempo, essa mudança de abordagem representava uma distância que o

jornal tomou em relação à cobertura exclusiva das ações dos grupos homossexuais organizados.

Cabe entender, porém, que apenas a mudança na abordagem e a elevação do preço do jornal não explicavam satisfatoriamente o encerramento do jornal. Para Edward MacRae (1990, p. 92), foi uma série de razões entrelaçadas que concorreram para apagar a luz do Lampião: o preço do papel que começou a subir; a elevação dos custos de produção; a orientação explicitamente homossexual que afugentava anunciantes e criava resistências entre as distribuidoras.

Quanto aos dois últimos aspectos apresentados por Edward MacRae, podemos questionar sua plausibilidade, pois, desde o surgimento do jornal, ele já encontrava resistências por sua orientação marcadamente homossexual. Sobre os custos do jornal, houve aumento até mesmo na grande imprensa. O jornal *Folha de São Paulo*, como foi informado anteriormente, passou de Cr\$ 5,00 para Cr\$ 30,00 no mesmo período de circulação do jornal, por conta das altas taxas de inflação no período.

Para João Silvério Trevisan (2007, p. 362), a mudança na abordagem do jornal descaracterizou as intenções iniciais do periódico e gerou a diminuição nas vendas. Entretanto, essa justificativa isoladamente não convence sobre o fechamento do jornal, pois o próprio João Silvério Trevisan apontou que o dossiê que ele e a redação de São Paulo prepararam sobre os homossexuais em Cuba, na edição 33, vendeu bem menos que a edição 34, que abordava a sociabilidade homossexual masculina e a festa do carnaval brasileiro.

Como percebemos, existia uma série de razões que convergiram para o fim do Lampião da Esquina, inclusive a tendência da grande imprensa de assimilar a pauta temática da imprensa alternativa, pois, com o encaminhamento do regime civil-militar para a redemocratização, o sentido da existência dos periódicos alternativos começava a diminuir (KUCINSKI, 2001). Nesse sentido a grande imprensa passou a incorporar públicos específicos que antes assimilavam os periódicos alternativos.

Isoladamente, nenhum dos fatores indicados por João Silvério Trevisan (2007, p. 362) e por Edward MacRae (1990, p. 92) explicava o fim do jornal, portanto acreditamos que foi uma série de fatores que concorreu para o fim do jornal. Esses fatores foram aliados à decisão de Aguinaldo Silva de fechar o jornal, pois ele não acreditava numa recuperação comercial do periódico.

Os últimos números do **jornal** começaram a refletir cada vez mais a convicção de Aguinaldo Silva de que **não se estava oferecendo o produto**

que o mercado queria e que o **ativismo só apelava à minoria da minoria**. Mas, apesar de começar a dar mais ênfase às reportagens sobre temas como masturbação, prostituição, travestis, etc., o jornal não conseguiu aumentar suas vendas. (MACRAE, 1990, p. 92).

Ao final de três anos e meio, o *Lampião da Esquina* mudou, assim como os seus leitores também podem ter mudado dentro de um contexto sociopolítico que estava em transformação. Tendo em vista essa dinâmica, atrelada às razões que Trevisan (2007, p. 362) e MacRae (1990, p. 92) apontaram para o fim do *Lampião da Esquina*, a mudança para uma abordagem mais comercial não conseguiu manter os leitores e as tensões com grupos de homossexuais militantes dificultaram que o movimento homossexual no Brasil sustentasse o periódico.

3 *QUEERING AS REPRESENTAÇÕES*

João Silvério Trevisan apontou que uma das razões para a queda nas vendas do *Lampião da Esquina* foi a alteração da pauta discursiva do jornal, o que teria sido refletido na mudança de público consumidor: a princípio era um público aglutinado em torno da intenção de constituir uma identidade de homossexuais assumidos; num segundo momento havia a forte presença de leitores engajados em grupos homossexuais organizados e, no terceiro ano de circulação do periódico, o jornal se apresentava mais voltado para o entretenimento do que para a militância.

Precisamos, mesmo assim, reconsiderar a relação emblemática que havia entre o periódico e os seus diferentes públicos leitores no que diz respeito à construção de identidades no jornal. Ao longo desta pesquisa percebemos que as dissertações que trataram especificamente do *Lampião da Esquina* procuraram destacar os aspectos positivos do que o jornal representou. Por outro lado, ficaram submersas algumas das contradições e dos embates na dinâmica das tensões entre editores e leitores.

Observamos que, nas dissertações consultadas³⁹, as críticas levantadas sobre os conflitos no *Lampião da Esquina* envolvendo a relação entre o periódico e o movimento homossexual, além dos embates entre os editores do jornal, tinham deixado submerso o questionamento das representações elaboradas pelo próprio jornal.

Assim, quais são as possibilidades de sentido que emergem quando questionamos o *Lampião da Esquina* sem idealizar a história do movimento homossexual no Brasil? Ou, mais especificamente, como o *Lampião da Esquina* representou os homossexuais que eram parte fundamental de seu público leitor? Essas questões levantam discussões teóricas extensas, principalmente se considerarmos as várias denominações que apareceram no *Lampião da Esquina* para denominar os homens que praticavam o homoerotismo

Considerando apenas as citações diretas deste trabalho, coletamos várias denominações utilizadas para se referir aos homens que estabeleciam relações homoeróticas: “homossexual”, “o travesti”, “caricatura grotesca de mulher”, “homem fantasiado de mulher”, “a bicha que virou mulher”, “homem normal”, “gay”, “gay-macho”, “guei”, “tricha”, “bicha”, “bicha histórica”, “bichinha”, “bichinha da boate”, “bicha pintosa”, “bicha assumida e erudita”, “bicha de classe média”, “bicha louca”, “boneca”, “a louca”, “maricona”, “viado”,

³⁹ Referimo-nos aos trabalhos de Cláudio Roberto da Silva (1998), Márcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006), Almerindo Cardoso Simões Júnior (2006) e Paulo Roberto Souto Maior Júnior (2015).

“veado”, “entendido”, “bofe”, etc. Por conta da variedade de denominações, optamos por discutir apenas três identificações específicas na segunda parte deste capítulo: as “bichas pintosas”, “os travestis” e os “gays-machos”. Esperamos, com essa discussão, bem compreender como o jornal representou a tensão identitária sobre essas denominações.

Antes de investigar essas três representações homoeróticas, preferimos aprofundar nossos referenciais teóricos que permitem questionar as representações produzidas no *Lampião da Esquina*. Mais especificamente abordamos as provocações sugeridas no título deste capítulo: *Queering as representações*.

O termo *queering* deriva da palavra inglesa *queer*, que pode significar: estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário (LOURO, 2013 p. 39), mas *queer* também é um xingamento e um palavrão em inglês (MISKOLCI, 2012, p. 24), um significado semelhante ao da palavra “bicha”. Em resumo, é um termo pejorativo utilizado para depreciar homens homossexuais.

Como o termo *queering* também pode ser compreendido em português como “estranhando” ou “estranhamento”, nós o utilizamos para destacar o duplo sentido que o termo “estranhamento” sugere: primeiramente no sentido pejorativo, isto é, de xingamento, usamos o termo para destacar as condições das representações homoeróticas nos enunciados do jornal. Ao mesmo tempo nos apropriamos do sentido político do termo, que é a intenção de perceber as assimetrias entre diferentes representações sociais e problematizá-las.

Acreditamos que questionar o estranhamento pejorativo de algumas representações homoeróticas, que apareciam nas páginas do *Lampião da Esquina*, é um passo no sentido de superar a visão estereotipada sobre práticas homoeróticas. Além disso, contribui para desconstruir a ideia de que o *Lampião da Esquina* era livre de contradições entre os editores e os leitores ou livre de dissenso em relação ao público leitor.

Representar um grupo de sujeitos implicava a escolha de aspectos físicos, sociais, culturais e econômicos em detrimento de outros. Da mesma maneira, as dissertações que analisaram especificamente o *Lampião da Esquina* enfatizaram o aspecto positivo do jornal para a história do movimento homossexual no Brasil em detrimento das discordâncias no interior do periódico.

Optamos por compreender as representações homoeróticas produzidas no *Lampião da Esquina* como produções discursivas, portanto, marcadas pela polissemia. E, se analisamos essas representações como produções discursivas, portanto é necessário confrontar as representações das práticas homoeróticas com as reflexões que compreendam essas práticas enquanto *performances* de diferentes identificações.

Por essa razão, consideramos as reflexões de Judith Butler sobre performatividade. A partir desse conceito podemos compreender que as práticas homoeróticas não eram determinadas pelos sentidos fixados em estereótipos. Ao invés de pensarmos as práticas homoeróticas no sentido restritivo da definição de estereótipo dada por Bhabha (1998, p. 117), precisamos compreender que essas práticas homoeróticas estão sujeitas a denominações historicamente delimitadas — portanto sempre emergem outras possibilidades de sentido de acordo com as *performances* assumidas pelos sujeitos.

3.1 OS “GUEIS” DEIXARAM DE LADO A “BICHA PINTOSA”?

No título desta subseção também há uma provocação contida e, com isso, queremos destacar a contribuição da luta política dos estudos *queer* para as nossas análises. Richard Miskolci (2012, p. 31) apontou que, nos anos 1990, a maioria dos estudos gays e lésbicos era sobre homens homossexuais que adotavam uma postura masculina de respeitabilidade social. Nesse sentido, Richard Miskolci (2012, p. 32) sugeriu acusações contra o movimento homossexual, afirmando que os estudos gays invisibilizaram aqueles que eram xingados e maltratados por romperem as normas de gênero, tais como as travestis e os homossexuais ditos efeminados.

As observações de Richard Miskolci estavam direcionadas para o contexto de emergência da Teoria *Queer* enquanto questionamento político nas relações de gênero nos Estados Unidos durante a década de 1990, mas o questionamento no título desta subseção remete às práticas discursivas no *Lampião da Esquina* em relação a, pelo menos, duas identificações representadas nas páginas do jornal: “gueis” e “bicha pintosa”.

A título de provocação: —Será que os editores do *Lampião da Esquina*, efetivamente, se voltaram para um perfil homossexual em detrimento da multiplicidade de identidades homoeróticas existentes? —Se sim, como perceber essa assimetria de representação nas fontes? —Como olhar além das práticas discursivas presentes no periódico?

No bojo das questões levantadas, necessitamos refletir sobre a abordagem das fontes a partir das contribuições dos estudos *queer*. Por esse motivo, discutimos primeiramente nossa apropriação da Teoria *Queer* para, em seguida, analisar os enunciados sob a perspectiva das representações homoeróticas do sexo masculino.

3.1.1 Teoria *Queer* como instrumento de análise

No campo historiográfico dos Estudos de Gênero existem diferentes vertentes. História das mulheres e história do movimento homossexual enfocando as relações de poder entre homens e mulheres são algumas vertentes que têm enriquecido os estudos históricos. Isso, porém, não quer dizer que o campo historiográfico esteja livre de tensões e de influências.

Uma das perspectivas que tem tensionado as duas vertentes citadas dos Estudos de Gênero é justamente a dos estudos *queer*, que recebeu contribuições advindas dos Estudos Culturais (MISKOLCI, 2012, p. 36) e, através da problematização das identificações, tem conquistado espaço no meio acadêmico e militante.

Considerando o II Seminário Internacional Desfazendo Gênero, que ocorreu em 2015, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), percebemos o crescimento dos estudos *queer* no Brasil. A proposta do evento foi estabelecer um diálogo entre pesquisadores e ativistas ligados exclusivamente aos estudos *queer* com a finalidade de abrir espaço para as suas perspectivas metodológicas, teóricas e conceituais.

É necessário compreender o diferencial dos estudos *queer* para sabermos que sua utilização não é apenas teórica, mas também é prática e política. Pensar historicamente o desenvolvimento da Teoria *Queer* não é apenas pontuar os marcos históricos da origem dos estudos *queer* ou do termo *queer*. Também não é datar o lançamento de determinadas obras sobre o assunto e a sua assimilação nas pesquisas brasileiras. Pensamos que é mais importante dar conta do processo sobre como a Teoria *Queer* foi articulada e por quais razões, do que apenas responder a perguntas do tipo “quando e onde surgiu?”.

Os primeiros diálogos brasileiros sobre Teoria *Queer* emergiram nos simpósios temáticos do Seminário Internacional Fazendo Gênero, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina. No ano 2000, o Fazendo Gênero 4 já contava com o grupo de trabalho intitulado “Homossexualidades e Identidades Queer” (SEMINÁRIO, 2017).

Em 2013, surgiu o Seminário Internacional Desfazendo Gênero por conta da dificuldade que os pesquisadores brasileiros ligados aos estudos *queer* tinham de divulgar os seus trabalhos (II SEMINÁRIO, 2017). Basicamente, essa dificuldade se devia aos pressupostos norteadores dos estudos *queer*: uma perspectiva (teórica, conceitual, política) não normalizadora (MISKOLCI, 2012, p. 51) e, por consequência, uma atividade que descentraliza a cultura hegemônica (ocidental, patriarcal, branca, cristã, heterossexual). Além disso podemos observar uma leve tensão entre os dois tipos de seminário (Fazendo o Gênero

e Desfazendo o Gênero), a qual contribuiu para o diálogo dos estudos *queer* com outras perspectivas sobre os estudos de gênero.

Ao trazer para a discussão a experiência de sujeitos “colonizados” (mulheres, negros, índios, homossexuais, ateus), os estudos *queer* afirmaram “[...] a necessidade de ir além da tolerância e da inclusão mudando a cultura como um todo por meio da incorporação da diferença, do reconhecimento do Outro como parte de todos nós” (MISKOLCI, 2012, p. 47).

Os pressupostos teóricos da Teoria *Queer* engendram um aprendizado pelas diferenças, isto é, “[...] a demanda queer é a do reconhecimento sem assimilação, é o desejo que resiste às imposições culturais dominantes” (MISKOLCI, 2012, p. 63). Esse aprendizado pelas diferenças, que enfatiza a experiência das pessoas socialmente marginalizadas, pode ser utilizado em diferentes contextos, mas foi na esfera da sexualidade que a discussão *queer* adquiriu maior fôlego teórico, quando chegou ao Brasil atrelada às pesquisas na área da educação.

Segundo Richard Miskolci (2012, p. 35), o texto “‘Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação’, de Guacira Lopes Louro, publicado na *Revista de Estudos Feministas* [...]”, em 2001, foi uma das primeiras pesquisas exclusivamente brasileiras a adotar uma perspectiva baseada na Teoria *Queer*.

As reflexões de Guacira Lopes Louro apareceram relacionadas à esfera da sexualidade e da educação, haja vista que a autora problematizava como o caráter institucional da educação no Brasil é pautado num modelo heteronormativo. Este modelo seria mantido através da revivificação constante de discursos institucionais, médicos, jurídicos, morais e religiosos. Nesses discursos, o sujeito universal sobre o qual se assenta a cultura hegemônica seria o homem ocidental, branco, cristão, heterossexual. Para Richard Miskolci (2012, p. 35-36) houve duas razões que explicavam por que os estudos *queer* chegaram ao Brasil incorporados pela esfera educacional.

A acolhida brasileira da Teoria Queer na área da educação pode estar ligada a uma compreensível sensibilidade crítica de nossas educadoras e educadores com relação às forças sociais que impõe, desde muito cedo, modelos de comportamento, padrões de identidade e gramáticas morais aos estudantes. (MISKOLCI, 2012, p. 36).

Essa primeira razão parece ser mais evidente. A acolhida, por parte de educadores e educadoras, deveu-se ao seu contato direto com diferentes realidades sociais — realidades e experiências socioculturais que, muitas vezes, estão marcadas pelas diferenças e pelas exclusões em relação às normas institucionais e hierarquizadas. Com isso Richard Miskolci

(2012) afirma que a acolhida da Teoria *Queer* no Brasil foi realizada pelos profissionais da educação, mas não pelo sistema educacional.

A outra razão apontada por Richard Miskolci indicava evidências para pensar historicamente o engajamento dos profissionais da educação na crítica de uma cultura hegemônica.

Historicamente, a emergência de uma corrente culturalizada do marxismo conhecida como Estudos Culturais se deu inicialmente na Inglaterra, em Birmingham, e associou o trabalho da educação de adultos a uma maior atenção à experiência social das classes populares. Isso enriqueceu a produção acadêmica de autores como Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, e repercutiu em áreas como a Sociologia, a História e a Educação no Brasil. Nossa recepção se deu por meio da ênfase dos pesquisadores ingleses na ‘experiência’ das pessoas do povo, na valorização de empreendimentos históricos e sociológicos que recontassem a história oficial sob sua perspectiva. (MISKOLCI, 2012, p. 35-36).

Para Richard Miskolci (2012), a experiência educacional no Brasil adquiriu influências dos chamados Estudos Culturais ao considerar contribuições teóricas de autores como Raymond Williams e Edward Palmer Thompson, que eram ligados a uma vertente marxista que passou a valorizar o viés cultural atrelado às análises sociais.

A posição assumida pelos autores citados por Richard Miskolci se aproximava de questões que não eram suficientemente respondidas através do enfoque econômico priorizado pela vertente marxista. Tratava-se de questões ligadas à cultura, ao gênero, à raça e à sexualidade. Estas questões haviam emergido e tensionavam os estudos históricos que pautavam suas explicações em modelos estruturais ou determinantes. Podemos inferir que um dos questionamentos estimulados pela agregação do viés cultural às análises marxistas e que está diretamente relacionado à nossa pesquisa: a condição homossexual frente ao sistema heteronormativo. Essa questão estava ligada à experiência social das classes populares, mas não poderia ter sua resposta pautada na questão econômica.

Entendemos que “[...] a heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo de heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2012, p. 15). Assim, portanto, esse sistema, modelo e padrão heteronormativo também foi assimilado e subjetivado por parte do movimento homossexual brasileiro e por uma parcela dos editores do *Lampião da Esquina*, pois se tratava de uma estrutura cultural imposta e subjetivada.

A heteronormatividade teria levado uma parcela significativa da comunidade homossexual a adotar o padrão heteronormativo em sua conduta e a buscar apenas direitos sociais baseados nesse modelo, tais como: casamento entre pessoas do mesmo sexo e adoção de crianças e adolescentes por casais homoafetivos. A questão atrelada a isso é que, ao incorporarem e reproduzirem esse modelo heteronormativo, esses sujeitos também estabeleciam um ideal normativo que excluía toda e qualquer forma de manifestação de identidade sexual dissidente.

Em outras palavras, embora o movimento homossexual no Brasil houvesse explicitado a superação da ideia heterossexista⁴⁰, ainda permanecia atrelado ao sistema heteronormativo na constituição de um perfil homossexual que requeria direitos. Esse perfil homossexual atrelado à heteronormatividade marginalizava aquelas pessoas que rompiam a identidade de gênero vista como “essência” do sujeito masculino como, por exemplo, as travestis que eram associadas à prostituição e à marginalidade perante a grande imprensa no final dos anos 1970⁴¹ e vista, por parte dos homossexuais, como uma forma “artificial”.

Sobre a marginalização de identificações sexuais, concordamos com a fala de Guacira Lopes Louro, quando afirmou que “[...] a homossexualidade deixa de ser vista (pelo menos por alguns setores) como uma condição uniforme e universal e passa a ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, etc.” (LOURO, 2013, p. 31). Historicamente, a assertiva de Louro pode ser vista como um reflexo das questões que Judith Butler colocou em discussão sobre a categoria “mulheres” enquanto sujeito universal dos movimentos feministas:

Será que as práticas excludentes que baseiam a teoria feminista numa noção das “mulheres” como sujeito solapam, paradoxalmente, os objetivos feministas de ampliar suas reivindicações de “representação”? [...] Seria a construção da categoria mulheres como sujeito coerente e estável uma regulação e reificação inconsciente das relações de gênero? E não seria essa reificação precisamente o contrário dos objetivos feministas? Em que medida a categoria das mulheres só alcança estabilidade e coerência no contexto da matriz heterossexual? [...] Qual o sentido de estender a representação a sujeitos cuja constituição se dá mediante a exclusão daqueles que não se conformam às exigências normativas não explicitadas do sujeito? Que relações de dominação e exclusão se afirmam inintencionalmente

⁴⁰ Segundo Richard Miskolci (2012, p. 43), “[...] heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais”.

⁴¹ Sobre a associação que a grande imprensa fez entre travestis e prostituição é interessante consultar a obra “*Amor, feijão, abaixo o camburão*” – *imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983)*, de Rafael Freitas Ocanha (2014), na qual analisou o combate à prostituição de rua e como isso repercutiu na grande imprensa.

quando a representação se torna o único foco da política. (BUTLER, 2003, p. 23).

Mencionamos as questões levantadas por Judith Butler (2003, p. 23) porque elas nos auxiliam a refletir sobre os homossexuais do sexo masculino e suas representações nas páginas do *Lampião da Esquina*. A Teoria *Queer*, enquanto teoria e política pós-identitária, não foca sua crítica nas vidas de pessoas homossexuais, mas, sim, na crítica à oposição entre heterossexual e homossexual, compreendida como relação vital que organiza as práticas sociais e as relações entre os sujeitos (LOURO, 2013, p. 47). Trata-se de uma perspectiva que está voltada para a crítica da cultura enquanto instância produtora e reprodutora de regulações e normatizações. Em virtude disso, podemos dizer que os estudos *queer* têm provocado e auxiliado a produção historiográfica, em especial no que diz respeito à sexualidade e à crítica dos Estudos Gays e Lésbicos, por conta do olhar da história sobre as relações de gênero.

3.1.2 Conceitos-chave: heteronormatividade e performatividade

Destacamos a importância de dois conceitos que são vitais à nossa pesquisa: heteronormatividade e performatividade. Tais conceitos são indispensáveis porque nos permitem analisar as práticas discursivas no *Lampião da Esquina* como estereótipos homossexuais, além de compreender os enunciados como produtores e reprodutores de normatizações.

Ter em mente a noção de heteronormatividade nos permite compreender, como e de que maneira os discursos produzidos pelo *Lampião da Esquina* expressavam sua relação com um sistema sociocultural heteronormativo em que impera uma cultura hegemônica (ocidental, patriarcal, branca, cristã, heterossexual).

Por outro lado, a noção de performatividade permite compreender que a repetição de determinados discursos ao longo das práticas discursivas do jornal também propiciava a cristalização de determinadas representações que, algumas vezes, se configuravam como estereótipos homossexuais. São tais repetições de práticas discursivas que procuramos evidenciar no jornal, principalmente nas falas dos leitores.

Se a “[...] heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo regulador das formas como as pessoas se relacionam” (MISKOLCI, 2012, p. 42), é óbvio que

a visibilidade que o Lampião da Esquina dava à homossexualidade masculina estava inserida nesse modelo regulador, mesmo procurando contrapor-se a ele.

Ocorria que a intenção do periódico não era fácil de ser alcançada, isso porque esbarrava na dificuldade de articular as ideias através de uma linguagem que também era um campo de tensão no que se refere ao uso das denominações. Na edição número 4 podemos perceber como o uso das denominações era um campo de constante tensão no Lampião da Esquina, principalmente na seção Cartas na Mesa.

Quanto ao termo guei, achei inteligente a ideia, mas quanto aos outros (bicha, boneca, etc.), continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra, isto é, o significante traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmos termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo. Acho que quando algo se encontra já consagrado pelo uso, ainda mais de maneira deletéria, como no caso em foco, devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substituí-lo por algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que o uso de um termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo-se um novo termo, tendo-se cuidado para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. Entenderam o que eu quero dizer? (RANGEL, 1978, p. 18).

O enunciado acima pertencia a uma carta enviada pelo leitor Alfredo Rangel. Para ele, a apropriação das palavras utilizadas para depreciar homossexuais (bicha, boneca, etc.) não levaria ao esvaziamento do significado pejorativo. Em sua fala percebemos a força do sistema heteronormativo, que ficava evidente pelo fato de o leitor acreditar que o uso dos termos só “[...] contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo” (RANGEL, 1978, p. 18).

Citamos a fala de Alfredo Rangel porque o Lampião da Esquina, geralmente, publicava as cartas dos leitores acrescentando uma resposta equivalente à posição do jornal sobre o assunto abordado. E o questionamento do leitor colocava em pauta, justamente, a posição do periódico sobre a forma de articular as representações homoeróticas dentro de uma linguagem na qual as denominações, que comumente representavam os homossexuais, já eram vistos como pejorativas. Se o jornal se apropriava de tais denominações, isso evidenciaria um caráter machista ou uma contraposição ao machismo presente na linguagem? A resposta para essa questão estava no uso que os editores do Lampião da Esquina faziam da linguagem para representar os homossexuais masculinos.

R - Olha, Alfredo, a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não; elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas, quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiuçá-las, esgotá-las. No nosso caso particular, essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades; é preciso ter consciência, inclusive, de que essa “livre expressão” de que você fala, não é através de LAMPIÃO que vamos consegui-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma. (RANGEL, 1978, p. 18).

A posição pública assumida pelo Lampião da Esquina não evidenciava um caráter machista, mas trazia uma contraposição ao machismo expresso na forma de como se referir aos homossexuais. O fato é que algumas das posições assumidas no periódico tendiam para uma aproximação dos estudos *queer* no sentido de “[...] tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos ‘normais’ quanto dos ‘anormais’” (MISKOLCI, 2012, p. 26).

Para o leitor Alfredo Rangel, a melhor forma de diminuir a carga pejorativa sobre os termos que denominavam os homossexuais era a criação de novas palavras livres de estigma. Entretanto, para o Lampião da Esquina, a simples criação de novos termos não impediria que estes fossem assimilados e utilizados com finalidades negativas.

Não se tratava apenas de mostrar as palavras que estigmatizavam os homossexuais. A posição assumida pelo Lampião da Esquina se configurava como um exercício para transpor os significados utilizando os antigos termos pejorativos, mas ressignificando-os com um sentido positivo. Essa característica foi apontada por Peter Fry e Edward MacRae (1985, p. 24) sobre os movimentos homossexuais do final da década de 1970. Exatamente como percebemos no Lampião da Esquina:

Propondo uma nova “bicha”, militante e consciente, a idéia era de conseguir esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito que representava de suas conotações negativas. Se auto denominar de “bicha” veio a ser uma maneira de “assumir” uma homossexualidade considerada mais “consciente” do que a dos *gays* e dos “entendidos” e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral. (FRY; MACRAE, 1985, p. 24-25).

No Lampião da Esquina percebemos todos os aspectos apontados por Peter Fry e Edward MacRae (1985, p. 24-25): a opção por denominações como “bicha” e “boneca” para esvaziar do significado pejorativo, a rejeição do termo *gay* optando pela forma abreviada “guei” e o alinhamento da denominação “bicha” com a construção de uma identidade

homossexual publicamente assumida. Neste último aspecto, percebemos uma aproximação entre as intenções do Lampião da Esquina e a Teoria *Queer*, pois, ao ressignificar os termos estigmatizados, o periódico trazia à discussão a experiência dos sujeitos estigmatizados na dinâmica da tensão entre quem se identificava ou não com os termos.

Sobre o esvaziamento do significado pejorativo das palavras, o Lampião da Esquina buscava “[...] ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiuçá-las, esgotá-las” (RANGEL, 1978, p. 18). Essa atividade era perceptível de duas maneiras: pela grande quantidade que os termos se repetiam nas páginas do periódico e pelo uso ligado à ironia e ao pastiche.

Mesmo assim, a repetição dos termos desperta um questionamento sobre as consequências do seu uso quando consideramos que “[...] *la performatividad debe entenderse, no como um ‘acto’ singular y deliberado, sino, antes bien, como la prácticta reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombra*” (BUTLER, 2002, p. 18).⁴² A questão proposta é simples. Através do uso repetitivo dos termos pejorativos, o Lampião da Esquina não estaria produzindo ou reproduzindo os efeitos que nomeava?

Se considerarmos o conceito de performatividade como uma regra absoluta, somos tentados a afirmar que o Lampião da Esquina reproduzia os efeitos pejorativos que criticava em suas páginas. Seríamos, porém, pegos por uma falsa questão, pois os discursos do Lampião da Esquina eram produzidos no jogo da ironia e da ressignificação das denominações. Por essa razão, quando o jornal utilizava termos como “bicha”, ele não visava apresentar o sentido de uma “bicha louca”, mas procurava construir uma identificação de “bicha militante e consciente” que também incluía as práticas socioculturais de sujeitos homossexuais denominados “bicha louca”.

Cabe alertar, contudo, para o fato de que nem todas as denominações sobre homossexuais, que apareceram no jornal Lampião da Esquina, ressignificaram as práticas homoeróticas, pois, como veremos adiante, o jornal como instrumento de visibilidade foi articulado pelos editores em torno de alguns eixos principais, os quais se alinhavam a determinadas identidades.

⁴² Tradução nossa: “[...] a performatividade deve ser entendida, não como um ato singular e deliberado, senão antes como a prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia” (BUTLER, 2002, p. 18).

3.1.3 Práticas discursivas do jornal próximas das reflexões *queer*

As fontes que utilizamos para compreender as representações homoeróticas são tomadas como práticas discursivas, isto é, como enunciados que “[...] passam com o ato mesmo que os pronunciou [...]” e que podem ser apreendidos como “[...] discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles” (FOUCAULT, 1999, p. 22). Podemos pensar, portanto, que esses “atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles” são uma produção de sentido a respeito do que foi dito sobre a homossexualidade, ou seja, trata-se de uma prática, de um tipo de trabalho, uma representação construída por diferentes sujeitos.

Como as representações analisadas no *Lampião da Esquina* são tomadas como um tipo de trabalho ou de atividade é evidente que a análise do *corpus* material explicita a intencionalidade dos editores. Além disso, ilustra as formações discursivas em que as representações fazem sentido, pois analisar as representações homoeróticas como uma atividade ou uma prática discursiva é parte da busca pelas condições de emergência do discurso.

Para Foucault (2008), acessar uma formação discursiva historicamente determinada corresponde a estabelecer um princípio de regularidade entre os enunciados do discurso. Para ordenar essa regularidade discursiva é preciso compor uma ou mais séries discursivas de modo que a descontinuidade discursiva coloque em evidência o desnivelamento entre os discursos tomados como “origem” de certo número de atos novos.

A ordem do discurso a que Foucault se refere significa que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 1999, p. 8-9). Sob essa premissa, é possível pensar o gênero e a orientação sexual enquanto instâncias que exercem pressão umas sobre as outras no que diz respeito à identificação dos sujeitos nas práticas discursivas.

Mesmo dentro da comunidade homossexual as diferenças nas identificações podem ser muito variadas. Como exemplo de aspectos que estipulam diferenças sociais dentro da comunidade homossexual podemos citar: religião, idade, classe social, raça. Facilmente podemos verificar esses aspectos que estabeleciam diferença nas páginas do *Lampião da Esquina*. Principalmente nas falas dos entrevistados e dos leitores, que colocavam em questão as fronteiras de identificação dentro da comunidade homossexual, como, por exemplo, as discussões a respeito de travestis e “bichas pintosas”.

A presença de diferentes identificações nos atos de falar ou nominar engendrava, portanto, uma relação de poder que fixava diferenças culturais, mas que também expunha a condição de emergência e o local de fala dos sujeitos. Essas relações de poder, entretanto, sempre foram assimétricas, pois “[...] um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é a norma e o outro é o ‘outro’ – visto como ‘desviante ou de fora’” (WOODWARD, 2003, p. 51). Ou seja, o próprio uso das denominações encontradas no Lâmpião da Esquina para se referir aos homossexuais evidenciava uma hierarquização das identificações homossexuais e a marginalização de determinadas identificações que estivessem em discordância com o homossexual militante e consciente.

O ato discursivo é instituidor do princípio de regulação, que impõe a normatização e “normalização” das práticas sociais e culturais, principalmente na esfera da sexualidade. Além disso, o ato discursivo é, ao mesmo tempo, portador da performatividade nas relações de gênero. Nesse sentido, o gênero torna-se “[...] uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2003, p. 37). Isso significa que, para Judith Butler, o gênero requer sempre uma *performance* constantemente repetida no jogo do controle, da seleção, da organização e da redistribuição das práticas sociais e discursivas.

La performatividad no es ni libre juego ni autopresentación teatral; ni puede asimilarse sencillamente con la noción de performance en el sentido de realización. Además, la restricción no necesariamente es aquello que fija un límite a la performatividad; la restricción es, antes bien, lo que impuliona y sostiene la performatividad. (BUTLER, 2002, p. 145).⁴³

Pensar o gênero enquanto performatividade, isto é, enquanto uma instância situada entre a delimitação da identidade e a construção da sexualidade na produção de discurso, é superar a ideia de sexualidade baseada no binarismo (hétero *versus* homo). Para nós, pensar o gênero enquanto performático é compreender que existe uma complexidade de normas, de restrições e de regulações que sustentam a representação da heterossexualidade como a matriz de práticas sociais ou como essência da identidade. Trata-se de uma complexidade regulatória que é expressa principalmente pela prática discursiva.

Como fica explícito, segundo Judith Butler, é justamente a repetição das normas e das regulações que reforça o caráter performático do gênero ao pressionar os sujeitos numa

⁴³ Tradução nossa: "A performatividade não é nem livre jogo nem autoapresentação teatral; nem pode assimilar-se silenciosamente com a noção de *performance* no sentido de realização. Aliás, a restrição não necessariamente é aquilo que fixa um limite à performatividade; a restrição é, antes disso, o que impuliona e sustenta a performatividade" (BUTLER, 2002, p. 145).

identidade previamente definida. Essa pressão pode levar os sujeitos a subverter a ordem estabelecida ao se distanciarem ou se aproximarem dos caracteres construídos, e socialmente convencionados, que delimitam o que é masculino e o que é feminino.

3.2 EFEMINAÇÃO, TRAVESTILIDADE E MASCULINIDADE

Como uma representação é a construção de sentido através da linguagem (HALL, 1997), inferimos que os seus efeitos são sentidos materialmente de diferentes formas. No caso específico do *Lampião da Esquina*, os efeitos de sentido das diferentes representações de homossexuais funcionavam em torno de três eixos estruturantes que se complementavam: a visibilidade, o questionamento da interdição imposta aos homossexuais e a afirmação do prazer como estilo de vida.

Esses eixos estruturavam as intenções presentes na produção do jornal ampliando o tom irônico e sarcástico da linguagem de caráter coloquial para que ela adquirisse uma dimensão política no discurso sobre a homossexualidade no Brasil. Nessa dimensão política é que emergiam as tensões identitárias entre as principais identificações homossexuais presentes no *Lampião da Esquina*. Por sua vez, os eixos estruturantes estavam relacionados implicitamente com as principais representações homossexuais no jornal e que serão analisadas nesta seção.

Os eixos estruturantes do *Lampião da Esquina* denotavam sua preocupação com diversas identificações homossexuais. Dentre essas identificações, retomamos as três que melhor ilustravam as tensões sobre a representação de homossexuais e os eixos estruturantes do jornal.

Nos enunciados sobre a representação de “bichas pintosas” ou “bicha louca” percebemos discussões implícitas que diziam respeito à afirmação do prazer homoerótico como parte do estilo de vida homossexual. Fazemos esta inferência porque alguns dos leitores e dos articulistas do *Lampião da Esquina* depreciavam homossexuais efeminados, como se esses sujeitos houvessem abdicado da sua condição de macho em nome do prazer sexual.

Neste mundo que, usando um esquema tentamos descrever, a louca se vê obrigada a viver, a atuar, tratando de assumir uma identidade. Seu ponto de partida é o repúdio que sente pelo papel masculino, sinônimo de machista. Quer dizer, nega-se a ser homem. Portanto, lhe restará um único caminho: o papel feminino. E como este processo se inicia quando ainda não pode ter acesso ao assunto desde uma análise ideológico-libertária, acreditará que o

masculino e o feminino são sinônimos de mulher e homem, únicos papéis sexuais e sociais. Não poderá sequer perceber que os papéis foram estipulados para oprimir e que são até hostis à natureza humana. E pensamos em natureza no sentido de liberdade. (HECTOR; RICARDO, 1979, p. 4).

O enunciado acima pertencia ao artigo “Louca e muito da baratinada”, publicado na edição número 8, e nele podemos ler as críticas no que se propunha ser um artigo de defesa da *performance* efeminada. Os autores abordaram causas para a identificação com a efeminação e postularam as consequências dessa identificação, mas, neste sentido, os autores acabaram destacando um sentido (estereotipado) para a denominação de “bichas loucas”, como se esses sujeitos buscassem se adequar exclusivamente a um dos papéis sexuais citados: masculino ou feminino.

Outra identificação homossexual muito presente no Lampião da Esquina eram as representações da travestilidade. Essas representações estavam ligadas ao questionamento das relações de gênero hierarquizadas e/ou baseadas no binarismo. Entretanto, percebemos que, desde o início do Lampião da Esquina, os comentários a respeito da identidade travesti, geralmente, eram marcados implicitamente pela estigmatização dessa forma de identificação.

Mas, por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente, claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher.

R – Pode deixar, Zé Alcides, que é com a gente mesmo. E se não publicamos o trecho de sua carta sobre Rogéria, não foi por censura, mas por falta de espaço. De qualquer modo, vamos citar um trecho que nos parece a síntese do seu pensamento: “Um homem fantasiado de mulher, ostentando um comportamento alienado e sexista, não representa nenhum perigo para os códigos de honra do macho. Uma criatura destas (...) é somente o produto da decadência da cultura ocidental, que sobrevive à base de coisas efêmeras e onde prima, sobretudo, a falta de sensibilidade e a ignorância sexual”. (FERREIRA, 1978, p. 14).

A carta do leitor José Alcides Ferreira foi publicada na edição número 2 e apontava um apelo para que o periódico não publicasse conteúdo exclusivamente voltado para a sociabilidade homoerótica. O que chamou maior atenção nesse trecho da carta de José Alcides Ferreira foram justamente as suas colocações sobre travestis: “esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher”; “um homem fantasiado de mulher, ostentando um comportamento alienado e sexista”.

Até a edição número 2, o Lampião da Esquina ainda não havia publicado nenhuma manchete específica sobre as travestis, mas essas pessoas já eram criticados pelos leitores nas

páginas do periódico. Na fala de José Alcides Ferreira transparecia uma crítica que considerava a prática da travestilidade como um “esboço”, uma tentativa frustrada de “usurpar” o papel feminino, ou seja, uma *performance* artificial. Nesse sentido havia um alinhamento das críticas às travestis com as críticas levantadas sobre homossexuais efeminados.

No segundo parágrafo citado da carta de José Alcides Ferreira, o jornal reproduzia um trecho da carta do leitor sobre as travestis ou, mais especificamente, sobre a travesti Rogéria, concordando com a opinião do leitor de que travestis era uma identificação artificial. É isso que ficava explícito no seguinte trecho: “um homem fantasiado de mulher ostentando um comportamento alienado e sexista”.

Poderíamos ler a carta de José Alcides Ferreira como um comentário, compreendido como transfobia⁴⁴, que demonstrava as estigmatizações presentes dentro da própria comunidade leitora do Lampião da Esquina. Entretanto, precisamos considerar que o período de publicação do Lampião da Esquina também correspondeu ao período de transformação das práticas de travestilidade no Brasil, isto é, a passagem da década de 1970 para 1980 (VERAS, 2015, p. 54).

Se no tempo das perucas [até a década de 1970] , travesti estava associado a uma prática restrita aos espaços privados de sociabilidade homossexual, no tempo dos hormônios [a partir da década de 1980], o termo passou a nominar uma personagem com uma biografia, um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, uma morfologia, uma ‘anatomia indiscreta’ e uma “fisiologia misteriosa” (VERAS, 2015, p. 71).

A fala de José Alcides Ferreira era carregada de preconceito, mas também evidenciava os aspectos que demarcavam a suposta “superficialidade” e “inferioridade” das práticas de travestilidades. Naquele período o termo travesti deixava de nominar uma prática provisória, que era encarada por sujeitos como José Alcides Ferreira como uma prática artificial, para designar uma nova “identidade sexual”. Portanto, os enunciados que apresentamos sobre a representação de travestis eram marcados pela tensão presente no processo de transformação da percepção de travestis, que passava de uma prática eventual para uma identificação em tempo integral.

Os aspectos mencionados pelo leitor José Alcides Ferreira para demarcar o caráter artificial da prática travesti também possibilitavam a superação das fronteiras de identificação

⁴⁴ O termo "transfobia" pode ser entendida como aversão e/ou discriminação a pessoas transexuais, transgêneros ou travestis devido a sua expressão de gênero, isto é, devido a forma como essas pessoas se apropriam das *performances* de gênero.

ao enfatizar os elementos que estavam sendo agregados na construção de uma identidade travesti. Entendemos, portanto, que a linguagem utilizada para demarcar a diferença entre “gueis” e “travestis” possibilitava o reconhecimento das práticas travestis e engendrava a superação das práticas homossexuais socialmente aceitáveis por sujeitos como José Alcides Ferreira.

Para José Alcides Ferreira, as práticas de travestilidade eram marcadas pela artificialidade, mas qual o parâmetro que o leitor utilizava para demarcar a diferença entre ele, os homossexuais efeminados e “os travestis”? É nessa questão que emerge uma identificação homossexual pouco discutida diretamente no *Lampião da Esquina*, mas que tensionava as diferenças estabelecidas: os homossexuais masculinizados.

Embora no *Lampião da Esquina* houvesse menos artigos ou cartas de leitores que falassem diretamente sobre as identificações de homossexuais que valorizavam um ideal de masculinidade, percebemos que, em cartas como a de José Alcides Ferreira, persistia a valorização do alinhamento entre sexo biológico, identidade de gênero e expressão de gênero.

Esse alinhamento sexo-biológico/identidade-de-gênero/expressão-de-gênero era contestada pelas *performances* de gênero de “bichas pintosas” e de travestis, as quais frequentemente apareciam sendo criticadas por alguns leitores. Na prática discursiva do jornal, essa contestação aparecia como contradição entre homossexuais masculinizados que inferiorizavam homossexuais efeminados.

Questionando qual foi a razão de certos leitores e editores criticarem as *performances* efeminadas, inferimos que, além da identificação de um homossexual masculinizado ser a mais próxima do modelo heteronormativo, essa identificação também possibilitava o alinhamento entre expressão-de-gênero/identidade-de-gênero/sexo-biológico. De fato, tais sujeitos adotavam as convenções de papel de gênero de acordo com o seu sexo biológico, tal qual os heterossexuais, diferenciando-se apenas pela orientação sexual.

Em suma, “bichas pintosas”, travestis e homossexuais masculinizados são as três representações mais palpáveis para análise no *Lampião da Esquina*. Por esta razão, analisamos com maior profundidade as articulações dessas representações com as contradições sobre a representação de travestis e de “bichas pintosas” e a valorização implícita do modelo heteronormativo através da identificação do “gay-macho”. Pois essa correlação entre as representações e as práticas discursivas no periódico pode ser considerada como resultado da interação entre os eixos estruturantes articulados no *Lampião da Esquina*.

3.2.1 “Bichas pintosas”: os homossexuais efeminados.

Palavras e termos, ou os seus conjuntos formando nomenclaturas, são datados historicamente, assim como xingamentos e insultos. Embora seus significados tenham variado ao longo do tempo, existem denominações que permanecem sendo utilizadas para se referirem às relações homoeróticas entre homens. Com isso em vista, verificamos a presença dessas denominações no *Lampião da Esquina* e observamos sua recorrência em diferentes edições do jornal.

Tabela 01. Denominações que identificavam os sujeitos das relações homoeróticas.

Denominação	Edições em que aparecerem as denominações
Aleijão	14, 25, 26.
Anormal	02, 04, 05, 06, 10, 12, 14, 16, 25, 26, 29, 33.
Ativo	00, 01, 03, 04, 05, 07, 08, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Bicha	00, 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Bicha artista	03.
Bicha assumida	07, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28.
Bicha louca	08, 11, 12, 16, 19, 20, 23, 32, 37.
Bicha pintosa	04, 07, 14, 20, 23, 23, 26, 33, 36, 37.
Bichinha	02, 05, 06, 07, 08, 12, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Bichona	04, 06, 07, 08, 15, 17, 27, 28, 29, 32, 37.
Bofe	02, 05, 08, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36.
Boneca	00, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Criminoso	04, 06, 07, 12, 19, 20, 25, 29, 33, 37.
Discreto	07, 14, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Doente	00, 01, 04, 08, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 35, 36.
Enrustido	04, 06, 07, 08, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 35.
Entendido	00, 01, 02, 03, 04, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37.
Fresco	04, 05, 17, 20, 21, 25, 29, 33.
Gay	00, 02, 04, 06, 07, 08, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Gay-macho	08, 12.
Gilete	25
Guei	00, 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.
Homofílico	00, 01.
Homossexual	00, 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37.

Louco	12, 15, 22, 25, 31, 35.
Marginal ou marginalizado	00, 01, 02, 03, 04, 07, 08, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 26, 28, 30, 32, 33, 34, 36.
Marica	03, 05, 07, 20, 28, 34.
Maricona	02, 05, 09, 32, 33, 34.
Passivo	00, 01, 03, 04, 05, 06, 08, 11, 13, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 35, 36, 37.
Pecador	01, 12, 15, 16, 26, 34.
Pederasta	05, 07, 08, 13, 15, 25, 26, 27, 29, 30.
Perigoso	15, 24, 26, 31.
Perverso	16, 25, 31, 31, 34, 37.
Queer	04
Sodomita	01, 03, 06, 07, 23, 24.
Transexual	05, 08, 22, 32, 35, 36.
Travesti	00, 01, 02, 04, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37
Viado	00, 01, 02, 03, 04, 05, 11, 13, 14, 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37.

Fonte: Jornal Lampião da Esquina, edições de número 00 ao número 37. Tabela elaborada pelo autor.

Essas são algumas das formas que, em algum momento da história, serviram (ou ainda servem) para denominar os indivíduos do sexo masculino que se relacionaram afetiva e/ou sexualmente com indivíduos do mesmo sexo.

Cada uma dessas denominações faz parte da formação discursiva sobre homossexualidade no Brasil, mas essa formação discursiva é atravessada por discursos que colocavam os homens que praticavam o homoerotismo interseccionados com outras formações discursivas. De forma bem sumária, podemos classificar algumas das denominações da Tabela 1 em outras três formações discursivas, nas quais essas denominações também circulam, para ilustrar essa intersecção

Tabela 02. Classificação de denominações

Formação discursiva	Denominação
Discurso religioso	Pecador, pederasta, sodomita
Discurso médico	Aleijão, anormal, doente, homofílico, homossexual, louco, perverso, transexual
Discurso jurídico	Criminoso, marginal, perigoso.

Fonte: elaborado pelo autor.

Algumas das denominações presentes na Tabela 1 não se enquadram diretamente na classificação elaborada na Tabela 2, pois dizem respeito às práticas homoeróticas no contexto das relações sexuais. Por exemplo, as denominações “bofe” e “gay-macho” dizem respeito

aos sujeitos cuja expressão de gênero é voltada para a masculinidade. Também havia denominações que identificavam sujeitos cuja expressão de gênero era considerada como uma prática efeminada, tais como: “bicha”, “bicha artista”, “bicha assumida”, “bicha pintosa”, “bichona”, “boneca”, “fresco”, “marica”, “maricona”, “queer” e “viado”. Não pretendemos analisar cada uma dessas denominações, mas priorizamos as denominações que representavam melhor as tensões sobre identificação homossexual no Lamião da Esquina: “bicha pintosa”, “travesti” e “gay-macho”.

O uso da denominação “bicha”, ou “bicha pintosa”, como apareceu em nossas fontes, foi uma característica dos grupos de homossexuais organizados da década de 1970 que resolveram rejeitar tanto o termo “entendido” quanto o termo “gay” (FRY; MACRAE, 1985, p. 25). Então cabe questionar: —Qual, afinal, é a origem da palavra “bicha” e quais são os sentidos que a denominação “bicha” ganhou no contexto das relações homoeróticas no final da década de 1970?

Segundo Green (2000, p. 145), no Brasil a palavra "bicha" apareceu nos anos 1930 e se tornou a forma mais comum de referir-se pejorativamente a um homossexual do sexo masculino. O autor apontou que há versões controversas sobre a origem do termo enquanto gíria escarnecedora, mas as hipóteses mais adotadas são as que ligam a expressão “bicha” ao meio social do qual parece ter-se originado.

Uma das versões apresentadas por James Naylor Green (2000, p. 145) aponta que o termo “[...] seria uma adaptação espirituosa da palavra francesa *biche*, que significa corça, feminino de veado”. *Biche* era usado na França na década de 1930 como um termo afetivo para se referir a uma jovem mulher. Segundo Green (2000, p. 145-146), os jovens homossexuais teriam criado um novo uso da palavra, adotando-a como uma expressão afetiva para se referir a outro homem efeminado.

Parece, porém, que o uso da palavra “bicha”, como atributo depreciativo, foi difundido no início dos anos 1960 (GREEN, 2000). Aparentemente a denominação “bicha” funcionou como um rótulo para diferenciar socialmente comportamentos masculinos adequados e inadequados, comportamentos nos quais “[...] a imagem do bicha como um homossexual desmunhecado, efeminado tornou-se o elemento de contraste que confirmava a masculinidade do macho heterossexual brasileiro” (GREEN, 2000, p. 146-147).

Como os sentidos atribuídos ao termo "bicha" eram de caráter pejorativo e estigmatizante, a partir de 1978 os primeiros grupos do movimento homossexual brasileiro começaram a combater os sentidos depreciativos. Combater justamente no âmbito das denominações “[...] propondo uma nova ‘bicha’, militante e consciente, a idéia era de

conseguir esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito que representava de suas conotações negativas” (FRY; MACRAE, 1985, p. 25).

Por outro lado, observamos que, no *Lampião da Esquina*, as representações sobre homossexuais efeminados não seguiam à risca a mesma tendência dos grupos do movimento homossexual. No jornal era visível um dissenso sobre a representação de “bichas pintosas” de modo que o discurso sobre esses sujeitos constituía um posicionamento emblemático, como ficou evidente nas análises das entrevistas de Lennie Dale e de Clodovil Hernandez, no capítulo 2. Ora alguns editores utilizavam a denominação como forma de se referirem aos homossexuais em geral e representá-los positivamente, ora outros editores atribuíam ao termo a carga pejorativa que os emergentes grupos homossexuais daquele período pareciam combater.

Márcio Leopoldo Gomes Bandeira analisou como a representação de “bicha” se configurava entre os leitores do *Lampião da Esquina* e apontou duas críticas importantes sobre a representação de homossexuais efeminados no periódico. Então, segundo Bandeira (2006, p. 111), entre os leitores havia aqueles que identificavam a estigmatização das “bichas” como um componente de discriminação de classe. Confirmamos essa afirmação através de uma carta publicada na edição número 08 do *Lampião da Esquina*, na qual o leitor fazia uma tripla crítica: acusava o jornal de preservar certas diferenças de classe, criticava o periódico por adotar um vocabulário intelectualizado e pelo descaso em divulgar lugares frequentados por “bichas” pobres.

Sendo eu leitor do conceituado LAMPIÃO, venho por meio desta tentar alguns esclarecimentos: o que significa a palavra gay? Eu conheço homossexual. Se *gay* está enquadrada nesta categoria, pergunto eu, então: porque esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o Jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!

A bicha pobre da Avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da República não será homossexuais iguais àquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será *gay* também? Para mim são todos! [...]

Queridas, vocês escrevem livros, pintam retratos, donas de antiquários; enfim, labutam nas artes em geral; organiza-se e faz um jornal; procuram manter aquele círculo fechado; está divino e maravilhoso; agora não me venha com esta de que estão escrevendo no jornal em prol do homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! [...]

R. – *Não se preocupe conosco, Robertixa: mal lemos tua carta, corremos todos ao terreiro da Vovó e lá tomamos um banho de descarrego. Cruzes!* (FERREIRA, 1979, p. 13).

Essa carta era do leitor Bailarino Roberto Ferreira e criticava a diferenciação que os editores do *Lampião da Esquina* efetuavam em relação à importância atribuída às temáticas que envolviam práticas homoeróticas. Lembremos que a data da publicação dessa carta foi em janeiro de 1979, quando o periódico priorizava a meta de constituir um público leitor homossexual assumido, engajado e esclarecido. A partir de fevereiro de 1979, o periódico se aproximou cada vez mais com grupos homossexuais organizados, como vimos no capítulo anterior, mas isso não significou a falta de críticas de leitores que não se viam representados no jornal.

Observamos que a crítica levantada por Bailarino Roberto Ferreira indicava até mesmo uma cartografia das práticas homoeróticas sobre locais que, supostamente, foram esquecidos pelo jornal. Afinal, os espaços da Avenida Ipiranga (SP), a Cinelândia (RJ), a Praça Tiradentes (RJ) e a Praça da República (SP) não foram citadas pelo leitor aleatoriamente.

Cruzando as localidades citadas por Bailarino Roberto Ferreira com a pesquisa de James Naylor Green, verificamos que os espaços citados eram frequentados por homossexuais de diferentes condições sociais desde a primeira metade do século XX. Se, nos anos 1960, os espaços públicos de sociabilidade homoerótica começaram a recrudescer, por outro lado a socialização homossexual ampliou-se em espaços privados e sigilosos, como as residências dos próprios homossexuais (GREEN, 2000).

A segunda crítica levantada por Márcio Leopoldo Gomes Bandeira foi a afirmação de que a “[...] ‘bicha louca’, interpretada como negação do corpo masculino – tal qual o travesti e o transexual – estaria condenada à angústia e teria sua condição reduzida a de um mero objeto sexual cujo destino final seria repleto de tragicidade” (BANDEIRA, 2006, p. 107). Pela perspectiva desse autor, temos uma noção de como os sujeitos efeminados eram compreendidos por alguns leitores do jornal, mas isso abre espaço para pensarmos nas múltiplas representações das relações homoeróticas, ou seja, a representação de “bichas” (artistas, assumidas, loucas ou pintosas) também envolvia uma configuração das relações de poder entre os editores e os leitores.

A primeira vez que a palavra “bicha” ou “boneca” apareceu na capa do periódico foi na edição número 2, de junho-julho de 1978, com a matéria intitulada “No teatro paulista só dá boneca”. A matéria era de João Silvério Trevisan denotava a incorporação das relações homoeróticas como uma possibilidade comercial a ser explorada. Por essa razão o artigo trazia uma análise breve e consistente sobre a homossexualidade numa abordagem comercial

— como, por exemplo, a frequência da temática da homossexualidade em peças de teatro em fins da década de 1970 em São Paulo (TREVISAN, 1978, p. 5).

Em outras edições também apareceram alusões aos homossexuais efeminados nas chamadas de capa, mas nem sempre a discussão enfatizada na reportagem contemplava uma representação de homossexuais efeminados. Por exemplo, a edição número 3, de julho-agosto de 1978, trazia a chamada de notícia “Marcelo Mastroianni & Paul Newman: a arte de ser guei”. Pela sugestão ambígua do título, subentendia-se que a reportagem fosse sobre aspectos da vivência homossexual, porém a matéria tratava dos pontos de vista de Mastroianni e Newman sobre a experiência de vivenciar personagens homossexuais no cinema.

A ambiguidade nas temáticas abordadas no *Lampião da Esquina* visava contribuir para o aspecto burlesco e irônico, além de aguçar a curiosidade e de promover a venda do periódico. Também podemos observar essa característica na matéria capa da edição número 7: “Latinamérica: na terra dos homens, pauladas nas bonecas”. Na reportagem que acompanhou essa chamada de capa o assunto tratado discutia a repressão aos homossexuais em três países da América Latina: Argentina, Chile e México.

No artigo “Latinamérica: na terra dos homens, paulada nas bonecas” podemos observar que o termo “bonecas” foi utilizado pelos editores para designar homossexuais. Era comum que os editores do *Lampião da Esquina* utilizassem termos como “bichas”, “bonecas” e “gueis” para se referirem aos homossexuais do sexo masculino, em geral lhes dando visibilidade e reforçando a ideia de assumir publicamente a homossexualidade.

A opção dos editores do *Lampião da Esquina* de utilizar termos como “bichas”, “bonecas” e “gueis” era uma forma de modificar o uso pejorativo dos termos “bicha” e “boneca” utilizados para depreciar homossexuais — embora, algumas vezes, houvesse divergências entre os próprios editores nas *performances* abrangidas por estas denominações.

A palavra “bicha” era reapropriada pelos grupos de homossexuais organizados no final dos anos 1970 para adquirir uma significação positiva para designar os membros dos grupos. Por outro lado, o termo “guei” designava uma oposição dos editores à influência estrangeira, notadamente a estadunidense, na movimentação homossexual brasileira.

Especificando nossa análise, observamos um dos posicionamentos mais diretos sobre a representação de homossexuais efeminados no *Lampião da Esquina*: a reportagem “TRAVESTIS! (Quem atira a primeira pedra?)”, na edição número 4, a qual analisamos exclusivamente na próxima subseção.

A reportagem “TRAVESTIS! (Quem atira a primeira pedra?)” se dividia em três partes: primeiro uma apresentação de travestis artistas; num segundo momento uma entrevista com

Jorge Alves de Souza, que se transformava na travesti Geórgia Bengston; e a última parte da reportagem era um artigo de João Antônio Mascarenhas, explicando por que ele e os demais editores do jornal não desprezavam as “bichas pintosas” e “os travestis”. É justamente essa última parte que abordamos, a seguir, por trazer elementos para refletirmos sobre a tensão na representação de homossexuais efeminados.

Uma “bicha pintosa” correspondia àquele homossexual que “[...] fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris” (MASCARENHAS, 1978, p. 9). Nessa afirmação ficava explícita a ênfase que João Antônio Mascarenhas atribuía ao caráter artificial de homossexuais que tinham práticas homoeróticas efeminadas.

Mascarenhas ainda afirmava que o homossexual efeminado, “[...] por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial), acha-se a fornecer argumentos aos machistas, que se negam a admiti-lo como um homem comum” (MASCARENHAS, 1978, p. 9). Parece que a preocupação de Mascarenhas era que as práticas dos homossexuais efeminados fossem associadas generalizadamente ao estilo de vida homossexual e se tornassem representativas desse grupo de sujeitos.

A fala de Mascarenhas revelava a condição de possibilidade em que emergia a representação da “bicha pintosa”, isto é, “aceitar sua orientação sexual com naturalidade”. Na visão de Mascarenhas, antes de ser uma “bicha pintosa”, o homossexual do sexo masculino era um homem. Ele, portanto, postulava uma hierarquização das identidades homossexuais e, desse modo, utilizava o sexo biológico masculino como embasamento para criticar a expressão de gênero efeminada.

O posicionamento de João Antônio Mascarenhas emergia num contexto em que tanto o *Lampião da Esquina* quanto os grupos do movimento homossexual brasileiro do final da década de 1970 buscavam dar visibilidade à representação homossexual de modo afirmativo e positivo. Isso significa que era preciso atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua “verdadeira realidade sexual”. Em outras palavras, era necessário publicizar uma representação positiva dos homossexuais, publicização na qual a efeminação era inferiorizada. Por essa razão percebemos a tendência, na posição de João Antônio Mascarenhas, de aproximar práticas homoeróticas com as práticas do macho heterossexual brasileiro.

A representação de “bichas pintosas” não era um tema de consenso entre os editores e tampouco entre leitores do jornal. Tanto Bandeira (2006) quanto Simões Júnior (2006) mostraram o embate entre classificações em torno do estereótipo de “bicha pintosa” através das cartas dos leitores.

Simões Júnior (2006, p. 98) destacou dois aspectos que o *Lampião da Esquina* procurava valorizar: primeiro, as múltiplas identidades homossexuais e, em segundo lugar, o uso das denominações a partir de um lugar de enunciação que se reconhecia como positivo.

Por outro lado, a análise de Márcio Leopoldo Gomes Bandeira apontou que a visibilidade da “bicha louca” se configurava como uma atitude perigosa para o movimento homossexual, pois “[...] o sentido de marginalizar a bicha, da visibilidade que se construía, passava por uma necessidade de preservação social” (BANDEIRA, 2006, p. 115). Ou seja, eram práticas homoeróticas radicalmente dissidentes do padrão homossexual assumido e consciente proposto pelo jornal que eram marginalizadas nas discussões.

A representação de “bichas pintosas”, isto é, a produção de sentido através das manchetes, dos artigos e de algumas cartas de leitores sobre homossexuais efeminados, não conseguiu construir uma representação coerente sobre as práticas homoeróticas que abarcasse a efeminação. De fato, no discurso do *Lampião da Esquina*, o uso das denominações constituía muito mais uma luta entre as classificações utilizadas pelos editores para propor um ideal de homossexual. E, na perspectiva de João Antônio Mascarenhas, o perfil social de homossexualidade que estava sendo construído pelos editores deveria utilizar o mínimo possível a efeminação como argamassa para a visibilidade homossexual no jornal.

A razão de termos abordado a representação de “bichas pintosas” no *Lampião da Esquina* foi motivada pelo questionamento do sociólogo peruano Giancarlo Cornejo de que “[...] o movimento gay nunca foi a fundo para atender aos assuntos relativos aos meninos afeminados” (SEDGWICK, 1993, p. 157 apud CORNEJO, 2012, p. 69).

Consideramos três aspectos importantes: nossa perspectiva sobre as condições de emergência do jornal, os posicionamentos apontados na revisão da literatura e, sobretudo, a nossa percepção sobre as tensões na representação de homossexuais do sexo masculino. A partir disso, percebemos que a ordem discursiva na representação de “bichas efeminadas” não tendia para a irregularidade discursiva com diferentes posições de sujeito. O que nos parece é que as posições de editores e de leitores tornaram o *Lampião da Esquina* um espaço de disputa pela produção de sentido sobre o homossexual visado para a movimentação homossexual.

Nesse espaço de tensão, alguns perfis eram mais representativos que outros. Consequentemente, esses outros perfis como por exemplo as “bichas” eram marginalizados e estereotipados, como “pintosas, loucas e efeminadas”. Mesmo assim, contudo, pensando a partir da Teoria *Queer*, verificamos dois aspectos essenciais sobre a representação de “bichas pintosas” nesse embate entre classificações.

Primeiro, o deslocamento de sentido da palavra “bicha” daquela forma primária apontada por Green (2000) às diferentes formas como apareciam nas fontes nos mostrou que o termo não só incorporou novos significados, como também evidenciou o segundo aspecto que apresentamos em consideração: a performatividade de gênero.

Márcio Leopoldo Gomes Bandeira ressaltou que “[...] a estigmatização da bicha indicava para uma fragmentação da identidade coletiva que se formava” (BANDEIRA, 2006, p. 117), portanto havia uma dimensão performativa atrelada à representação das “bichas pintosas”. Verificamos isso no artigo de João Antônio Mascarenhas (1978) em que enfatiza destacar a artificialidade da voz de falsete e dos gestos efeminados de alguns homossexuais. A posição de João Antônio Mascarenhas correspondia, portanto, à reiteração forçada das normas de gênero.

No período em que emergiu o movimento homossexual organizado no Brasil e se procurou fortalecer a representação bem-sucedida das práticas homoeróticas, a imagem da “bicha pintosa” parecia destoar do homossexual almejado por João Antônio Mascarenhas, o “homossexual militante e consciente”, que, como ele mesmo dizia: aceita “sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial)”.

A representação de “bichas pintosas” como um espaço de disputas configurou a possibilidade de a homossexualidade poder ser assumida politicamente. É por isso que algumas cartas dos leitores colocavam em cheque tanto o discurso de “assumir-se homossexual”, quanto o direcionamento do jornal a um tipo de leitor específico.

3.2.2 Travesti: uma *performance* entre “gay-macho” e “bicha pintosa”?

Das identificações homoeróticas no *Lampião da Esquina* a representação de travestis é um tanto quanto emblemática por conta do destaque dado nas matérias de capa a esse assunto. Houve 11 edições em que a palavra “travesti” e/ou a imagem de travestis esteve estampada na capa (RODRIGUES, 2010, p. 81). Isso corresponde a mais de 25% das edições publicadas de *Lampião da Esquina*, pois, das 38 edições do periódico, aproximadamente 180 páginas abordaram temáticas relacionadas à vida de travestis (RUBIO, 2014).

Estratégias discursivas e a polissemia são elementos que marcaram a produção do *Lampião da Esquina* para abordar as relações homoeróticas. Essas características utilizavam metáforas atreladas à sexualidade para encaminhar a discussão em pauta, mas sem perder o caráter ambíguo sobre a sexualidade enquanto dispositivo de controle.

Os aspectos supramencionados foram observados nos enunciados extraídos da edição número 4 do *Lampião da Esquina*, que trazia como manchete principal a reportagem intitulada “Travestis! (Quem atira a primeira pedra?)” (MAMBABA, 1978, p. 8), composta por três textos. Nessa matéria, o primeiro texto trazia o mesmo título da reportagem e era assinado por Rafaela Mambaba. Antes de continuar essa narração precisamos, porém, fazer algumas ponderações.

A primeira consideração é sobre a data em que a matéria foi publicada, que é significativa por pertencer ao primeiro ano de existência do periódico. Em 1978, o *Lampião da Esquina* acentuava o discurso de assumir a homossexualidade através dos artigos publicados na seção Opinião (que correspondia ao editorial), como explicitava os títulos destacados de algumas edições como: “Saindo do Gueto” (SAINDO, 1978, p. 2), “Nossas gaiolas comuns” (MARIZA, 1978, p. 2), “Homossexualismo: que coisa é essa?” (PENTEADO, 1978, p. 2), “Desbloqueando o tabu” (PASOLINI, 1978, p. 2).

Os títulos dos artigos expressos na seção Opinião já ilustravam que os organizadores do *Lampião da Esquina* foram constituindo um discurso de identificação homossexual e foram incentivando os leitores a assumirem suas práticas homoeróticas. Embora o *Lampião da Esquina* tenha interpelado os leitores para “se assumirem” politicamente, esse “assumir-se” nunca foi um consenso entre os membros do conselho editorial (MACRAE, 1990).

Também é preciso observar que quem assinou a matéria, Rafaela Mambaba, era uma personagem fictícia, criada pelos editores do *Lampião da Esquina*. Essa personagem inventada e de sexo ambíguo era “[...] possuidora de uma língua ferina do tipo normalmente atribuído a travestis e ‘bichas loucas’” (MACRAE, 1990, p. 78). Não há, portanto, como saber quem, de fato, era o sujeito que escrevia os comentários atribuídos à personagem. Possivelmente não era apenas um único sujeito que falava através da personagem, mas diferentes editores que lhe deram vida ao longo das edições.

A diagramação da matéria sobre travestis na seção Reportagem da edição 4, que tomamos para analisar, é significativa para a nossa análise. A posição do texto, no canto superior direito da página, correspondia a um espaço visualmente valorizado na diagramação, mas o tamanho da fonte empregada no *Lampião da Esquina* era pequeno e prejudicava a leitura.



FIGURA 12. Travestis! (Quem atira a primeira pedra?)
 Fonte: **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 4, ago./set. 1978, p. 8.

A impressão das páginas internas do *Lampião da Esquina* não era colorida. As imagens que ilustram a matéria “Travestis! (Quem atira a primeira pedra)” ocupavam a maior parte do espaço visual da página, na qual o fotógrafo Maurício Domingues⁴⁵ fez “um ensaio sobre o visual do travesti brasileiro” a pedido dos editores do *Lampião da Esquina*. As fotografias não eram acompanhadas com o nome ou a identificação das pessoas fotografadas, apenas o título da reportagem denotava que o assunto era sobre travestis, mas não eram quaisquer travestis, pois as fotografias indicavam pessoas que ostentavam plumas, brilho e paetês, ou seja, estava sendo proposta a relação entre travestis e o meio artístico.

Na reportagem da edição número 4 do jornal, as práticas discursivas diziam muito sobre a representação de travestis, como podemos verificar no texto assinado pela personagem Rafaela Mambaba.

⁴⁵ No Apêndice 2 disponibilizamos a relação dos/as fotógrafos/as que trabalharam no *Lampião da Esquina* de acordo com as edições em que colaboraram.

Atualmente, o travesti chegou ao que se sabe: o Antônio Chrysóstomo (epa!) inclusive, já escreveu que Rogéria é a única vedete brasileira capaz de receber – por malícia, talento e beleza – o epíteto de herdeira legítima de míticos nomes do passado, como Aracy Cortes, Virgínia Lane e Mara Rúbia. A própria Rogéria, aliás, costuma fazer inconfiáveis espantosas sobre a sua atuação extrapalco. Em Paris, ganhou um diamante de Aristóteles Onassis: aqui mesmo deu um passeio com um superbatalado playboy paulista e recebeu (por sinal recusou) a oferta de apartamento duplex, champanhe, caviar e carinho. Por quê tantos mimos? Cala-te boca! De minha parte só sei que o Astolfo (identidade civil de Rogéria) é um rapagão, digamos, superdotado (MAMBABA, 1978, p. 8).

Além do destaque dado à temática “TRAVESTIS!”, escrita em letras garrafais logo na primeira página, a ênfase dada às fotografias que acompanhavam a matéria, assinada por Rafaela Mambaba, refletia o significado da relação entre as fotografias e o texto.

Observando as fotografias para essa matéria percebemos que não eram apenas um “ensaio sobre o visual do travesti brasileiro”. Quando olhamos para aquelas imagens vemos apenas uma representação singular, um aspecto específico entre as diferentes realidades que as travestis viviam.

As imagens visavam apresentar apenas uma determinada representação da vida de travestis específicas. Nas fotografias que ilustravam a matéria, as travestis estavam apresentadas com roupas sensuais que denotavam uma atividade artística, mas quando passamos a considerar o enunciado veiculado, percebemos outros sentidos que também estavam associados nessa reportagem.

O título da manchete “TRAVESTIS! (Quem atira a primeira pedra?)” (MAMBABA, 1978, p. 1), ao indicar uma pergunta entre parênteses também sugeria outro sentido. Em outras palavras, tratava-se de um enunciado com sentido polissêmico, ou seja, com outros sentidos implícitos que estabeleciam uma relação com diferentes formações discursivas e que podiam associar a figura travestis aos discursos morais, religiosos e médicos.

Nesse enunciado observamos a associação entre a representação da travesti (glamorosa) e a ironização da citação bíblica de João, capítulo 8, versículo 7, que expressava “quem não tem pecado que atire a primeira pedra”. A associação estabelecida apresentava a travesti como o alvo de julgamentos da sociedade, o que equivalia à comparação com mulher “adúltera e pecadora” apresentada a Jesus para ser apedrejada.

O conteúdo da matéria e da reportagem não era uma discussão religiosa, mas era uma explanação tangente aos posicionamentos sobre as “bichas pintosas”, isto é, homossexuais efeminados, e utilizava o sujeito travesti como pano de fundo sobre o qual se acentuavam os posicionamentos.

Como “[...] o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p. 33), estava estabelecida uma relação interdiscursiva entre a travesti Rogéria e a mulher adúltera do versículo 7 do Evangelho de João. O enunciado utilizava o tom de pastiche e de ironia para apresentar implicitamente as críticas à prática travesti. Ou seja, através da ironia e da ambiguidade presentes no enunciado “um rapagão, digamos, superdotado”, a fala de Rafaela Mambaba procurava destacar um detalhe corporal sobre Rogéria para reificar a prática travestis como *performance* artificial em desacordo com o sexo biológico.

O segundo artigo que compunha a reportagem sobre travestis era uma entrevista com Jorge Alves de Souza intitulada “‘Mimosas’, sim; mas é bom não confundir” (RITO, 1978, p. 9). Pela sugestão do título, supomos que a entrevista tenha evocado a afirmação do sujeito travesti, contudo, quando colocamos em pauta a questão da identificação de Jorge Alves Souza com o gênero feminino, emergiu uma tensão sobre a figura da travesti. Percebemos uma representação na qual o adjetivo “mimosa” era uma alusão exclusivamente sobre a efeminação da travesti Geórgia Bengston, que era uma personagem criada por Jorge Alves de Souza que ganhava vida apenas em apresentações e *shows*, mas não era assumida em tempo integral.

Foi a colaboradora Regina Rito entrevistou Jorge Alves de Souza enquanto ele se transformava na personagem travesti Geórgia Bengston. Ao longo da conversa, o entrevistado falou da sua trajetória profissional e sobre as dificuldades de viver apenas da carreira como artista travesti. Por causa dessa dificuldade, Jorge mantinha outra profissão paralela à vida de travesti. Ele era esteticista e, segundo ele, foi o que o manteve financeiramente, já que “[...] fazer teatro por necessidade seria morrer de fome” (RITO, 1978, p. 9).

Essa segunda matéria ainda denotava a representação de travestis ligadas à vida artística, mas inseriu elementos que interseccionavam a vida de determinadas travestis: a necessidade de manter uma vida dupla, a dificuldade de sobreviver apenas como travesti e a não identificação integral com o gênero feminino. Esses três elementos apareciam como desestabilizadores de uma identidade travesti. E a entrevista com Jorge Alves nos mostra justamente a prática da travestilidade para além de uma identificação homossexual. Ou seja, aponta a prática da travestilidade para uma *performance* estética profissional.

Na entrevista houve dois temas que evidenciavam posicionamentos sobre a representação de travesti. O primeiro, quando Jorge Alves de Souza foi questionado se ele mudaria definitivamente de sexo, ele responde que “[...] é um absurdo capar um homem, porque mesmo depois da operação ele nunca será uma mulher” (RITO, 1978, p. 9). Esta fala

nos faz pensar na forma como, dentro do discurso homossexual, eram apropriadas e representadas as identificações homoeróticas. Essa fala de Jorge Alves de Souza aponta para a cristalização de uma identificação sexual essencializada, na qual as barreiras entre os papéis sexuais estão fortemente fixadas numa concepção binarista.

Num segundo momento, apareceu na fala de Jorge Alves de Souza uma crítica severa aos homossexuais que expressavam seu gênero de forma mais efeminada. Isso era explícito em sua fala: “Acho um horror esse negócio de uiuiui, aiaiai. Isso é falta de personalidade. Detesto bicha miau” (RITO, 1978, p. 9). Parece-nos haver nessa entrevista uma dispersão de enunciados sobre travestis que soa um tanto contraditória, já que o jornal, que também se destinava a combater a discriminação de travestis, publicou posições essencialistas como a de Jorge Alves de Souza sem fazer a devida crítica.

As posições contraditórias ficavam mais evidentes com a exposição do último artigo da reportagem. Foi uma matéria que deixou rastros de um problema de conscientização sobre práticas homoeróticas e apontou a necessidade de problematizar a estigmatização do homossexual “passivo”, personificado e estereotipado no sujeito travesti e na “bicha pintosa”.

O título da última matéria, “Sobre tigres de papel” (MASCARENHAS, 1978, p. 9), evocava dois adjetivos, ferocidade e fragilidade, para relacioná-los ao sujeito travesti. O autor do texto pressupunha que, abaixo da aparência feminina que estampava uma imagem de fragilidade das travestis, existiria um “outro eu” considerado como a “verdadeira identidade” do sujeito travesti, que seria portador de uma ferocidade latente, que era próprio do gênero masculino.

Percebemos, nessa matéria, assinada por João Antônio Mascarenhas, que a subjetividade do autor é um aspecto relevante para análise, já que, em todo momento, ele fala em primeira pessoa e visava desmentir o suposto desprezo dos editores do jornal para com as “bichas pintosas” e “os travestis”. Foi essa razão que o fez expor quatro motivos pelos quais ele não compactuaria com o desprezo aos homossexuais efeminados:

1 – Julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer; afigura-se-me imprescindível que as minorias oprimidas releve eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos;

2- Se eu, como lampião, sou contra os preconceitos, que geram o desprezo dos mal-informados, seria contraditório que agisse da mesma forma que os preconceituosos, considerando-me superior aos que não tem procedimento idêntico ao meu;

3 – Eles até merecem a minha simpatia pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver a admitir a

existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante.

4 – Se, pelos motivos acima, tanto as bichas pintosas como os travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas do procedimento deles que, na minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto – sempre ao meu entender – erradas. (MASCARENHAS, 1978, p. 9).

Os argumentos de João Antônio Mascarenhas giravam em torno de dois polos: primeiro, incentivar a mobilização homossexual assumindo politicamente a homossexualidade como modo de vida. Em segundo lugar, demarcar a diferença entre ele e “os travestis” e as “bichas pintosas”. Na opinião dele, mesmo que os sujeitos efeminados expressassem uma identificação com o gênero oposto ao seu sexo biológico eles não poderiam mudar sua essência biológica atrelada ao sexo masculino.

Por outro lado, João Antônio Mascarenhas, enquanto membro do Lampião da Esquina, afirmava ser contra os preconceitos que geram desprezo, pois “seria contraditório que agisse da mesma forma que os preconceituosos”. E suas colocações eram contraditórias em relação às intenções iniciais do jornal. A partir dessa posição, João Antônio Mascarenhas teceu sua opinião a respeito das “bichas pintosas” e das travestis.

Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanos alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher objeto sexual, a mulher cidadã-de-segunda-classe, a mulher idealizada pelos machistas e por outro lado – por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial), acha-se a fornecer argumentos aos machistas. [...] Além disso, a *bicha pintosa* é agressiva, agressividade que – diga-se de passagem – se compreende, pelas pressões que ela sofre, mas que não se justifica, em meu ponto de vista (MASCARENHAS, 1978, p. 9).

A fala de João Antônio Mascarenhas soava, praticamente, como uma provocação. Ele era um militante do movimento homossexual, co-fundador de um jornal direcionado a esclarecer a homossexualidade, alguém que supostamente conhecia as diferentes formas de identificações homossexuais, mas que, ainda assim, escreveu um artigo conservador sobre a relação entre orientação sexual e a expressão dos papéis sexuais.

Salvo engano, é como se, interdiscursivamente, João Antônio Mascarenhas houvesse criticado a efeminação de “bichas pintosas” e das travestis para destacar a manutenção dos papéis sexuais dentro da comunidade homossexual inserida na sociedade. Para João Antônio Mascarenhas, o homossexual do sexo masculino deveria refutar caracteres como a “voz de falsete”, “ademanos alambicados”, “gritinhos e requebra dos quadris” — aspectos

considerados por ele como pertencentes ao gênero feminino e que destoavam da figura de um homossexual masculino.

A fala de João Antônio Mascarenhas ilustrava e confirmava a coexistência de posicionamentos divergentes no discurso homossexual que aparecia no *Lampião da Esquina* a respeito das variadas formas de identificação homossexual. Isso, portanto, confirma que o periódico valorizou desigualmente diferentes identificações homoeróticas.

No material que analisamos, a representação das travestis começou como uma exaltação da figura da travesti ligada à vida artística, apresentada por Rafaela Mambaba por meio da ironia e do pastiche. Naquela reportagem alguns enunciados, como: “só sei que o Astolfo (identidade civil de Rogéria) é um rapagão, digamos, superdotado” (MAMBABA, 1978, p. 8), indicavam que, para além do caráter paródico, a referência ao falo era um modo de “[...] apropriar-se dos códigos ou marcas daquele que se parodia para ser capaz de expô-los, de torná-los evidentes e, assim, subverte-los, criticá-los e desconstruí-los” (LOURO, 2013, p. 88).

Os corpos também são produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes. Reiterar a presença do falo num corpo que se apresentava sob o gênero feminino era assumir a ambiguidade como marca de subversão da *performance* travesti — uma *performance* que “[...] zomba efetivamente do modelo expressivo de gênero e da idéia de uma verdadeira identidade de gênero” (BUTLER, 2003, p. 195).

Os três artigos estavam reunidos sobre uma mesma temática, mas fica explícito que não apresentavam uma relação discursiva coerente a respeito da representação de travestis, ou seja, não vemos uma regularidade discursiva justificada pela temática. Quando consideramos o conjunto da reportagem de capa, percebemos que os três artigos são assimétricos, pois cada um enfatizou um aspecto diferente em relação aos outros: primeiro, a representação da travesti enquanto artista; num segundo momento, o caráter performático implicitamente ligado à travestilidade; e, por fim, a crítica ao homossexual efeminado.

A ordem do discurso, até aqui analisado, tende para a dispersão de uma série de textos e o agrupamento dos textos citados expõe as estratégias discursivas empregadas: a polissemia no título das matérias; a linguagem coloquial; a relação entre imagens e texto; e a intertextualidade entre as três matérias. O que, porém, mais nos chamou a atenção foi a dificuldade do reconhecimento da identidade travesti através das páginas do periódico, pois esse é um aspecto que remete diretamente às condições de produção do discurso sobre esses sujeitos.

Nos artigos mencionados, as travestis são tratadas no gênero masculino. Isso explicita a reprodução do pensamento heteronormativo entre alguns editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*. Podemos observar isso em diversos trechos dos textos de Rafaela Mambaba, de Regina Rito e de João Antônio Mascarenhas, tais como: “o travesti tem até fortes trancetes históricos” (MAMBABA, 1978, p. 8); “as pessoas encaram o travesti com naturalidade” (RITO, 1978, p. 9); “o travesti, então, leva essa atitude ao paroxismo, chegando a submeter-se a operações cirúrgicas para ocultar a identidade” (MASCARENHAS, 1978, p. 9).

O tratamento de travestis na flexão de gênero masculino soa como o estabelecimento compulsivo da expressão de gênero masculina. Principalmente quando consideramos que a transição das décadas de 1970 para 1980 correspondeu a emergência da “identidade travesti” apontada por Elias Veras (2015). Por conta desses aspectos concordamos com a reflexão de Judith Butler sobre a performatividade de gênero por ela definida como prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia.

Em suas palavras, “[...] *la dimensión ‘performativa’ de la construcción es precisamente la reiteración forzada de normas*” (BUTLER, 2002, p. 145)⁴⁶. Inferimos, portanto, que tratar as travestis pela flexão de gênero masculino correspondia a uma dupla delimitação. Era uma visão (binarista) restrita das formas de identificação homossexual e ao mesmo tempo, era a imposição de uma norma, que produzia e sustentava a performatividade de gênero que nomeava, mesmo que a *performance* travesti não se adequasse à norma e a subvertesse.

O que enfatizamos, influenciados pela noção de performatividade, é o estranhamento e a problematização das tensões que envolveram a representação da identidade travesti no *Lampião da Esquina*, ou seja, o embate entre orientação sexual e identidade de gênero, pois era essa tensão é que dificultava a representação de travestis.

As diferenças e as identificações no âmbito das relações homoeróticas não podem ser entendidas separadamente umas das outras. Só podem ser compreendidas na relação de alteridade, de tensão e de pressão em que se influenciam mutuamente. Por isso ainda é preciso analisar uma identificação homoerótica, que pode ser vista nas fontes como um contraponto às identificações de homossexuais efeminados.

⁴⁶ Tradução nossa: “[...] a dimensão ‘performativa’ da construção é precisamente a reiteração forçada das normas”.

3.2.3 “Gay-macho”: os homossexuais masculinizados

Ao longo da década de 1970, “[...] a masculinidade já não era dissociada da homossexualidade” (GREEN, 2000, p. 427). Isso significa que havia emergido a figura do homossexual masculinizado. Uma vez que essa identificação passou a coexistir com outras identificações homoeróticas (bichas, entendidos, enrustidos, mariconas, viados), estabeleceu-se uma relação marcada pelos embates de representação. Nesse sentido, o *Lampião da Esquina* nos permite levantar algumas ponderações sobre as práticas discursivas que envolviam a figura do “gay-macho” e a dinâmica das tensões entre as identificações homossexuais.

Ao analisar as representações de “bichas pintosas” e de travestis, observamos que as representações homoeróticas do *Lampião da Esquina* estavam relacionadas com uma terceira representação, a figura homossexual masculinizada, para reivindicar visibilidade, aceitação e direitos sociais. Logo desconfiamos que a dinâmica das representações homoeróticas no jornal envolvia duas identificações em disputa na representação da visibilidade homossexual: os efeminados e os masculinizados.

A razão de nossa suspeita foram os posicionamentos de alguns editores e leitores sobre as identificações de “bichas pintosas” e de homossexuais mais próximos de um modelo heteronormativo. A partir disso observamos as produções de sentido geradas pela tensão nas representações do “gay-macho” (homossexual masculinizado) que aparecem nas fontes.

Desde o início do *Lampião da Esquina*, a relação entre efeminação e a identificação homossexual foi um tema de embate entre os editores e os leitores do jornal. Algumas vezes essa relação ficou implícita, como, por exemplo, quando observamos a resposta do *Lampião da Esquina* ao leitor Guilherme Império, na edição 1, de maio de 1978, que questionava a ênfase do periódico em discutir o ato político de “assumir” a homossexualidade.

Na resposta a Guilherme Império, o periódico afirmava “LAMPPIÃO não disse até agora que as pessoas devem ‘assumir’ a própria sexualidade e se fechar dentro dela” (IMPÉRIO, 1978, p. 14), ou seja, o periódico apresentou a ideia de “assumir” a homossexualidade como uma possibilidade e não como uma obrigação. Na edição seguinte, porém, o periódico já trouxe um artigo de João Antônio Mascarenhas enfatizando as razões de assumir-se publicamente homossexual. O artigo fazia questão de destacar, logo no início do texto, o repúdio sobre a identificação homossexual efeminada: “[...] assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la” (MASCARENHAS, 1978, p. 2).

Em outras edições do *Lampião da Esquina*, a tensão presente na relação de oposição entre efeminação e homossexuais masculinizados era bem mais explícita, como podemos observar nas repercussões geradas nas cartas dos leitores após a publicação do artigo “Gay-macho: uma tragédia americana?”. Esse artigo foi escrito por Seymour Kleinberg e publicado originalmente na revista norte-americana *Christopher Street* e, posteriormente, no jornal *Gay News*. Somente em janeiro de 1979 foi publicada uma versão condensada e traduzida em português no *Lampião da Esquina*, na edição número 8.

Mas queiramos ou não evitar os julgamentos de valor, uma coisa é certa: a atitude predominante é a de uma estudada masculinidade. Nada de desmunhecadas ou requebros excessivos. A maneira de andar e de falar, o tom de voz, as roupas, a aparência em geral são corretíssimos: estamos em terra de machos. Estamos num lugar rigoroso, onde o indivíduo se destrói em ritual de humilhação sexual.

Na verdade, os jovens homossexuais parecem ter abjurado o efeminamento com universal sucesso. Corpos musculosos laboriosamente cultivados durante todo o ano parecem ser o padrão: a agilidade atlética e cheia de juventude é o estilo adotado por todos. [...]

É esta a mensagem central do mundo das boates machistas: a masculinidade é a única virtude; os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico; não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redundava exclusivamente da glamourização da força física. (KLEINBERG, 1979, p. 9).

Como podemos observar no enunciado acima, a apropriação do artigo de Seymour Kleinberg refletia a crítica do autor e dos editores do *Lampião da Esquina* sobre uma identificação homoerótica voltada para o cultivo da masculinidade e abjuração da efeminação entre os homossexuais.

O que era discutido através da republicação do artigo de Seymour Kleinberg não era apenas a valorização da masculinidade em boates gays nos Estados Unidos. A sua publicação colocava em questão uma hierarquia simbólica nas relações homoeróticas que enaltecia o “gay-macho”. Nesse sentido, precisamos ler o artigo mais como uma denúncia do que como uma notícia sobre a sociabilidade homoerótica.

Percebemos que a crítica da exacerbação da masculinidade entre homossexuais reforçava a divisão da comunidade homossexual masculina. Nessa comunidade, a divisão entre homossexuais masculinizados e efeminados pode ser compreendida como a transposição das desigualdades das relações de gênero entre homens e mulheres para a área das expressões de gênero entre os homossexuais. Isso quer dizer que, mesmo em se tratando de uma comunidade homossexual, os indivíduos que buscavam cultivar a masculinidade criticavam a

efeminação e, portanto, se aproximavam dos discursos preconceituosos que oprimiam as práticas homoeróticas.

A emergência do homossexual “entendido” tensionou as relações homoeróticas e isso possibilitou a constituição da identidade do “gay-macho”. Segundo Peter Fry (1982, p. 93-94), “[...] o ‘entendido’ é definido como um personagem que tem uma certa liberdade no que diz respeito ao seu papel de gênero e à sua ‘atividade’ ou ‘passividade’. O que discrimina fundamentalmente ‘homens’ e ‘entendidos’ nesse sistema é o item 4 (orientação sexual)”.

Segundo a classificação de Peter Fry (1982), um homossexual “entendido” não seria definido por seu papel de gênero, pois poderia assumir tanto o papel masculino quanto feminino. Nem mesmo era definido pela posição sexual, já que também poderia optar em ser tanto “ativo” quanto “passivo”. O que efetivamente diferenciava a identidade de um homossexual “entendido” era a sua orientação sexual definitivamente voltada para a homossexualidade (FRY, 1982, p. 93).

Basicamente, um homossexual “entendido” e alguém que se identificasse como um “gay-macho” possuíam a orientação sexual, homossexual, e uma posição sexual ambígua, pois poderia tanto ser “ativo” quanto “passivo”. O que diferenciava as duas formas de identificação homoerótica eram apenas as práticas relacionadas à expressão de gênero, isto é, os papéis de gênero socialmente convencionados.

O papel de gênero de um homossexual “entendido” tendia para a fluidez, podendo optar por ser mais ou menos feminino. Por outro lado, a identidade de “gay-macho” adotava e cultivava exclusivamente o papel de gênero masculino, como percebemos em vários trechos do enunciado extraído do artigo de Seymour Kleinberg (1979, p. 9).

“Aparência”, “músculos”, “juventude” e “força física” — esses atributos visuais pareciam ser os símbolos que indicavam a parcela da comunidade homossexual que adotava a identidade de “gay-macho”. Por outro lado, percebemos que esses mesmos atributos não só reiteravam um modelo de masculinidade hegemônica, como restringia as práticas sexuais desses sujeitos dentro da comunidade homossexual.

Os indivíduos que se identificavam como “gays-machos” procuravam se relacionar apenas com sujeitos que cultivassem os mesmos atributos. É essa forma de relação homoerótica seletiva e machista que ficava evidente no artigo de Seymour Kleinberg e, conseqüentemente, despertou posições de leitores do *Lampião da Esquina*, tais como Mauro Luiz e Caetano, que defendiam aquela identificação de “gay-macho”.

A propósito do último número do **Lampião**, discordo do título do ensaio “Gay-macho, uma tragédia americana”. Não vejo nenhuma tragédia no fato de um cara ser guei e cultivar uma imagem masculina, embora, como vocês mesmo disseram, na cama faça o que lhe der na cabeça e portanto não seja um reprimido sexual.

É uma questão de opinião, mas pra mim muito mais doentio e chocante é o cara dar uma de bicha louca, que é sempre uma figura que serve de palhaço para os ditos “normais”, e que por vezes na cama são cheios de bloqueios. Não vejo por que o cara, pra gostar de homem, tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha... Ser uma caricatura grotesca de mulher, uma maricona, isso sim é que é uma tragédia. (LUIZ, 1979, p. 15).

O enunciado acima foi publicado na edição número 10 e era uma carta do leitor Mauro Luiz, que morava no Rio de Janeiro e que criticava o artigo “Gay-macho: uma nova tragédia americana?”. A crítica do leitor delineava uma possível contradição na posição assumida pelo periódico: “[...] como vocês mesmo disseram, na cama faça o que lhe der na cabeça e portanto não seja reprimido sexual” (LUIZ, 1979, p. 15).

Segundo o leitor Mauro Luiz, a publicação do artigo de Seymour Kleinberg era uma contradição dos editores do *Lampião da Esquina*, porque nas primeiras edições teriam defendido o direito de as pessoas se relacionarem sexualmente independentemente das classificações. O posicionamento a que Mauro Luiz se referiu foi a resposta dada pelo periódico ao leitor Guilherme Império, na edição número 1, quando Guilherme criticou a ênfase dada pelo jornal ao ato de assumir publicamente a homossexualidade.

De fato, na edição número 1, o *Lampião da Esquina* confirmou explicitamente a defesa do prazer como estilo de vida, independentemente de quaisquer diferenças oriundas de: orientação sexual, papel de gênero, posição sexual, etnia, classe social, sexo biológico, religião, deficiência física, opção política, etc.

Entretanto, o que passou despercebido para o leitor Mauro Luiz é que o *Lampião da Esquina* estava criticando o excesso de valorização da masculinidade e não a possibilidade de identificação de um homossexual com a identidade de “gay-macho”. Nesse caso, tanto Seymour Kleinberg quanto os editores do *Lampião da Esquina* eram contra uma comunidade homossexual voltada exclusivamente para o cultivo da masculinidade como modelo a ser seguido, pois seguir um modelo tão delimitado significava refutar outras possibilidades de identificação homossexual, tais como os efeminados e as travestis. Isso ficou explícito na resposta que o *Lampião da Esquina* deu ao leitor Mauro Luiz.

R – Olha, Mauro, se chega realmente a ser uma tragédia o mundo dos rapazes de couro e aço dos EUA, é o que nós não sabemos (nem

decretamos): veja a interrogação no título. Mas que esse culto obsessivo da aparência máscula tem lá seus pés de barro parece que ficou evidente no ensaio de Seymour Kleimberg que reproduzimos. Quanto aos desmunhecamentos sobrenaturais, Lampião ainda vai publicar alguma coisa que tente esmiuçar o fenômeno como manifestação psicossocial (ou policial, se for o caso), mas sempre se reservando o direito de defender até a última lantejola o projeto (ou a falta de cada um) de pisar no mundo como sabe melhor. (LUIZ, 1979, p. 15).

É importante ressaltar outra questão que era latente tanto no comentário de Mauro Luiz quanto no artigo “Gay-macho: uma nova tragédia americana?”: as *performances* gestuais assumidas por homossexuais efeminados. Nos dois enunciados ficava evidente a existência de certo desprezo e/ou repúdio das práticas homossexuais efeminadas, como, por exemplo, “[...] desmunhecadas ou requebros excessivos” (KLEINBERG, 1979, p. 9).

O comentário de Mauro Luiz, de que “[...] não vejo por que o cara, pra gostar de homem, tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha... Ser uma caricatura grotesca de mulher” (LUIZ, 1979, p. 15), indicava alguns aspectos presentes nas relações homossexuais: primeiro, estabelecia uma relação de oposição às duas identificações em questão: “gays-machos” e “bonecas”. Em segundo lugar, na relação de oposição entre homossexuais masculinizados e efeminados percebemos que o Mauro Luiz hierarquizava as identidades homossexuais delegando aos efeminados uma posição inferior.

Em terceiro lugar, a comparação que Mauro Luiz fez entre “bonecas” (homossexuais efeminados e travestis) e “uma caricatura grotesca de mulher” destacava que as *performances* gestuais de homossexuais efeminados eram práticas artificiais. Praticamente era a mesma posição que João Antônio Mascarenhas havia assumido quando criticou as identificações de “bichas pintosas” e de “travestis”.

Não se tratava apenas de um desprezo aos homossexuais efeminados. Os comentários que estigmatizavam as práticas homossexuais efeminadas ainda escamoteavam outra questão: a fragilidade do *status* da masculinidade cultivada por uma parcela da comunidade homossexual.

A relação de oposição entre homossexuais masculinizados e efeminados estabelecia uma assimetria em relação à valorização social sobre essas identificações. Nesse sentido, as críticas à identidade efeminada equivaliam a uma forma de qualificar a identidade homossexual masculinizada para ser mais adequada à manutenção do sistema heteronormativo. Ou seja, um “gay-macho” era o mais próximo de um “homem de verdade”.

No próprio artigo de Seymour Kleinberg (1979, p. 9) ficava claro que a representação dos “gays-machos” nada tinha de natural. Isso fica evidente quando consideramos a

preocupação com “[...] corpos musculosos laboriosamente cultivados” (KLEINBERG, 1979, p. 9). Nesse sentido, as acusações de leitores como Mauro Luiz sobre a artificialidade de “bonecas” ou “bichas pintosas” aplicava-se também aos adeptos e admiradores dos “gays-machos”.

Ocorre que a carta de Mauro Luiz não foi o único comentário que confirmava a tensão entre as práticas homoeróticas masculinizadas e efeminadas. Ainda no âmbito das cartas dos leitores, podemos verificar dois comentários que também abordaram essa tensão. A carta de Jairo Ferry, de San Francisco, Estados Unidos, e a carta do leitor Caetano, de São Caetano do Sul (SP). Ambas publicadas juntas sob o título “Volta o gay-macho”, na edição de número 12, em maio de 1979.

Querido jornal LAMPIÃO: estou de acordo com Mauro Luís, do Rio, na reportagem “A tragédia é contestada” (vide **LAMPIÃO n° s8 e 9**). Sou americano, brasileiro de sangue. [...] O gay-macho é simples como um qualquer que veste um jeans para ir à boate. Aliás, aqui ninguém curte roupas e paetês! Carros ou posições sociais ridículas que se impõe em conversas de boate para impressionar o bofe. Aqui é tudo simples. Até as bichas loucas já não são tão loucas, chocantes e ridículas. (FERRY, 1979, p. 18).

Não se trata de uma luta como o Mauro descreveu, mas sim, de gente que possa ser respeitado no meio em que vive, trabalha e estuda. Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua. [...] Gostaria de esclarecer que não concordo absolutamente que os homossexuais tenham que imitar os homens e muito menos as mulheres. Concordo sim, que todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta. (CAETANO, 1979, p. 18).

As falas de Jairo Ferry e de Caetano não estavam centradas exclusivamente na defesa de uma identidade homossexual masculinizada em oposição às práticas efeminadas. Nas falas desses dois leitores, percebemos uma ênfase na dimensão da vivência homossexual a respeito da crítica efetuada por Mauro Luiz: o estabelecimento da identidade homossexual masculinizada como parâmetro de conduta da comunidade homossexual.

Quando Jairo Ferry disse que “o gay-macho é simples como um qualquer que veste um jeans para ir à boate”, ele não defendia apenas uma identificação homossexual. Sua fala denotava a aproximação da identificação de um “gay-macho” com um homem heterossexual. Nesse sentido, poderíamos substituir o adjetivo “simples” por outros equivalentes, como, por exemplo, “natural” ou “normal”, que explicitariam mais adequadamente a posição defendida.

Consideremos o homem heterossexual (branco, cristão, másculo e classe média) como a base do modelo cultural heteronormativo (MISKOLCI, 2012), no qual as pessoas são

criadas para serem e/ou adotarem o modelo de heterossexualidade nas relações. Tendo isso em mente, podemos perceber que a aproximação da identidade “gay-macho” com a identificação de um homem heterossexual indicava que os “gays-machos” visavam se enquadrar no modelo heteronormativo.

As razões para esse enquadramento estavam ligadas aos motivos enumerados por João Antônio Mascarenhas, no artigo “Assumir-se? Por quê?” (MASCARENHAS, 1979, p. 2), sobre assumir publicamente a homossexualidade, pois, resumidamente, os motivos listados pela editor indicavam o reconhecimento social e a superação da estigmatização.

Há um detalhe importante que emerge através das cartas dos leitores: o Lâmpião da Esquina permitiu que, entre as diversas identificações que discutiu, a identidade de “homossexual masculinizado” ganhasse espaço entre as cartas dos leitores e fosse relacionada ao discurso de assumir-se homossexual.

Dizemos que a relação entre o discurso de assumir-se homossexual e a representação de homossexuais masculinizados foi uma relação implícita porque, explicitamente, o discurso de assumir-se homossexual também visava abranger homossexuais efeminados. Entretanto, ao que parecem corroborar as fontes, era apenas a representação de homossexuais próximos ao padrão heteronormativo que era valorizado como parâmetro de aceitação na sociedade.

A necessidade de leitores, como Mauro Luiz, Jairo Ferry e Caetano, e de editores, como João Antônio Mascarenhas, de reiterar alternadamente que “o gay-macho é simples como um qualquer que veste um jeans”, ou seja, que o homossexual masculinizado era o tipo ideal de identidade homossexual, revela tacitamente a fragilidade do estereótipo de homossexual masculino.

Tanto as representações de “homens de verdade” quanto as de “gays-machos” são denominações que foram evocadas por leitores nas páginas do Lâmpião da Esquina como forma de alinhar as duas representações. Uma vez que ocorreu a simplificação da complexidade de sentidos construídos sobre os sujeitos, as denominações tornam-se instrumentos da construção de identidade homoerótica.

A carta de Caetano também apresentava a identidade homossexual masculinizada como parâmetro de conduta da comunidade homossexual masculina através da crítica à efeminação: “Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua” (CAETANO, 1979, p. 18). Nesse caso, o recurso utilizado pelo leitor era a postulação da necessidade de os homossexuais do sexo masculino se adequarem ao modelo heteronormativo para manterem relações sociais básicas, como, por exemplo, as relações de trabalho.

O elemento que chamou mais atenção na carta de Caetano foi a adequação ao modelo heteronormativo precedida pelo ocultamento da identidade homossexual, independentemente dos papéis de gênero ou posições sexuais exercidos. É isso que apreendemos quando Caetano afirmou concordar que “[...] todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta” (CAETANO, 1979, p. 18).

Ficou evidente que as identidades homossexuais, fossem masculinizadas ou efeminadas, tais como apareciam no *Lampião da Esquina*, não eram apenas construções de sentido elaboradas por articulistas para combater a estigmatização da comunidade homossexual representada através do estereótipo da “bicha pintosa”. Implicitamente, as representações veiculadas no periódico também questionavam identidades homossexuais elegidas por leitores como modelo a ser seguido, como foi o caso dos “gays-machos”.

Não eram apenas os comentários e as críticas dos leitores que evidenciavam que a valorização da masculinidade se aproximava do padrão heteronormativo. Essa mesma constatação pode ser verificada se nos atentarmos, por exemplo, para a representação do corpo masculino no *Lampião da Esquina*.

Alguns leitores, como Mauro Luiz e Jairo Ferry, defendiam o estilo “gay-macho” de ser homossexual e postulavam essa identidade masculinizada como objeto de desejo a ser alcançado para que a homossexualidade fosse aceita. No mesmo sentido, os editores do *Lampião da Esquina* publicavam fotografias de corpos masculinos com finalidade comercial, transformando o corpo masculino em objeto de desejo a ser consumido através do olhar, assim como foi observado na Figura 5, sobre as ofertas de assinatura do jornal.

Talvez nossas análises tenham sugerido que a denominação homossexual, efeminado ou masculinizado, abrangesse a diversidade das identificações homossexuais do sexo masculino. Entretanto, reafirmamos que as representações homoeróticas publicadas no *Lampião da Esquina* eram reflexos de uma luta entre classificações e indicavam a tensão na identidade homossexual. Seria, portanto, preferível falarmos em “homossexualidades” para valorizar as múltiplas possibilidades identitárias dentro da representação homossexual.

Em suma, sobre as produções de sentido a respeito do corpo masculinizado e da identidade homossexual masculinizada, esses dois aspectos concorrem para compreendermos as representações homoeróticas masculinas do *Lampião da Esquina* como sendo atos performativos que demonstram as disputas sobre a representação do homoerotismo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três anos durante os quais *Lampião da Esquina* circulou foram marcados por diferentes perspectivas quanto ao seu público leitor. Podemos distinguir rapidamente três ênfases que ficaram presentes nas análises do jornal: a necessidade de construir uma identidade com o público leitor, que caracterizou o primeiro ano de existência do jornal; no segundo ano de circulação, uma ênfase em relação à militância homossexual; e, no último ano de existência no jornal, observamos a preponderância de um caráter mais comercial, preocupado com a sociabilidade homoerótica.

Em cada um dos três anos de circulação do *Lampião da Esquina*, o discurso homossexual enfatizado foi marcado pelas tensões, pelas divergências e pela possibilidade de emergirem novos sentidos. O jornal buscou apropriar-se de alguns artistas e de seus posicionamentos sobre a efeminação e a homossexualidade para construir sua identificação com os leitores. Clodovil Hernandez, Ney Matogrosso e Leci Brandão foram alguns dos entrevistados pelo *Lampião da Esquina* durante o período de construção da identificação com os leitores. Suas entrevistas ilustraram os múltiplos posicionamentos a respeito da forma como a efeminação poderia ser questionada e apresentada aos leitores.

No que diz respeito à ênfase para a militância homossexual, houve uma forte tensão entre o jornal e a movimentação homossexual. Por um lado, o jornal funcionava como catalisador do movimento organizado, mas não assumiu a obrigação de ser um porta-voz ou informativo exclusivo dos grupos homossexuais. Por outro lado, os grupos homossexuais organizados eram uma parte essencial do público leitor do *Lampião da Esquina*, mas não havia uma boa aceitação sobre o espaço e a forma dada pelo jornal para a militância homossexual organizada. A partir disso, a relação entre o periódico e o movimento homossexual foi se fragmentando, assim como foram aumentando as tensões no interior dos próprios grupos homossexuais como, por exemplo, o grupo *Somos*.

À medida que os editores do *Lampião da Esquina* começaram a romper com os grupos militantes, passaram a incorporar ao jornal características mais voltadas para o entretenimento do que para a militância ou para uma constituição de público leitor. Foi nessa fase que o jornal passou a enfatizar abertamente as representações do corpo masculino e a apostar em temas voltados para a sociabilidade homoerótica.

Em todo o período de existência, o jornal foi marcado por diferentes embates e divergências: o dissenso entre os editores sobre a obrigação de assumir publicamente a

homossexualidade; as tensões com o movimento homossexual; e, também, as tensões com os movimentos de esquerda política. Das tensões que observamos no Lampião da Esquina, as maiores foram, contudo, as que diziam respeito à representação das relações homoeróticas.

Três representações ilustraram perfeitamente as tensões na denominação das práticas homoeróticas, mas observamos que uma das denominações atravessava diretamente todas as outras. “Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”? Foi na seção Cartas na Mesa que ficaram ilustradas as tensões e as relações no campo das identificações homoeróticas. Por isso que foi nesta seção que descobrimos qual das representações analisadas estabelecia a correlação com as demais representações.

Na representação de travestis observamos que o Lampião da Esquina permaneceu se referindo aos sujeitos associando-os ao gênero gramatical masculino. A análise dessa representação indicou duas posições assumidas pelo periódico: a invisibilidade da identidade travesti feminina e a preocupação em apontar a artificialidade dessa identificação emergente.

Outra representação analisada foi a figura do “gay-macho”. A análise dessa representação colocou em questão a hierarquização das identificações homoeróticas, pois o “gay-macho” seria o homossexual masculinizado que tendia a buscar constantemente a adequação com o sistema heteronormativo. Ocorre, porém, que falar em “gay-macho” só faz sentido porque existe outra denominação que nos permite estabelecer uma relação de significância: a bicha. Essa é a denominação que atravessa as três representações analisadas.

Falar de “bicha pintosa” não é compreender as práticas homoeróticas efeminadas como essência dos homossexuais do sexo masculino, mas diz respeito à superação das práticas afetivas e sexuais impostas pelo ordenamento compulsivo da tríade sexo-biológico/identidade-de-gênero/expressão-de-gênero no meio homossexual. Se as práticas homoeróticas efeminadas expressam essa superação é visto também que informam a fragilidade da identificação de homossexuais masculinizados, os quais necessitam constantemente reafirmar sua posição de macho/masculino/masculinizado.

Em suma, a representação “bicha” assumiu uma importância considerável no Lampião da Esquina. A denominação bicha é a palavra que aparece com maior frequência nas fontes após o termo homossexual. Ao menos seis variantes da denominação bicha apareceram constantemente no jornal: artista, assumida, louca, pintosa, bichinha e bichona. Esse detalhe é importante porque sugere a possibilidade de analisar especificamente as produções de sentido geradas por essas denominações e como elas foram servindo de base para as outras identificações homoeróticas que atravessam.

FONTES

A MÚSICA popular entendida de dona Lecy Brandão. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 6, p. 10-11, nov. 1978.

ACOSTA, Adão. Passeata guei reúne 240 mil. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 3, ago./set. 1978.

ANÔNIMO. Anônimo se revela. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 1, p. 15, maio/jun. 1978.

C.S.S. Lendo o número zero. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 1, p. 15, maio/jun. 1978.

CAETANO. Volta o gay macho. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 12, p. 18, maio 1979.

CANTORA fresca. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 20, p. 18, jan. 1980.

CASSANDRA Rios ainda resiste. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 5, p. 8-10, out. 1978.

CLODOVIL Hernandez faz a si mesmo esta pergunta: Quem deve dormir sobre nossos lençóis de linho? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 10-11, ago./set. 1978.

DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 10, p. 9, mar. de 1979.

DE PRESIDÁRIO a Dzi Croquete – Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: - Eu sou muito tihoso. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 6, jun./jul. 1978.

EMANUEL, Paulo. Em defesa dos bofes. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 8, p. 14, jan. 1979.

FERREIRA, Bailarino Roberto. Mas que (*) é esta? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 8, p. 13, jan. 1979.

FERREIRA, José Alcides. Pauladas na “bichórdia”. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 14, jun./jul 1978.

FERRY, Jairo. Volta o gay-macho. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 12, p. 18, maio 1979.

FRY, Peter. História da imprensa baiana. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 4, ago./set. 1978.

GAAG. O pessoal do GAAG (uma carta). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 16, p. 9, set. 1979.

GUIMARÃES, Gide. Qual é a tua, oh lampião? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 17, ago./set. 1978.

HECTOR; RICARDO. Louca e muito da baratinada. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 8, p. 4, jan. 1979.

HOMENS nus. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, edição experimental, p. 14, abr. 1978.

IMPÉRIO, Guilherme. Assumir o quê? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 1, p. 14, maio/jun. 1978.

KLEINBERG, Seymour. Gay-macho: uma nova tragédia americana? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 8, p. 9, jan. 1979.

LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, ed. 36, p. 3, maio 1981.

LAMPIÃO é desnudado. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 3, p. 14, jul./ago. 1978a.

LAMPIÃO. Rio de Janeiro, edição experimental, p. 14, abr. 1978b.

LATINAMÉRICA: na terra dos hombres, paulada nas bonecas! **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 7, p. 1, dez. 1978.

LIBERTOS. O pessoal do Libertos (um balanço). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 16, p. 9, set. 1979.

LUIZ, Mauro. A tragédia é contestada. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 10, p. 15, mar. 1979.

MAMBABA, Rafaela. Travestis! (quem atira a primeira pedra?). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 8, ago./set. de 1978.

MARIZA. Nossas gaiolas comuns. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 1, p. 2, mai./jun. 1978.

MASCARENHAS, João Antônio. Assumir-se? Por quê? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 2, jun./jul. 1979.

MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 9, ago./set. de 1978.

NEY Matogrosso sem bandeira. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 11, p. 5-7, abr. 1979.

O PESSOAL do Somos (um debate). **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 16, p. 7-9, 1979.

O RACHA no Somos. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 25, p. 8, jun. 1980.

- PASOLINI, Pier Paolo. Desbloqueando o tabu. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 5, p. 2, out. 1978.
- PENTEADO, Darcy. Bichinhas sonhando com o poder. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 26, p. 2, jul. 1980.
- PENTEADO, Darcy. Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil. **Lampião**, Rio de Janeiro, edição experimental, p. 3, abr. 1978.
- PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 2, p. 2, jun./jul. 1978.
- PESTANA, Paulo Sérgio. No paraíso do consumo guei. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, p. 5, jun./jul. 1978.
- QUEM resistirá a este verão? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 7, p. 5, dez. 1978.
- RANGEL, Alfredo. Ainda o auê das palavras. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 18, ago./set. 1978.
- RITO, Regina. ‘Mimosas’, sim; mas é bom não confundir. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 4, p. 9, ago./set. de 1978.
- SAINDO do gueto. **LAMPIÃO**. Rio de Janeiro, edição experimental, p. 2, abr. 1978.
- SCHOR, Carlos. Abrindo as sete chaves. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 14, jun./jul. 1978.
- SENHORES do conselho. **Lampião**, Rio de Janeiro, edição experimental, p. 2, abr. 1978.
- SILVA, Aguinaldo. As palavras: para que temê-las? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 3, p. 5, jul./ago. 1978.
- SILVA, Aguinaldo. Compromissos, queridinha? Nem morta. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 26, p. 10-11, jul. 1980.
- SILVA, Aguinaldo. Lampiônicos: ativistas, astronautas? **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 31, p. 12, dez. 1980.
- SILVA, Aguinaldo. Somos todos inocentes. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, ed. 18, p. 2, nov. 1979.
- SOMOS. Grupo Somos: uma experiência. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 12, p. 2-3, maio 1979.
- SURPRESOS e decepcionados. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 31, p. 12, dez. 1980.
- TREVISAN, João Silvério. Boas de cama. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 26, p. 7, jul. 1980.

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processos, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, edição experimental, p. 6-8, abr. 1978.

TREVISAN, João Silvério. Quem tem medo das “minorias”? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 10, p. 10, mar. de 1979.

TREVISAN, João Silvério. Um novo produto na praça. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 5, jun./jul. 1978.

UMA ENTREVISTA que ninguém ousou publicar – Leyland fala sobre atuação política. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ed. 2, p. 10, jun./jul. 1978.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT. **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/port/index.php#>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ACERVO Folha. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

AREND. S. M. F.; HAGEMEYER, R. R.; LOHN, R. L. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas – a perspectiva de Carlos Fico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n. 10, ano 2013, p. 464-483.

BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?: sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa**. São Paulo, 2006, 129 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BARROS, Edgard Luiz de. **Os governos militares**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998.

BLUEBOY magazine in the seventies. Disponível em: <<https://vintagegayblog.wordpress.com/2013/04/25/blueboy-magazine-in-the-seventies/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAVES, Pedro Augusto. Dzi Croquettes: entre pelos, purpurina e teatralidade. **Revista Memória LGBT**. [s. l.] Ano 4, n. 1, ed. 10, p. 6-11, set./out. 2016.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2014. p. 27-52.

D’EMÍLIO, John. **Sexual politics, sexual communities: the making of a homosexual minority in the United States 1940-1970**. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

FACCHINI, Regina. “**Sopa de letrinhas**”? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90 a partir da cidade de São Paulo. Campinas, 2002, 241 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**. Natal, n. 4, p. 131-158, 2009.

FARIA, Marcos Moutta de. A experiência do movimento convergência socialista. **Cad. AEL**, Campinas, v. 12, n. 22/23, p. 221-260, 2005.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2014, p. 125-148.

FICO, Carlos. **Como eles agiam**: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GREEN, James Naylor. “Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão” — uma memória sobre a ditadura e o movimento de gays e lésbicas de São Paulo na época da ditadura. **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 53-82, jan./jun. 2014a.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

GREEN, James Naylor. O grupo Somos, a esquerda e a resistência à ditadura. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2014b, p. 177-200.

GRUPO DIGNIDADE. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

HALL, Stuart (Org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage Publications, 1997.

HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. **Cadernos AEL**: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 287-309, primeiro e segundo semestre de 2003.

II SEMINÁRIO internacional desfazendo gênero. Disponível em: <<http://www.desfazendogenero.ufba.br/>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2 ed. [s. l.]: Edusp, 2001.

KURLANSKY, Marky. **1968: o ano que abalou o mundo**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a classificação internacional de doenças. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-345, out. 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios de sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tânia Regina; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 103-120.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MACIEL, Davi. **Democratização e manutenção da ordem na transição da ditadura militar à nova república**. Goiânia, 1999, 418 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: a identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?: O Lampion da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)**. Recife, 2015, 189 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco.

MARVIN, Rich. **Formatos de jornais**. Disponível em: <<http://diagramaacao.blogspot.com/2009/12/formatos-de-jornais.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

MOTT, Luiz (Editor). **Boletim do Grupo Gay da Bahia**. Salvador, BA: Editora GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos, 2011.

MUNHOZ, Dércio Garcia. Inflação brasileira: os ensinamentos desde a crise dos anos 30. **Economia Contemporânea**, n.1, jan./jun. 1997.

OCANHA, Rafael Freitas. **“Amor, feijão, abaixo camburão”**: imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983). São Paulo, 2014, 216 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação e autoria: leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2010.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2014, p. 83-123.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. Niterói, 2012, 372 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense.

RUBIO, Natam Felipe de Assis. Dizibilidades travestis: imagens e enunciados na imprensa. **Anais XVI encontro regional de história da anpuh-rio: saberes e práticas científicas**. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400514010_ARQUIVO_Natam.SimposioHistoria.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEMINÁRIO Internacional Fazendo Gênero 4 – CULTURA, POLÍTICA E SEXUALIDADE NO SÉCULO XXI. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/4/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SILVA, Aguinaldo. **Turno da noite: memórias de um ex-repórter de polícia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

SILVA, Cláudio Roberto da. **Reinventando o sonho: história oral de vida e homossexualidade no Brasil contemporâneo**. São Paulo, 1998, 674 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **'...E havia um lampião na esquina'** – Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980). Rio de Janeiro, 2006, 131 p. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2009.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. **Censura no regime militar e militarização das artes**. Porto Alegre, RS: EdiPUCRS, 2001.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TREVISAN, João Silvério. Stonewall, grupo Somos e depois. **ArtCultura**. Uberlândia, vol. 4, nº 4, p.18-22, jun. 2002.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel**: a emergência do sujeito travesti público midiático em Fortaleza no tempo dos hormônios/farmacopornográfico. Florianópolis, 2015, 228 p. Tese (Doutorado em História) – UFSC.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 7-72.

Colaborador (a) – procedência	Edições em que colaborou											
	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
Agildo Guimarães – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Alceste Pinheiro – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X								
Alexandre Ribondi – Brasília (DF)	X	X	X	X	X	X	X					
Amylton Almeida – Vitória (ES)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Antônio Carlos Moreira – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X								
Aristóteles Rodrigues – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Beto Stodieck – Florianópolis (SC)												
Billy Aciolly – Rio de Janeiro (RJ)												
Biroca – Teresina (PI)												
Caio Fernando Abreu – Porto Alegre (RS) (A partir da ed. 2 colabora de SP)												
Carlos Alberto Miranda – Niterói (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Celso Curi – São Paulo (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cynthia Sarti – São Paulo (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Dolores Rodriguez – Rio de Janeiro (RJ)		X	X	X			X	X				
Edélcio Mostaço – São Paulo (SP)	X	X	X	X								
Eduardo Dantas – São Paulo (SP) (A partir da ed. 16 colabora de Campo Grande/MS)	X	X	X	X	X	X	X					
Edvaldo Ribeiro De Oliveira – Jacareí (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Edward Macrae – Campinas (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Emanuel de Freitas – São Paulo (SP)							X					
Farnese de Andrade – Rio de Janeiro (RJ)												
Francisco Fukushima – São Paulo (SP)	X	X	X	X	X	X	X					
Franklin Jorge – Natal (RN)	X	X	X	X								
Frederico Jorge Dantas – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Gilmar de Carvalho – Fortaleza (CE)	X	X	X	X								
Glauco Matoso – São Paulo (SP)	X	X	X	X	X	X	X					
Henrique Neiva – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X						
Iaponi Araújo – Rio de Janeiro (RJ)												
Jairo Ferreira – São Paulo (SP)												
João Carlos Rodrigues – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
João Carneiro – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X						
Jorge Schwartz – São Paulo (SP)								X	X	X	X	X
José Fernando Bastos – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Jose Pires Barroso Filho – Niterói (RJ)	X	X	X	X								
Leila Mícolis – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X			X	X				
Lúcia Rito – Rio de Janeiro (RJ)												
Luís Canabrava – Rio de Janeiro (RJ)												
Luiz Carlos Lacerda – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Luiz Mott – Salvador (BA)	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X
Mariza – Campinas (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Max Stoltz – Curitiba (PR)												
Mirna Grzich – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X						
Nélson Abrantes – Rio de Janeiro (RJ)												
Nica Bonfim – Rio de Janeiro (RJ)												
Paulo Augusto – Niterói (RJ)	X	X	X	X			X					
Paulo Hecker Filho – Porto Alegre (RS)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Paulo Sérgio Pestana – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X								
Políbio Alves – João Pessoa (PB)	X	X	X	X								
Regina Rito – Rio de Janeiro (RJ)												
Rubem Confete – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X						
Sandra M. C. de Albuquerque – Campina Grande (PB)												
Sérgio Santeiro – Rio de Janeiro (RJ)												
Wilson Bueno – Curitiba (PR)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Zé Albuquerque – Recife (PE)	X	X	X	X	X	X	X	X				
Zeze – São Paulo (SP)							X	X	X			
Zsuzu Vieira – Rio de Janeiro (RJ)												

Fonte: elaborado pelo autor.

Apêndice 2 - Relação de fotógrafos do Lampion da Esquina

Fotógrafo (a)	Edições em que participou																		
	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Ana Vitória – Rio de Janeiro (RJ)																X	X	X	X
Billy Aciolly – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cris Calix – São Paulo (SP)																			
Cyntia Martins – Rio de Janeiro (RJ)																			
Dimas Shtini – São Paulo (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Dimitri Ribeiro – Rio de Janeiro (RJ)								X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fanny – São Paulo (SP)																			
Francisco Fukushima – São Paulo (SP)																			
Iara Reis – Rio de Janeiro (RJ)																			
Maurício S. Domingues – Rio de Janeiro (RJ)			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Regina Rito – Rio de Janeiro (RJ)					X	X	X												
Ricardo F. Tupper – Rio de Janeiro (RJ)																			
Valter Firmo – Rio de Janeiro (RJ)				X															
	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
Ana Vitória – Rio de Janeiro (RJ)																			
Billy Aciolly – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X											
Cris Calix – São Paulo (SP)							X	X	X	X	X	X	X						
Cyntia Martins – Rio de Janeiro (RJ)							X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Dimas Shtini – São Paulo (SP)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Dimitri Ribeiro – Rio de Janeiro (RJ)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					
Fanny – São Paulo (SP)						X	X	X	X	X	X								
Francisco Fukushima – São Paulo (SP)															X	X	X	X	X
Iara Reis – Rio de Janeiro (RJ)									X	X	X	X	X	X					
Maurício S. Domingues – Rio de Janeiro (RJ)																			
Regina Rito – Rio de Janeiro (RJ)																			
Ricardo F. Tupper – Rio de Janeiro (RJ)														X	X	X	X	X	X
Valter Firmo – Rio de Janeiro (RJ)																			

Fonte: elaborado pelo autor.